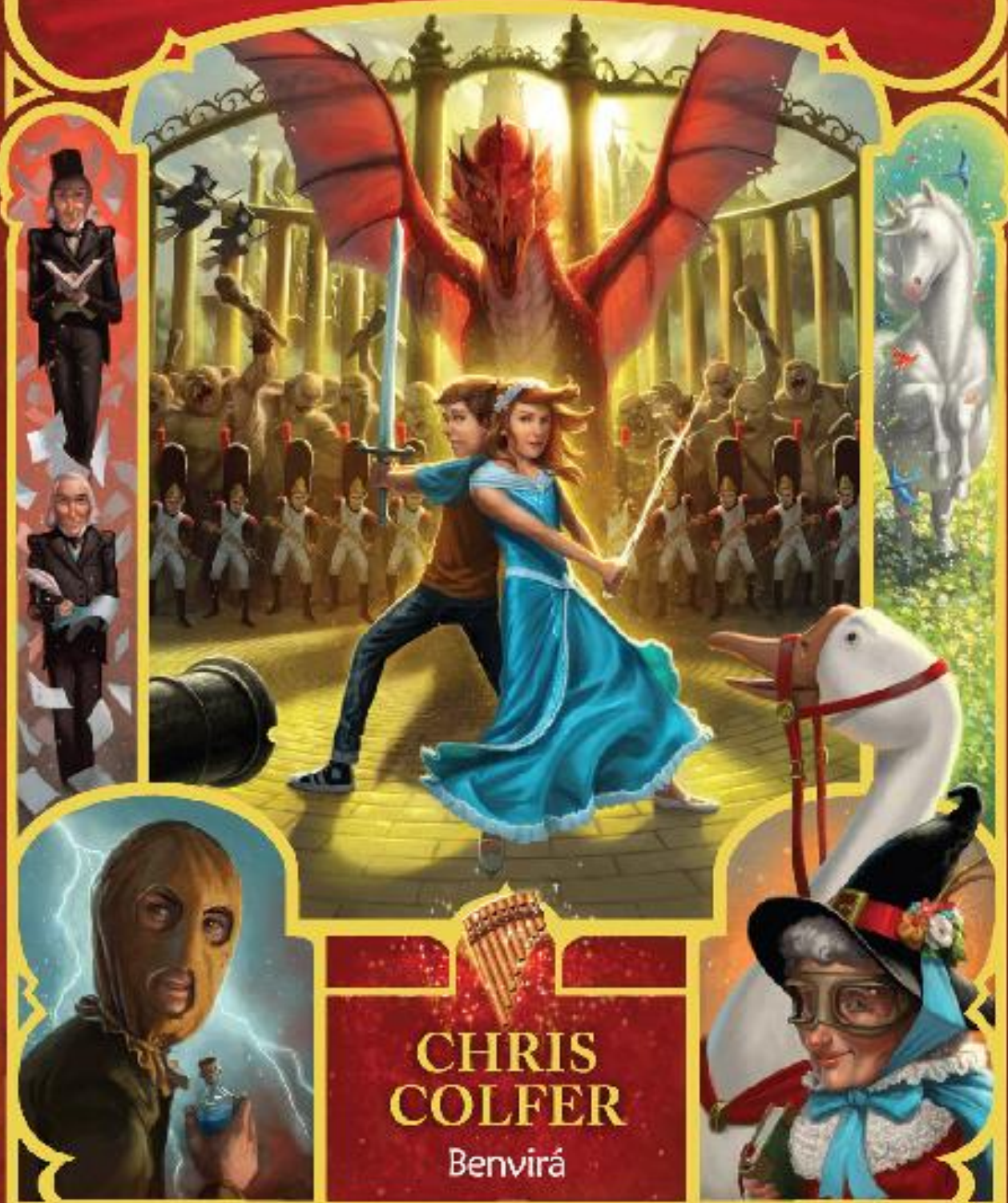


TERRA DE HISTÓRIAS

O ALERTA DOS IRMÃOS GRIMM





TERRA DE HISTÓRIAS

CHRIS COLFER

TERRA DE HISTÓRIAS

O ALERTA DOS IRMÃOS GRIMM

Ilustrações
Brandon Dorman

Tradução
Ricardo Gouveia

Benvirá



Rua Henrique Schaumann, 270
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05413-010
PABX (11) 3613-3000

SAC

0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30

www.editorasaraiva.com.br/contato

Diretora editorial Flávia Alves Bravin

Gerente editorial Rogério Eduardo Alves

Planejamento editorial Rita de Cássia S. Puaço

Editoras Débora Guterman
Paula Carvalho
Tatiana Vieira Allegro

Assistente editorial Lara Moreira Félix

Produtores editoriais Alline Bullara
Amanda Maria da Silva
Daniela Nogueira Secondo
Deborah Mattos
Rosana Peroni Fazolari
William Rezende Paiva

Comunicação e produção digital Mauricio Scervianinas
Nathalia Setrini Luiz

Suporte editorial Juliana Bojczuk

Produção gráfica Liliane Cristina Gomes

Preparação Augusto Iriarte

Revisão Laila Guilherme
Maria Fernanda Alvares

Diagramação Eduardo Amaral

Adaptação para eBook Hondana

ISBN 978-85-8240-247-4

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Colfer, Chris

Terra de histórias : o alerta dos Irmãos Grimm, v. 3 / Chris Colfer ; ilustrações de Brandon Dorman ; tradução de Ricardo Golveia. -- São Paulo : Benvirá, 2015.

456 p. : il.

ISBN: 978-85-8240-247-4

Título original: The Land of Stories – A Grimm Warning

1. Literatura infantojuvenil 2. Contos de fadas 3. Ficção I. Título II. Golveia, Ricardo III. Dorman, Brandon

15-0757

CDD 028.5

CDU 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil

Copyright © 2014 by Christopher Colfer

Copyright de capa e ilustrações © 2014 by Brandon Dorman

Título original: *The Land of Stories – A Grimm Warning*

Publicado mediante acordo com Little, Brown, and Company,
Nova York, Nova York, EUA.

Todos os direitos reservados à Benvirá,

um selo da Editora Saraiva.

www.benvira.com.br.

1ª edição, 2015

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

547.660.001.001

*A J. K. Rowling,
C. S. Lewis, Roald Dahl, Eva Ibbotson,
L. Frank Baum, James M. Barrie, Lewis Carroll
e todos os outros autores extraordinários que ensinaram
o mundo a acreditar em magia. Quando penso no
tempo que passei inspecionando guarda-roupas, avistando
segundas estrelas à direita e aguardando pela minha
carta de aceitação da Hogwarts, não é de admirar
que eu não tirasse boas notas.*

*Também a todos os professores e bibliotecários
que expressaram seu apoio a esta série
e a incorporaram nas suas salas de aula.
Isso significa para mim muito mais do que palavras podem descrever.*

.

“Você tem inimigos? Bom. Isso significa
que você defendeu alguma coisa,
alguma vez na sua vida.”
WINSTON CHURCHILL

SUMÁRIO

PRÓLOGO – Convidados da Grande Armée – Convidados da Grande Armée

CAPÍTULO 1 – Uma oportunidade educacional – Uma oportunidade educacional

CAPÍTULO 2 – O Salão dos Sonhos – O Salão dos Sonhos

CAPÍTULO 3 – As Abraçadoras de Livros – As Abraçadoras de Livros

CAPÍTULO 4 – Um casamento na floresta – Um casamento na floresta

CAPÍTULO 5 – Uma revelação junto à sepultura – Uma revelação junto à sepultura

CAPÍTULO 6 – A Casa do Progresso da Rainha Chapeuzinho Vermelho – A Casa do Progresso da Rainha Chapeuzinho Vermelho

CAPÍTULO 7 – Espionando a Pequena Bo – Espionando a Pequena Bo

CAPÍTULO 8 – O Baile Inaugural de Fada – O Baile Inaugural de Fada

CAPÍTULO 9 – Abandonando a viagem – Abandonando a viagem

CAPÍTULO 10 – O Leão da Margem Sul – O Leão da Margem Sul

CAPÍTULO 11 – O cassino Lumière des Étoiles – O cassino Lumière des Étoiles

CAPÍTULO 12 – Os segredos do Castelo de Neuschwanstein – Os segredos do Castelo de Neuschwanstein

CAPÍTULO 13 – A rainha despejada – A rainha despejada

CAPÍTULO 14 – Chega a Armée – Chega a Armée

CAPÍTULO 15 – Uma reunião agri-doce – Uma reunião agri-doce

CAPÍTULO 16 – O Homem Mascarado da Prisão Pinóquio – O Homem Mascarado da Prisão Pinóquio

CAPÍTULO 17 – A única testemunha – A única testemunha

CAPÍTULO 18 – Enviando os cisnes – Enviando os cisnes

CAPÍTULO 19 – Uma permuta gelada – Uma permuta gelada

CAPÍTULO 20 – O grande Lago Duetroll – O grande Lago Duetroll

CAPÍTULO 21 – Vinda das cinzas – Vinda das cinzas

CAPÍTULO 22 – Até o fundo – Até o fundo

CAPÍTULO 23 – O Império dos Elfos – O Império dos Elfos

CAPÍTULO 24 – O exército esquecido – O exército esquecido

CAPÍTULO 25 – O poder curativo do Fogo de Hagetta – O poder curativo do Fogo de Hagetta

CAPÍTULO 26 – Alimentando a criatura – Alimentando a criatura

CAPÍTULO 27 – O sinal no céu – O sinal no céu

CAPÍTULO 28 – A batalha pelo Reino das Fadas – A batalha pelo Reino das Fadas

CAPÍTULO 29 – O dragão desperta – O dragão desperta

CAPÍTULO 30 – Retornando à mágica – Retornando à mágica

CAPÍTULO 31 – O despertar – O despertar

AGRADECIMENTOS



PRÓLOGO

Convidados da Grande Armée

1811, Floresta Negra, Confederação do Reno

Não era nenhum mistério o motivo de esta parte do país ter sido batizada de Floresta Negra. As folhas e a casca anormalmente escuras das árvores eram quase impossíveis de ver à noite. Embora uma lua brilhante espiasse por trás das nuvens tal qual uma criança tímida, ninguém podia ter certeza do que estava à espreita na mata fechada.

Uma névoa pairava no ar como um véu estendido por sobre as árvores. Era uma floresta remota e madura: as raízes penetravam na terra tão fundo quanto os galhos subiam alto em direção ao céu. Se não fosse por um modesto caminho serpeante, a floresta pareceria absolutamente intocada, jamais vista por olhos humanos.

Uma escura carruagem puxada por quatro fortes cavalos disparava pela floresta como uma bala de canhão. Um par de lanternas oscilantes iluminava o caminho à frente e conferia à carruagem o aspecto de uma enorme criatura com olhos incandescentes. Dois soldados franceses da Grande Armée de Napoleão cavalgavam ao lado do veículo; casacos pretos cobriam os

uniformes coloridos para que viajassem incógnitos – o mundo jamais deveria saber quais eram os seus planos para aquela noite.

A carruagem logo chegou à margem do Rio Reno, perigosamente perto da fronteira do Império Francês, em constante expansão. Um grande acampamento se armava: dezenas de pontudas tendas beges eram erguidas a cada instante por centenas de soldados franceses.

Os dois guardas que acompanhavam a carruagem desceram de seus cavalos e abriram as portas do veículo. Puxaram para fora dois homens. Suas mãos estavam amarradas nas costas, e a cabeça, enfiada num saco preto. Eles resmungaram e gritaram frases abafadas – também tinham sido amordaçados.

Os soldados os levaram até o centro do acampamento e os empurraram para dentro da tenda maior. Mesmo com o rosto coberto, os prisioneiros perceberam que o interior da tenda era fortemente iluminado e sentiram um tapete macio sob os pés. Os soldados forçaram os homens a sentar em duas cadeiras de madeira.

– *J'ai amené les frères.* – Os presos ouviram um dos soldados dizer atrás deles.

– *Merci, Capitaine* – disse outra voz à frente. – *Le général sera bientôt là.*

Os sacos foram puxados da cabeça dos homens, e os panos sobre sua boca foram removidos. Assim que seus olhos se acostumaram com a luz, eles viram um homem alto e musculoso em pé, atrás de uma grande mesa de madeira. Sua postura era autoritária, e sua carranca era tudo, menos amistosa.

– Olá, Irmãos Grimm – disse com um sotaque carregado o homem alto. – Eu sou o *Colonel* Philippe Baton. Obrigado por juntarem-se a nós esta noite.

Wilhelm e Jacob Grimm ergueram os olhos para o coronel. Os dois estavam cheios de cortes e contusões, e suas roupas, sujas e amarrotadas – claramente, levá-los até ali não tinha sido uma tarefa fácil.

– Por acaso tivemos escolha? – perguntou Jacob, dando uma cusparada de sangue no tapete.

– Imagino que vocês já tenham conhecido o *Capitaine* De Lange e o *Lieutenant* Rembert – disse o Coronel Baton, referindo-se aos soldados que os trouxeram.

– *Conhecido* não é exatamente a palavra que eu usaria – disse Wilhelm.

– Nós tentamos ser polidos, *Colonel*, mas eles não quiseram cooperar – explicou o Capitão De Lange.

– Tivemos de ser *contundentes* em nosso convite – explicou o Tenente Rembert.

Os irmãos correram os olhos pela tenda – era impecavelmente decorada, apesar de ter sido erguida tão recentemente. No canto oposto, um relógio de pêndulo tiquetaqueava o passar da noite, reluzentes candelabros gêmeos ardiam nos dois lados da entrada traseira e um grande mapa da Europa se estendia sobre a mesa de madeira, com bandeiras francesas em miniatura marcando os territórios conquistados.

– O que você quer conosco? – Jacob exigiu, lutando contra as cordas que lhe atavam as mãos.

– Com certeza, se nos quisesse mortos, já teria nos matado a essa altura – disse Wilhelm, lutando contra as próprias amarras.

A descortesia deles fez o coronel fechar ainda mais a cara.

– O *Général* Marquis requisitou a sua presença esta noite, não para *lhes fazer mal*, mas para solicitar *a sua assistência* – disse o Coronel Baton. – E, se eu fosse vocês, mudaria o tom, para que ele não mude de ideia.

Os Irmãos Grimm se entreolharam nervosamente. O General Jacques du Marquis era um dos mais temidos generais da Grande Armée do Império Francês. Só de ouvir seu nome, os dois sentiram arrepios na espinha – mas que diabos queria com eles?

Um inconfundível odor de almíscar subitamente invadiu a tenda. Os Irmãos Grimm notaram que os soldados também o sentiram – e que ficaram tensos por isso –, embora ninguém tenha falado nada.

– *Tsc, tsc, tsc, Colonel* – disse uma vozinha tênue do lado de fora da tenda. – Isso não é jeito de tratar os nossos convidados.

Quem quer que fosse, era óbvio que estivera escutando durante todo o tempo.

O General Marquis adentrou a tenda entre os candelabros, fazendo as chamas tremeluzir com o súbito golpe de ar. A tenda imediatamente encheu-se com o forte cheiro almiscarado da sua colônia.

– *Général* Jacques du Marquis? – perguntou Jacob.

Para um homem com uma reputação tão intimidante, o seu físico era um pouco desapontador. Era baixinho, com grandes olhos cinzentos e mãos enormes. Usava um volumoso chapéu arredondado, mais largo que seus ombros, e ostentava diversas condecorações no uniforme diminuto. Ele tirou o chapéu e o colocou sobre a mesa, revelando uma cabeça perfeitamente calva. Sentou-se displicentemente na grande cadeira estofada atrás da mesa e colocou as mãos sobre o estômago, os dedos elegantemente entrelaçados.

– *Capitaine* De Lange, *Lieutenant* Rembert, por favor, desamarrem os nossos visitantes – instruiu o General Marquis. – Não é porque vivemos tempos hostis que não devemos ser hospitaleiros.

O capitão e o tenente fizeram o que lhes fora instruído. Um sorriso agradável apareceu no rosto do general, porém não conseguiu enganar os Irmãos Grimm – os olhos do militar estavam vazios de compaixão.

– Por que nos trouxe até aqui? – indagou Wilhelm. – Não representamos nenhuma ameaça a você ou ao Império Francês.

– Nós somos acadêmicos e escritores! Não temos nada que você possa querer – disse Jacob.

O general deu uma risadinha e em seguida cobriu a boca com uma mão.

– Essa é uma bela história, mas eu não caio nela – disse Marquis. – Vejam bem, eu andei observando vocês, Irmãos Grimm, e sei que, como em todos os seus contos, há *em* vocês mais do que parece. *Donnez-moi le livre!*

O general estalou os dedos, e o Coronel Baton trouxe um grande livro. Ele o deixou cair com um baque surdo na frente do general, que começou a folhear as páginas. Os Irmãos Grimm reconheceram o livro imediatamente – era deles.

– Isto lhes parece familiar? – o General Marquis perguntou.

– É um exemplar do nosso livro de histórias para crianças – disse Wilhelm.

– *Oui*. – O general não tirou os olhos das páginas. – Eu sou um grande admirador do trabalho de vocês, Irmãos Grimm. Seus contos

são tão imaginativos, tão *merveilleuses*. De onde vocês tiram todas essas histórias?

Os Irmãos Grimm se entreolharam cautelosamente, ainda sem muita certeza da intenção do general.

– São contos de fadas, nada mais – disse Jacob. – Alguns são originais, mas, na maior parte, são apenas lendas populares que foram passadas de geração para geração.

O General Marquis balançou a cabeça vagarosamente enquanto ouvia.

– Mas passadas por *quem*? – ele perguntou, e fechou o livro de um golpe. Seu sorriso simpático desvaneceu-se, e os olhos cinzentos vagaram de um dos irmãos para o outro.

Nem Wilhelm nem Jacob sabiam qual era a resposta que o general buscava.

– Pelas famílias, pelas culturas, por seus pais, por...

– *Fadas*? – perguntou o general com seriedade total, sem mover um músculo sequer do rosto.

Um silêncio mortal caiu sobre o aposento. Quando o silêncio se tornou insuportável, Wilhelm olhou para Jacob e os dois forçaram uma risada.

– Fadas? – perguntou Wilhelm. – Você acha que fadas nos contaram essas histórias?

– Fadas não são reais, *Général* – disse Jacob.

O olho esquerdo do General Marquis começou a pular violentamente, o que assustou os irmãos. O general fechou os olhos e massageou o rosto devagar até os espasmos pararem.

– Perdoem-me, Irmãos Grimm – se desculpou o general com outro sorriso falso. – Meu olho sempre palpita quando alguém está mentindo para mim.

– Não estamos mentindo, *Général* – afirmou Jacob. – Mas se as nossas histórias o convenceram do contrário, então você nos brindou com o maior dos elogios...

– SILÊNCIO! – o General Marquis ordenou, e seu olho começou a palpar novamente. – Vocês insultam a minha inteligência, Irmãos Grimm! Nós estamos seguindo vocês há um bom tempo. Sabemos da mulher cintilante que lhes traz as histórias!

Os Irmãos Grimm ficaram completamente paralisados. O coração disparou, e gotas de suor surgiram na testa deles. Ambos haviam sido, durante anos, fiéis a um voto de sigilo, e, ainda assim, o maior segredo de sua vida fora descoberto.

– *Mulher cintilante?* – perguntou Wilhelm. – *Général*, você ouviu o que está dizendo? Isso é absurdo.

– Meus homens viram com seus próprios olhos – disse o General Marquis. – Ela usa uma túnica que brilha como o céu noturno, tem pequenas flores nos cabelos, leva consigo uma longa varinha mágica de cristal e traz para vocês uma nova história cada vez que aparece. Mas *de onde* ela vem? É o que venho me perguntando. Depois de incontáveis dias de procura em todos os mapas que possuo, presumo que ela vem de um lugar que não pode ser visto em nenhum deles.

Wilhelm e Jacob sacudiram a cabeça, tentando desesperadamente negar tudo o que ele dizia. Mas como poderiam negar a verdade?

– Vocês, militares, são todos iguais – disse Jacob. – Já conquistaram metade do mundo conhecido e ainda querem *mais*, então inventam coisas para acreditar! São como o Rei Artur, obcecado pelo Santo Graal...

– *Apportez-moi l’oeuf!* – ordenou o General Marquis.

O Capitão De Lange e o Tenente Rembert saíram da tenda e voltaram um momento depois, carregando uma pesada caixa envolta em correntes. Eles a depositaram bem na frente do General Marquis.

O general enfiou a mão pela gola do uniforme e retirou uma chave que, por segurança, mantinha em um cordão preso ao pescoço. Ele destrancou o cadeado das correntes e abriu a caixa. Primeiro, tirou de lá um par de luvas de seda brancas e calçou-as. Enfiou a mão mais fundo na caixa e removeu um ovo gigante feito do ouro mais puro que os irmãos já tinham visto. O ovo de ouro, claramente, não era deste mundo.

– Não é a coisa mais linda em que vocês já puseram os olhos? – perguntou o General Marquis. Ele estava quase em transe. – E eu acredito que isso é apenas o começo... Acredito que seja apenas um pequeno exemplo das maravilhas que existem no mundo de onde vêm as suas histórias, Irmãos Grimm. *E vocês vão nos levar para lá.*

– Nós não podemos levá-los para lá! – disse Jacob. Ele tentou se levantar, mas o Tenente Rembert o empurrou de volta para a cadeira.

– A Fada Madrinha, a mulher cintilante de quem você fala, nos traz as histórias do mundo dela para compartilharmos com o nosso – disse Wilhelm.

– Ela é a única que pode viajar entre os mundos. Nós nunca estivemos lá. Não podemos levá-los – falou Jacob.

– Como você conseguiu o ovo, para começo de conversa? – questionou Wilhelm.

O General Marquis cuidadosamente devolveu o ovo à caixa.

– Com outra das suas conhecidas, a *outra* mulher que lhes dá histórias para compartilhar. *Apportez-moi le corps de la femme oiseau!*

O Coronel Baton deixou novamente a tenda e retornou pouco depois, agora puxando um carrinho envolto por grades. Ele tirou o lençol que o cobria, e os Irmãos Grimm perderam o fôlego. Dentro do carrinho, jazia o corpo sem vida da Mamãe Ganso.

– *O que você fez com ela?! –* gritou Wilhelm, tentando levantar-se, mas sendo, mais uma vez, forçado a sentar.

– Receio que ela tenha sido envenenada em uma taverna local – disse o General Marquis, sem remorso. – É muito triste ver uma mulher tão briosa nos deixar, mas acidentes acontecem. Encontramos o ovo em posse dela. O que me faz pensar com os meus botões: se *esta velha beberona* conseguiu achar um jeito de viajar entre os mundos, acho que vocês dois também conseguem.

A face dos Irmãos Grimm estava rubra, e as suas narinas, dilatadas.

– E o que você vai fazer quando chegar lá? Reclamar o mundo dos contos de fadas para o Império Francês? – perguntou Wilhelm.

– Ora, sim – afirmou o General Marquis, como se isso fosse óbvio.

– Você não terá a menor chance! – declarou Jacob. – Aquele mundo tem pessoas e criaturas que você nem sequer imagina! Pessoas e criaturas mais poderosas do que você jamais será! O seu exército será destruído assim que puser os pés lá.

O General Marquis soltou uma gargalhada.

– Isso é altamente improvável, Irmãos Grimm. – Ele deu uma risadinha. – Entendam, a Grande Armée está planejando algo muito grande; há muitos territórios que planejamos conquistar até o fim do ano que vem. O mundo dos contos de fadas é apenas uma migalha do bolo que queremos. Enquanto conversamos, milhares e milhares de soldados franceses estão sendo treinados, e eles formarão o exército mais poderoso que o mundo já viu. Eu duvido muito que alguma coisa possa nos atrapalhar: nem os egípcios, nem os russos, nem os austríacos e, certamente, não um bando de fadas e duendes.

– Então, o que você espera de nós? – perguntou Wilhelm. – Se não podemos lhe fornecer um portal para esse outro mundo...

O general sorriu e, dessa vez, foi sincero. Seus olhos se encheram de cobiça quando ele finalmente lhes contou o que queria:

– Vocês têm dois meses para encontrar um meio de entrar no mundo das histórias, Irmãos Grimm.

– E se não conseguirmos? – indagou Jacob. – A Fada Madrinha é muito misteriosa. Pode ser que nunca mais a vejamos de novo.

O rosto do general assumiu uma expressão fria e maliciosa.

– *Tsc, tsc, tsc*, Irmãos Grimm – disse ele. – Vocês não vão falhar, porque o futuro dos seus amigos e da sua família depende de vocês. Sei que vocês não os decepcionarão.

Um resfolegar suave encheu o tenso espaço – um resfolegar que não veio de nenhum dos Irmãos Grimm. Jacob olhou para o carrinho gradeado e viu Mamãe Ganso estalar os lábios. Para surpresa de todos na tenda, ela se agitou, voltando à vida como se estivesse despertando de uma longa noite de repouso.

– Onde estou? – Ela se sentou e esfregou a cabeça. Estalou o pescoço e soltou um longo bocejo. – Oh, não, a Espanha começou outra Inquisição? Quanto tempo eu fiquei apagada?

O general pôs-se em pé lentamente, os olhos arregalados de perplexidade.

– Mas como é possível? Ela foi envenenada! – disse a si mesmo.

– Bem, eu não diria *envenenada*, talvez um pouco... *bem servida demais* – Mamãe Ganso falou enquanto corria os olhos pela tenda. – Vejamos. A última coisa de que me lembro é estar na minha cervejaria favorita na Bavária. O cervejeiro de lá é bastante generoso... Chama-se Lester, um homem amigável e um velho

amigo meu. Eu sempre disse que batizaria o meu primeiro filho com o nome dele, se algum dia eu viesse a ter um... *Espere aí! Jacob? Willy? O que, em nome de Merlin, vocês dois estão fazendo aqui?*

– Nós fomos raptados! – contou Jacob. – Estes homens estão planejando invadir o mundo dos contos de fadas daqui a dois meses. Se não lhes arranjarmos um portal, eles vão machucar a nossa família!

O queixo da Mamãe Ganso caiu, e ela ficou olhando dos irmãos para os militares. Já não estava sendo fácil para ela recobrar a consciência, contudo aquela informação fez sua cabeça girar.

– Mas... mas... mas como eles sabem...?

– Eles têm nos seguido – disse Jacob. – A todos nós. Estão com o seu ovo de ouro! Eles têm um exército de milhares e querem reclamar o mundo dos contos de fadas em nome da França...

– *Silêncio!* – o Coronel Baton exigiu dos irmãos.

O General Marquis ergueu a mão para silenciar o coronel.

– Não, não, *Colonel*, tudo bem. Esta mulher vai *ajudar* os nossos amigos a atender ao nosso pedido. Afinal, ela tampouco gostaria que algo acontecesse à família Grimm.

Ele a olhou através das grades como se ela fosse um animal. Mamãe Ganso já estava habituada a acordar em lugares e situações peculiares, mas esta era imbatível. Sempre tivera medo de que o segredo do seu mundo fosse revelado, porém nunca pensara que isso aconteceria sob circunstâncias tão extremas.

Suas bochechas ficaram intensamente vermelhas, e ela começou a entrar em pânico.

– *Eu preciso ir!* – disse. Então, Mamãe Ganso estendeu a mão aberta para fora das grades, e o ovo de ouro flutuou da caixa até o carrinho em que ela se achava sentada. E, com um clarão ofuscante, Mamãe Ganso e o ovo de ouro desapareceram sem deixar vestígio.

Os militares na tenda começaram a gritar, à exceção do general, que permaneceu muito quieto. A determinação em seus olhos aumentava enquanto observava o carrinho de onde Mamãe Ganso desaparecera – fora a coisa mais espantosa que já testemunhara, e provava que tudo o que ele buscava era *real*.

– *Général, quelles sont vos instructions?* – perguntou o Coronel Baton, ansioso por saber quais seriam as suas próximas instruções.

O general olhou para o chão.

– *Emmenez-les!* – ele ordenou, e fez um gesto na direção dos Irmãos Grimm. Antes que estes se dessem conta, foram amordaçados de novo, as mãos amarradas atrás das costas, e a cabeça enfiada em sacos pretos.

– Dois meses, Irmãos Grimm – disse o general, incapaz de tirar os olhos do carrinho. – Encontrem um portal em dois meses, ou os farei assistir enquanto mato, pessoalmente, todos que vocês amam!

Os Irmãos Grimm gemeram por sob suas máscaras. O Capitão De Lange e o Tenente Rembert forçaram-nos a se levantar e os retiraram da tenda. O acampamento inteiro podia ouvir seus gemidos abafados conforme os irmãos eram empurrados para dentro da carruagem e mandados de volta à floresta escura.

O General Marquis reclinou-se na sua cadeira. Soltou um suspiro satisfeito enquanto seus batimentos cardíacos e sua mente acelerada se ajustavam um ao outro. Seus olhos caíram sobre o livro de histórias dos Irmãos Grimm, na mesa, e uma risadinha suave emergiu de dentro do homem. Pela primeira vez, o mundo dos contos de fadas não parecia uma busca arturiana exageradamente ambiciosa – era uma vitória a seu alcance.

O general pegou uma das bandeiras francesas em miniatura no mapa da Europa e a cravou na capa do livro. Talvez os Irmãos Grimm estivessem certos – talvez houvesse no mundo dos contos de fadas maravilhas que ele nem sequer imaginava, porém ele as estava imaginando agora...



CAPÍTULO 1

Uma oportunidade educacional

Era meia-noite e meia, e somente uma luz estava acesa nas residências da Sycamore Drive. Na janela do segundo andar da casa do dr. Robert Gordon, uma sombra se movia de um lado para outro: era o enteado de Bob, Conner Bailey, andando pelo seu quarto. Fazia meses que ele sabia que iria para a Europa, porém esperara até a noite anterior à partida para fazer a mala.

Nem mesmo a reprise de uma série de televisão que se passava no espaço sideral impediu a procrastinação do garoto. Havia algo na capitã que conduzia a tripulação para longe de uma perversa raça alienígena que não o deixava tirar os olhos da tela. Até que, ao olhar para o relógio e se dar conta de que só tinha sete horas até embarcar, Conner se viu forçado a desligar a televisão e se concentrar em fazer a mala.

– Deixe-me pensar – disse consigo mesmo. – Vou ficar na Alemanha por três dias... portanto, preciso levar uns *doze* pares de meia. – Balançou a cabeça confiantemente e jogou uma dúzia de pares de meia na mala. – Nunca se sabe, pode haver muitas poças d'água na Europa.

Conner tirou umas dez cuecas da cômoda e as espalhou sobre a cama. Era mais do que precisava, mas um traumatizante pernoite fora de casa quando estava no jardim de infância, que terminara com uma cama molhada, lhe ensinara a sempre levar uma quantidade generosa de cuecas nesses casos.

– Ok, acho que peguei tudo – disse Conner, e contou os itens na mala. – Sete camisetas, quatro suéteres, minha pedra da sorte, dois cachecóis, cuecas, meias, minha outra pedra da sorte, pijama, minha ficha de pôquer da sorte e minha escova de dentes.

Ele correu os olhos pelo quarto, perguntando-se o que mais um garoto poderia precisar na Europa.

– Ah, *calças*! – falou, aliviado por ter se lembrado. – Eu preciso de calças!

Uma vez acrescentados os artigos faltantes (e vitais!) à mala, Conner sentou-se na beirada da cama e respirou fundo. Um grande sorriso infantil surgiu em seu rosto. Ele não podia evitar – estava *empolgado*!

No final do ano letivo, a diretora de Conner, a sra. Peters, o chamara à sua sala a fim de lhe apresentar uma oportunidade muito empolgante.

– Estou encrocado? – Conner perguntou ao se sentar diante da mesa dela.

– Senhor Bailey, por que me pergunta isso toda vez que o chamo à minha sala? – questionou ela, olhando para ele por cima dos óculos.

– Desculpe. Velhos hábitos nunca morrem, eu acho. – Ele encolheu os ombros.

– Eu o chamei aqui por duas razões – disse a sra. Peters. – Primeira, estive me perguntando como Alex está se aclimatando na nova escola, em... Onde fica mesmo? Vermont?

Conner engoliu em seco, e seus olhos se arregalaram.

– Oh! – Às vezes se esquecia da mentira que a sua família contara sobre a irmã na escola. – Ela está numa *ótima*! Nunca estive tão feliz!

A sra. Peters mordeu o lábio e balançou a cabeça, quase desapontada ao ouvir aquilo.

– Isso é maravilhoso, que bom para ela – disse. – Embora eu muitas vezes deseje, egoisticamente, admito, que ela volte a ser uma de nossas alunas. A sua mãe me contou tudo sobre os programas educacionais que eles oferecem por lá; tenho certeza de que Alex está se beneficiando muito com eles.

– Com certeza! – disse Conner, e olhou para a esquerda, para evitar o olhar da sra. Peters. – E Alex sempre *adorou* árvores... e xarope de bordo... Então, Vermont é a cara dela.

– Entendo – disse a sra. Peters, apertando os olhos. – E ela está morando com a sua avó, certo?

– Sim, ela ainda está com a vovó... que também ama árvores e xarope de bordo. É uma coisa de família, eu acho. – Conner olhou para a direita. Por um segundo, entrou em pânico ao não se lembrar para que lado as pessoas tendiam a olhar quando estavam mentindo. Tinha visto um especial sobre isso na TV.

– Então, mande um abraço para ela e, por favor, diga-lhe para nos visitar na próxima vez em que estiver na cidade – falou a sra. Peters.

– Pode deixar! – disse Conner, aliviado com a mudança de assunto.

– Agora, vamos à segunda razão por que o chamei aqui. – A sra. Peters assumiu uma postura extrarreta e deslizou um panfleto por cima da mesa. – Acabei de ouvir algumas novidades empolgantes de uma antiga colega que leciona inglês em Frankfurt, na Alemanha. Aparentemente, a Universidade de Berlim descobriu uma cápsula do tempo que pertenceu aos Irmãos Grimm. Estou deduzindo que você se lembra deles das minhas aulas na sexta série.

– Está brincando? A minha avó os conheceu! – disse Conner.

– Perdão?

Conner apenas a encarou por um momento, mortificado pelo seu descuido.

– Quero dizer... sim, é claro, eu me lembro – tentou disfarçar. – Eles são os caras dos contos de fadas, né? A minha avó costumava ler as histórias deles para nós.

– É claro – disse a sra. Peters com um sorriso. Já estava tão acostumada com as estranhas explosões de Conner que não questionou aquela nem por um segundo. – E, de acordo com a

Universidade de Berlim, três novas histórias foram descobertas na cápsula!

– Isso é incrível! – Conner ficou genuinamente empolgado ao ouvir isso, e sabia que a irmã também ficaria.

– Também acho. E tem mais: a Universidade de Berlim está planejando um grande evento para revelar as histórias. Eles as lerão para o público pela primeira vez em setembro, três semanas antes do início do próximo ano letivo, no cemitério St. Matthäus-Kirchhof, onde os Irmãos Grimm estão sepultados.

– Isso é fantástico! – disse Conner. – Mas o que tem a ver comigo?

– Bem, desde que você se tornou um pouquinho *Grimm*...

Conner riu meio sem jeito e desviou o olhar para a esquerda outra vez. Ela não tinha ideia de quanto aquele elogio era pertinente.

– Eu achei que você se interessaria pela viagem que estou planejando. – A sra. Peters deslizou o panfleto para mais perto ainda de Conner. – Decidi convidar um seleto grupo de alunos que, como você, provaram ser apaixonados por escrever e contar histórias, para se aventurar comigo em Berlim e estar no meio da multidão que escutará as histórias pela primeira vez.

Conner pegou o panfleto e o olhou, boquiaberto.

– Isso parece *fantástico*! – Ele o abriu e examinou todas as atrações que a cidade de Berlim tinha a oferecer. – Nós vamos poder visitar essas baladas também?

– Infelizmente, perder mais de uma semana de aula em qualquer viagem não é visto com bons olhos pelo distrito escolar. Assim, nada de *baladas*, receio. Ficaremos lá por três dias, apenas, mas achei que você não iria querer perder uma oportunidade como esta – disse a sra. Peters com um sorriso confiante. – Tenho a sensação de que um pedacinho da História nos espera.

O sorriso de Conner se desfez quando seus olhos caíram sobre o rodapé do panfleto. Ele viu quanto a viagem iria custar.

– Xi... Meio *salgada*, essa oportunidade educacional... – disse Conner.

– Viajar nunca é barato, receio. Mas existem muitos fundos escolares, eu posso buscar mais informações para você...

– Ah, espere aí! Eu sempre esqueço que a minha mãe acabou de casar com um médico! Nós não somos mais pobres! – O sorriso de Conner voltou. – Calma, será que *eu* ainda sou pobre? Preciso perguntar pra eles. Tem muita coisa nesse negócio de enteado que eu ainda não entendi.

A sra. Peters ergueu as sobrancelhas e piscou duas vezes, sem muita certeza do que dizer.

– Essa é uma conversa que você precisará ter com eles, mas meu telefone aqui da escola está na parte de baixo do panfleto, caso você precise de uma ajudinha para convencê-los – ela falou com uma piscadela rápida.

– Obrigado, senhora Peters! Quem mais a senhora convidou?

– Somente alguns alunos. Apreendi, pelo método difícil, que levar mais de seis estudantes por acompanhante em uma viagem pode resultar em uma cena digna do filme *O Senhor das Moscas*.

– Entendo – disse Conner. Ele não conseguia tirar da cabeça a imagem de selvagens alunos do sexto ano amarrando a sra. Peters em um espeto e assando-a sobre uma fogueira.

– Mas Bree Campbell já confirmou – a sra. Peters informou. – Acredito que ela seja sua colega na classe de inglês da senhorita York, certo?

Conner sentiu os batimentos cardíacos acelerar. Suas bochechas ficaram vermelhas, e ele contraiu os lábios para impedir um sorriso.

– Ah, legal – disse baixinho, ao passo que a sua voz interior berrava: “OH, MEU DEUS, BREE CAMPBELL VAI PARA A ALEMANHA! ISSO É FANTÁSTICO! É A MELHOR NOTÍCIA DE TODOS OS TEMPOS!”.

– Ela também é uma escritora muito talentosa. Imagino que vocês dois vão se dar muito bem – disse a sra. Peters, alheia aos batimentos acelerados de Conner. – Espero que você se junte a nós. Agora, você precisa voltar para a aula.

Conner fez que sim com a cabeça ao se levantar – e continuou fazendo durante todo o caminho de volta à aula de biologia. Ele não entendia por que a sala parecia ficar mais quente toda vez que via Bree Campbell ou ouvia alguém falar o nome dela. Nem sequer tinha certeza do que sentia por ela – mas, por alguma razão, Conner

estava sempre ansioso por vê-la e realmente queria que ela *gostasse dele*.

Não conseguia explicar isso, não importava quanto pensasse a respeito. No entanto, estava certo de uma coisa: *Conner precisava ir para a Alemanha!*

Contar a novidade à sua mãe e ao seu padrasto, depois da escola, foi bem mais fácil do que Conner poderia imaginar.

– É realmente uma grande oportunidade educacional – enfatizou Conner. – A Alemanha é realmente um lugar superlegal, com um bocado de história. Eu acho que uma guerra aconteceu lá em algum momento... *Posso ir? Posso ir?*

Charlotte e Bob estavam sentados no sofá, examinando o panfleto. Ambos haviam acabado de chegar em casa depois de um dia de trabalho no hospital infantil e não tinham tido tempo sequer de tirar o uniforme antes de serem atacados por um entusiástico Conner.

– Parece uma viagem maravilhosa – disse Charlotte. – O seu pai teria ficado muito empolgado com a cápsula do tempo dos Irmãos Grimm!

– Eu sei, eu sei! É por isso que preciso ir, para poder vivenciar isso por todos nós! Por favor, posso ir? – perguntou Conner, dando pulinhos. Sempre que lhes pedia alguma coisa, Conner agia como um grande chihuahua.

Eles hesitaram por apenas um segundo, porém, para Conner, pareceu uma hora.

– Ora, qual é! Alex vai viver em outra dimensão mas eu não posso ir para a Alemanha com a escola?

– Você definitivamente pode ir – disse Charlotte.

– OBA! – Conner jogou as duas mãos para o alto.

– Mas vai ter de pagar por ela – acrescentou a mãe.

As mãos de Conner caíram instantaneamente, e o seu entusiasmo desinflou como um balão de ar quente que fora arrebentado.

– Eu tenho treze anos, não posso bancar uma viagem para a Europa!

– É verdade, mas, desde que nos mudamos para a casa do Bob, você vem recebendo uma mesada por ajudar nas tarefas domésticas, e o seu aniversário de catorze anos vai chegar antes que você

perceba – Charlotte disse enquanto fazia as contas na cabeça. – Se, além disso, você captar algo na escola, conseguirá bancar...

– Metade – disse Conner. Ele já tinha feito todos os cálculos dentro de qualquer cenário parental que, em sua cabeça, Charlotte e Bob poderiam propor. – Posso até conseguir ir, mas não consigo voltar.

Bob olhou para o panfleto e encolheu os ombros.

– Charlotte, e se nós rachássemos com ele? Esta é realmente uma grande oportunidade. Além disso, ele tem se comportado muito bem, não faria mal lhe dar esse gostinho.

– Obrigado, Bob! *Mamãe, ouça o seu marido!* – implorou Conner, gesticulando na direção de Bob como um sinaleiro de avião.

Charlotte considerou a ideia por um momento.

– Por mim, tudo bem – disse ela. – Se você conseguir a metade e nos mostrar que realmente quer essa viagem, nós lhe daremos a outra metade. Trato feito?

Conner retorceu-se de tanta empolgação.

– *Obrigado, obrigado, obrigado!* – falou, e apertou a mão dos dois.
– *Foi um prazer fazer negócio com vocês!*

Assim, depois de quatro meses economizando a mesada e o dinheiro do aniversário, vendendo doces, artigos de padaria e horrendos objetos de cerâmica (comprados, na maior parte, por Charlotte e Bob), Conner conquistara a sua metade da viagem e agora estava pronto para a Alemanha.

No início da semana anterior à sua partida, quando Conner deveria ter começado a fazer a mala, Bob entrou no quarto do garoto com mais uma surpresa. Ele deixou cair na cama uma mala muito velha e empoeirada. Era marrom e coberta de adesivos de lugares famosos, e fez o quarto de Conner ficar cheirando a chulé.

Bob pôs as mãos na cintura e olhou orgulhosamente para a mala.

– Aí está! – disse ele.

– Aí está *o quê?* – perguntou Conner. – Um caixão de defunto?

– Não, é a mala que usei na viagem que fiz à Europa depois da faculdade. – Bob deu umas palmadinhas gentis na lateral da mala como se ela fosse um velho cão. – Passamos bons momentos juntos, percorremos muitos caminhos! Achei que você poderia levá-la para a Alemanha.

Conner não se imaginava levando aquilo na viagem – ficou chocado com o fato de a mala não ter se desintegrado tão instantaneamente quanto uma múmia exposta aos elementos naturais após milhares de anos.

– Não sei o que dizer, Bob – falou Conner, escondendo suas ressalvas sob um sorriso fingido. Ele não poderia recusar depois de tudo o que Bob tinha feito para a viagem acontecer.

– Não precisa me agradecer – Bob disse. De fato, um “muito obrigado” era a última coisa na mente de Conner. – Só me faça um favor: arranje um adesivo de Berlim para esta garota.

– *Garota?*

– Ah, sim, o nome dela é Betsy – disse Bob, já saindo do quarto do enteadado. – Faça bom uso dela! Ah, ia me esquecendo: o fecho esquerdo precisa de um bom empurrão para travar. Force com as costas, que dá certo.

No final da semana, enquanto lutava para fechar a mala após o acréscimo das calças, Conner entendeu perfeitamente o que Bob queria dizer. Depois de três bons empurrões que quase lhe arruinaram as costas, o garoto se rendeu a Betsy.

– Tudo bem, talvez apenas seis pares de meia, quatro camisetas, cinco cuecas, dois suéteres, pijama, minha ficha de pôquer da sorte, uma escova de dentes e *uma* pedra da sorte sejam suficientes – disse Conner. Ele removeu os itens em excesso e terminou de fazer a mala.

Já havia passado da hora de ir para a cama, porém Conner queria ficar acordado por mais um tempinho. Queria sentir aquela empolgação pelo maior tempo possível. Pensar na viagem tinha sido uma ótima maneira de ignorar os outros pensamentos que andava tendo. Ao correr os olhos pelo quarto e ouvir o silêncio absoluto que reinava na casa, não conseguiu lutar contra a solidão que vinha escondendo. Estava faltando alguma coisa na sua vida... *a sua irmã*.

Conner abriu a janela do quarto para quebrar o silêncio que o rodeava. Mas a Sycamore Drive estava tão quieta quanto a casa, e pouco ajudou a confortá-lo. Ele olhou para as estrelas no céu noturno. Perguntou-se se Alex, onde quer que estivesse, podia ver as mesmas estrelas. Talvez a Terra de Histórias fosse uma das estrelas que ele contemplava, mas que ainda não tinha sido descoberta. Não

seria uma descoberta animadora? A de que ele e a irmã estavam separados apenas por anos-luz, e não por dimensões?

– Será que ela está acordada? – Conner perguntou a si mesmo quando não suportou mais a solidão.

Desceu furtivamente a escada e adentrou a sala de estar. Lá, pendurado sozinho numa parede, havia um grande espelho dourado. Era o espelho que a avó lhes dera na última vez em que os gêmeos estiveram juntos – o único objeto que permitia a comunicação entre os mundos.

Conner tocou a moldura dourada, que começou a tremular e brilhar. Brilharia por alguns momentos até Alex aparecer no espelho, ou então voltaria ao seu tom normal, caso ela não aparecesse – e, naquela noite, ela não apareceu.

– Deve estar ocupada – Conner falou consigo mesmo. – Ela está sempre muito ocupada.

Quando voltou para casa depois da sua última aventura no mundo dos contos de fadas, Conner conversava com a irmã pelo espelho todos os dias, durante horas. Ela lhe contava sobre as lições da avó e a magia que estava aprendendo. Ele contava sobre os seus dias na escola e tudo o que tinha sido ensinado, mas as histórias dela eram sempre muito mais interessantes.

Infelizmente, à medida que Alex se envolvia mais e mais com o mundo dos contos de fadas, as conversas entre os gêmeos aconteciam com cada vez menos frequência. Às vezes, mais de uma semana se passava antes que voltassem a se falar. De vez em quando, Conner se perguntava se Alex ainda precisava dele. Ele sempre soubera que, um dia, iriam crescer e levar vidas separadas, porém nunca imaginara que isso aconteceria tão cedo.

Conner tocou o espelho de novo e aguardou, com esperança de que a irmã aparecesse. Não queria partir para a Alemanha sem antes falar com ela.

– Acho que vou ter que contar para ela só depois que eu voltar – disse ele, e decidiu ir para a cama.

Assim que chegou à escada, ouviu uma vozinha:

– Conner? Você está aí?

Conner correu até o espelho, o coração aos pulos. Sua irmã estava em pé no espelho. Ela usava uma faixa feita de cravos

brancos na cabeça e um vestido cintilante da cor do céu. Parecia alegre, porém Conner notou que estava muito cansada.

– Oi, Alex! Como você está?! – ele perguntou.

– Estou ótima! – disse Alex com um grande sorriso. Ele percebeu que ela estava tão entusiasmada quanto ele pelo encontro. – Acordado a esta hora?

– Não consegui dormir. Empolgado demais, eu acho.

Alex enrugou a testa.

– Empolgado com o quê? – Antes que Conner pudesse dizer alguma coisa, Alex já tinha respondido à própria pergunta: – Ah, sua viagem para a Alemanha é amanhã, não é?!

– Sim. Está mais para hoje. Tipo, daqui a pouco. Aqui já é supertarde.

– Eu esqueci completamente! Me desculpe! – disse Alex, decepcionada consigo mesma por ter deixado aquilo escapar.

– Tudo bem – disse Conner. Ele não ligava a mínima; apenas estava feliz por vê-la.

– Eu tenho andado tão ocupada com as aulas de magia e me preparando para aquela bobagem do Baile Inaugural de Fada... – Alex esfregou os olhos. – Eu até esqueci o nosso aniversário! Louca, né? Vovó e Mamãe Ganso fizeram um bolo, e eu perguntei para que era!

Foi a vez de Conner enrugar a testa.

– Baile Inaugural de Fada? O que é isso?

– É uma festa que o Conselho das Fadas dará para celebrar a minha entrada no conselho – disse Alex, como se aquilo fosse apenas uma notícia velha.

– Isso é fantástico, Alex! Você já vai entrar para o Conselho das Fadas? Deve ser a fada mais jovem de todos os tempos!

Um sorriso orgulhoso e ansioso surgiu no rosto dela.

– É, a vovó acha que eu estou pronta. Mas não sei se concordo com ela; ainda tem muita coisa que preciso aprender...

– Você sabe como a vovó é protetora. Ela protegeria o oceano de uma gotinha de chuva. Se ela acha que você está pronta, então você está.

– Imagino que sim – disse Alex, ainda muito insegura. – É que é muita responsabilidade. Ser parte do conselho significa

automaticamente fazer parte da Assembleia dos Felizes para Sempre... o que significa opinar sobre um monte de coisas... o que significa que um monte de pessoas e criaturas vão buscar minha orientação...

– A Assembleia dos Felizes para Sempre não existiria mais se não fosse por você – lembrou Conner. – Aquele mundo inteiro tem uma dívida eterna com você depois da derrota da Feiticeira. Eu não esquentaria a cabeça.

Alex olhou o irmão nos olhos e sorriu.

– Obrigada, Conner. – O apoio dele sempre significou mais para ela do que o de qualquer outra pessoa.

– A propósito, como vai a vovó? – perguntou Conner.

– Ela está bem. Sente uma saudade enorme de você e da mamãe, quase tanto quanto eu. Ela me ensinou tanto nos últimos meses! Sério, Conner, você ficaria impressionado com algumas coisas que sou capaz de fazer agora.

Conner riu.

– Alex, eu fico impressionado com você desde a barriga da mamãe. Tenho certeza de que o seu lado do útero era muito mais bem cuidado e organizado do que o meu.

Alex soltou uma gargalhada involuntária. Ela sentia falta do senso de humor do irmão – mas, mesmo assim, não queria encorajá-lo.

– Jura, Conner? Uma piada de útero? Por favor... A sua sorte é que a mamãe não está acordada para ouvi-lo. E a mamãe está bem? Ela sempre parece muito alegre quando fala comigo, mas nós dois sabemos quanto ela disfarça bem.

Conner fez que sim com a cabeça.

– Ela está bem, de verdade. Sente saudades de você, mas eu só a vi chorando sobre uma velha foto nossa uma ou duas vezes desde que voltamos. Bob a faz realmente feliz. Eu tinha quase me esquecido de como é vê-la feliz o tempo todo... É como se papai estivesse por perto outra vez.

– É muito bom ouvir isso. Papai ficaria tão empolgado com a sua viagem para a Alemanha. Provavelmente iria junto com você, se estivesse vivo... Eu gostaria de poder ir.

Conner olhou para o relógio.

– Falando nisso, é melhor eu ir para a cama. Tenho que ir para o aeroporto em, tipo, três horas.

A expressão de Alex revelou seu desapontamento.

– Ah, que pena. Eu estava com tanta saudade de você... Foi ótimo pôr a conversa em dia – ela disse. – Tenho estado muito ocupada. Às vezes, uma semana inteira se passa e eu sinto como se tivesse sido só um dia ou dois.

– Mas você está feliz, não está? – Ele olhou para ela com uma sobrelanceira erguida. Perceberia se a irmã mentisse.

– Hum... – Alex pensou nas suas lições, em todas as suas tarefas e, embora assoberbada e cansada, disse a Conner a verdade: – Honestamente... *eu nunca estive tão feliz!* Eu me levanto todas as manhãs com um sorriso no rosto, porque viver aqui é como acordar para um sonho que nunca termina!

Os gêmeos trocaram um sorriso, cada qual certo de que essa era a verdade. Por mais difícil que fosse estar sem ela, Conner sabia que Alex estava no lugar ao qual pertencia e que se divertia como nunca na vida.

– Eu queria que tivesse um jeito de levar você para a Alemanha comigo – disse Conner.

– Eu também! Mas duvido que exista uma história escrita pelos Irmãos Grimm que não tenhamos ouvido da vovó, ou do papai, ou... *Espere um segundo...* – Os olhos de Alex caíram para a parte de baixo do espelho. – A moldura do lado direito do seu espelho está solta?

Conner inspecionou o canto do seu espelho.

– Não... Espere, acho que a do esquerdo está.

– Você consegue puxá-la e destapar o canto do vidro? – Alex perguntou enquanto fazia o mesmo do seu lado.

– Feito!

– Ótimo! Agora, você pode, delicadamente, quebrar um pedacinho, sem rachar tudo...?

Clinc! Conner ergueu um pedaço de vidro maior que a palma da sua mão.

Clinc! Alex quebrou um pedaço do seu próprio espelho – era menor e mais perfeito que o do irmão; nenhum dos dois comentou nada.

– Perfeito! Agora, olhe para ele! – disse Alex, e olhou para o pedaço dela.

Conner olhou para o pequeno pedaço de espelho em sua mão e viu o rosto da irmã olhando para ele.

– Incrível! – falou Conner com uma risada. – Eu posso levar você no meu bolso o tempo todo! É tipo um *video chat*!

– Genial! Eu sempre quis conhecer a Europa! Agora, vá descansar um pouco; você não quer ficar exausto antes de chegar à Alemanha.

– Ok. Boa noite, Alex. Eu ligo para você... ou, melhor, *reflito para você* assim que descer do avião!

– Vou aguardar ansiosamente – disse Alex, muito contente por participar da viagem do irmão. – Amo você, Conner!

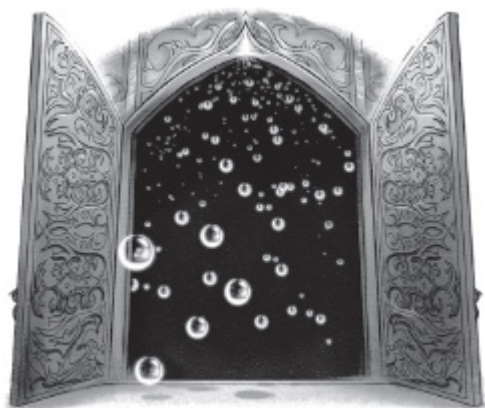
– Também amo você, Alex – disse Conner.

E, com isso, os gêmeos desapareceram nos seus respectivos espelhos e voltaram às suas vidas separadas.

Conner subiu a escada e colocou gentilmente o pedaço de espelho na mala coberta de adesivos. Deitou-se na cama e fechou os olhos com força, porém não conseguiu dormir – o “encontro” com a irmã o impregnara completamente de uma nova vitalidade, fazendo com que toda a empolgação com o dia seguinte voltasse impetuosamente.

Ele riu consigo mesmo.

– Eu montei em um ganso mágico, subi num pé de feijão gigante, mergulhei em uma caverna submarina encantada nas costas de uma tartaruga marinha e velejei num navio voador pelos céus de outra dimensão... – listou Conner. – E estou totalmente empolgado por *pegar um avião amanhã?! Oh, céus...*



CAPÍTULO 2

O Salão dos Sonhos

Alex acordou no dia seguinte com um grande sorriso no rosto. Ela sempre acordava sorrindo desde que se mudara para a Terra de Histórias, mas hoje o seu sorriso era especialmente grande, pois havia falado com o irmão na noite anterior. Embora o seu novo lar lhe proporcionasse inúmeros momentos de alegria, passar algum tempo com a família a fazia se sentir ainda melhor.

O Palácio das Fadas era o lugar mais bonito em que Alex já morara. Ela se maravilhava com as lindas colunas de ouro, os arcos, as escadarias, as torres e os vastos jardins tropicais. Um aspecto negativo era o fato de haver pouquíssimas paredes e tetos no palácio – era sempre tão agradável do lado de fora que as fadas não precisavam deles. Assim, todas as manhãs, quando o sol se erguia sobre o Reino das Fadas, Alex não tinha escolha a não ser levantar-se com ele.

Felizmente, ela conseguira encantar uma magnólia para que seus galhos e flores crescessem como cortinas em volta do quarto. Isso lhe proporcionava alguns minutos a mais de descanso todas as manhãs, antes que ela se forçasse a sair da cama e começar o dia. A não ser pelas cortinas encantadas, Alex mantinha o aposento muito simples; havia uma cama grande e confortável, com lençóis de

pétalas de rosas brancas, algumas prateleiras repletas dos seus livros favoritos e um pequeno guarda-roupa no canto, o qual praticamente não era usado, graças a alguns truques mágicos que a avó lhe ensinara.

Alex saiu da cama, pegou a varinha de cristal na mesa de cabeceira e agitou-a em volta do corpo. A camisola simples foi instantaneamente transformada em um vestido longo e cintilante da cor do céu, e uma faixa de cravos brancos apareceu na sua cabeça – era o seu uniforme de fada, parecido com o da avó.

– Bom dia, mamãe, Conner e Bob – disse para um porta-retratos sobre a mesinha de cabeceira. – Bom dia, papai – falou para a foto emoldurada do falecido pai.

Alex respirou fundo e fechou os olhos.

– Muito bem, três desejos até o meio-dia, três desejos até o meio-dia – disse a si mesma. – Você consegue, você consegue.

Todos os dias ao meio-dia Alex encontrava a avó nos aposentos da Fada Madrinha para uma nova lição. Às vezes, as lições eram mágicas, às vezes, históricas, às vezes, filosóficas, mas, fossem o que fossem, eram extremamente agradáveis.

E, embora isso não fosse esperado dela, Alex recentemente tomara para si a tarefa de conceder pelo menos três desejos por dia aos aldeãos da vizinhança, usando a pouca magia que conhecia. Aquilo era muito ambicioso da parte da fada em treinamento de catorze anos de idade, porém Alex não se sentia ela mesma se não conquistasse além do esperado. Descobrira também que, quanto mais ocupada se mantinha, menos saudades tinha de casa – e, quanto menos pensava no seu lar no Outromundo, melhor progredia o seu treinamento.

Alex caminhou, decidida, para fora dos seus aposentos, atravessou o palácio e desceu os degraus da entrada. As paredes e o piso dourados e tremeluzentes exigiam algum esforço para se acostumar a eles, mas já não a deixavam tão tonta quanto na sua primeira semana no palácio.

Alex passou por Rosette, que podava um extravagante jardim de rosas na saída do palácio. As rosas e os espinhos eram do tamanho da cabeça dela.

– Bom dia, Rosette! – disse Alex.

– Bom dia, querida! – Rosette acenou para Alex. – Madrugando de novo?

– Sim, senhora! Três desejos até o meio-dia, essa é a minha meta diária! Não perdi um só dia em dois meses!

– Fico feliz, querida! Continue assim!

Alex caminhou através dos jardins, até que um ronco alto à sua esquerda a sobressaltou. Ela olhou para o chão e deparou com Mamãe Ganso dormindo encostada em uma grande pedra, segurando uma garrafa térmica de prata. Lester estava desmaiado ao lado dela – obviamente, os dois haviam passado a noite em claro nos jardins.

– Bom dia, Mamãe Ganso! – falou Alex, alto o bastante para acordar os dois.

Mamãe Ganso bufou ao acordar.

– O que tem de bom? – falou com um olho aberto.

Lester bocejou e esticou o longo pescoço.

– Vocês passaram a noite inteira aqui? – perguntou Alex.

– Bem, a última coisa de que me lembro foi sair para caminhar com Lester depois do jantar e nos sentarmos por um instantinho – disse Mamãe Ganso. – Parece que estamos aqui desde então. *Lester, seu recheio de colchão! Era para você me acordar! Estou ficando com péssima reputação.*

Lester revirou os olhos como se dissesse: “Ficando?”.

– Por que nós temos que viver em um reino *matinal*? – Mamãe Ganso perguntou a Lester. – Eu juro que vou me mudar para o Reino do Leste. Lá, as pessoas sabem como dormir! – Mamãe Ganso subiu nas costas de Lester e segurou as rédeas, e, juntos, eles voaram para o Palácio das Fadas.

Alex deu uma risadinha enquanto os observava voando para longe. Então, lembrou-se do seu programa e continuou a caminhada até chegar ao limite dos jardins, numa grande campina.

– Cornelius! – Alex chamou, e deu uma palmada ruidosa na coxa.

– Aqui, garoto! Cadê você? Cornelius?

Do outro lado da campina, bebericando de um riacho, estava um unicórnio – mas este era diferente de qualquer outro unicórnio do reino. Cornelius era desmazelado, com uma grande barriga, que

balançava conforme andava. Tinha um chifre prata na cabeça, que se quebrara em um acidente quando ele ainda era bebê.

– Aí está você, Cornelius!

Cornelius ficou contente em vê-la e se aproximou trotando para que ela acariciasse o seu grande focinho.

– Bom dia, garoto! – Alex percebeu algo de errado em seu amigo chifrudo. Não havia muita alegria em seu caminhar. – O que há de errado, Cornelius? Você parece triste.

Cornelius abaixou a cabeça e olhou melancolicamente para o outro lado do riacho. Alex também olhou e avistou um grupo de magníficos unicórnios a distância, cada um mais bonito que o outro, com seus corpos longos, esbeltos, e chifres perfeitos que reluziam à luz do sol.

– Ah, Cornelius – disse Alex, acariciando a crina dele. – Você precisa parar de se comparar aos outros unicórnios.

Cornelius concordou com a cabeça, mas Alex notou o constrangimento em seus olhos. Ele nunca fora bom em esconder suas emoções – levava o coração nos cascos.

– Sabe por que escolhi você para ser o *meu* unicórnio, Cornelius? – ela perguntou.

O aflito unicórnio abriu os lábios e mostrou seus grandes e perolados dentes brancos.

– Sim, eu sei que você tem um belo sorriso, mas essa não foi a razão principal – disse Alex.

Cornelius ficou em pé sobre as patas traseiras e moveu as dianteiras em pequenos círculos.

– Sim, você é um bom dançarino, mas também não é disso que estou falando. Eu o escolhi porque você é diferente de todos os outros unicórnios do Reino das Fadas. O seu chifre pode ser quebrado e pequeno, mas o seu coração é grande e forte.

Cornelius exalou uma lufada de ar e virou-se para o outro lado. Alex o fizera corar, e o rosado era perceptível através da sua pele branca.

– Você está pronto para me ajudar a conceder alguns desejos hoje? – Alex perguntou. Ele relinchou, empolgado. – Bem, então vamos! – Cornelius se abaixou, e Alex pulou para cima do seu lombo. Ela acenou com a varinha por sobre a cabeça dele e

sussurrou ao seu ouvido: – *Leve-nos até alguém que precise de nós, Cornelius.*

O chifre quebrado de Cornelius começou a brilhar, ele jogou a cabeça no sentido noroeste e começou a galopar a toda velocidade para onde quer que a mágica o estivesse levando. Os unicórnios correm muito mais depressa do que os cavalos comuns, e Alex teve de segurar a sua faixa de cabelo conforme eles disparavam.

Os dois passaram rapidamente por entre as árvores, por cima de um rio e de dois riachos e por fim encontraram um caminho que os levou ao Reino Encantado. Uma aldeia pequena e simples apareceu a distância, e Cornelius reduziu o passo. Ele conduziu Alex até o centro da cidade – seu chifre o guiava como o nariz de um sabujo. Muitos dos aldeãos se detiveram bruscamente quando Alex e o unicórnio passaram por eles.

– Olá, boa gente do Reino Encantado! – disse Alex. Ela acenou para eles desajeitadamente. – Não se incomodem conosco, estamos apenas concedendo desejos!

Os aldeãos não ficaram tão excitados quanto ela esperava e logo voltaram às suas tarefas cotidianas. Cornelius parou bem na frente de um chalé minúsculo com paredes de madeira e telhado de palha.

– Tem certeza de que este é o lugar certo? – perguntou Alex. Cornelius confirmou com a cabeça, confiante, e o seu chifre parou de brilhar.

Alex desmontou do unicórnio de um pulo e seguiu em direção à porta. Bateu de leve, mas os pedaços de madeira se quebraram sob os seus dedos, deixando um pequeno buraco na porta.

– Ops! – Aquilo não tinha sido um bom começo.

– Quem está aí? – uma voz fraca perguntou por detrás da porta. Alex olhou através do buraco que acabara de fazer e viu um par de olhos encarando-a.

– Olá – disse Alex. – Meu nome é Alex, e eu sou uma fada! Bem... Tecnicamente, sou uma fada em treinamento. Vim aqui hoje para conceder desejos. Meu unicórnio me trouxe a este lugar. Alguém neste chalé tem um desejo que gostaria de ver realizado?

Os olhos enrugados mediram-na de cima a baixo. Alex sabia que a sua apresentação ainda precisava ser desenvolvida tanto quanto a

sua mágica, mas, para sua surpresa, a porta se abriu e uma mulher idosa apareceu.

– Entre – disse a senhora, embora não parecesse muito entusiasmada em receber uma visitante.

– Obrigada – disse Alex. Ela deu um passo para dentro e correu os olhos pela casinha. Era suja e escura, tão frágil por dentro quanto por fora. – Você tem uma casa adorável – falou educadamente. – Em que posso ajudá-la?

– Estas são as minhas netas. Imagino que você tenha vindo ajudá-las. – Se a mulher não tivesse falado, Alex não teria sequer notado as trigêmeas idênticas paradas junto à parede. Estavam tão sujas que se mesclavam com o resto da casa.

– Prazer em conhecê-las – disse Alex, mas elas não quiseram apertar a sua mão.

– Elas precisam de roupas bonitas para a escola – disse a mulher, sentando-se a uma mesa coberta de linha e tecidos. – Nós não podemos comprar vestidos novos, então tentei fazê-los eu mesma, mas minhas mãos não são mais como eram. – Ela ergueu as mãos, que tremiam com a artrite.

– Não diga mais nada! – disse Alex. – Vou transformar as roupas esfarrapadas das suas netas em lindos vestidos que elas terão orgulho de usar na escola!

As trigêmeas se entreolharam com olhos arregalados – *será que ela consegue fazer isso?* Alex se fez a mesma pergunta. Ela ergueu a varinha e agitou-a rapidamente na direção de cada uma das meninas, como se estivesse regendo uma sinfonia. Uma luz brilhante e faiscante envolveu as garotas, uma a uma, e transformou suas roupas sujas em vestidos de um rosa vibrante e gola branca.

As meninas olharam para os vestidos novos em total silêncio. Alex imaginou que estavam chocadas por testemunhar a mágica – só que não.

– Eca! Eles são cor-de-rosa! – disse uma das meninas.

– Eu odeio cor-de-rosa! – disse outra.

– Não dá para fazer de outra cor? – perguntou a terceira.

Alex se surpreendeu com os comentários ingratos. Olhou para a senhora, esperando que as repreendesse.

– Não olhe para mim. Você nunca perguntou de que cor elas queriam os vestidos – disse a mulher.

– Oh, desculpe! Erro meu – falou Alex. Ela ergueu a varinha e agitou-a mais três vezes na direção das meninas, transformando os vestidos em amarelo, roxo e azul.

– Eu não gosto da minha gola – reclamou uma das garotas.

– Eu quero verde – exigiu outra.

– Eu gostava mais do cor-de-rosa – disse a terceira.

As narinas de Alex se dilataram, e ela mordeu a língua.

– Tudo bem – falou entredentes. Agitou a varinha para conceder os pedidos. – Estamos todas contentes?

– Com certeza... – disse uma das meninas sem nenhum entusiasmo.

– Está *aceitável*... – disse outra.

– Posso ter as minhas roupas velhas de volta? – perguntou a terceira.

Alex ficou chocada. Teve vontade de dizer a elas que a cavalo dado não se olham os dentes, mas, como fada, não podia dizer aquilo. Afinal, não as estava ajudando porque elas eram pobres, e sim porque era o que tinha de fazer.

– Meninas, quero que vocês agradeçam à moça-fada boazinha pelos vestidos novos, mesmo ela não sabendo o que faz – disse a velha.

As trigêmeas franziram o cenho.

– Obrigada – disseram em uníssono as garotas, sem nenhum pingo de sinceridade.

– De nada, o prazer foi meu – disse Alex, igualmente insincera. – Divirtam-se na escola.

Ela deixou a casa zangada e ressentida e encontrou Cornelius mordiscando um pedaço do telhado. Convenceu a si mesma de que, apesar de não ter sido muito apreciada, a sua primeira ação do dia ainda tinha sido uma boa ação. Alex pulou para o lombo de Cornelius e agitou a varinha por cima dele outra vez.

– Um desejo atendido, faltam dois – disse. – Leve-nos à próxima parada, Cornelius!

O chifre do unicórnio brilhou de novo, e o animal começou a correr em outra direção. Logo, eles chegaram aos limites de uma

aldeia ainda menor, na parte setentrional do Reino Encantado. Cornelius guiou Alex diretamente para o topo de uma colina e a deixou ao lado de um poço; duas crianças da aldeia, um menino e uma menina, olhavam para dentro dele e nem sequer notaram a fada.

Alex sorriu e assumiu uma pose com a varinha erguida.

– Olá, crianças! – disse, porém elas continuaram olhando para dentro do poço. Alex pigarreou. – Como posso ajudá-las? Vocês deixaram cair alguma coisa aí dentro?

As crianças finalmente olharam para ela, mas suas expressões desanimadas não mudaram.

– Não – disse o menino. – O poço está seco faz um bom tempo.

– Nossa mãe nos manda para cá todos os dias esperando que haja água – disse a menina. – Mas todos os dias voltamos com o balde vazio.

Alex ficou feliz ao ouvir sobre a desventura das crianças.

– Eu posso ajudar vocês com isso! – disse, sentindo-se útil.

– Como? – o menino perguntou.

– Você vai construir outro poço para nós? – indagou a menina.

– Não, eu sou uma fada! – disse Alex, um pouco desapontada por ter de explicar quem era. Tinha bastante certeza de que sua avó nunca tivera de contar a ninguém *quem* era. – Eu posso lançar um feitiço sobre o poço para fazer a água voltar.

As duas crianças ergueram uma sobrancelha para ela, sem acreditar naquilo.

– Se você é uma fada, onde estão as suas asas? – perguntou o menino.

– Nem todas temos asas – disse Alex. – Nós existimos em todas as formas, tamanhos e variedades.

As crianças inclinaram a cabeça de lado e olharam para Cornelius, atrás de Alex.

– Aquilo é um unicórnio? – perguntou o menino.

– Com certeza! Ele é a razão de eu estar aqui. Ele me trouxe para cá, pois sabia que eu poderia ser útil – explicou Alex. Cornelius ergueu a cabeça orgulhosamente, exibindo-se para as crianças, mas elas eram um público difícil de agradar.

– Por que ele é tão gordo? – o garoto questionou.

– O chifre dele está quebrado? – a menina perguntou.

Cornelius abaixou a cabeça e olhou com tristeza para o chão.

– Ele quebrou o chifre quando era bebê. E ele come para afogar as mágoas, tá? – Alex explicou depressa. – Agora, vocês querem que eu dê um jeito no poço, ou não?

As crianças encolheram os ombros.

– Acho que sim – disse o menino. – Não tem como ficar pior mesmo.

Alex ficou satisfeita por finalmente chegar ao que interessava. Pediu às crianças que ficassem alguns metros atrás dela. Espiou dentro do poço e não viu nada, a não ser terra no fim de um buraco muito fundo. Ergueu a varinha de cristal e a agitou na direção do poço. O ruído de água reverberou poço acima quando o fundo magicamente se encheu. As crianças deram pulos e bateram palmas de alegria.

– Você consertou o poço! – disse o menino, contente.

– Você é mesmo uma fada, afinal! – falou a menina.

– Vamos até a aldeia para que você possa ser recompensada! – completou o menino.

Alex encolheu os ombros, e suas bochechas ficaram um pouco rosadas. Estava feliz por ter seu trabalho reconhecido.

– Não é preciso nenhuma recompensa – falou. – Tudo o que faço é pelo bem maior, e eu nunca espero...

Alex parou de falar, e as crianças ficaram muito quietas. A terra sob seus pés começou a tremer, e um forte sibilar veio do poço conforme ele se enchia cada vez mais.

– Oh, não – disse Alex, a voz fraca. Ela, as crianças e Cornelius recuaram lentamente. Então, um jato poderoso foi lançado do poço na direção do céu, como um vulcão em erupção.

– Eu estava errado! – gritou o menino. – *Isto é pior! Isto é pior!*

– *Corra! Sebo nas canelas!* – berrou a menina.

As crianças correram colina abaixo de volta à aldeia o mais depressa que conseguiram, gritando desesperadamente. Os aldeãos saíram das suas casas para ver a razão daquele tumulto – e mal puderam acreditar nos seus olhos. A água do gêiser choveu sobre a aldeia, encharcando a tudo e todos.

Alex e Cornelius também estavam encharcados.

– Cornelius! – disse ela. – Sente-se em cima do poço! Tampe-o até eu pensar em alguma coisa! – O unicórnio olhou para a garota como se ela tivesse enlouquecido. – *Por favor?* – implorou Alex.

Cornelius se aproximou cautelosamente do poço. Seus cascos estavam sujos de toda aquela lama criada pelo gêiser. Ele levantou a cauda e se sentou bem em cima do poço, tapando-o e interrompendo o jato. Era uma experiência degradante, mas que provou ser útil. A aldeia aplaudiu lá de baixo. A solução, porém, só durou um momento. A água se acumulou dentro do poço, e a pressão fez o unicórnio ser lançado ao ar. Ele aterrissou na colina enlameada e deslizou como uma avalanche em direção à aldeia. Todos os aldeãos correram de volta para suas casas e lojas.

Cornelius se chocou contra a lateral de um celeiro. Ficou todo coberto de lama, parecia o Beleza Negra.

– Seque! – Alex gritou, apontando a varinha para o poço. – Seque, eu disse! *Seque! Seque! Seque!*

De repente, uma enorme bola de fogo irrompeu da ponta da varinha de Alex e atingiu o poço, deixando em pedaços metade dele. Felizmente, a pressão da água diminuiu e o gêiser se abrandou. O poço estava quebrado, porém cheio de água – mais ou menos como a aldeia.

– Eu o consertei! – Alex gritou alegremente para a aldeia. Os aldeãos espiaram para fora de suas casas e a encararam, todos encharcados, pingando e furiosos. – A boa notícia é que vocês têm água de novo. – Alex tentou levar aquilo na brincadeira, mas ninguém a acompanhou.

O unicórnio enlameado juntou-se à jovem fada no topo da colina.

– Ok, Cornelius, vamos dar o fora daqui!

Ela montou no animal, e eles partiram – não na direção da sua próxima parada, mas para o mais longe possível da aldeia encharcada. Os dois encontraram um pequeno riacho na floresta e se lavaram. Cornelius ficou chateado ao ver o seu reflexo na água; era gordo, quebrado e, *agora, sujo*.

– Você gostaria que eu usasse a minha varinha para deixá-lo limpo de novo? – Alex perguntou a Cornelius. O unicórnio sacudiu a

cabeça. Não queria o mesmo destino do poço. – Tudo bem, então. Vamos para a nossa próxima parada.

Faltavam algumas horas para o meio-dia, e o chifre mágico de Cornelius os levou ao canto sudoeste do Reino do Leste. Surgiu na distância uma fazenda que Alex pensou reconhecer.

– Já não estivemos aqui antes? – ela perguntou a Cornelius, porém ele tinha certeza de que o chifre os estava levando ao lugar certo. Mais adiante, Alex viu um camponês construindo uma cerca em volta da sua horta e imaginou que se tratava do homem que procuravam.

– Com licença? Você precisa de alguma ajuda? – ela perguntou.

O camponês enxugou o suor da testa e a olhou por cima do ombro. Ele imediatamente se pôs em pé e gesticulou para ela ir embora, como se Alex fosse algum animal selvagem com o qual não queria lidar.

– Xô, xô, xô! – disse o homem. – Não quero mais problemas, moça!

Alex sentiu-se insultada. Por que ele pensaria que ela estava ali para trazer problemas?

– Senhor, não quero causar nenhum mal – Alex assegurou. – Eu sou uma fada. Estou aqui para ajudar.

O camponês pôs as mãos no quadril e apertou os olhos.

– Foi o que você disse da última vez.

– Da *última vez*? Então eu já estive aqui antes?

O homem fez que sim com a cabeça lamentosamente.

– Sim, você me *ajudou* a pôr uma cerca em volta do meu quintal, para afastar coelhos e veados.

Alex apertou o dedo indicador contra os lábios ao se lembrar.

– Ah, sim, eu me lembro de você! Você é o Lavrador Robins! Mas o que aconteceu com a cerca que eu lhe dei?

Alex ouviu uma porta se fechando. Ela ergueu os olhos e viu o filho do Lavrador Robins saindo da casa – Alex não teve nenhuma dificuldade para se lembrar dele. Era alto e forte, um ano mais velho que ela, não mais do que isso, tinha pelos ralos cobrindo-lhe o rosto e, na opinião da garota, era muito atraente.

– Os animais comeram a sua cerca – disse o filho do camponês, com um sorriso atrevido. – Ela era feita de trepadeiras e videiras.

Foi divertido ver você fazê-la crescer magicamente do solo, mas ela não serve para conter herbívoros.

– Você não tem uma mesa para fabricar? – o Lavrador Robins perguntou ao filho.

– Estou fazendo uma pausa – disse o rapaz.

Claramente ele queria ficar por perto, agora que Alex se encontrava ali. Ela fez o melhor que pôde para não olhá-lo diretamente nos olhos – sentia-se enrubescer quando fazia isso.

– Bem, por que você não me disse que a cerca não iria funcionar? – ela perguntou ao camponês.

– Você não nos deu chance – o filho respondeu por ele. – Você simplesmente agitou a sua varinha de condão e foi embora, insistindo que não precisávamos agradecer.

Alex sacudiu a cabeça e revirou os olhos.

– Cruzes, nenhuma boa ação fica impune – disse consigo mesma.

– Bem, eu insisto que me deixem compensar isso! – Alex ergueu a varinha; estava prestes a fazer aparecer uma cerca quando o camponês a deteve.

– Mocinha – disse de forma rude o Lavrador Robins. – Eu tenho um dia puxado de trabalho pela frente. Construir esta cerca é só o começo. O melhor que você pode fazer é ir embora, nos deixar em paz e parar de desperdiçar o nosso tempo.

– Que bobagem – Alex tentou argumentar. – Tudo o que preciso fazer é agitar a minha varinha, e a cerca estará pronta...

– Eu disse *VÁ EMBORA!* – repetiu o Lavrador Robins, perdendo a paciência com ela. – Nós não *queremos* a sua ajuda. Nós não *precisamos* da sua ajuda. Eu sei que vocês costumam resolver tudo com uma quebrada de munheca, mas pessoas como nós sabem cuidar de si mesmas. Então, por favor, vá transformar alguma criada em princesa antes que eu faça ou diga algo de que me arrependa depois.

Alex ficou boquiaberta. Não ia permitir que alguém falasse com ela daquele jeito, especialmente depois da manhã horrível que estava tendo. O Lavrador Robins escolhera o dia errado para se meter com esta fada.

– Não! – Alex gritou de volta para o camponês.

– O quê?

– Não, eu *não vou embora*.

O filho do camponês se animou – aquilo estava ficando interessante.

– Sinto muito por dar o máximo de mim para ajudá-lo, mas você não é a única pessoa com uma ocupação, meu velho – disse Alex. Ela deu um passo mais para perto do Lavrador Robins. – O fato é que, queira ou não, você precisa da minha ajuda, e é por isso que eu estou aqui! É por isso que o meu unicórnio me trouxe! Então engula o seu orgulho, dê um passo para trás e saia do meu caminho, porque eu não vou embora enquanto essa cerca não estiver pronta!

O Lavrador Robins pareceu genuinamente aterrorizado com Alex. Seu filho mordeu o punho e engasgou com a gargalhada que crescia dentro dele. Alex pôs sua varinha no chão e arregaçou as mangas. Foi até o camponês e estendeu a mão para ele.

– O que você está fazendo? – perguntou o homem.

– Me dê esse martelo! – exigiu Alex. – Eu não preciso de magia para construir essa cerca.

Ela arrancou o martelo da mão dele, pegou alguns pedaços de madeira e continuou o que o camponês havia começado. O Lavrador Robins e o filho permaneceram imóveis, assistindo enquanto a jovem fada trabalhava.

– Se vocês dois têm tanto trabalho por fazer, sugiro que botem a mão na massa enquanto eu construo isto! – disparou ela com um olhar furioso. Eles não retrucaram. O Lavrador Robins foi colher cenouras perto dali, e seu filho entrou na casa para terminar a mesa.

Alex construiu a cerca num ritmo muito acelerado. Alimentada pela frustração, terminou a coisa toda em pouco menos de duas horas. Colocou o último prego no último pedaço de madeira e voltou para junto do unicórnio.

– Acabei! – gritou para o Lavrador Robins.

O filho saiu para ver a cerca acabada e ficou muito impressionado com a habilidade manual da jovem fada. Ela pegou a sua varinha no chão e pulou no lombo de Cornelius.

– Tenham um ótimo dia, cavalheiros! – disse. – E, a propósito, *não precisam me agradecer! PORQUE EU SOU UMA FADA E ESTE É O MEU TRABALHO!*

Alex e Cornelius partiram a galope, deixando os dois aturdidos camponeses em meio à poeira. Poucos minutos depois do meio-dia, Alex chegou ao Reino das Fadas. Ela deixou Cornelius na campina e se apressou para o Palácio das Fadas; não queria deixar a avó esperando nem um minuto a mais.

– Ora, vamos, elas não vão picar vocês! – disse uma voz alegre no jardim. Alex passou por Tangerina, que alimentava com bolotas de carvalho uma família de esquilos em uma árvore. As abelhas que voavam em volta de Tangerina estavam deixando os esquilos muito apreensivos.

– Oi, Tangerina – disse Alex.

– Ai, meu Deus, o que aconteceu com você? – Tangerina perguntou ao ver Alex passando apressada. Após consertar o poço e construir a cerca, Alex ficara imunda. – Parece que você caiu em um rio.

– É uma longa história – disse Alex, tentando evitar uma demorada explicação.

– Alguém falou em rio? – perguntou uma voz etérea do outro lado do jardim. Skylene aflorou na superfície de uma lagoa próxima. Seus longos e sedosos cabelos e seu vestido se fundiam à água conforme ela flutuava através dela.

– A pobrezinha da Alex teve uma manhã difícil – disse Tangerina.

– Eu só estava tentando ajudar o maior número de pessoas antes da minha lição do meio-dia com a vovó – Alex contou às fadas.

– Não dê duro demais, Alex – disse Skylene. – Você tem um grande dia pela frente! – Ela flutuou através da lagoa e, com um dedo, tocou gentilmente a superfície, fazendo com que lindos lírios brancos aparecessem à sua volta. – Estou adiantando a decoração. Sempre adorei um bom Baile Inaugural de Fada. É uma ótima desculpa para o reino se apresentar em sua melhor forma!

– Mal posso esperar pelo Baile Inaugural! Neste momento, as minhas abelhas estão fazendo um vestido de favo de mel novinho em folha para mim! – disse Tangerina.

– Quão chique é esse baile? – Alex perguntou, sentindo um furacão de ansiedade se formar dentro dela. – Eu pensei que fosse uma cerimônia simples. Preciso me vestir a rigor?

Tangerina e Skylene trocaram o mesmo olhar preocupado – como se Alex tivesse perguntado o que era o sol.

– Meu bem, o Baile Inaugural de Fada é a sua apresentação à sociedade – disse Skylene. – Você precisa se mostrar do modo como deseja ser lembrada.

– Todas as fadas do reino estarão presentes – disse Tangerina. – E elas estarão lá para ver você!

Alex fechou os olhos.

– Ah, que maravilha... – retrucou ela. – Como se não bastasse tomar parte no Conselho das Fadas, agora preciso me preocupar em estar impecável na frente do reino inteiro. Por que as fadas sempre deixam para contar os detalhes no último minuto?

– Não tem com o que se preocupar, querida, você ficará ótima com qualquer coisa que usar – disse Tangerina.

– Sim, menos isso – disse Skylene, apontando para o vestido sujo de Alex.

Alex suspirou baixinho. Agitou a varinha sobre o corpo, e o seu vestido faiscou até ficar como novo outra vez.

– Bem, a conversa está boa, mas tenho que ir, meninas! Obrigada! – ela disse e continuou em direção ao Palácio das Fadas.

Correndo, subiu os degraus dourados da frente do palácio, passou pelo salão principal e subiu um lance de escada até o piso superior, onde ficavam os aposentos da avó. O quarto dela era um dos únicos ambientes do palácio que possuíam quatro paredes, portanto Alex teve de bater.

– Entre, querida. – Alex escutou a avó dizer e entrou. Não importava quantas vezes estivera ali, o quarto da avó sempre a deslumbrava.

Chamar aquele lugar de qualquer outra coisa que não fosse espetacular seria subestimá-lo. Os móveis eram feitos de nuvens rosa-crepúsculo e flutuavam pelo quarto. A cama ficava sob os ramos de um salgueiro branco com folhas de cristal. Em vez de fogo ardente, bolhas se desprendiam da gigantesca lareira e enchiam o ar. Um lustre feito de uma centena de pombas empoleiradas flutuava no centro do aposento, muito embora não houvesse um teto em que se pendurasse.

Cada parte visível do ambiente era coberta pelas coleções da Fada Madrinha. Joias presenteadas através dos tempos por monarcas de ambos os mundos cobriam a cornija da lareira. Perto dela, uma grande mesa estava coberta de garrafas coloridas de poções e elixires. Um mostruário de vidro preso à parede continha a coleção de varinhas mágicas da Fada Madrinha. Uma minibiblioteca de livros de feitiço, fantasia e história cobria a parede defronte à lareira.

E, à frente de todos esses objetos valiosos, havia incontáveis fotografias de Alex e Conner e do pai deles, desenhos que os irmãos pintaram para a avó quando crianças, provas de aritmética e ortografia nas quais tiraram nota máxima e medonhas criações com macarrão que fizeram para ela nos Dias dos Avós. Ela não jogara fora nada do que os gêmeos tinham lhe dado.

No fundo do quarto, sobre uma plataforma, encontrava-se a mesa de trabalho da Fada Madrinha, feita inteiramente de vidro – porém Alex nunca a vira sentada ali. Sempre a encontrava em pé junto a uma das quatro janelas altas que davam para uma vista do Reino das Fadas de tirar o fôlego.

– Olá, Alex – disse a avó, ao lado de uma das janelas. Ela usava o manto azul brilhante como o céu estrelado que era a sua marca registrada.

– Desculpe o atraso, vovó. As coisas saíram um pouco de controle hoje enquanto eu concedia desejos.

– É mesmo? E por quê?

Alex suspirou.

– Às vezes, não sei se eu devia ser uma fada – confessou ela. – Não me entenda mal; eu adoro mágica e adoro ajudar pessoas. Há dias em que acordo me sentindo muito bem com o que estou fazendo para ajudá-las, e há outros em que sinto como se estivesse estragando tudo. Às vezes acho que não estou ajudando as pessoas o suficiente, às vezes acho que as pessoas nem querem a minha ajuda. E, quando eu não me sinto confiante, a minha mágica sofre, ela se torna imprevisível. Quando isso acontece, sinto como se não tivesse nenhum direito de pertencer ao Conselho das Fadas.

Alex se sentou nos degraus da plataforma e esfregou os olhos cansados. A avó foi até ela e acariciou-lhe a cabeça.

– Você está se esforçando demais, Alex – a Fada Madrinha falou.
– Você é apenas uma pessoa. Não importa quanto se esforce, não pode ajudar *todo mundo*. E você está começando a aprender que algumas pessoas não podem ser ajudadas, simplesmente porque não querem ser ajudadas.

Alex olhou para o chão – aquela era uma lição dura de aprender.

– Estou contente por você ter levantado essa questão – disse a avó. – Há uma coisa que eu gostaria de lhe mostrar. Siga-me.

A Fada Madrinha ajudou a neta a se levantar e a conduziu para fora do quarto e então por um longo corredor. Elas pararam diante de um grande par de portas, em uma imponente passagem em formato de arco. Alex nunca tinha visto aquelas portas antes.

– Onde estamos, vovó?

– *Este* – a avó disse com um sorriso – é o *Salão dos Sonhos*.

A Fada Madrinha empurrou as portas. Alex perdeu o fôlego, e seus olhos dobraram de tamanho. A sala era diferente de qualquer coisa que ela já vira. Era um espaço escuro e interminável e parecia se estender por quilômetros em todas as direções. Esferas luminosas de todos os tamanhos flutuavam em volta das duas. Era como se a galáxia inteira tivesse sido espremida dentro da sala.

Elas entraram e fecharam as portas. Alex não sabia exatamente como elas conseguiam ficar em pé, pois, tecnicamente, não havia chão.

– Esta sala está aqui desde o princípio das fadas – disse a avó.

– O que são elas? – Alex perguntou, apontando para as esferas que voavam ao seu redor.

– São *sonhos*, todos eles, cada um deles – falou a avó. – Não importa quão grande ou pequeno seja o sonho, um registro de cada *desejo* ou *pedido* pode ser encontrado nesta sala.

– Existem milhares... não, milhões deles!

– Ah, sim, provavelmente mais! Como você pode ver, mesmo com todas as fadas do mundo seria impossível transformar todos os sonhos em realidade. Quando você olha para dentro deles, pode ver o que são e a quem pertencem.

Uma esfera de tamanho médio flutuou diretamente para a mão de Alex. Ela espiou bem de perto e viu uma menininha usando uma coroa de papel.

– Aquela menininha sonha em se tornar uma princesa – disse a avó. – Você vai encontrar muitas dessas aqui. Nós tendemos a prestar uma atenção especial às que são mais parecidas com *isto*.

Uma das esferas maiores flutuou até sua mão, e as duas olharam dentro dela: um menininho triste tomava conta da irmã mais nova, sentada em uma cadeira de rodas.

– Este menininho daria qualquer coisa para ver a irmã andar de novo – disse a avó. – É uma das maiores esferas porque é um dos maiores sonhos. E é fácil de segurar porque é altruísta. Vou guardá-la; talvez eu possa fazer algo por eles mais tarde. – A avó prontamente colocou a esfera em um bolso do seu manto.

– Então, é *assim* que você encontra as pessoas que ajuda? – perguntou Alex.

– Exatamente. Muito mais eficiente do que unicórnios, não concorda?

As duas trocaram um sorriso. Alex tentou alcançar outra esfera grande, mas esta não quis ficar na sua mão.

– Por que eu não consegui segurar aquela? – indagou, com medo de que houvesse algo de errado com ela.

– Porque a pessoa a quem aquele sonho pertence, seja quem for, não quer a sua ajuda e, ao que parece, não quer nem que você saiba qual é o sonho.

– Isso é bobagem. Por que ela não iria querer que eu visse?

– Conhecer os desejos mais profundos de alguém talvez signifique conhecer esse alguém mais do que ele deseja ser conhecido. Eu aprendi essa lição do jeito mais difícil, muitas vezes.

Alex pensou por um momento e parou de tentar agarrar a esfera.

– Deve ser tão frustrante ver todos esses sonhos e saber que você não pode fazê-los virar realidade – disse.

– Quando eu era mais jovem, talvez. Mas nós devemos fazer o que podemos, e não nos torturar por causa das coisas que não podemos. É injusto e nada realista querer resolver todos os problemas do mundo. Nunca esqueça que, não importa quantos sonhos você encontre aqui, haveria muitos mais se não fosse por pessoas como nós. Todo desejo concedido pela mágica da varinha de condão de uma feiticeira inspira outra dúzia que será alcançada pela mágica que há dentro das próprias pessoas. Dê uma olhada naquela.

A Fada Madrinha apontou para uma esfera que flutuava na frente delas e que lentamente desapareceu.

– O que aconteceu com ela? – perguntou Alex.

– O sonho se realizou. E isso não teve nada a ver conosco. Depois de anos e anos sendo inspirada por outros sonhadores, essa pessoa fez o seu próprio sonho se realizar e provavelmente inspirou um sem-número de outras pessoas a fazer o mesmo. Nós não iríamos querer viver em um mundo onde as pessoas não acreditassem em si mesmas a ponto de não fazer os próprios sonhos se realizarem.

Um sorriso tímido surgiu no rosto de Alex.

– Acho que estou entendendo o que você quer me ensinar, vovó.

A avó sorriu de volta.

– Fico contente de ouvir isso.

Uma pequena esfera pousou na mão da Fada Madrinha e instantaneamente se desfez.

– De quem era aquela? – perguntou Alex.

– Minha. Cada lição que você aprende é um sonho meu que se realiza. E devo dizer que você está aprendendo muito mais depressa do que eu jamais aprendi.

Alex sorriu de novo. O seu dia tinha sido muito frustrante, porém a avó a fez sentir como se estivesse realizando os *seus próprios* sonhos. Sabia que, em algum lugar naquela sala, uma esfera pertencente a ela acabara de desaparecer.

– Agora, a não ser pelas nossas lições, eu quero que você relaxe pelo resto da semana. Você não pode ajudar ninguém se não souber primeiro como ajudar a si mesma – a Fada Madrinha instruiu.

– Está bem – Alex concordou relutantemente. – Obrigada pela lição, vovó.

Ela a abraçou e saiu do Salão dos Sonhos. Não sabia o que fazer pelo restante do dia – já fazia um bom tempo desde que se permitira algum tempo livre.

Depois que a neta saiu, a Fada Madrinha fechou os olhos, e pequeninas lágrimas se formaram atrás de suas pálpebras. Nunca pensara que seria possível sentir tanto orgulho de alguém como sentia de Alex. Sabia que, um dia, Alex seria uma fada madrinha ainda melhor do que ela.

E infelizmente, devido a algumas mudanças que vinha sentindo dentro de si, a Fada Madrinha sabia que esse dia chegaria muito mais cedo do que qualquer uma delas gostaria...



CAPÍTULO 3

As Abraçadoras de Livros

Conner estava tendo um sonho bizarro. Ele saltitava através de campos alemães usando roupas típicas dos Alpes, de um verde vivo, balançando para a frente e para trás uma cesta de flores recém-colhidas e cantando iodelei a caminho de uma aldeia pitoresca. Tudo era tão tranquilo e feliz que ele não queria ir embora nunca mais. Mas, de repente, um alarme estridente soou – era um som familiar, que ele já tinha ouvido muitas vezes. Conner olhou para o céu e viu a raça alienígena malfazeja do programa de televisão a que assistira na noite anterior descendo sobre a aldeia para atacá-la!

O sonho chegou a um fim abrupto quando Conner se deu conta de que o som vinha do seu despertador. Sentou a mão no relógio um par de vezes além do necessário para desligá-lo. Estava tão cansado que nem se sentia vivo. Sentia como se a sua cabeça estivesse tomada por uma nuvem gigante que tornava difícil manter os olhos abertos.

Embora estivesse contente por ter conseguido passar algum tempo com Alex na noite anterior, ele lamentou seriamente a sua decisão de ficar acordado até tão tarde. Vestiu-se e arrastou Betsy escada abaixo, um degrau de cada vez. Bob e Charlotte o

aguardavam junto à porta da frente – os dois sempre foram *gente madrugadora*, uma raça que Conner nunca conseguiu entender.

– Pronto, campeão? – perguntou Bob, girando as chaves do carro na mão.

Conner grunhiu qualquer coisa que soou como um sim. Charlotte precisava estar cedo no hospital e já estava vestida para o trabalho. Ela passou os braços em volta do filho em um abraço apertado.

– Faça boas escolhas, Conner – disse. – Mas, mais importante, divirta-se!

– Mãe, eu não consigo ir para a Alemanha se você não me soltar!
– Conner bufou, espremido pelo abraço.

– Só preciso de mais um minutinho – disse Charlotte. – Você é o único filho que me restou para abraçar.

Após a mãe finalmente soltá-lo, Conner jogou a mala no banco de trás do carro de Bob, e eles deixaram a casa. Pararam em uma lanchonete *drive-in* para um café da manhã gorduroso, do tipo que nunca teriam podido comer se Charlotte estivesse com eles, e seguiram rumo ao aeroporto. Bob ficou relembrando alegremente as suas próprias aventuras na Europa enquanto dirigia. Conner interagiu meio dormindo, meio acordado – os sutis solavancos e as vibrações do carro insistiam em fazê-lo dormir. Por fim chegaram ao aeroporto, e Bob encostou no meio-fio.

– Antes de você descer, tem uma coisa que quero confiar a você
– Bob falou em um tom muito sério.

– Não é aquele papo de passarinhos e abelhas, é? – perguntou Conner, temendo o pior. – Porque eu já assisti a todos os vídeos sobre isso na escola.

– Hum, não... – disse Bob. Ele parou por um momento e se indagou se não deveria ter *aquela* conversa, mas então prosseguiu conforme planejado. – Eu tenho uma coisa para você, mas a sua mãe não sabe.

Bob enfiou a mão no bolso da frente e puxou um cartão de crédito. Ele o entregou a Conner, que ficou chocado ao ver CONNER JONATHAN BAILEY escrito no cartão.

– Isto... isto é o meu... meu... *meu nome* – disse Conner. – Você mandou fazer um *cartão de crédito* pra mim, Bob?!

– Mandei. A senha é o ano em que você nasceu. É apenas para emergências e só para esta viagem, entendido? Assim que você voltar em segurança, vou pegá-lo de volta. Sei que a sua mãe é contra esse tipo de coisa, mas eu acho que seguro morreu de velho... Então esse é o nosso segredinho, tá?

Conner concordou com a cabeça veementemente.

– Com certeza! Pouco a pouco, você está virando a minha pessoa favorita de todas, Bob! Muito obrigado!

Bob sorriu.

– Fico contente em ouvir isso. – Ele deu umas palmadinhas nas costas de Conner. – Você é minha família, Conner. Preciso garantir que ficará bem. Agora, vá viver uma aventura... Quero dizer, você sabe, uma aventura segundo os padrões normais. Se der, mantenha distância de feiticeiras más e evite falar com animais.

Conner avistou a sra. Peters próximo à entrada do terminal. Estava cercada por um grupo de quatro meninas da escola que também tinham acabado de chegar. Conner não estava ansioso por viajar com *aquelas* meninas.

– Não se preocupe – Conner assegurou a Bob. – A coisa mais assustadora dessa viagem está me esperando bem ali.

Conner deu um abraço em Bob e pegou Betsy no banco de trás. Ele acenou um adeus conforme Bob se afastava e se juntou à sra. Peters e ao grupo de meninas, na entrada. Todas as garotas pareciam tão cansadas quanto Conner. A sra. Peters, contudo, era exatamente a mesma de sempre, o que deu maior força à teoria de Conner de que ela era um robô.

– Bom dia, senhor Bailey – cumprimentou a sra. Peters, vivaz como sempre.

– Bom dia, senhora Peters. Bom dia, Mindy... Cindy... Lindy... Wendy.

Nenhuma das meninas respondeu, e Conner não esperava que o fizessem. Elas não haviam dirigido uma palavra sequer a ele desde o início do ano letivo. Na verdade, elas simplesmente o fulminavam de longe com o olhar – como se ele as tivesse humilhado publicamente no passado e nunca tivesse pedido desculpas. Conner não conseguia encontrar uma razão para elas agirem assim, mas nunca pensou muito no assunto. Sabia que as meninas tinham uma

tendência a ficar muito estranhas nessa idade – e aquelas quatro já eram algumas das meninas mais estranhas que ele conhecia.

Mindy, Cindy, Lindy e Wendy eram inseparáveis desde o primeiro grau, quando foram reunidas pela professora para um projeto de rimas. Juntas, elas formaram o Clube de Leitura da escola e passavam todos os momentos que podiam na biblioteca. Se não fossem tão excêntricas, lembrariam a Conner sua irmã.

Mindy era a mais baixinha, a mais estridente e a líder automeada do grupo; usava tranças todos os dias, como se fosse uma obrigação contratual. Cindy era a mais nova e até hoje contava, orgulhosa, que tinha pulado o jardim de infância; sua boca era tomada por aparelho ortodôntico, com metal suficiente para construir um satélite. Lindy era afro-americana, a menina mais alta da escola – mais alta do que todos os professores –; tinha uma postura um pouco encurvada, de tanto olhar para baixo para falar com as pessoas. Wendy, japonesa, era aflitivamente tímida e normalmente deixava as outras meninas falarem por ela; seu cabelo era muito escuro, e seus olhos, os maiores olhos que Conner já vira em um ser humano.

Ele sabia havia algum tempo que as quatro também viajariam, e isso quase o convencera a ficar em casa. Mas, por sorte, Bree iria junto, o que, de algum modo, fazia toda a viagem valer a pena.

– Estamos apenas aguardando a senhorita Campbell, então faremos o *check-in* – disse a sra. Peters, olhando para um lado e para o outro na calçada. – Você é o único menino na viagem, senhor Bailey. Tem certeza de que é capaz de lidar com isso?

– Ah, sim – disse Conner. – Estou acostumado com isso. Minha mãe e minha irmã sempre falavam sobre tudo quanto é tipo de coisa de menina na minha frente... normalmente, na hora do jantar, o que não era muito legal.

As meninas reviraram os olhos dramaticamente umas para as outras assim que Conner mencionou a irmã. Ele nem desconfiou do porquê.

– Aí vem a senhorita Campbell! – exclamou a sra. Peters.

Conner virou a cabeça bruscamente na direção para a qual a professora estava olhando e avistou Bree Campbell. As nuvens que

enchiam a sua cabeça dissiparam-se instantaneamente. Só de vê-la, Conner sentiu como se tivesse bebido cinco latas de energético.

Bree Campbell era diferente de qualquer outra menina que Conner já conheceria. Era sempre muito calma e legal, nunca levantava a voz para ninguém e parecia nunca deixar que qualquer coisa ou pessoa a afetasse. Seu cabelo era loiro, com luzes rosa e azuis na franja. Costumava usar braceletes e pulseiras às dúzias, um gorro roxo e, sempre que podia, tinha um fone de ouvido enfiado em uma orelha.

– Bom dia, senhorita Campbell – disse a sra. Peters.

– Bom dia a todos – disse Bree com um bocejo.

Até o *bocejo* dela era mais legal do que o dos outros, pensou Conner.

– Vamos entrar e fazer o *check-in* – instruiu a sra. Peters, e eles a seguiram com a bagagem. Um por um, mostraram seus passaportes, e a moça do balcão fez o *check-in*.

Conner estava logo atrás de Bree na fila. Ele não conseguia explicar a ansiedade que ela lhe causava. Estava ao mesmo tempo empolgado e intimidado por estar perto dela.

Ela é só uma menina, não é uma pítton, repetia em pensamento. *Fique tranquilo. Não tente ser engraçado. Apenas aja normalmente. E, quando voltar para casa, você vai ter que consultar um médico sobre isso.*

– Mindy, Cindy, Lindy e Wendy estão na fileira trinta e um, assentos A, B, C e D – disse a sra. Peters, passando às quatro garotas suas passagens. – Conner e Bree estão na fileira trinta e dois, assentos A e B.

O coração de Conner deu piruetas. *Vou sentar ao lado da Bree! Vou sentar ao lado da Bree! U-huuu!*, pensou. *Mas por que parece que recebi a melhor notícia da minha vida?*

Ele olhou de relance para a foto do passaporte de Bree – que, não surpreendentemente, era muito melhor que a dele –, e ela o flagrou. Conner teve de pensar depressa para não parecer o ser desprezível que era.

– A sua foto do passaporte é muito melhor que a minha. Tirei a minha no verão e fiz a besteira de perguntar se devia sorrir bem na hora em que tiraram.

Ele abriu seu passaporte para que ela pudesse dar uma olhada.

– Parece que você soltou um espirro e se assustou – disse Bree, inexpressiva. Não havia sinal de julgamento ou zombaria na sua voz. Foi uma descrição perfeitamente honesta.

– Gostaria de despachar a sua mala, cavalheiro? – perguntou a moça do balcão. Conner precisou de um segundo para perceber que ela estava falando com ele; ninguém nunca o chamara de *cavalheiro* antes.

– Oh, por favor! Pode pegar a Betsy! – disse Conner, entregando-a para ser identificada. A moça o olhou com estranheza ao notar que a mala tinha nome. – Quero dizer, pode pegar. Pegar *a mala*.

Betsy foi colocada na esteira rolante e se afastou lentamente de Conner. Da próxima vez em que a visse, já estariam na Alemanha. Conner e as meninas passaram pela segurança. O grupo embarcaria no avião em menos de uma hora.

A aeronave era imensa. Conner não conseguia imaginar como algo tão grande podia voar. Mesmo depois de testemunhar todas aquelas coisas mágicas na Terra de Histórias, isso era fascinante para ele. Eles seguiram pelo corredor e encontraram as suas poltronas. Conner engoliu em seco quando se deu conta do tempo que teria de passar numa área tão pequena.

– Onde é a sua poltrona, senhora Peters? – perguntou Mindy. Todos os assentos em volta deles iam sendo ocupados depressa.

– Vou ficar na primeira classe – disse a professora. – Mas não se preocupem; se algum de vocês precisar de mim, peça a uma das comissárias que me chame. Estarei na fileira um, assento A. Vai ser um longo voo, portanto acomodem-se.

Dito isso, a sra. Peters prontamente girou nos calcanhares e abriu caminho através dos passageiros que vinham na direção oposta. Conner se sentou na sua poltrona, junto à janela, e Bree se sentou ao seu lado. Ele ficou olhando para as costas da poltrona à frente; não tinha ideia de como começar uma conversa.

– Você vai ficar bem na janela? – Conner perguntou a Bree.

Bree pareceu confusa.

– Mas *você* está na janela – ela respondeu.

Conner teve vontade de bater a cabeça contra aquela janela estúpida – eles não tinham começado com o pé direito.

– Ah, é, o que eu ia perguntar é se você quer sentar na janela – disse ele. – Eu não me incomodo de trocar de lugar.

– Não, tudo bem – disse Bree. – Vou ler durante a maior parte do voo. – Ela mostrou a Conner sua sacola repleta de grossos livros de mistério. Bree se tornava mais legal a cada segundo.

– Beleza. Me avise se mudar de ideia – disse Conner, voltando a olhar fixamente para a poltrona da frente enquanto pensava em alguma outra coisa para dizer. – Então, a senhora Peters me contou que você também gosta de escrever.

– A-hã. – Bree balançou a cabeça. – Contos, principalmente. Li alguns dos seus quando fui assistente da senhorita York. São fofos. Me lembram os contos de fadas clássicos.

Conner não acreditou nos seus ouvidos.

– Você leu as *minhas* histórias?

– Sim. Gostei muito delas, especialmente a da árvore torta e do peixe que andava. São bem inteligentes.

– Obrigado – disse Conner, corando intensamente. Não só ela havia lido as histórias, como também *se lembrava* delas. – Elas se chamavam originalmente “A girafa curva” e “A rã voadora”, mas eu mudei os títulos para soarem mais... hum... realistas. Que tipo de história você escreve?

– Terminei agora uma chamada “O cemitério dos mortos-vivos” – disse Bree. – É um título bem autoexplicativo.

Conner fez que sim com a cabeça um pouco exageradamente demais para alguém normal.

– Parece bacana.

Ele se sentiu um idiota falando dos seus contos de fadas, sendo que ela escrevia sobre coisas como cemitérios e zumbis. Como iria convencê-la de que era legal se ela era, obviamente, a pessoa mais legal que já vivera?

– Eu já pensei em mudar de gênero literário – disse Conner. – Acho que seria legal escrever histórias mais sinistras, sobre coisas assim. Histórias com vampiros e lobisomens, mas nada de triângulos amorosos nem nada que...

– Ah, Conner, lembrei que eu tinha uma coisa para perguntar a você – Bree falou.

– Pergunte. Qualquer coisa.

– Você tem uma queda por mim ou coisa assim? – Bree perguntou à queima-roupa.

Conner teve certeza de que tudo no seu corpo ia paralisar completamente, a começar pelo cérebro. Sentiu as bochechas se enchendo de tanto sangue que ficou com medo de que a sua cabeça explodisse.

– O quê?! Não! É claro que não! Por que você pensaria isso? – retrucou como se ela tivesse perguntado se ele era um gnomo.

– Porque você fica vermelho e todo atrapalhado quando estou por perto – disse Bree. Ela não estava sendo acusatória nem maliciosa: estava simplesmente listando os fatos, calma como sempre.

Conner forçou uma risada que saiu alta demais para ser genuína.

– Ah, isso? Isso não é nada. É só a minha *alergia a sódio*. – Ele ficou tão surpreso por dizer isso quanto ela por ouvir.

– Alergia a sódio? Nunca ouvi falar de nada assim.

– É muito rara. Me faz ficar atrapalhado e vermelho sem razão aparente... Então, isso explica tudo o que...

Ele não sabia até onde iria com aquilo. Percebeu que ela não estava convencida.

– Desculpe, eu só achei que, já que vamos ficar sentados um ao lado do outro neste avião por metade do dia, seria bom perguntar – disse Bree.

– Ainda bem que você perguntou! Seria muito embaraçoso... simplesmente ficarmos sentados aqui... por horas e horas... um de nós tendo uma queda pelo outro... Ainda bem que não é o caso...

Conner quis morrer. Fantasizou que se arrastava para fora da janela e era sugado pela turbina do avião. Não conseguia decidir o que era mais mortificante: dar a impressão de que tinha uma queda por Bree ou o fato de que poderia haver alguma verdade na suspeita dela. Conner nunca tivera uma *queda* antes; ele não saberia se tivesse. Mas, após ser acusado de ter uma, lentamente começou a entender que aquele deveria ser o seu problema: *ele tinha uma queda por Bree!*

Olhou através da janela, horrorizado demais para olhar para qualquer outra coisa. O que deveria fazer, agora que fora diagnosticado com uma queda? Haveria uma pílula antiqueda que

ele pudesse tomar? Uma glândula no seu coração que pudesse ser removida? Era uma doença terminal?

Logo o avião afastou-se do portão e seguiu para a pista. Ele decolou com um solavanco, e Conner observou com assombro o aeroporto ficando cada vez menor lá embaixo.

– Que demais – Conner disse baixinho.

– Você já voou antes? – perguntou Bree.

– Não em um avião – Conner disse sem pensar.

Bree apertou os olhos.

– Então, voou no quê? Num tapete mágico?

Conner levou um tempo para se dar conta de que ela estava sendo sarcástica.

– Eu já voei... hum... *num balão*. Foi muito legal, mas nada comparado a isto. A tecnologia nos dias de hoje é quase como mágica.

– Arthur C. Clarke disse que mágica é apenas ciência que ainda não entendemos – citou Bree.

Conner sorriu.

– Nem sempre – o garoto disse consigo mesmo.

– Como?

– Ah, nada. Bela citação.

Bree estreitou os olhos e o encarou, desconfiada.

– Onde foi que você voou num balão? – perguntou ela.

– É uma longa história. – Conner deu de ombros. – Foi com a minha irmã, no... hã... *estado* da minha avó. Mas esta é a minha primeira vez em um avião.

– Parece que você está tendo todos os tipos de *primeiras vezes* – disse Bree, com um sorriso muito peculiar. Então, para sorte de Conner, antes que ele pudesse entrar em pânico ou dizer outra coisa embaraçosa, ela enfiou um fone no outro ouvido e começou a ler um dos seus livros.

Se aquilo era só o começo da viagem, ele não queria nem pensar no que iria acontecer no resto dela. Conner queria sair do seu corpo, ao passo que Bree não parecia nem um pouco afetada pela conversa dos dois. Ela seguiu virando as páginas de seu livro de crime e mistério, completamente absorta em cada palavra.

Depois de mais ou menos uma hora de voo, Conner levantou-se para ir ao banheiro. Quando saiu do cubículo do tamanho de uma caixa de sapatos, foi abordado por Mindy, Cindy, Lindy e Wendy, que se plantaram bem na sua frente, bloqueando o caminho de volta para o seu lugar.

– Posso ajudá-las? – perguntou Conner.

– Precisamos falar com você – disse Mindy. Todas elas fecharam a cara para ele com os mesmos olhos sérios. Pareciam um bando de gatos famintos.

– *Aqui?* Na frente do banheiro de um avião em pleno voo?

As meninas assentiram.

– Nós decidimos que seria o melhor lugar para falar com você em particular – disse Cindy. – E para você não escapar.

Com o olhar, Conner procurou ajuda, mas a comissária mais próxima estava servindo bebidas do outro lado da cabine.

– Vocês planejaram esta emboscada? – perguntou Conner.

Wendy assentiu.

– Desde o fim do último ano letivo – disse Lindy.

– Tudo bem – Conner falou. – Então, qual é?

As meninas se entreolharam, ávidas por finalmente conseguirem interrogá-lo.

– Como está a Alex, Conner? – disse Lindy. Ela cruzou os braços. Sua sobrelanceira esquerda subiu tanto que quase tocou o teto.

– Ela está ótima. Está estudando e morando com a minha avó em Vermont. Por que a pergunta?

Mindy jogou as mãos para cima.

– *Vermont! Vermont*, ele diz! – ela declarou como se Conner tivesse dito que a irmã estava em Marte. – Você tem alguma prova? Uma foto? Um cartão-postal com a letra de Alex, quem sabe?

– Vocês acham que eu estou mentindo? – Conner perguntou. Estava começando a ficar com medo de que elas soubessem de algo. Quanto será que sabiam?

Cindy deu um passo mais para perto dele e o olhou diretamente nos olhos.

– Nós praticamente vivemos na biblioteca e, no ano passado, vimos algumas *coisas*... algumas *coisas questionáveis* – falou Lindy.

– Tipo o quê? – Conner perguntou.

– Bem, para começar, Alex costumava ir à biblioteca todos os dias na hora do almoço – disse Mindy. – E, todos os dias, ela ia para os fundos e tirava *um* livro da prateleira.

– Ela abraçava o livro e sussurrava palavras românticas na lombada dele! – Lindy continuou.

– Por que ela faria isso, Conner? A sua irmã era a menina mais inteligente da escola. Não seria do feitio dela ficar falando com objetos inanimados, você não acha? – indagou Cindy.

Wendy cerrou os olhos e balançou a cabeça.

– Então, vocês me encurralaram dentro de um avião porque a minha irmã abraçou um livro? – Conner perguntou, numa tentativa de fazê-las parecer malucas.

– Nós achamos que ela estava *falando com alguém*! – disse Mindy. – Ela costumava dizer coisas como: “Por favor, me leve embora!” e “Eu quero voltar!”.

– Então, tudo o que ficamos sabendo pouco tempo depois é que Alex se foi! – falou Lindy.

– Se foi para *Vermont*. Pelo menos, é o que você diz – disse Cindy.

Conner tentou fazer uma cara tão inexpressiva quanto possível. Não queria dar a elas nenhum sinal de que suas suspeitas eram remotamente válidas.

– Vocês são malucas. O que estão insinuando? Acham que Alex fugiu?

Mindy fechou os dois punhos de frustração.

– Não sei se ela fugiu, se está trabalhando para o governo, se foi abduzida por alienígenas ou outra coisa que o valha! – disse ela energicamente. – Tudo o que sei é que algo não está certo e que você sabe a verdade! E, ainda que não nos conte o que está acontecendo, nós vamos descobrir!

– Porque é isso que as Abraçadoras de Livros fazem – falou Lindy. – Nós lemos entre as *mentiras* e chegamos ao fundo das coisas.

– As *Abraçadoras de Livros*? – perguntou Conner.

– Foi assim que rebatizamos o Clube de Leitura – disse Cindy. – Em homenagem a Alex... onde quer que ela esteja.

Por mais perto que estivessem de descobrir a verdade, elas ainda eram as pessoas mais desagradáveis com que Conner já lidara, e isso o impediu de dar com a língua nos dentes sobre qualquer segredo da sua família.

– Acho que vocês andam lendo demais, garotas – disse ele, forçando passagem entre elas e voltando para o seu lugar. Pôde sentir os olhares frios nas costas enquanto caminhava.

Ao se sentar, Conner notou que Bree não estava olhando tão atentamente para o seu livro como antes e que tinha tirado um dos fones. Teria testemunhado o interrogatório das Abraçadoras de Livros?

– Então, sua irmã está morando em Vermont? – Bree perguntou.

– Sim, com a minha avó – disse Conner. Era muito mais difícil se esquivar das perguntas de Bree. Ele sentiu vontade de lhe contar a verdade sobre a irmã. E sobre tudo o mais que ela quisesse saber.

– Vermont é bem longe.

– É. Mas nós nos falamos bastante por telefone.

– Então, foi lá que você voou de balão, certo? – Bree começou o seu próprio interrogatório.

– Hum... Sim, por quê?

– Só curiosidade – disse Bree, inexpressiva. – Então, se você nunca voou antes, como foi até Vermont?

Bree enxergava a incerteza no seu rosto, Conner sabia.

– Trem? – ele sussurrou.

Um sorriso astuto se espalhou pelo rosto dela.

– Interessante... – disse Bree. – Agora entendo a desconfiança delas.

Bree não estava mais olhando para ele como o menino que talvez tivesse uma queda por ela; olhava do mesmo modo como olhava para os seus livros: ele era o mistério no qual ela estava interessada agora.

Ela colocou o fone no ouvido novamente e voltou ao seu livro, de vez em quando olhando de esguelha para Conner. Ele se ajeitou tão confortavelmente quanto conseguiu na sua apertada poltrona. O seu primeiro voo de avião seria também o mais longo da sua vida.



CAPÍTULO 4

Um casamento na floresta

Alex passou a tarde seguinte no grande balcão do Palácio das Fadas. Encostada na balaustrada, ficou admirando o lindo espetáculo que se desenrolava ao seu redor. Para qualquer lugar que olhasse, via fadas de todos os tipos e tamanhos preparando o palácio e os jardins para o Baile Inaugural. Cada flor desabrochava um pouco mais deslumbrante, cada lagoa ondulava um pouco mais translúcida, e o canto de cada passarinho era um pouco mais alegre. O reino inteiro vibrava de empolgação com o baile... exceto Alex.

Um ano antes, ela não queria nada além de viver com a avó na Terra de Histórias. A simples ideia de aprender magia e se tornar uma fada parecia muito distante, mas ali estava ela, a poucos dias de ser apresentada à sociedade como um novo membro do Conselho das Fadas. Era mais do que poderia ter desejado, mais do que poderia ter pensado ser possível e, talvez, mais do que seria capaz de lidar.

Ao derrotar Ezmia, a feiticeira má, Alex provara ser capaz de liderar o mundo dos contos de fadas – mas talvez ainda não tivesse provado isso *a si mesma*.

Uma grande sombra eclipsou o balcão. Alex olhou para o céu e viu Mamãe Ganso e Lester descendo.

– *Ei, garota! Tenho uma coisa pra contar!* – Mamãe Ganso gritou.

Lester pousou no balcão, Mamãe Ganso desmontou e juntou-se a Alex na balaustrada.

– O que é isso? – perguntou Alex. Ela olhou para um suspeito saco de moedas de ouro que Mamãe Ganso segurava com força.

Mamãe Ganso olhou para os lados cautelosamente, para se certificar de que não havia ninguém ouvindo, e disparou:

– Não conte a ninguém que ouviu isso de mim, mas eu acabei de cruzar com uns amigos seus na Floresta dos Anões.

– O que você estava fazendo na Floresta dos Anões?

– Estava jogando o meu carteadado semanal com alguns parceiros de jogatina, mas não é essa a questão. – Mamãe Ganso segurou o saco de moedas com mais força. – Eu dei de cara com João e Cachinhos Dourados. Eles tinham notícias muito empolgantes para compartilhar comigo e queriam que eu as transmitisse a você.

– Que notícias? – perguntou Alex, ansiosa. A última vez em que vira João e Cachinhos Dourados tinha sido na noite em que Bob se declarara à sua mãe, no Palácio Encantado. Ela sempre se perguntava que tipo de travessuras os dois andavam aprontando desde então.

– Aparentemente, eles vão *se casar!* – disse Mamãe Ganso.

– Que notícia incrível! – Alex bateu palmas alegremente.

– Pelo que entendi, João propôs a ela no meio de um combate contra um bando de soldados do Reino do Canto. Ele sabia que aquilo faria Cachinhos Dourados ter uma síncope.

– Quando eles vão se casar?

– *Esta noite!* Logo antes do entardecer, na Floresta dos Anões! Você acha que eles convidaram de última hora? Sim ou com certeza? Eles decidiram que seria melhor fazer isso com o mínimo possível de aviso prévio. Você sabe como fugitivos são cautelosos quanto a seu paradeiro. Eles me pediram para celebrar a cerimônia e transmitir o convite a você.

– Bem, é *realmente* de última hora, mas eu não perderia isso por nada no mundo! – Alex ficou subitamente feliz com o fato de a avó

tê-la obrigado a descansar naquela semana. – Mas em que lugar da Floresta dos Anões?

– Eles me disseram para encontrá-los na clareira ao sul das minas dos anões – disse Mamãe Ganso com um encolher de ombros e uma revirada de olhos. – Não sei por que querem realizar o casamento lá. Todos os pântanos já estavam reservados, talvez? De qualquer jeito, a lista de convidados é muito exclusiva; poucas pessoas estão sabendo, portanto boca de siri, especialmente por estas bandas. Você sabe que essas fadas gostam de apontar o dedo quando alguma de nós tenta se divertir um pouquinho.

– Que emocionante! Mal posso esperar. Acho que um casamento é exatamente do que preciso para me distrair dessa história de Baile Inaugural.

– Nem me fale. Espero ainda ser boa nisso. A última vez em que realizei uma cerimônia de casamento, o Gato de Botas bebeu todo o meu champanhe e começou a tocar violino, uma vaca convenceu todo mundo de que era capaz de pular por cima da lua, e um prato encantado fugiu com uma colher. Você sabe que uma festa é boa quando até a louça fica um pouquinho saidinha... Mas conto mais sobre isso alguma outra hora.

Mamãe Ganso pulou sobre Lester, pegou as rédeas, e os dois voaram de volta para o céu.

Alex estava contente por ter algo em que pensar além do Baile Inaugural. Ela deixou o Palácio das Fadas uma hora ou duas antes do pôr do sol para encontrar Cornelius; assim, teriam tempo suficiente para viajar até as minas dos anões. Porém, no campo logo além dos jardins, uma distração ainda maior a aguardava.

– Olá – disse uma voz aveludada. Alex se deteve de supetão. Do outro lado do campo, à beira do riacho, ela avistou Cornelius deitado de costas e o filho do Lavrador Robins esfregando a barriga do unicórnio, como se este fosse um gatinho.

– O que você está fazendo aqui? – Alex perguntou, pondo a mão na varinha. Não estava certa das intenções dele.

– Espero que você não se importe com a intromissão – disse o filho do lavrador, caminhando mais para perto dela.

A verdade era que Alex não se importava nem um pouco, mas não queria que ele percebesse isso.

– Como você me encontrou?

– Eu não encontrei você, encontrei o seu unicórnio. Não foi difícil reconhecê-lo. E imaginei que, se o encontrasse, acabaria vendo você outra vez.

Alex precisou avaliar a situação de dois pontos de vista diferentes. Primeiro, como fada, ela deduziu que o menino que ajudara recentemente estava precisando de sua ajuda de novo. Segundo, como uma menina de catorze anos, corou ao ouvir que um menino atraente queria vê-la.

– Bem, aqui estou. Como posso ajudá-lo? – disse Alex, já recomposta.

– Eu não preciso de ajuda – disse o filho do camponês. – Só queria lhe agradecer pelo que fez na nossa fazenda. Meu pai detesta fadas, especialmente quando nos ajudam, mas eu sei que, lá no fundo, ele também está agradecido.

Alex concordou com a cabeça.

– Não há de quê... Espere, qual é o seu nome?

– Meu nome é Rook. Rook Robins.

– É um prazer conhecê-lo, Rook. E você não precisa me agradecer. Ajudar pessoas é o que fazemos melhor. Agora, se me dá licença, Cornelius e eu temos um compromisso...

– Espere – Rook se colocou entre ela e Cornelius. – Antes de você ir, há uma coisa que eu gostaria de perguntar.

– O que é?

Rook olhou para os próprios pés e chutou uma pedra que estava perto.

– A verdade é que você é *diferente* de qualquer outra fada que já conheci. Você não é toda cintilações e borbulhas e não tem medo de sujar as mãos. Eu realmente gosto de você e ando pensando em você um bocado desde que a vi na fazenda.

Alex sentiu o coração bater um pouco mais depressa, mas o ignorou; não queria se iludir. Aonde Rook queria chegar com aquilo?

– Você pode dizer *não* – ele continuou –, e eu vou entender, mas estava me perguntando... Será que você gostaria de dar uma volta comigo algum dia desses? – Rook estava com medo de fazer a pergunta e aterrorizado de ouvir a resposta.

Alex parou completamente: parou de respirar, parou de pensar, teve certeza de que seu coração tinha parado de bater. Ela se esqueceu de tudo o que tinha na cabeça – o Baile Inaugural de Fada, o casamento de João e Cachinhos Dourados, o próprio nome, quem ela era, onde estava e tudo o mais que importava. Só pensava no menino atraente à sua frente, seus cabelos descuidados, seus olhos castanho-claros e como ele queria dar uma volta com ela.

A cada segundo que Alex permanecia calada, a expressão de Rook ficava um pouco mais desapontada.

– Tudo bem, eu entendo – disse Rook. – Você é uma fada, e eu sou apenas o filho de um camponês. Eu devia ter pensado melhor antes de perguntar.

Ele se virou e começou a ir embora, resmungando consigo mesmo quanto era estúpido.

– Não, espere! – Alex quase não conseguiu recobrar o controle sobre os sentidos antes que fosse tarde demais. – Eu adoraria dar uma volta com você algum dia desses.

Rook virou o corpo inteiro na direção dela.

– Você *adoraria*? – disse com um sorriso pateta. – Bem, isso é... isso é... *esplêndido*!

Os dois permaneceram em silêncio por um momento, com um sorriso aturdido no rosto.

– Quando você está livre? – perguntou Rook.

– Amanhã ao anoitecer está bom? Mesmo lugar, mesma hora?

– Seria maravilhoso. Nos encontramos neste mesmo campo, amanhã.

– Aguardarei ansiosamente.

– Aproveite o resto do seu dia... Calma, como é o *seu* nome?

– Meu nome é Alex. Alex Bailey.

Rook sorria de orelha a orelha.

– Então eu a vejo amanhã, *Alex*. – Ele partiu com passos confiantes.

Alex finalmente entendeu o que as pessoas queriam dizer com sentir borboletas no estômago. Uma sensação de inquietude tomou conta do seu corpo inteiro, como se mil borboletas voassem dentro dela. Um sorriso enorme surgiu em seu rosto.

Cornelius pôs-se em pé e se aproximou de Alex. Ele soltou uma baforada no rosto dela e mostrou os dentes num sorriso galanteador.

– Ah, pare com isso, Cornelius! Somos apenas duas pessoas que decidiram dar uma volta, só isso. Nada além disso.

Cornelius relinchou; Alex não estava enganando ninguém, muito menos a si mesma. Aquilo era muito maior do que ela queria admitir.

– Ai, meu Deus, o casamento! É melhor irmos andando, ou iremos nos atrasar! É uma loucura como o tempo passa depressa quando a gente está...

Cornelius piscou e suspirou, provocando-a.

– Não! Quando a gente está *atrasada* – Alex completou.

Alex montou no lombo de Cornelius, e os dois seguiram para oeste, rumo à Floresta dos Anões; no horizonte, o sol começava a cair. O passo magicamente acelerado de Cornelius fez a viagem passar depressa, e os pensamentos que fervilhavam na cabeça de Alex tornaram o percurso ainda mais breve.

Depois de todas as adversidades pelas quais ela e o irmão passaram em sua jovem vida, Alex, até aquele momento, nunca tivera espaço na cabeça para pensar em *meninos*. Ela sempre imaginara que, *um dia*, encontraria alguém e se apaixonaria, mas, conforme ficava mais velha, nunca lhe ocorrera que aquele *um dia* talvez estivesse se aproximando. Agora, não podia deixar de se perguntar se aquele momento não havia chegado.

Estaria Alex no começo da sua própria clássica história de amor ou somente entrando na vida adulta? Estaria prestes a vivenciar seu primeiro romance ou um simples caso de paixonite adolescente? *Queria* Alex se envolver com alguém tão cedo na vida? Ou deveria dedicar toda a sua energia ao treinamento de fada?

Ela não podia acreditar no tanto de euforia e mistério que um garoto trouxera à sua vida de maneira tão repentina. Seria cedo demais para dizer que estava gostando dessa emoção recém-descoberta? Ela levaria a mais vivências estimulantes? Poderia Rook Robins ser o amor da sua vida, ou haveria outros no futuro? E, se outros viessem, isso significava que Rook partiria seu coração?

Alex sabia que ela, dentre todas as pessoas, precisava se proteger. Havia trabalhado duro demais para deixar que um garoto

bobo arruinasse tudo o que havia conquistado. Não podia deixar que ele a magoasse, que a distraísse dos seus objetivos, e – mais importante –, se as coisas saíssem dos trilhos, não podia permitir que ele a transformasse em algo ou em alguém que ela não era: não podia permitir que nada a transformasse em *Ezmia*.

Desde que ele rodopiara a sua cabeça em tantas direções com um simples convite para um passeio, ela se deu conta de quão profundamente uma experiência ruim poderia afetá-la. Quanto mais puro for um coração, mais fácil será marcá-lo com cicatrizes, e o coração de Alex era tão puro quanto um coração pode ser.

– *Alex, controle-se* – ela sussurrou. – *Só porque você é uma menina de catorze anos, não significa que precise pensar como uma. Ele só propôs um passeio, não casamento.*

Felizmente, antes que ela pudesse exagerar na análise da situação, Alex e Cornelius atravessaram a fronteira da Floresta dos Anões. Não importava quão mais velha ou mais poderosa Alex se tornasse, a mata cerrada da floresta lhe dava arrepios. Aquelas matas eram o cenário de algumas das suas lembranças mais terríveis e o lar de algumas das piores criaturas da Terra de Histórias.

Ela guiou Cornelius por um dos únicos caminhos pavimentados do território e seguiu uma placa que apontava na direção das minas dos anões. Pouco antes de chegar às minas, Alex avistou uma espaçosa clareira, que fora preparada para ser uma espécie de capela ao ar livre. Duas dúzias de troncos tinham sido posicionadas como bancos, e, na frente, uma grande pedra fazia as vezes de púlpito.

– Vá procurar um pouco de grama pra comer, Cornelius – disse Alex ao desmontar do unicórnio. – Eu o encontro assim que o casamento terminar. Mas não se afaste muito; esta floresta não é exatamente amigável com unicórnios.

Cornelius trotou para o outro lado da clareira enquanto Alex escolhia um lugar para sentar. Ela estava entre os primeiros convidados a chegar.

Um homem com um bigode grosso de pontas enroladas e uma pesada capa preta estava sentado perto do púlpito. Uma bruxa sem o braço esquerdo e sem a maior parte dos dentes se achava bem no

fundo, acompanhada por um pequeno troll de pele cinzenta e grandes chifres.

Sentada no centro da capela improvisada, encontrava-se uma mulher que Alex teria reconhecido em qualquer multidão. Estava sozinha e vestia um grande e felpudo casaco vermelho que cobria a maior parte do seu corpo. Um minúsculo chapéu vermelho com uma pena se equilibrava precariamente no topo do seu estilíssimo penteado loiro. Ela ainda usava um par de óculos redondos com lentes vermelhas, numa tentativa de ocultar sua identidade. A mulher olhava fixamente para as pessoas e as criaturas ao redor, aflita por estar na presença delas.

– Chapeuzinho, é tão bom ver você! – disse Alex, sentando-se ao lado da rainha disfarçada. – Eu não esperava vê-la aqui...

– *Shhhhh!* – Chapeuzinho falou, com o indicador pressionado contra a boca – Fale baixo. Não quero que ninguém saiba que sou eu.

Alex a fitou como se ela tivesse feito uma piada.

– Você está tentando se esconder com *estas* roupas?

– Bem, eu não sabia qual era a indumentária apropriada para um casamento de fugitivos na floresta. – Chapeuzinho escondeu ainda mais o rosto dentro do casaco. – Eu não estaria aqui se Charlie não tivesse me convencido a vir. Olhe só para esses personagens à nossa volta! Onde João e Cachinhos Dourados conheceram essa gente, no pesadelo de uma criança?

– E onde está Froggy? – perguntou Alex. Ela não avistara o outrora amaldiçoado amigo em lugar nenhum.

– Está com João em algum lugar na mata, esperando o casamento começar. Ele é o padrinho de João.

– Ah, que fofo! E quem é a dama de honra de Cachinhos Dourados?

Chapeuzinho bufou, sem se importar que os outros convidados ouvissem. Claramente, aquele era um assunto desagradável para ela.

– A égua.

Alex teve de morder o lábio para não rir.

– Suponho que isso faça sentido – falou Alex. – Ela e Mingau passaram por muita coisa juntas. Vocês duas, por outro lado, sempre tiveram uma... Como posso dizer?... Uma relação instável.

– Sim, sempre foi muito toma lá, dá cá: eu *dou*, e ela *toma*. Mas nós fizemos as pazes quando ela me devolveu o colar de diamantes que tinha roubado. Ela achava que era uma piada, eu achava que era um ato passível de pena de morte, e blá-blá-blá... Mas nos reconciliamos, e cá estou eu.

– É uma ótima notícia.

– E você, querida, como está? Como está a sua avó e todo mundo no Reino das Fadas? Cintilantes como sempre, imagino.

Alex soltou um longo suspiro.

– Todo mundo está se aprontando para o grande Baile Inaugural de Fada. Depois disso, eu oficialmente farei parte do Conselho das Fadas e da Assembleia dos Felizes para Sempre. – Alex hesitou antes de mencionar o outro assunto importante que tinha em mente, mas então concluiu que não havia muitas pessoas em sua vida com as quais pudesse falar a respeito. – E eu meio que conheci *um menino*.

Chapeuzinho olhou com espanto para Alex e arrancou os óculos. Seus grandes olhos azuis ficaram ainda maiores, e um sorriso torto tomou conta de seu rosto.

– Um *menino*! – ela falou alto. O tópico era tão obviamente empolgante que Chapeuzinho já não estava nem aí para o disfarce. – Conte-me tudo! Onde vocês se conheceram? Quantos anos ele tem? Altura? Classe? Raça? Espécie?

Alex teve dificuldade para se lembrar de todas as perguntas.

– Ele é filho de um camponês do Reino do Leste. É mais velho e mais alto do que eu. E, até onde sei, é humano.

– Por enquanto – disse Chapeuzinho. – Acredite em mim: envolver-se com alguém que foi amaldiçoado a viver ora como uma criatura grotesca ora como uma pessoa normal pode ser estressante. Mas ele me soa muito promissor! Adoro um bom homem da classe trabalhadora. Qual é o nome dele?

– Rook Robins – disse Alex, sorrindo à simples menção do nome dele.

– Já vi que você realmente gosta desse rapaz – disse Chapeuzinho com uma sobrancelha erguida.

Alex suspirou e voltou a sentir borboletas no estômago.

– Não sei se estou preparada para tudo isso – confidenciou. – Tem tanta coisa na minha cabeça ultimamente, não estou certa de

que seja um bom momento para acrescentar um menino à lista. Tenho medo de isso virar algo verdadeiramente especial ou realmente horrível e, para ser honesta, não sei o que seria pior.

– Oh, Alex, você precisa relaxar e curtir o momento – disse Chapeuzinho. – Só se tem um primeiro amor uma vez na vida. Qual é a pior coisa que poderia acontecer?

– Eu poderia ter o coração partido e manifestar a minha agressividade escravizando o mundo, como fez a Feiticeira – disse Alex objetivamente.

– Um pouquinho radical, não? Mas você não é nada parecida com ela, não tem com o que se preocupar.

– Quem pode garantir isso? É a primeira vez que uma coisa dessas me acontece. Se eu não estiver preparada, posso ficar marcada para o resto da vida!

Chapeuzinho pôs a mão no ombro dela e sorriu calorosamente.

– O primeiro corte é sempre o mais profundo, mas nem todos os cortes deixam cicatriz – disse. – Se você passar a vida inteira preocupada em não se machucar, nunca viverá de verdade. Acredite, você não vai querer evitar as coisas boas apenas para se proteger das ruins. Sair com um garoto fofo que gosta de você não vai machucá-la.

– Obrigada, Chapeuzinho, isso foi muito profundo – disse Alex, um pouco surpresa por Chapeuzinho ter tanto conhecimento do assunto.

– Bem, se existe uma coisa da qual eu entendo muito é de primeiros amores. Se bem que, quando tinha catorze anos, arruinei duas vidas tentando ficar com o menino que amava, então não estou tão certa de quão bons são os meus conselhos. Existe uma linha tênue entre *paixão* e *insanidade*, e eu atravessei essa linha muitas vezes. Mas, olhando para trás, se não tivesse vivenciado todas aquelas coisas horríveis, eu nunca teria conhecido Charlie. Então, no final das contas, tudo valeu a pena.

Elas sorriram uma para a outra. Chapeuzinho era, provavelmente, a coisa mais parecida com uma irmã mais velha que Alex jamais teria. A rainha passara anos da sua vida correndo atrás de um menino que nunca poderia ter e, ainda assim, cá estava ela hoje, celebrando alegremente o casamento dele com outra mulher.

Ela percorrera um longo caminho. Se Chapeuzinho fora capaz de superar um coração partido, Alex achou que também seria.

– Então, quando você o verá outra vez? – perguntou Chapeuzinho.

– Amanhã, ao anoitecer. Vamos dar uma volta.

– Que adorável! Eu sempre me perguntei o que as pessoas pobres fazem nos seus primeiros encontros – disse Chapeuzinho. – Insisto que você passe no meu castelo antes de encontrá-lo. Podemos conversar sobre rapazes, e eu a ajudarei a escolher o que vestir.

– Tem certeza? Você não está ocupada demais sendo a rainha do seu próprio reino e coisa e tal?

– Não, eu ficaria encantada. Só tenho uma reuniãozinha boba na Casa do Progresso, mas você pode ir comigo, e a gente conversa durante as partes chatas.

– O que é a Casa do Progresso? – perguntou Alex. Certamente, ela tinha entendido errado.

– Eu não contei? É como aquele lugar no seu mundo sobre o qual você me falou. Aquele com todos os representantes, sabe?

– Congresso? – perguntou Alex.

– Sim, esse mesmo! – disse Chapeuzinho alegremente. – Eu decidi copiar! Tenho um representante de cada comunidade do Reino da Chapeuzinho Vermelho para me ajudar a tomar as decisões. Assim, cada decisão é bem equilibrada e harmoniosa, e eu não corro o risco de ser a única culpada por qualquer coisa que dê errado. Mas “congresso” soa tão deprimente e frio! Eu queria que a minha casa de representantes soasse promissora e edificante. Achei que “Casa do Progresso da Rainha Chapeuzinho Vermelho” seria muito melhor.

As árvores ao redor farfalharam. Pessoas se aproximavam da clareira vindas de diferentes partes da floresta.

– Parece que o casamento já vai começar – disse Alex.

No momento preciso em que o sol começou a se pôr no horizonte, o restante dos convidados emergiu da mata. Cada um mais sombrio que o outro. Um ogro coberto de verrugas amarelas sentou-se na frente. Uma mulher com olhos vermelho-vivos conhecia a bruxa que estava no fundo da clareira e se sentou ao lado dela. Um anão todo enrugado conduziu um anão cego que usava

dois tapa-olhos até um lugar perto de Alex e Chapeuzinho. Um casal de duendes com pele verde e escamosa sentou-se na frente delas.

Uma mulher coberta por um manto marrom-avermelhado também se sentou perto de Alex e Chapeuzinho. A única parte exposta do seu corpo eram os bonitos olhos verdes. Ela parecia bastante amigável, porém, como Chapeuzinho, Alex não queria se expor demais naquele ambiente.

Tentando combater a ansiedade que os recém-chegados lhe causavam, Chapeuzinho olhou para o céu e respirou fundo várias vezes. Um barulho muito alto fez Alex pular: era Mamãe Ganso mergulhando do céu, nas costas de Lester. Eles pousaram na parte da frente da clareira, e Mamãe Ganso assumiu o seu lugar atrás do púlpito. Ela bebeu um grande trago de uma garrafa térmica que levava escondida no chapéu e pigarreou antes de começar a cerimônia:

– Olá, senhoras, senhores e seja lá o que for o resto de vocês. Sabemos que muitos aqui estão com pressa por serem foragidos da lei, ou porque já tentaram comer ou matar alguns dos presentes; portanto, para evitar qualquer desconforto, esta celebração será o mais curta e agradável possível. Que comece o casamento!

A multidão ovacionou – uma interessante combinação de ululos, uivos e rosnados. João e Charlie, o homem para sempre conhecido como Froggy pelos gêmeos, surgiram dentre as árvores atrás do púlpito. Com elegantes camisas sociais, ambos estavam bonitos e charmosos como sempre. João parecia tão ansioso quanto Chapeuzinho por estar naquele lugar, mas de um jeito bom.

Um série de batidinhas veio da parte de trás da clareira; Alex se virou e viu um potrinho branco e marrom percorrendo o corredor. Ele carregava uma cesta de pétalas de rosas na boca e respirava muito pesadamente, soprando as pétalas para fora da cesta e espalhando-as pelo chão a cada expiração.

– *Que gracinha! Quem é ele?* – Alex sussurrou para Chapeuzinho.

– *É o filho mais novo de Mingau* – Chapeuzinho sussurrou de volta. – Eles o chamam de Aveia.

Não muito tempo depois que Aveia chegou à frente da clareira, sua mãe cor de creme trotou pelo corredor com um buquê de

margaridas na boca. Assim que se juntou ao filho e aos outros no púlpito, ela rapidamente mascou as flores e as engoliu.

– Todos os que ainda têm pernas levantem-se para receber a noiva, por favor – pediu Mamãe Ganso.

Os convidados puseram-se em pé e voltaram-se para os fundos da clareira. Chapeuzinho permaneceu sentada até que Alex a puxou para cima.

No alto das árvores, um bando de pardais empoleirados começou a cantar uma linda balada quando Cachinhos Dourados apareceu. Ela estava deslumbrante. Usava um simples mas elegante vestido branco com rendas e uma longa cauda. Estava descalça, e seus cachos dourados se derramavam até a cintura. Flores do campo se enrolavam em torno do cabo da sua espada, que ela carregou ao longo do corredor como um buquê. Linda e letal, exatamente como Cachinhos.

A despeito dos convidados grotescos, ninguém podia negar que a cerimônia afinal se tornara muito bonita. Cachinhos Dourados chegou ao púlpito, e ela e João encararam Mamãe Ganso com lágrimas de alegria nos olhos.

– Bem, vocês já podem sentar! – Mamãe Ganso ordenou à multidão. Todos obedeceram, e ela continuou: – Quatro vintenas e sete anos atrás, nossos pais fundaram...^[1] *Epa! Discurso errado! Desculpem.* Queridos convidados, damas e cavalheiros, estamos hoje reunidos *Deus sabe onde* para celebrar a união destes dois fugitivos. – Mamãe Ganso encarou João. – João, você aceita Cachinhos Dourados, uma mulher acusada de incontáveis pilhagens, arrombamentos e fugas...

– *Não esqueça de tentativa de homicídio!* – gritou da plateia Chapeuzinho.

– Eu não ia esquecer – disse Mamãe Ganso. – *E tentativa de homicídio, para ser a sua legítima esposa fora da lei, na doença e na saúde, na detenção e na prisão, até que a morte os separe?*

Não havia dúvidas na cabeça de João.

– Aceito – disse ele com o maior sorriso já visto no seu rosto.

Mamãe Ganso voltou-se para Cachinhos Dourados.

– Cachinhos Dourados, você aceita este homem, um herói nacional cuja reputação você, sozinha, arruinou, para ser o seu

legítimo marido fora da lei, na doença e na saúde, na detenção e na prisão, até que a morte os separe?

Cachinhos Dourados nunca parecera tão feliz.

– Aceito.

– Bem, nesse caso, vamos acabar logo com isso! – exclamou Mamãe Ganso. – Com a autoridade semiconferida a mim pela Assembleia dos Felizes para Sempre, eu os declaro marido e mulher! Você pode beijar a...

Antes que ela terminasse de falar, João e Cachinhos Dourados travaram os lábios, e a turba de convidados aplaudiu loucamente. Terminado o beijo, os dois montaram em Mingau e galoparam pelo corredor em direção ao pôr do sol, com Aveia logo atrás.

Mamãe Ganso estalou os dedos, e uma placa apareceu magicamente nas costas de Mingau. Nela, estava escrito:

RECÉM-CASADOS

De algum modo, o casamento fez com que todos os medos e dúvidas de Alex com relação a sair com Rook se esvaíssem. Ela queria um dia ser tão feliz quanto João e Cachinhos Dourados, e não importava quantos obstáculos emocionais tivesse que enfrentar para conseguir isso.

– Muito bem, agora deem o fora daqui antes que eu seja vista com vocês – disse Mamãe Ganso. – E você, ogro aí no fundo, ainda me deve dezessete moedas de ouro do nosso jogo de cartas da semana passada! Eu não esqueci!

Todos os convidados desapareceram na floresta tão rápido quanto tinham aparecido. Froggy juntou-se a Alex e Chapeuzinho no centro da clareira e deu um enorme abraço em Alex.

– Alex! É sempre maravilhoso vê-la! – disse ele. – Um casamento adorável, você não achou?

– Foi lindo – disse Alex. – Você não concorda, Chapeuzinho?

Chapeuzinho não respondeu. Seus braços estavam cruzados, e ela franzia a testa na direção em que João e Cachinhos Dourados haviam partido.

– Querida, o que há de errado? – Froggy perguntou. – Você não gostou da cerimônia?

– Eu gostei – disse Chapeuzinho não muito convicta. – Especialmente do vestido. Porque era *meu*! Ela o roubou de mim!



CAPÍTULO 5

Uma revelação junto à sepultura

Depois de ficarem no avião pelo que lhes pareceu uma semana, Conner e os outros finalmente chegaram ao aeroporto de Heathrow, em Londres, onde embarcaram em uma conexão para Berlim. Ver tantas pessoas de diferentes culturas e nacionalidades fez Conner se sentir muito cosmopolita; ele tinha certeza de que voltaria para casa muito mais engrandecido do que quando saíra – engrandecido e exausto, diga-se.

Quando o avião tocou o solo alemão, Conner, que só tinha dormido durante três das quinze horas de viagem, estava se perguntando se o seu pescoço algum dia iria se recuperar após ficar todo aquele tempo em uma posição tão incômoda.

– Eu recomendo que tentemos dormir assim que chegarmos ao hotel – a sra. Peters instruiu o grupo conforme os guiava até a esteira de bagagem. – Não queremos que a mudança de fuso horário nos deixe com as funções perturbadas amanhã, durante as leituras.

A sra. Peters, Bree e as Abraçadoras de Livros recolheram suas bagagens sem problemas, porém Betsy não estava em lugar nenhum. Conner, contudo, não estava preocupado com a possibilidade de a sua bagagem ter se perdido; pelo contrário, achava que usar as mesmas roupas pelos próximos dias era um preço justo a pagar para

não ter de arrastar aquela mala decadente pela Alemanha. Conner já aceitara alegremente essa ideia quando Betsy deslizou pelo carrossel de bagagem, fazendo mais barulho do que qualquer outra mala. Betsy chegara à Alemanha e fazia questão que todo mundo soubesse.

O grupo seguiu a sra. Peters pelo apinhado aeroporto de Berlim até a *ausgang*, ou saída. Já do lado de fora, uma pequena van, arranjada com antecedência pela sra. Peters, os aguardava. O motorista era um senhor de idade de aparência severa, rosto rechonchudo e bigode fino. Ele segurava um pequeno cartaz no qual se lia PETERS.

– *Guten Tag* – disse a sra. Peters ao motorista. – Sou Evelyn Peters, é um prazer conhecê-lo.

– OLÁ! – Cindy falou muito alto e forçou o motorista a apertar sua mão. – NÓS SOMOS DOS ESTADOS UNIDOS. É UMA HONRA ESTAR NO SEU PAÍS.

Todos reviraram os olhos para ela, menos o motorista. Claramente, não era a primeira experiência dele com um turista daquele tipo – o tipo que confere má fama a turistas.

– Eu sou alemão, não surdo – disse o motorista em um inglês perfeito. – Deixem-me colocar suas malas na van, e então seguimos para o hotel.

Enquanto se afastavam do aeroporto, todos os olhos se arregalaram diante das primeiras paisagens do novo país. Os primeiros vislumbres da Alemanha lembraram a Conner da primeira vez em que estivera na Terra de Histórias; estava tão longe de casa e, ainda assim, em um lugar muito familiar. As Abraçadoras de Livros sacaram suas câmeras e começaram a fotografar tudo o que viam.

– Olhem, um poste telefônico! – disse Lindy, mostrando aos outros a foto que tinha tirado.

– É igualzinho aos nossos – disse Bree.

– Mas é um poste telefônico *alemão* – disse Lindy, como se Bree não tivesse entendido alguma coisa.

Cada rua percorrida pela van lhes oferecia algo de novo que eles jamais veriam em casa. Uma enorme catedral com gárgulas erguia-se ao lado de um edifício comercial feito inteiramente de vidro. Uma instalação de arte abstrata de um cão feito de balão estava plantada

perto de uma estátua em homenagem a uma famosa cantora lírica alemã. Lojas pequeninas, que pareciam casinhas de pão de mel, ficavam a poucos metros de centros comerciais similares aos dos Estados Unidos.

Berlim era diferente de qualquer cidade em que Conner e as meninas já tivessem estado. Era uma combinação do novo com o antigo, com monumentos que celebravam pessoas e eventos do passado ao lado de tributos que encorajavam pensamentos e ideias para o futuro.

– Berlim está entre as cidades que fizeram do mundo o que ele é hoje – disse a sra. Peters. – A História está em tudo o que você olha. Ela pode ser nobre, pode ser terrível, mas, seja como for, é extremamente importante.

Conner levou aquilo a sério. Olhou pela janela e imaginou quantas pessoas já haviam passado por aquelas ruas antes dele e como teriam sido as suas vidas.

– Me parece mais *suja* do que *histórica* – disse Mindy, sem demonstrar qualquer entusiasmo. – Olhem aquele muro ali, está coberto de pichações!

– Aquele é o Muro de Berlim, Mindy – disse Bree. – Um dos lugares mais importantes e repletos de história do planeta.

O motorista deixou escapar um bufido divertido, e Mindy ficou muito vermelha. As outras meninas instantaneamente começaram a tirar todas as fotos possíveis do muro.

– Ah! – Mindy exclamou. – Seria de imaginar que houvesse uma placa ou coisa assim.

De vez em quando eles viam, preso com fita adesiva em paradas de ônibus ou afixado em quadros de avisos, um cartaz pardo anunciando o evento dos Irmãos Grimm.

Em uma das paradas, notaram que o cartaz tinha até sido traduzido:

A UNIVERSIDADE DE BERLIM APRESENTA O FESTIVAL DOS GRIMM

Esteja entre os primeiros a ouvir três histórias inéditas dos Irmãos Grimm quando a Universidade de Berlim abrir a cápsula do tempo deixada pela famosa dupla de contadores de histórias.

Quarta-feira, às 12h

Cemitério St. Matthäus-Kirchhof

Para informações sobre ingressos, contate a Universidade de Berlim.

Os cartazes espalhados por toda a cidade deixaram o grupo ainda mais empolgado com as leituras. A sra. Peters tirou um grosso itinerário da bolsa e examinou-o junto com seus companheiros de viagem.

– Vamos todos tirar um cochilo rápido quando chegarmos ao hotel. Depois, poderíamos caminhar pela cidade antes do jantar – disse ela. – As histórias serão lidas no cemitério, amanhã ao meio-dia; então nos encontraremos no saguão às dez horas para o café da manhã. Se vocês quiserem dormir até mais tarde, tudo bem, mas deixaremos o hotel às onze em ponto. Depois das leituras, poderemos almoçar em uma cafeteria, e eu programei um passeio de bicicleta no Parque Tiergarten. Na quinta-feira, visitaremos o Portão de Brandemburgo, a Chancelaria e alguns museus. No último dia, pensei em visitarmos algumas lojas antes do nosso voo.

Todos assentiram entusiasticamente, muito embora Conner não estivesse tão empolgado quanto as meninas com a ideia de passar um dia inteiro fazendo compras.

Logo o grupo chegou ao Hotel Gewaltiger Palast, que, a sra. Peters explicou-lhes, significava “Enorme Hotel Palácio”. Contudo, a tradução não fez jus às expectativas dos viajantes. Não havia absolutamente nada de enorme ou grandioso no hotel. Era bem pequeno, muito simples, com uns poucos funcionários. Segundo o que o grupo deduziu a partir das fotos emolduradas nas paredes, o hotel era propriedade da mesma família desde a Segunda Guerra Mundial.

A mulher idosa atrás do balcão da recepção também parecia estar lá desde antes da guerra. Era alta, tinha cabelos grisalhos e encaracolados, e a corrente de contas dos seus óculos era a coisa mais colorida no saguão. O seu inglês não era tão bom quanto o do motorista, mas ela os registrou sem nenhum problema.

Havia um aborrecimento evidente nos olhos da mulher enquanto os atendia. Conner não soube dizer se ela não gostava de americanos ou de gente em geral. A sra. Peters a ajudou a distribuir as chaves dos quartos.

– Acredito que não preciso me preocupar com este grupo em particular, porém devo lembrar a todos que, muito embora estejamos em um país diferente, todas as regras e políticas da escola continuam valendo – advertiu a sra. Peters. – Agora, tentem dormir um pouco.

Eles entraram no elevador. Wendy e Lindy dividiriam um quarto no segundo andar. Bree dividiria um quarto com Mindy e Cindy no terceiro. Conner teria um aposento só para ele no quarto andar. A sra. Peters, porém, permaneceu no elevador depois que ele saiu.

– Onde fica o seu quarto, senhora Peters? – perguntou Conner enquanto segurava a porta do elevador.

– Eu reservei para mim a Suíte do Chanceler – explicou ela. – Quando tiver a minha idade, senhor Bailey, saberá que não vale a pena viajar, a não ser que seja com conforto absoluto. Durma bem.

As portas do elevador se fecharam, e Conner encontrou o seu quarto. Não ficou surpreso ao ver quanto era sem graça. A cama era pequena e parecia dura, o tapete marrom tinha cheiro – e cara – de velho, o papel de parede bege se descolava nos cantos. Mas ele não ficou muito incomodado; sabia que as acomodações refletiam o orçamento da viagem.

Jogou Betsy sobre uma cadeira e mergulhou na cama. Era ainda mais dura do que ele tinha imaginado, e os lençóis pareciam ser feitos de papel. Apesar de todo o desconforto, Conner esperava adormecer assim que ficasse na horizontal; no entanto, mesmo depois de ficar deitado por dez minutos com os olhos fechados, ele continuava totalmente desperto. Ou era culpa da mudança de fuso horário, ou estava cansado demais para dormir.

– Será que Alex está de bobeira? – perguntou a si mesmo. – Ela vai se divertir vendo este quarto.

Ele abriu Betsy e pegou o pedaço de espelho quebrado. Bateu com o indicador no vidro, que começou a tremeluzir ao tentar se conectar com o mundo dos contos de fadas. Conner olhou para o seu reflexo, esperando que se transformasse no de sua irmã a qualquer momento. Infelizmente, o reflexo não se alterou.

– Bem que os espelhos mágicos podiam ter secretária eletrônica – disse Conner, jogando-o na mala.

Foi até a janela e olhou para o pedacinho de Berlim que conseguia ver dali. Sentia-se em casa por saber que estava no lugar do mundo onde os Irmãos Grimm tinham vivido. Talvez os Grimm tivessem conhecido a sua avó e as outras fadas naquela mesma rua em que ficava o hotel. Talvez, antes de ser um hotel, aquele edifício tivesse sido uma velha taverna na qual Mamãe Ganso encontrara os irmãos para um drinque.

A sra. Peters estava certa: havia muita História naquela cidade – mais do que Conner poderia ter imaginado. Ele podia jurar ter sentido o velho e experiente coração de Berlim batendo nas profundezas da terra sob seus pés.

O olhar de Conner finalmente retornou ao hotel, e ele divisou Bree debruçada na janela logo abaixo. Com os dois fones enfiados nas orelhas, ela observava a cidade exatamente como ele. Conner se indagou se ela estava pensando as mesmas coisas que ele. Imaginou quanto Bree ficaria empolgada ao escutar a história da Alemanha que só ele conhecia. Certamente ela pensaria que ele era tão legal quanto ela própria.

Bree olhou para cima e pegou Conner com os olhos cravados nela. Ele ficou paralisado, seu rosto ficou pálido. Como podia ter sido tão descuidado? Bree apenas riu e acenou. Conner acenou de volta, como se tivesse acabado de reparar nela. Então, fechou a janela e as cortinas antes que parecesse ainda mais estranho e se deitou para o recomendado cochilo.

Quando acordou, estava tão desorientado por causa do fuso horário que se sentiu como se estivesse embaixo d'água. Ele saiu para uma caminhada com a sra. Peters e as meninas; os viajantes fizeram uma refeição rápida em um pequeno restaurante no fim da rua do hotel. Conner evitou desesperadamente olhar para Bree – tinha certeza de que suas bochechas explodiriam se Bree o pegasse olhando para ela mais uma vez.

Quando retornou ao quarto do hotel, Conner tentou entrar em contato com a irmã mais uma vez, e mais uma vez não obteve resposta. Imaginou que ela estivesse mergulhada nos preparativos para o baile.

Na manhã seguinte, ele acordou tão cansado quanto antes de ir para a cama – e temeu que o *jet lag* fosse uma doença terminal. Deu

uma olhada no relógio de cabeceira e entrou em pânico ao perceber que dormira demais: faltavam cinco minutos para a hora marcada para a saída. Pulou da cama como se estivesse em um treinamento de incêndio, se enfiou rapidamente nas roupas e escovou os dentes voando.

Nem sequer esperou o elevador – desceu a escada correndo até o saguão. De passagem, pegou uma torrada no balcão do café da manhã e encontrou a sra. Peters e as meninas na entrada do hotel às onze horas *e cinco minutos*. Elas estavam de pé em frente a uma estante de folhetos e examinavam todas as atividades que havia para fazer na região.

– Desculpem pelo atraso – disse Conner. – Dormi demais.

As Abraçadoras de Livros o encararam furiosamente, como se ele tivesse cometido um delito federal.

– Não se preocupe, senhor Bailey – disse a sra. Peters. – Um atraso de cinco minutos não é uma tragédia.

– Ainda bem que você não é paramédico nem maquinista de trem – disse Mindy, cruzando os braços. Ela e as demais Abraçadoras iriam aproveitar cada oportunidade de recriminá-lo.

– Vamos indo, assim podemos aproveitar as festividades antes das leituras – instruiu a sra. Peters.

Deixaram o hotel e encontraram o motorista do dia anterior aguardando por eles. Todos embarcaram na van e se sentaram na beirada do assento, empolgados com sua primeira aventura na Alemanha. O veículo se apressou pelas ruas de Berlim, e as meninas mais uma vez fotografaram tudo o que viram. Eles passaram pelo Parque Tiergarten, que se estendia ao longo do centro da cidade, como uma versão alemã do Central Park, e também pelo icônico Portão de Brandemburgo. Conner reconheceu instantaneamente os pilares do portão e a estátua de uma carroça puxada por quatro cavalos no topo. Poucos minutos mais tarde, após passarem por um labirinto sinuoso de edifícios, finalmente chegaram ao cemitério St. Matthäus-Kirchhof.

Embora Conner não soubesse muito bem o que esperar, o cemitério era diferente de tudo o que imaginara. Ficava situado no fim de um longo beco sem saída e parecia ser o quintal dos altos edifícios residenciais e comerciais que o cercavam. Havia um

playground coberto a poucos metros da entrada do cemitério de cento e cinquenta anos de idade; nem mesmo ele era exceção na integração berlinense entre velho e novo.

Um maciço portão de pedra guardava a entrada do cemitério. Achava-se coberto de vestígios de hera morta e tinha um crucifixo no topo. Embora fosse a estrutura mais velha dessa parte da cidade, mantivera o seu prestígio autoritário e imperial com o passar dos anos. Havia algo naquele portão que impunha respeito.

Cartazes pardos dando boas-vindas ao Festival dos Grimm estavam espalhados por todo o portão. A van do grupo era uma entre os muitos ônibus e vans que desembarcavam pessoas para as leituras. Havia até algumas equipes de reportagem cobrindo o evento.

– Cá estamos! – disse a sra. Peters. Ela conduziu o grupo para fora da van e para além do portão de pedra.

– Este lugar é arrepiante – disse Lindy, e Wendy concordou com a cabeça. Estavam hesitantes em se embrenhar pelo cemitério.

– Este lugar é impressionante – observou Bree, e, com o celular, tirou uma foto do portão; era sua primeira fotografia na viagem.

O cemitério estava muito festivo. Aonde quer que olhassem, eles viam estudantes da Universidade de Berlim com camisetas pardas, da mesma cor dos cartazes, respondendo às perguntas dos presentes. Professores e alunos de todas as idades, de todos os cantos do mundo, se agrupavam pelo cemitério e conversavam em diferentes línguas.

A maioria dos presentes se reunia perto da capela em miniatura no centro do cemitério. Uma corda de veludo vermelho bloqueava os degraus da frente, transformando o átrio em uma espécie de palco. No centro do átrio, havia uma coluna branca com um mostruário de vidro no topo; dentro do mostruário, uma caixa de madeira muito velha. Conner não teve dúvida de que estava olhando para a cápsula do tempo dos Irmãos Grimm. Ele sorriu de orelha a orelha. Alex e a avó teriam ficado tão felizes quanto ele ao ver tantas pessoas entusiasmadas com o trabalho dos Irmãos Grimm.

– Senhora Weiss! Senhora Weiss! – a sra. Peters gritou na direção da multidão à frente.

Uma mulher que só podia ser descrita como a versão alemã da sra. Peters se virou. Ela usava quase que exatamente o mesmo par de óculos e o mesmo vestido que a sra. Peters.

– Senhora Peters! Que coisa maravilhosa encontrá-la! – disse a sra. Weiss, abraçando a velha amiga.

– Alunos, permitam-me apresentar-lhes uma velha colega, a senhora Weiss – disse a sra. Peters para Conner e as meninas. – Ela é a razão por que estamos aqui. Ela ensina inglês em Frankfurt e me contatou assim que soube do evento de hoje.

– Estou tão feliz por você ter vindo! – exclamou a sra. Weiss, e em seguida olhou para o relógio. – As leituras devem começar em vinte minutos, mas, até lá, sugiro que passem pelo cemitério. Há pintura de rostos e um concurso de contos no gramado sul.

– Isso, divirtam-se enquanto a senhora Weiss e eu colocamos a conversa em dia – a sra. Peters instruiu o grupo. – Só não vão muito longe.

Os alunos se dividiram; partiram em direções diversas, como mariposas atraídas por luzes diferentes. Mindy e Cindy foram conferir a pintura de rostos, enquanto Lindy e Wendy se apressaram para conferir se ainda dava tempo para entrar no concurso de contos. Conner se embrenhou no cemitério, a fim de descobri-lo sozinho.

As margens do cemitério eram cercadas por enormes mausoléus, ao passo que o centro dos gramados era ocupado por sepulturas e lápides menores. As datas de nascimento e morte se estendiam por mais de duzentos anos no passado. Conner quase não acreditou no tanto de tempo pelo qual a maioria dos mortos estava enterrada. Depois da viagem de avião, entretanto, ele tinha uma boa ideia do que era ficar preso num espaço apertado por um longo período.

Conner caminhou ao longo dos mausoléus, admirando colunas, estátuas e vitrais. Deduziu que aqueles eram os locais de sepultamento dos muito importantes e ricos – com certeza, encontraria o túmulo de Wilhelm e Jacob Grimm entre eles. No entanto, depois de dar duas voltas pelo setor dos mausoléus, ainda não tinha avistado o lugar de repouso dos irmãos contadores de histórias.

Um grupo de pessoas estava reunido em volta de uma fileira de sepulturas menores no centro do cemitério. A curiosidade de Conner o venceu, e ele foi conferir o motivo daquele alvoroço.

Forçou passagem pela multidão e descobriu a razão da agitação. Todos estavam amontoados em volta de quatro túmulos idênticos e alinhados. As lápides eram altas, cinza-escuras e quadradas. Conner precisou ler duas vezes os nomes nas últimas duas sepulturas para acreditar nos seus olhos. Ele estava olhando para os túmulos muito humildes de Wilhelm e Jacob Grimm, enterrados ao lado dos filhos de Wilhelm, Rudolf e Herman.

– Não acredito – disse Conner consigo mesmo.

– No que você não acredita? – disse uma voz familiar.

Conner olhou para a direita e viu Bree a seu lado. Ela havia acabado de forçar passagem até a frente dos visitantes.

– Eu não acredito que seja só isso – explicou Conner. – Seria de imaginar que os mais importantes contadores de histórias que já viveram tivessem sepulturas mais chamativas. Eu esperava uma grande cripta com estátuas de personagens de contos de fadas, vitrais de castelos e casas de pão de mel. Mas isto é um pouco simples demais.

– Eu até que gosto – disse Bree, tirando uma foto dos túmulos com o seu celular. – Muito simples e refinado, é assim que eu gostaria de ser lembrada, acho. Além do quê, desconfio que eles já não se importam muito com isso.

– É, acho que sim – falou Conner. Ele estava desapontado com a coisa toda. Sentia que os Irmãos Grimm mereciam muito mais. Bree pareceu achar o desapontamento de Conner encantador.

– Suponho que ninguém é lembrado exatamente como gostaria – disse ela. – Você tem de fazer o melhor que pode com o que tem e esperar que seja reconhecido por isso. Mas eu duvido que exista qualquer outra pessoa neste cemitério que consiga atrair uma multidão como esta.

Uma trombeta soou. Todos se voltaram para a capela e viram um homem vestindo trajes típicos alemães no átrio. Já era meio-dia, e as leituras estavam prestes a começar. Os grupos espalhados pelo cemitério migraram para os degraus na frente da capela, ansiosos por ouvir as histórias nunca antes contadas dos Irmãos Grimm.

Conner e Bree caminharam lado a lado e se juntaram à sra. Peters e às Abraçadoras de Livros.

– Estou tão emocionada! – disse Cindy, batendo palmas.

– Espero que uma das histórias seja sobre uma maldição terrível, como em “A Bela Adormecida” – disse Mindy. – Eu sempre adorei uma boa maldição!

– Eu espero que uma delas seja uma sequência ou um prelúdio de alguma outra história deles – falou Lindy. – Seria incrível saber o que aconteceu com os nossos personagens favoritos antes ou depois das histórias que conhecemos.

Conner deu uma risadinha – ele sabia, mas não iria dividir isso com ninguém.

– Achou alguma coisa engraçada, Conner? – perguntou Mindy.

– Não, não, só estou emocionado também – disse ele com uma encolhida de ombros.

Uma mulher emergiu da capela, e a multidão a recebeu com aplausos calorosos. Conner imaginou que fosse alguma celebridade local. Era alta e roliça, com um rosto redondo e rosado. Usava um luminoso vestido laranja com grandes botões que combinava perfeitamente com o seu cabelo laranja, curto e cacheado. Ela se postou diante de um microfone que tinha sido colocado ao lado da cápsula do tempo e acenou para a multidão.

Saudou os espectadores, primeiro em alemão, depois em francês, depois em inglês.

– Boa tarde a todos e sejam bem-vindos ao cemitério St. Matthäus Kirchhof – falou alegremente com sotaque alemão. – Meu nome é Sofia Amsel, e a Universidade de Berlim me concedeu o prazer de ler para vocês três contos de fadas inéditos escritos pelos Irmãos Grimm. Esses contos nunca foram ouvidos até o dia de hoje.

Os anglófonos na multidão aplaudiram. Sofia removeu a caixa de madeira do mostruário de vidro e a segurou delicadamente nas mãos.

– Esta caixa foi encontrada recentemente nos arquivos de 1811 da Universidade de Berlim. Era desejo dos próprios Irmãos Grimm que as histórias que ela contém fossem abertas e lidas ao público duzentos anos após essa data – anunciou Sofia. – Primeiro, lerei cada história em alemão, depois em francês e finalmente em inglês.

As histórias serão traduzidas para outras línguas e disponibilizadas no site da Universidade de Berlim. Agora, é com muita honra que leio a primeira história.

A multidão aplaudiu alegremente. Ela abriu com gentileza a caixa de madeira e tirou um velho rolo de pergaminho fechado com uma fita branca. O homem com o traje típico pegou a caixa cuidadosamente da mão de Sofia e a segurou enquanto ela lia a primeira história ao microfone.

Como havia prometido, Sofia leu primeiro em alemão e depois em francês. Conner e as meninas ouviram os espectadores de língua alemã e francesa darem gritinhos e rirem deleitados enquanto a história era lida, aplaudindo nas partes que mais mexiam com eles.

A ansiedade de Conner aumentava conforme chegava o momento de Sofia ler a história em inglês. Ele estava louco para saber sobre o que ou quem os Irmãos Grimm haviam escrito; imaginava se era sobre alguém que ele e a irmã conheciam.

Sofia pigarreou antes de começar a ler em inglês.

– A primeira história se chama “A Árvore Torta” – anunciou ela.

O rosto de Conner ficou vermelho instantaneamente. Ele engasgou e começou a tossir. Sentiu o olhar desconfiado de Bree queimando-lhe a bochecha.

– Que engraçado – Conner disse a ela quando recuperou o fôlego.

– Esse é o nome da *minha* história. Que coincidência...

– É, uma *coincidência*... – disse Bree. A sua suspeita teve vida breve, no entanto; logo se desfez. Afinal, o que mais poderia ser além de uma coincidência? Ela voltou o olhar para Sofia quando esta começou a ler o pergaminho:

Era uma vez, em uma floresta distante, uma árvore diferente de todas as outras. Enquanto as demais cresciam perfeitamente retas em direção ao céu, esta árvore em particular crescia em espirais, laçadas e voltas. Era conhecida como a Árvore Torta, e humanos e animais vinham de todas as partes para admirar o seu esplendor.

Quando os humanos e animais partiam, as outras árvores, em uma língua que só podia ser ouvida pelas plantas da floresta, provocavam a pobre Árvore Torta:

– Nós odiamos a sua casca e os seus galhos e as suas folhas que se torcem e retorcem! Um dia, irão derrubá-la e transformá-la em lenha, e você queimará para sempre!

Aquilo deixava a Árvore Torta muito triste. Se entendesse plantês, você a escutaria chorar até cair no sono todas as noites.

Anos depois, no último dia de um inverno, antes de começar a primavera, lenhadores foram à floresta à procura de madeira, não para queimar, mas para construir. Eles cortaram todas as árvores para fazer casas, mesas, cadeiras e camas e então deixaram a floresta. Só restou uma árvore, e aposto que não será nenhuma surpresa quando eu lhe contar que foi a Árvore Torta.

Os lenhadores, vendo o seu tronco e os seus galhos que se torciam e davam voltas, perceberam que nunca poderiam usar aquela madeira para construir. Assim, a Árvore Torta pôde crescer em paz, agora que todas as outras árvores tinham sido derrubadas.
Fim.

Os falantes de inglês emitiram aplausos estrondosos ao final da história.

Conner ficou com os braços caídos ao lado do corpo.

– Que coisa surpreendente – ele comentou com Bree, dando uma risadinha culpada. – Eu inventei uma história quase igual à dos Irmãos Grimm. Devo ser um escritor melhor do que pensava! – Ele era todo falsas risadas e falsos sorrisos, no entanto logo percebeu que aquilo não tinha graça nenhuma para Bree.

Ela o olhou de esguelha, como fizera no avião.

– É... surpreendente – disse Bree de canto de boca, mas *surpreendente* não era bem a palavra que procurava.

Sofia retirou o segundo rolo da caixa, também fechado com fita branca, e começou a ler em alemão. Depois de lê-lo também em francês, iniciou a tradução para o inglês.

– A segunda história se intitula “O Peixe Andante” – Sofia declarou para a multidão sedenta.

Os olhos de Conner dobraram de tamanho – agora, ele estava em sérios apuros. Bree sacudiu a cabeça; certamente havia entendido errado.

– Espere um segundo. Ela acabou de dizer que a segunda história se chama “O Peixe Andante”... – Bree começou, mas, antes que pudesse terminar, Sofia já tinha começado a segunda história:

Era uma vez um peixe que vivia completamente sozinho em um lago profundo. Todos os dias, o peixe olhava com inveja para um menino de uma aldeia próxima que brincava com os animais em terra. O menino corria com os cavalos, engalfinhava-se com os cães e subia nas árvores com os esquilos. O peixe desejava poder brincar com o menino, porém sabia que, sendo um peixe, isso era impossível.

Um dia, uma fada que sobrevoava o lago deixou sua varinha de condão cair na água. O peixe, cavalheiro que era, recuperou-a e a devolveu à fada. – Como recompensa por esse gesto tão gentil, eu lhe concedo um desejo – disse a fada ao peixe.

Ele pensou por um bom tempo, mas sabia qual desejo queria que a fada lhe concedesse.

– Quero pernas, como todos os animais da terra, para que eu também possa brincar com o menininho da aldeia.

Com um simples agitar da varinha, a fada magicamente transformou as nadadeiras do peixe em pernas e pés, e ele caminhou sobre a terra pela primeira vez.

No dia seguinte, quando o menino apareceu, o peixe mostrou-lhe alegremente as novas pernas. Os dois se tornaram bons amigos e, todos os dias, corriam com os cavalos, engalfinhavam-se com os cães e subiam nas árvores com os esquilos. Entretanto, um dia, o menininho estava brincando perto demais da beira do lago e caiu na água. O peixe correu para tentar salvá-lo, porém não podia entrar na água sem as suas nadadeiras. O menininho, que não sabia nadar, morreu afogado.

O peixe desejou nunca ter cobiçado as pernas, porque, se houvesse simplesmente continuado a ser um peixe normal, como Deus queria que fosse, o menininho ainda estaria vivo.

Todos os anglófonos, incluindo a sra. Peters e as Abraçadoras de Livros, soltaram um comovido *ooooh!* com o triste final. Conner e Bree foram os únicos que não produziram nenhum som. Eles tinham ficado boquiabertos enquanto a história era lida.

– Uau, *mais uma* coincidência! – foi tudo o que Conner conseguiu dizer, porém Bree não reagiu.

– É uma história muito triste, mas acho que todos concordamos que grandes lições vêm de histórias trágicas – disse Sofia para a multidão. – Tenham cuidado com o que desejam, é o que os Irmãos Grimm estão tentando nos dizer com esta história, eu presumo.

A sra. Peters franzia o cenho inquisitivamente.

– Eu juro que já li essas histórias em algum lugar – falou consigo mesma, e o coração de Conner acelerou. – Não foi *você* quem escreveu histórias similares, Conner?

– Sim! – disse ele, decidindo que seria mais prudente se mostrar entusiasmado com aquilo. – Minhas histórias são arrepiantemente similares. Que loucura!

As Abraçadoras de Livros unanimemente reviraram os olhos para ele. A sra. Peters sorriu e deu uma palmadinha nas costas de Conner, grata por não precisar gastar mais tempo pensando naquilo.

Bree estava tão calada como sempre, porém a sua expressão era tão intensa que Conner quase podia *ouvi-la* tentando avaliar logicamente a situação. Ela era uma menina que adorava um bom mistério, mas *aquilo* era desconcertante. Como poderia Conner ter conhecido aquelas histórias antes do resto do mundo? Bree devia ter percebido que se tratava de mais do que uma coincidência.

Conner não estava acreditando na própria má sorte. Quais eram as chances de que duas das três histórias fechadas na cápsula do tempo dos Irmãos Grimm fossem histórias que ele tentara fazer passar como suas? Pelo menos, os prognósticos estavam a seu favor: a situação era tão improvável que a pior coisa de que poderiam acusá-lo era ser um *plagiador psíquico*. No entanto, pelo modo como Bree o fitava, ele sabia que *plágio* era a última coisa na mente dela.

– Agora chegou a hora da nossa terceira e última história – Sofia disse pesarosamente à multidão. – E, como os nossos amigos de fala inglesa têm sido tão pacientes, lerei esta primeiro em inglês.

Conner soltou um longo e pesado suspiro, preparando-se para qualquer eventual problema que a terceira história pudesse lhe causar. Sofia tirou o último pergaminho da caixa. Diferentemente dos outros, este estava atado com uma fita vermelha.

– Esta deve ser uma história muito importante, para ter sido atada com uma fita diferente das outras – falou Sofia. Ela abriu o pergaminho. – A última história se chama “O Castelo Secreto”.

Conner relaxou um pouco. Ele definitivamente nunca ouvira nem escrevera nenhuma história sobre um castelo secreto. Com um pouco de sorte, o terceiro conto seria tão bom que Bree esqueceria os dois primeiros. Conner olhou para os próprios pés e desejou que todo aquele evento terminasse quanto antes.

Sofia pigarreou e começou a ler:

Era uma vez, em um reino distante, dois irmãos que gostavam de contar histórias. Todos na aldeia adoravam ouvir suas histórias e achavam que os irmãos eram muito criativos. No entanto, eles tinham um segredo. As histórias que compartilhavam com a aldeia não eram propriamente suas, mas de outra pessoa.

Os olhos de Conner se dirigiram de imediato para Sofia. Havia algo de muito familiar naquela história – algo *demasiadamente*

familiar.

Todos os dias, os irmãos adentravam a floresta para se encontrarem com uma linda fada. Em cada encontro, a fada lhes dava uma nova história para compartilhar com as pessoas da aldeia. A fada vivia em um castelo secreto, muito longe de qualquer lugar pisado pelos homens, e suas histórias eram geralmente sobre alguma das criaturas mágicas que viviam no castelo. Os irmãos, profundamente agradecidos à fada, nunca contaram a nem uma alma sequer que ela e o castelo eram reais.

Conner podia sentir o coração batendo no fundo da garganta. Escutava tão atentamente que se esqueceu da multidão em volta. Muitos pensamentos perturbadores enchiam sua cabeça conforme a história se tornava mais e mais familiar. Teriam os Irmãos Grimm planejado todo aquele evento para confessar a verdade sobre a origem das suas histórias? Estariam prestes a admitir ao mundo que a Fada Madrinha era real e lhes fornecera o maior dos seus trabalhos?

Um dia, o rei ouviu sobre as histórias dos irmãos. Muito inteligente, suspeitou que havia algo de verdadeiro nelas. Mandou seus soldados seguirem os irmãos no próximo encontro entre eles e a fada, e assim o segredo foi desvendado. O rei então obrigou os irmãos a se apresentarem no seu palácio e exigiu que o levassem ao Castelo Secreto, para que ele, com o seu exército, o conquistasse.

Os irmãos suplicaram misericórdia ao rei, disseram-lhe que não sabiam onde ficava o castelo. No entanto, o rei não mostrou nenhuma compaixão e ameaçou: se eles não lhe fornecessem as instruções para chegar ao Castelo Secreto, mandaria matar toda a população da aldeia. Não querendo perturbar a fada que fora tão boa para com eles, os irmãos pediram ajuda a um grande pássaro mágico que também vivia no castelo. O pássaro deu aos irmãos um mapa que deveria ser entregue ao rei, o qual mostrava o caminho para o Castelo Secreto. Entretanto, o que o rei não sabia era que aquele mapa indicava um caminho encantado; ele e o seu exército levariam duzentos anos para chegar ao local. O pássaro mágico assegurou aos irmãos que, quando o rei e o seu exército chegassem ao castelo, este estaria preparado para enfrentá-los. Os irmãos entregaram o mapa ao rei, que partiu em sua missão para encontrar o lugar encantado. Assim, a aldeia estava salva da ira do monarca ganancioso.

Porém, os irmãos nunca mais voltaram a ver o pássaro mágico ou a fada. Com o passar do tempo, cresceu neles o medo de que o pássaro, velho e descuidado que era, houvesse esquecido de avisar as outras criaturas mágicas do Castelo Secreto de que o exército se

achava a caminho. Então os irmãos decidiram escrever a sua última história – esta criada por eles próprios –, sabendo que seria a mais importante de todas.

Tal história era similar à sua própria vida: falava sobre um castelo secreto e criaturas mágicas e um rei ganancioso que queria conquistar tudo. Eles espalharam a história através dos territórios e das gerações, com a esperança de que ela por fim chegasse a alguém que a reconhecesse pelo que realmente era – não um conto de fadas, mas um aviso disfarçado.

Houve um longo silêncio antes que a multidão se desse conta de que a história tinha terminado. Os aplausos foram tão confusos quanto as expressões no rosto das pessoas – aquela história era tão estranha, parecia inacabada.

– Isso é tudo, receio – disse Sofia. – Eu certamente espero que o Castelo Secreto tenha sido avisado da aproximação do exército. Talvez os Irmãos Grimm tenham propositadamente deixado inacabada a sua última história, para que nós mesmos a terminemos de acordo com a nossa imaginação. Agora lerei a história em francês...

Conner sentiu-se atordoado, enjoado. Havia tantas perguntas na sua cabeça que ele não conseguia se concentrar. Nem sequer escutou Sofia lendo a história em francês e alemão; tudo à sua volta eram ruídos de fundo. Repetiu a história de novo e de novo na cabeça – tudo o que os Irmãos Grimm tinham escrito na terceira história era tão óbvio e tão claramente planejado! Eles eram os irmãos do conto, a fada era a avó de Conner, o pássaro mágico devia ser Mamãe Ganso ou uma das outras fadas e o Castelo Secreto era a Terra de Histórias. E, exatamente como na história, o conto não era um conto – era um aviso.

Os Irmãos Grimm estavam tentando avisar *alguém* de que *alguma coisa* estava a caminho da Terra de Histórias. E, como haviam planejado tão cuidadosamente que a história fosse ouvida duzentos anos depois, o que quer que estivesse se aproximando da Terra de Histórias devia estar bem perto.

Era tudo muito evidente; Conner correu os olhos pela multidão, esperando ver outra pessoa que tivesse entendido a história pelo que ela de fato era, porém ninguém a interpretara como ele. O mundo

dos contos de fadas encontrava-se em grande perigo, e ele era o único no Outromundo que se dava conta disso.

– Conner, você está bem? – perguntou Bree. – Você acabou de passar de vermelho-vivo para branco-pálido em um segundo.

– Estou bem – mentiu Conner. – É só que essa história... é tão estranha...

– Será que, por coincidência, ela é parecida com algo que você estava planejando escrever? – Bree perguntou espirituosamente, mas ela sabia, pela expressão no rosto dele, que alguma coisa estava terrivelmente errada.

Conner estava olhando diretamente para ela, mas nenhum dos seus pensamentos tinha a ver com Bree. Não lhe importava se ela sabia que ele tinha uma queda por ela, tampouco lhe importava se ela ou as Abraçadoras de Livros estavam perto de descobrir a verdade sobre a sua irmã; tudo o que lhe importava agora era avisar a avó e a irmã que elas estavam em perigo.

Sem que ele se desse conta, Sofia terminara de ler a história nas outras línguas e o Festival dos Grimm chegara ao fim.

– Em nome da Universidade de Berlim, gostaria de agradecer a presença de todos – disse Sofia. – Espero que tenham gostado das festividades de hoje tanto quanto eu.

Ela guardou o terceiro pergaminho na caixa que o homem com trajes típicos segurava, e eles desapareceram na capela. A multidão começou a deixar o cemitério, e a sra. Peters reuniu o seu grupo para fazer o mesmo.

– Não foi uma leitura notável? – perguntou ela. – Estou certa de que vou me lembrar dela pelo resto da vida.

– Senhora Peters, eu estou morrendo de fome! Podemos ir comer alguma coisa? – perguntou Mindy.

– É claro – respondeu a sra. Peters. – A senhora Weiss estava justamente sugerindo que nos encontrássemos com ela e seus alunos em um pequeno café perto do nosso hotel, se ninguém tiver objeções...

– Senhora Peters! – Conner interrompeu. – Posso voltar para o hotel? Não estou me sentindo muito bem, acho que preciso deitar um pouco.

A sra. Peters ficou desapontada ao ouvir isso, porém não surpresa, dada a expressão no rosto de Conner.

– Que pena, Conner – disse ela. – É claro que pode. Vou pedir ao motorista que deixe você antes de nos levar para almoçar.

A van demorou eras para chegar ao hotel. Conner chegou a pensar em simular uma ânsia de vômito para apressar as coisas. Assim que o carro parou para deixá-lo, ele saltou para a rua e correu para dentro do hotel antes que alguém pudesse dar tchau. Disparou através do saguão, quase derrubando três hóspedes, e subiu correndo os quatro lances de escada até o quarto – não queria perder tempo esperando o elevador.

Irrompeu no quarto e trancou a porta por dentro. Imediatamente, revirou Betsy atrás do pedaço de espelho. Deu uma batidinha no vidro e esperou ansiosamente pela conexão com a irmã. Conner rezou para que Alex estivesse disponível. Infelizmente, o único reflexo que viu no espelho foi o seu próprio.

– Vamos, Alex! – disse Conner. – Você precisa responder! Confie em mim, não tem nada mais importante do que isso neste momento!

Ele bateu no espelho de novo e de novo, em vão. Passou o resto do dia tentando – sem resultado. Foram as horas mais frustrantes da sua vida.

Ao anoitecer, Conner ouviu uma batida na porta. A sra. Peters queria ver como ele estava. Ela e as meninas haviam retornado de um passeio de bicicleta pelo Parque Tiergarten.

– Como está se sentindo, senhor Bailey? Melhor? – ela perguntou, da porta.

– Estou bem, só enjoado mesmo – disse Conner. – Acho que peguei algum germe no cemitério.

– Quer que eu chame um médico?

– Não. Acho que amanhã já vou estar melhor. Só preciso dormir um pouco.

– Espero que sim – disse a sra. Peters. – Eu detestaria vê-lo desperdiçar a viagem inteira trancado no quarto do hotel.

Ela o deixou sozinho para descansar, mas descanso foi a última coisa que Conner teve naquela noite. Depois de tentar contatar a irmã por mais algumas horas, ele não aguentava mais ficar no

quarto do hotel. Não seria capaz de permanecer à toa enquanto algo de muito errado estava acontecendo em outro lugar.

Conner decidiu voltar ao cemitério, não para obter respostas, mas alguma luz. Pegou o casaco e saiu do quarto discretamente. Tomou a escada de novo, tentando evitar as pessoas. Apanhou um mapa na estante de folhetos no saguão e o seguiu até o cemitério. A caminhada no escuro levou uma hora, e, para piorar as coisas, começou a chover.

Quando chegou ao cemitério St. Matthäus-Kirchhof, todos os cartazes tinham sido removidos do portão e todos os convidados haviam partido. O lugar era muito mais tranquilo, agora que se achava vazio. Conner refez o caminho até as modestas sepulturas dos Irmãos Grimm. A terra em volta delas estava coberta de flores e presentes das pessoas que haviam comparecido à leitura.

Conner apertou os olhos como se encarasse duas pessoas muito caladas, e não dois grandes blocos de pedra.

– Então, foi uma história e tanto, hein? – ele disse para as sepulturas. – Tem alguma coisa que vocês deixaram de mencionar? Algumas pistas que esqueceram de incluir?

A chuva apertou, para infortúnio de Conner. Ele se frustrou de verdade com a falta de resposta das sepulturas.

– Que exército está se aproximando do mundo dos contos de fadas? De onde ele vem? A minha avó e a minha irmã estão em perigo? Por favor, eu preciso saber! – Conner indagou, dessa vez ao céu carregado.

Infelizmente, não houve nenhum sinal. Conner tinha de confiar apenas no que lhe diziam seus instintos. Sabia que era sua missão estar no cemitério naquele dia, escutar e interpretar corretamente a história – e agora deveria avisar o mundo dos contos de fadas sobre o perigo iminente.

Só não sabia como.



CAPÍTULO 6

A Casa do Progresso da Rainha Chapeuzinho Vermelho

Faltava somente um dia para o Baile Inaugural de Fada, mas o evento era apenas uma das coisas que ocupavam a cabeça de Alex. Desde que concordara em sair com Rook, ela vinha fazendo malabarismo com duas fixações: num minuto, estava obcecada com o que vestir e como se comportar no baile; no minuto seguinte, sonhando acordada com quão maravilhoso ou trágico poderia ser o seu passeio. Era um exercício de equilíbrio constante e exaustivo entre as duas preocupações.

Por um lado, Alex estava grata por ter dois assuntos ocupando seus pensamentos, pois um a distraía do outro; por outro lado, daria qualquer coisa para libertar a mente por um instante que fosse. Ela achou que o melhor jeito de lidar com o estresse dos dois eventos iminentes seria se afastar de tudo o que a lembrava de ambos e, assim, aceitou a oferta de Chapeuzinho para um encontro na manhã seguinte ao casamento de João e Cachinhos Dourados.

Era uma luminosa manhã de sol quando Alex e Cornelius começaram sua jornada rumo ao Reino da Chapeuzinho Vermelho. Eles viajaram para noroeste, contornaram o Território dos Duendes

e Trolls – ou Território Duetroll, como era chamado agora –, e logo o pequeno reino surgiu no horizonte.

Um alto muro estava sendo erguido em volta do reino. Dúzias e dúzias de pedreiros trabalhavam incansavelmente, construindo-o tijolo por tijolo. A julgar pela aparência, o novo muro seria exatamente como o antigo, que a Feiticeira havia eliminado.

Alex e Cornelius não tiveram nenhum problema para cruzar a fronteira do reino. Muitos dos guardas do portão sul até se curvaram para Alex, tendo-a reconhecido como uma amiga da rainha. Cornelius trotou majestosamente através das colinas rurais das Fazendas da Família Bo Peep, exibindo-se para todos os animais pelos quais passavam, e então se dirigiu ao centro do reino, à cidade onde ficava o castelo da Rainha Chapeuzinho.

A cidadezinha continuava tão encantadora quanto na primeira vez em que Alex e o irmão a viram. Era uma aldeia amigável e pitoresca, com muitas lojas, celeiros, casas e atrações turísticas. Um padeiro, em pé do lado de fora da sua padaria, compartilhava bandejas e amostras grátis com quem passava pela rua. Um serralheiro colocara uma mesa na entrada da sua loja e demonstrava para uma multidão de curiosos como se faziam chaves. Lavradores puxavam obstinados seus animais e crianças pelas ruas conforme prosseguiam com seus afazeres.

O Reino da Chapeuzinho Vermelho se recuperara regamente da confusão causada pela Feiticeira.

– Com licença? Você sabe onde fica a Casa do Progresso? – Alex perguntou a um pastor que passava.

– Fica depois do castelo, no outro lado do parque – respondeu o pastor.

– Obrigada – disse Alex, e seguiu as instruções. Como havia estado no castelo muitas vezes, não teve dificuldade em conduzir Cornelius até lá.

A Casa do Progresso era uma versão em miniatura do Capitólio norte-americano, a não ser pela pintura vermelha e pela cúpula, substituída pela maior cesta quadrada do mundo.

– Isso é *tão* Chapeuzinho Vermelho! – exclamou Alex, balançando a cabeça. Até Cornelius balançou a sua diante da ridícula visão.

Eles atravessaram o parque, e Alex deixou Cornelius ao pé dos largos degraus da frente do edifício. Estátuas da Rainha Chapeuzinho posando heroicamente em seus trajes preferidos ladeavam a escada. Alex mal podia acreditar que tinha vindo de tão longe para escutar os conselhos *daquela* mulher. Bem, pelo menos a jornada a fizera sair do Reino das Fadas.

O hall de entrada da Casa do Progresso era decorado com dúzias de retratos pintados da jovem rainha. Alex, a essa altura, já estava acostumada com a decoração narcisística de Chapeuzinho, e aquilo não a perturbou. Ainda assim, duas pinturas a óleo incrivelmente grandes a fizeram rir. Uma era de Chapeuzinho discursando ao seu povo logo antes de içar as velas do *Vovozinha*, o enorme navio voador. A outra retratava o momento em que Chapeuzinho se recusara a renunciar ao seu reino em favor da Feiticeira.

Alex presenciara ambos os momentos e não se lembrava de nenhum deles ter sido tão dramático quanto as pinturas sugeriam. Mas ela as achou divertidas mesmo assim. Bem no centro do hall havia outra estátua de Chapeuzinho, esta de proporções épicas: a Rainha Chapeuzinho sentada em seu trono, igualzinho ao Monumento a Lincoln.

– Preciso parar de mostrar imagens do Outromundo a Chapeuzinho – Alex falou baixinho.

Uma fila de moradores começava no hall de entrada, fazia a volta na estátua gigante e terminava diante da porta aberta para a sala ao lado. Alex seguiu a fila e adentrou uma grande sala circular, situada logo abaixo da gigantesca cesta exterior.

– *ALEX, CUIDADO!* – Chapeuzinho gritou do fundo da sala.

Antes que se desse conta do que estava acontecendo, Alex foi jogada no chão por um enorme lobo negro. Sua varinha rolou para longe. O lobo pressionou as patas enormes contra o peito dela, perto da garganta. Ele abriu a bocarra, e Alex pôde ver todos os dentes afiados. Ela fechou os olhos com força, sabendo o que viria a seguir.

Então sentiu a grande e molhada língua do lobo lambe o seu rosto seguidamente – ele estava tão empolgado por vê-la!

– Olá, Clawdius – Alex gemeu. – É bom ver você de novo.

– *Não, Clawdius! O que foi que eu disse sobre derrubar convidados?*
– gritou Chapeuzinho.

Um punhado de guardas que estavam postados ao redor da sala tentou remover o lobo de cima da jovem fada, porém o animal rosnou ferozmente para eles, que recuaram depressa.

– *Clawdius! Saia de cima da herdeira da magia agora mesmo!* – exigiu Chapeuzinho.

Clawdius imediatamente saiu de cima de Alex. Claramente, Chapeuzinho era a única pessoa capaz de controlá-lo. Alex pôs-se em pé, e Clawdius colocou a cabeça gigante na mão dela, para que o acariciasse.

– Como você está grande, Clawdius! – disse Alex enquanto coçava o queixo do lobo. – Você fica maior a cada vez que o vejo!

Clawdius resgatou a varinha de Alex, mas, quando ela foi tirá-la da sua boca, ele se afastou – queria brincar.

– Oh, não, Clawdius! – disse Alex em pânico. – Isso definitivamente não é brinquedo!

– *Clawdius, largue a varinha da fada boazinha!* – ordenou Chapeuzinho, porém o lobo a ignorou. – *Eu disse para largar! Não me faça sacudir a lata de moedas!*

Clawdius se sentou e colocou gentilmente a varinha no chão, na frente de Alex. Mesmo sentado, ele era quase tão grande quanto ela. Alex pegou a varinha e se dirigiu para junto de Chapeuzinho, no fundo da sala.

Chapeuzinho se achava encarapitada em um trono elevado, toda embonecada, com um vestido de gala vermelho e uma tiara – e soterrada de brilhantes. À sua direita, havia duas fileiras de assentos também elevados – não tanto quanto o dela, é claro –, onde nove pessoas e animais se sentavam de modo idêntico. Alex deduziu que aqueles eram os representantes de que Chapeuzinho falara.

Alex reconheceu imediatamente os três que se encontravam mais próximos da rainha: a Vovozinha, a Velhinha que administrava o Shoe Inn e o terceiro Porquinho. Além deles, havia três ratinhos vendados que dividiam um assento, um carneiro negro com muita lã, uma jovem nervosa e agitada e um homem obeso que ostentava uma expressão culpada enquanto comia uma torta.

– Pessoal, esta é a minha boa amiga Alex – disse Chapeuzinho. – Alex, deixe-me apresentá-la aos representantes da minha Casa do Progresso: os Honoráveis Três Ratos Cegos, Sir BéeBée

Carneironegro, Lady Muffet e Sir Jack Horner. Você já conhece a Vovozinha, a Velhinha do Shoe Inn e o terceiro Porquinho, é claro.

Todos a cumprimentaram com calorosas boas-vindas, exceto a Velhinha, que era notoriamente surda.

– Látex? Que látex? – perguntou a Velhinha.

– Látex, não. É Alex – Vovozinha disse bem perto da orelha da amiga. – Uma das amigas de Chapéu.

– É maravilhoso conhecer vocês todos – disse Alex. – Espero não estar interrompendo nada.

– Absolutamente nada – disse Chapeuzinho. – Só estamos aguardando Charlie para começarmos o nosso encontro aberto semanal. Você certamente viu todos os cidadãos em fila. Eles adoram vir à Casa do Progresso e expor suas preocupações. Eu fiquei muito boa em bolar meios de ajudar as pessoas. É como um joguinho!

No mesmo instante, eles ouviram passos e viram Froggy entrando na sala com uma grande pilha de papéis nas mãos.

– Boa tarde, todo mundo – ele saudou gentilmente os representantes. – Olá, Alex! Eu não esperava vê-la... *Ooooooops!*

Clawdius jogou Froggy no chão assim que ele pisou no recinto. Aparentemente, essa era a maneira como o lobo cumprimentava as pessoas. Os papéis de Froggy voaram pelo ar.

– Clawdius, não faz nem vinte minutos que nos vimos! Você precisa parar com essa loucura – resmungou Froggy, empurrando o lobo para longe. – Vamos ter que começar a acorrentá-lo!

– Eu tentei, mas ele comeu a corrente. – Chapeuzinho encolheu os ombros. – *Clawdius, venha cá, menino! Venha para a mamãe!*

Clawdius correu alegremente para o lado de Chapeuzinho e deixou cair a cabeçorra no colo dela. Froggy recolheu os papéis, que agora estavam totalmente desorganizados.

– Venha, sente-se ao meu lado, Alex – disse Chapeuzinho, dando palmadinhas no braço do seu trono. – Temos tanta coisa para conversar!

– Você tem certeza de que não vou atrapalhar? – perguntou Alex, sentando-se.

– Certeza absoluta – Chapeuzinho assegurou. – Charlie lidera os encontros enquanto eu supervisiono. Eles terão a minha atenção se

precisarem.

Froggy assumiu o seu lugar na frente da sala, e a sessão teve início.

– Perdoem-me, mas os formulários que vocês preencheram estão um pouco misturados – desculpou-se com os cidadãos. – Assim, quando chegar a vez de cada um, precisarei que dê um passo à frente e declare o seu nome e a natureza do assunto urgente com o qual deseja que lidemos.

Um por um, os moradores deram um passo à frente e narraram seus dilemas. Froggy e os representantes discutiam o assunto entre eles e então apresentavam ao aldeão ou aldeã a melhor solução possível. Para Alex, foi um processo muito interessante de testemunhar; Froggy e os representantes pareciam genuinamente entusiasmados em ajudar os moradores.

– Maravilhoso, tudo está indo esplendidamente bem! – disse Chapeuzinho, permitindo que Alex se tornasse o seu único foco de atenção. – Vamos falar sobre o seu encontro de hoje! Você já escolheu a roupa que vai usar? Se não, eu tenho um vestidinho cor-de-rosa dentro de algum dos meus armários que ficaria divino em você!

– Eu estava pensando em usar isto – disse Alex, apontando para o vestido cintilante que trajava todos os dias. – Acho que ele apreciaria se eu me vestisse simplesmente como eu mesma.

– Tenha cuidado com isso – Chapeuzinho advertiu. – Um dos melhores conselhos que Vovozinha me deu foi nunca ser eu mesma num primeiro encontro. Você não vai querer afugentar o rapaz.

Alex pensou naquilo por um momento. Tinha certeza de que Vovozinha dedicara o conselho especificamente a Chapeuzinho, e não às pessoas em geral.

– Ele é filho de um lavrador – disse Alex. – Tenho medo de que, fazendo ou dizendo qualquer coisa exagerada, eu o afugente. Prefiro que ele se sinta confortável comigo, e não intimidado por mim.

– Pode até ser, mas você não deve fazê-lo se sentir bem demais consigo mesmo no primeiro encontro – instruiu Chapeuzinho. – Os homens sempre devem pensar que são inferiores a você, pois de outra forma eles não deixam nenhum espaço para você treiná-los.

Froggy interrompeu a conversa delas momentaneamente.

– Querida, este homem é da parte sul da cidade – disse a respeito do cidadão que se encontrava no meio da sala. – Aparentemente, o caminho para o sul ficou tão esburacado que está arruinando todas as carroças. Eles precisam que um novo caminho seja pavimentado.

– Ótimo, então pavimente um novo caminho – disse Chapeuzinho, com um grande sorriso.

– Infelizmente, eles não têm fundos para isso, e os cofres do reino estarão comprometidos até que o novo muro esteja terminado – explicou Froggy. – O que devemos, os representantes e eu, sugerir?

Chapeuzinho sabia exatamente o quê. Tirou o bracelete de brilhantes do pulso esquerdo e atirou-o para o homem da Aldeia Sul.

– Tome. Venda isso e use o dinheiro para pavimentar um novo caminho. Deve ser mais que suficiente.

O homem ficou atônito com o fato de a rainha ter lhe dado algo tão valioso. Lágrimas vieram aos seus olhos.

– Obrigado, Vossa Majestade! Muito obrigado! – disse ele a caminho da porta.

– Não há de quê! – disse Chapeuzinho, voltando-se rapidamente para Alex. – Então, onde você e Rook vão passear?

– Não tenho certeza – disse Alex. – Eu só estava planejando acompanhá-lo.

Chapeuzinho sacudiu a cabeça.

– O que quer que você faça, nunca o deixe liderar a caminhada – disse. – Os homens são líderes naturais, e é uma tarefa nossa, como mulheres, livrá-los desse traço animalesco de sua personalidade. Se o deixar liderar a primeira caminhada, ele logo estará liderando a relação inteira.

– Então é um bom sinal se ele quiser que *eu* lidere a caminhada? – perguntou Alex.

– Não, isso é ainda pior! Isso significa que ele não tem autoconfiança e espera que você faça todo o trabalho e o guie pelo resto da vida. Você é jovem demais para isso, Alex.

Alex enrugou a testa. Chapeuzinho só estava deixando as coisas mais confusas para ela.

– Você realmente acredita nesse conselho, Chapeuzinho?

– Ah, nada disso diz respeito *a mim*. Só estou preocupada *com você*.

– Querida – Froggy interrompeu outra vez –, esta mulher é da parte leste da cidade. Ela é padeira, e o seu marido morreu alguns anos atrás. Ela ganha a vida decentemente, mas não ganha o bastante para alimentar os quatro filhos.

Lágrimas escorriam pelo rosto da pobre mulher. Estava claramente envergonhada por ter que pedir ajuda.

– Vamos, vamos – disse Chapeuzinho compassivamente. – Não há razão para chorar! Todos precisamos de uma ajudinha de vez em quando, especialmente eu. Eu sou uma inútil sem os meus servos!

A rainha correu os olhos pela dúzia ou quase isso de cidadãos que restavam na fila. Ela divisou um homem frágil e de aparência triste que segurava uma forquilha, bem no fim da fila.

– Com licença, o senhor é um lavrador?

O homem ficou chocado com o fato de a rainha estar falando diretamente com ele.

– Sim, Vossa Majestade – respondeu e fez uma mesura rápida.

– Deixe-me adivinhar. Você está aqui porque não consegue mais arcar com a alimentação da sua família, estou certa? – perguntou Chapeuzinho.

– Ora, *sim*, Vossa Majestade – disse ele, impressionado por ela ter deduzido aquilo tão facilmente.

– Que maravilha! – disse alegremente Chapeuzinho. Todos na sala olharam para ela de um jeito estranho. – Bem, eu não quis dizer que *isso* é uma maravilha, eu quis dizer que é uma maravilha que você seja um lavrador, pois acredito que você e esta padeira possam ajudar um ao outro. Você tem vacas na sua propriedade?

O lavrador fez que sim com a cabeça.

– Sim, tenho seis vacas.

– Fantástico! – Chapeuzinho voltou o olhar para a padeira. – Presumo que o custo do leite é um fardo financeiro para você, certo?

– Sim, Vossa Majestade – a chorosa padeira admitiu.

– Então está resolvido – disse Chapeuzinho, batendo palmas jubilosas. – O lavrador fornecerá à padeira todo o leite de que ela precisa, e, em troca, ela fornecerá pão para a família do lavrador. Todos concordam?

O lavrador e a padeira se entreolharam e sorriram; a Rainha Chapeuzinho dera aos dois uma solução. Froggy e Alex também

trocaram um sorriso – Chapeuzinho podia ser ingênua e sem noção durante a maior parte do tempo, mas, quando ela era boa, era *boa*.

Froggy deu continuidade ao encontro aberto, e Chapeuzinho, ao papo com Alex.

– Agora, se ele a chamar para um segundo passeio, você deve agir como se estivesse ocupada demais – disse Chapeuzinho.

– Por quê? – perguntou Alex.

– Para mantê-lo agradecido pela sua companhia – disse Chapeuzinho como se fosse óbvio.

Uma série de passos apressados ecoou pela sala. Uma mulher estava causando uma grande comoção ao entrar, empurrando as pessoas na fila e forçando passagem. Tinha sido um dia bastante agradável até então; o distúrbio chamou a atenção de todos, especialmente de Chapeuzinho.

– Desculpe, mas você tem que esperar a sua vez – disse educadamente Froggy à mulher.

– Eu não vim aqui pedir nenhum favor – falou a mulher, postando-se diante dos representantes. – Eu vim para fazer uma declaração.

A mulher era muito bonita e determinada e parecia ter a mesma idade de Chapeuzinho. Tinha a pele pálida, os olhos azuis e o cabelo escuro, enfiado numa touca amarela. Usava um vestido amarelo de babados que combinava com a faixa azul em volta da cintura e trazia um cajado branco de pastora. Era a pastora mais estilosa em que Alex jamais pusera os olhos.

– Quem é você? – perguntou Froggy. Ele era relativamente novo no Reino da Chapeuzinho Vermelho e não a reconheceria.

– Eu sou a Pequena Bo Peep, proprietária das Fazendas da Família Bo Peep – declarou ela.

Um silêncio caiu sobre a sala. A Pequena Bo Peep era muito poderosa e respeitada na comunidade. Quase nunca era vista fora das suas fazendas. Os cidadãos ali presentes e os representantes sabiam que deveria haver uma razão muito importante para ela comparecer à Casa do Progresso.

A Rainha Chapeuzinho mediu-a de cima a baixo e da esquerda para a direita. Recusava-se a ser intimidada por quem quer que fosse em sua própria casa.

– Obrigada por juntar-se a nós, Pequena Bo – disse. – O que a traz à Casa do Progresso?

A Pequena Bo sorriu.

– Indo direto ao ponto, vim aqui hoje para desafiar a Rainha Chapeuzinho pelo trono do Reino da Chapeuzinho Vermelho.

Todos ficaram sem fôlego, tamanho foi o choque. Nunca na história do Reino da Chapeuzinho Vermelho alguém desrespeitara a rainha tão abertamente. A Pequena Bo sorriu sarcasticamente com a reação deles.

Diante da declaração atrevida, Chapeuzinho levantou-se do trono.

– *Como você se atreve?* – ela disse friamente. – Você pensa que pode simplesmente entrar na *minha* Casa do Progresso e ameaçar o trono do *meu* reino? Você tem sorte por eu não mandar trancafiá-la imediatamente!

– Você acha que este reino é *seu*? – disse a Pequena Bo, sem um pinga de medo. – Então você está enganada, Vossa Majestade. Ele pode ter o seu nome, mas este reino pertence ao povo. O único propósito da Revolução dos COLLO foi nos livrar da Rainha Diabólica, que governava o Reino do Norte naquele tempo. E olhe para nós agora: uma década e meia depois, estamos dentro de um dos muitos santuários de *outra* rainha obcecada por si mesma. Bem, eu estou farta disso e não estou sozinha.

Ela enfiou a mão no bolso do vestido e tirou um rolo de pergaminho, que entregou a Froggy.

– Isto é uma petição assinada por uma centena de outros cidadãos do reino que concordam que chegou a hora de uma mudança no regime – disse a Pequena Bo. – Eles também determinaram que eu sou a sua candidata para ser a nova soberana. Já elegemos uma rainha antes, podemos eleger uma rainha de novo.

– Isso é ridículo! – comentou Froggy.

– É a vontade do povo, senhor – corrigiu a Pequena Bo. – Você vai ignorá-la? Na Casa do Progresso, ainda por cima?

Froggy examinou a lista de nomes e compartilhou-a com os representantes.

– Vocês não estão realmente dando ouvidos a ela, estão? – gritou Chapeuzinho, ultrajada com o fato de os representantes estarem

lendo uma coisa daquelas.

– A Pequena Peep tem certa razão, meu bem – disse a Vovozinha.

– Vovozinha, de que lado você está? – perguntou Chapeuzinho, chocada.

– Eu sempre estou do seu lado, meu bem. Mas foi o povo que entregou o trono a você; se o povo quer entregá-lo a outra pessoa agora, tem o direito de fazê-lo.

Todos os outros representantes pareceram concordar com Vovozinha; até os Três Ratos Cegos balançaram a cabeça, e eles nem podiam ler os nomes no pergaminho.

– O que a faz pensar que está qualificada para liderar este reino? – perguntou Chapeuzinho à Pequena Bo.

– Minhas fazendas ocupam setenta por cento das terras do reino e produzem mais de oitenta por cento dos bens que negociamos com outros povos – proclamou a Pequena Bo. – E para quê? Para você tomar noventa por cento dos lucros e usá-los para construir castelos e estátuas de si mesma.

As narinas de Chapeuzinho se dilataram.

– O que mantém inúmeros construtores e artistas empregados em todo o reino – ela se defendeu.

– Sim, mas, como você pode ver, não há construtores ou artistas procurando ajuda nesta sala – ressaltou a Pequena Bo. – Eu acredito que existe um modo mais responsável de gerir este reino, um modo que beneficie a todos igualmente. E acredito ser a mulher para fazer isso.

Os cidadãos e representantes começaram a cochichar entre si. Chapeuzinho sentiu que alguns deles estavam começando a concordar com Bo Peep.

– Então o que você quer, Pequena Bo? – disse Chapeuzinho, cruzando os braços. – Você não pode simplesmente entrar aqui e reclamar o trono.

Sir BééBéé ergueu um casco para participar da conversa.

– Poderíamos ter uma nova eleição.

Os olhos de Chapeuzinho lançavam punhais contra ele.

– Mas que conveniente, o *carneiro* quer que a *pastora* Pequena Bo Peep concorra ao cargo de rainha. Isso é partidarismo!

– Eu acho que é uma boa ideia – disse a Vovozinha. – Uma eleição daria ao povo deste reino a oportunidade de expressar sua vontade.

– E se eu não permitir uma eleição? – perguntou Chapeuzinho. – Afinal, continuo sendo a rainha. Na última vez que verifiquei, a minha palavra ainda era lei.

A Pequena Bo aproximou-se ainda mais do trono.

– Você então estaria provando ao seu reino que não é melhor do que a Rainha Diabólica, e a próxima revolução será contra você.

A afirmação tencionava amedrontar Chapeuzinho – e funcionou.

– Então que seja – disse Chapeuzinho. – Vamos atender ao pedido desta pastora e realizar uma pequena eleição. Mas, se bem me lembro, Pequena Bo, você tem a reputação de ser incapaz de encontrar os próprios carneiros; portanto, duvido que consiga encontrar apoio que rivalize com o meu. Eu fui eleita rainha depois da Revolução dos COLLO e serei eleita rainha novamente.

– Então nos vemos nas urnas, Vossa Majestade – disse a Pequena Bo, com um sorriso insinuante. Ela girou nos calcanhares e prontamente deixou a Casa do Progresso.

Chapeuzinho voltou a sentar no trono. Suas bochechas tinham assumido um tom rosa bem vivo, e uma expressão de preocupação congelara-se em seu rosto. Alex nunca a vira tão perturbada. A possibilidade de perder o trono sempre fora o maior medo de Chapeuzinho – agora, a ideia de perdê-lo por vontade do povo era quase insuportável.

Alex não conseguia imaginar Chapeuzinho sendo outra coisa que não rainha. Ela pôs a mão no ombro da amiga e desejou ter as palavras certas para confortá-la.

Froggy correu até o trono e se ajoelhou ao lado de Chapeuzinho.

– Você está bem, querida?

– Esplêndida, simplesmente esplêndida – disse Chapeuzinho. Ela olhou para o chão e silenciosamente planejou seu próximo lance. – Se é uma eleição que aquela pastora de ovelhas quer, é uma eleição que ela terá.



CAPÍTULO 7

Espionando a Pequena Bo

Alex deixou a Casa do Progresso de Chapeuzinho, aliviada por retornar aos próprios problemas. A ansiedade que sentia em relação ao Baile Inaugural de Fada e ao passeio com Rook era difícil de suportar, mas não era algo que virava a vida de cabeça para baixo, como o que estava se passando com Chapeuzinho – embora Alex suspeitasse que Chapeuzinho daria um jeito de arrastá-la para aquele drama.

Naquele final de tarde, Alex foi ao campo que ficava atrás dos jardins do Palácio das Fadas para encontrar Rook. Tinha certeza de que chegara na hora exata em que eles haviam combinado, porém Rook não estava em lugar algum. Alex sentou-se em uma pedra junto ao riacho e aguardou pacientemente por ele – ou pelo menos ela achou que estava sendo paciente.

Cada segundo à espera de Rook parecia um minuto, e cada minuto parecia uma hora. Quanto mais Alex esperava, mais a sua cabeça se enchia de dúvidas. Onde estava ele? Por que estava demorando tanto? Tinha esquecido do encontro? Tinha mudado de ideia e decidido não aparecer? Ela havia levado um bolo?

Entre um pensamento negativo e outro, Alex semiconscientemente endireitava a faixa de cabelo ou arrumava uma prega no vestido. Depois de apenas cinco minutos de espera, convenceu-se de que Rook não apareceria. O que diria a Chapeuzinho na próxima vez que a visse? Como confiaria de novo em um menino? Como viveria com esse constrangimento?

Quando ela já estava a ponto de dar o dia por encerrado e voltar ao Palácio das Fadas, ouviu um farfalhar na mata. Rook surgiu, feliz, empolgado e sonhador como sempre.

– Olá, Alex! – ele disse com um grande sorriso.

– Oi, Rook! – disse Alex, deixando escapar um suspiro de alívio. O simples fato de vê-lo instantaneamente apagara todos os pensamentos negativos que se multiplicavam na sua cabeça. Ela havia se estressado sem razão.

Nenhum dos dois sabia se deveriam se abraçar ou apertar as mãos ou outra coisa, portanto ficaram a certa distância um do outro e se olharam em silêncio por um momento. Foi um cumprimento bem desajeitado.

– Como foi seu dia? – perguntou Alex para quebrar o silêncio.

– Foi bem normal – respondeu Rook. – Plantei cenouras.

– Que legal! – disse Alex, como se aquilo fosse a coisa mais fascinante que ouvira em semanas.

Rook fez que sim com a cabeça.

– Eu sou um bom horticultor – disse ele. – Meu segredo é cantar. Descobri que, se eu canto para as plantas, elas crescem muito mais saudáveis. – Os olhos de Rook se arregalaram de repente. – Oh, não, espero que você ache isso encantador, e não maluco... Não é como se eu conversasse com elas ou coisa assim...

Alex deu uma risadinha.

– Ah, por favor, no lugar onde eu moro, as plantas muitas vezes *cantam em resposta para você*.

Rook ficou aliviado ao ouvir isso.

– Então... onde você gostaria de passear? – perguntou ele.

– Eu estava planejando acompanhar você – disse Alex. Ela não estava obedecendo a nenhum dos conselhos de Chapeuzinho e sabia que a rainha a teria matado por dizer que acompanharia Rook.

– Bem, tem uma trilha através do bosque que eu conheço muito bem.

– Fantástico.

Eles seguiram pelo meio das árvores e encontraram um pequeno caminho de terra que serpenteava bosque adentro. Não era uma rota especialmente pitoresca, mas não tinha importância; a caminhada era mais para que se conhecessem melhor. Entretanto, ambos estavam com medo de iniciar a conversa.

– Que tal se fizéssemos perguntas um ao outro, um de cada vez? – sugeriu Rook. – Vai ser uma caminhada muito silenciosa se não conversarmos sobre alguma coisa. Ou então podemos brincar de charada.

– Parece um bom plano – disse Alex. – Mas você começa.

– Ah, você quer que *eu* comece? – brincou Rook. – Tudo bem, aí vai uma: há quanto tempo você pratica mágica?

– Menos de um ano, na verdade. Mas todo mundo diz que estou aprendendo muito depressa. Até os meus doze anos, eu nem sabia que era uma fada.

– É mesmo? E como você descobriu?

– É uma longa história – Alex falou timidamente.

– Ainda bem que escolhemos um caminho longo – disse Rook, com uma piscadela que a fez derreter por dentro.

Alex decidiu lhe contar a versão mais curta possível da história:

– Meu irmão gêmeo e eu fomos criados em um lugar muito distante e diferente de tudo isto – explicou ela. – Nosso pai foi criado aqui e achava que a mágica arruinava as pessoas; ele acreditava que as tornava preguiçosas e exigentes. Ele queria que nós aprendêssemos a cuidar dos nossos problemas sem apelar para a mágica. Então, quando tínhamos doze anos... bem, para encurtar a história, um dia nós seguimos nossa avó até a casa dela e descobrimos quem realmente éramos.

As sobancelhas de Rook estavam tão erguidas que sumiram no meio do seu cabelo caído na testa.

– Isso é incrível! – disse ele. – Não é de estranhar que você seja tão diferente das outras fadas. O que o seu pai pensa de você agora?

– Eu não sei – falou Alex com tristeza. – Ele morreu pouco antes do nosso décimo primeiro aniversário. Nunca teve a chance de nos

contar a verdade.

Rook balançou a cabeça.

– Sinto muito. Ele devia ser um homem muito inteligente, para ter criado uma filha como você.

– Obrigada – disse Alex. Ela rapidamente endireitou a faixa de cabelo para distrair Rook do seu rosto enrubescido.

– O seu irmão também é fada? – perguntou Rook.

Alex não conseguiu segurar a risada.

– Conner? Fada? Oh, céus, não. Fada é a última coisa que ele gostaria de ser. Ele ainda vive na terra onde nascemos, com nossa mãe e nosso padrasto. Mas eu acho que ele seria realmente bom em mágica se tentasse.

– E a sua avó? Ela vive no Reino das Fadas com você? – perguntou Rook.

Alex levou um momento para responder. Não se dera conta de quão pouco ele sabia sobre ela; aquilo era realmente revigorante. Ele devia ter gostado de Alex por quem ela *era de fato*, e não por quem *viria a ser*.

– Sim, ela vive – disse Alex. Não tinha certeza de como ele reagiria ao saber quem era a avó dela, nem se estava preparada para deixá-lo saber. – Agora é a minha vez de fazer uma pergunta. Qual é a sua idade?

Rook teve de pensar na resposta.

– Tenho quinze anos, mas, tecnicamente, tenho cento e quinze.

De início, Alex pensou que fosse uma brincadeira e deu uma risadinha, porém, como ele não riu, ela percebeu que estava falando sério.

– Ai, meu Deus, por causa da maldição dos cem anos de sono! – ela deduziu. – Você provavelmente era um bebê quando ela foi lançada.

– Eu era muito novo. Não me lembro de muita coisa. Estava brincando do lado de fora quando, de repente, sem nenhum motivo, caí no sono. Então meu pai e eu acordamos cem anos depois.

– E a sua mãe? O que aconteceu com ela?

Rook fez uma pausa antes de explicar:

– Era meu aniversário, e minha mãe e meu irmão estavam no campo colhendo frutas para uma sobremesa especial. O campo

ficava um pouco depois da fronteira do Reino do Leste, por isso a maldição do sono não os atingiu. Quando o meu pai e eu acordamos... eles não existiam mais.

Alex pôs uma mão sobre a boca.

– Eu sinto muito, Rook. Nunca me ocorreu que famílias haviam sido separadas por causa da maldição...

– Muitas pessoas não se deram conta disso. Elas acham que todos simplesmente caíram no sono e, cem anos depois, acordaram para sua vida de sempre, mas nossa vida mudou completamente quando acordamos. Eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei feliz ao saber que Ezmia tinha sido morta. Para mim, isso botou uma pedra em cima dessa história. Mas creio que o meu pai jamais voltará a ser o mesmo. É por isso que ele odeia tanto as fadas; ele as culpa por não terem sido capazes de deter a maldição.

– Eu o entendo um pouco melhor agora – disse Alex balançando a cabeça. Ela se perguntou como Rook e o Lavrador Robins reagiriam ao saber que tinha sido ela quem derrotara a Feiticeira. Isso faria com que gostassem mais dela? Ou ela simplesmente se tornaria uma lembrança viva do que perderam?

– Minha mãe e meu irmão tomaram conta de nós enquanto puderam durante o nosso sono – prosseguiu Rook. – Eles nos escreviam cartas todos os dias, para que as lêssemos quando a maldição fosse quebrada. Eu leio uma ou duas quando sinto muita saudade deles. Isso me faz sentir como se ainda estivessem por perto.

Alex entendia o sentimento de Rook mais do que ele poderia imaginar. Uma das razões por que se sentia tão confortável na Terra de Histórias era que tudo ali lhe lembrava o pai e tornava a falta dele menos dolorosa.

– Minha vez de fazer outra pergunta – disse Rook, mudando de assunto. – Como foi o seu dia? Me conte tudo o que você fez.

Alex não sabia muito bem por onde começar.

– Bom. Ele começou muito bem – falou. – Fui até o Reino da Chapeuzinho Vermelho para visitar a rainha... Nós somos velhas amigas, acredite você ou não... Mas então o dia tomou um rumo muito bizarro.

– O que aconteceu?

– O reinado dela foi contestado pela Pequena Bo Peep – contou Alex. – Ela conseguiu convencer a todos de que deveria haver eleição para uma nova líder.

Rook ficou tão intrigado que seu rosto inteiro se iluminou.

– Isso é inacreditável – disse ele. – O que a levou a fazer isso? Eu sempre achei que a Rainha Chapeuzinho era amada pelo seu povo.

– Não por todos, ao que parece. Aparentemente, faz muito tempo que a Pequena Bo está descontente com o modo como o reino tem sido conduzido e acha que ela própria daria uma rainha muito melhor. Eu jamais iria querer que Chapeuzinho perdesse o trono, mas, honestamente, acho que a Pequena Bo disse algumas coisas pertinentes.

Rook enrugou a testa e pensou melhor a respeito.

– Por que você acha que a Pequena Bo só foi contestar o trono hoje? Se ela está descontente há tanto tempo, seria de pensar que teria feito algo a respeito antes.

Alex lembrou a cena provocada pela Pequena Bo na Casa do Progresso, porém não foi capaz de encontrar uma resposta.

– Bem pensado – disse. – Ela não mencionou nada em especial, mas alguma coisa deve tê-la levado a exigir uma eleição.

– Me parece suspeito, se você quer saber – disse Rook. Ele parou bruscamente de andar, e um sorriso maroto tomou o seu rosto.

– O que foi? – perguntou Alex, virando-se para ele.

– Eu pensei em uma coisa realmente aventureira que poderíamos fazer – disse Rook, acrescentando depressa: – Deixe pra lá, talvez não seja a sua praia.

Alex riu. Se ele soubesse das travessuras que ela e o irmão aprontaram ao longo dos anos!

– Pois saiba que eu sou *muito* aventureira – provocou ela. – Não se deixe enganar pela varinha mágica e pelo vestido cintilante.

Rook balançou a cabeça.

– Eu não quero ser má influência, especialmente para uma fada tão promissora. Isso poderia causar muitos problemas para nós dois.

Alex apreciou essa atitude, mas ficou ainda mais curiosa sobre o que ele tinha em mente.

– Então, hoje, eu serei apenas *Alex* – disse ela. – No que você está pensando?

Rook riu e deu-se por vencido.

– Tudo bem, mas depois não diga que eu não avisei. – Ele deu uma risadinha. – Eu ia sugerir que, se você estiver curiosa a respeito das intenções da Pequena Bo Peep, nós poderíamos nos esgueirar até a fazenda dela e dar uma espiada. Eu sei exatamente onde fica... É do lado sudeste do Reino da Chapeuzinho Vermelho, não muito longe da nossa fazenda. Uma vez, os trabalhadores dela venderam alguns carneiros ao meu pai.

A consciência de Alex rejeitou imediatamente a ideia. Como uma fada respeitável, seria extremamente irresponsável e infantil da parte dela espionar a Pequena Bo Peep. Jamais desejaria fazer qualquer coisa que pudesse pôr em risco a sua reputação. Entretanto, a resposta que deu a Rook pegou a ambos de surpresa.

– Vamos lá!

Rook ficou chocado. Ele estava meio brincando, porém a empolgação nos olhos de Alex era contagiante.

– Você tem certeza? Eu não estou pressionando você, estou?

Na verdade, a única coisa que pressionava Alex era a própria Alex. Ela tinha a sensação de que não vivia uma aventura de verdade fazia séculos. Ansiava sentir o medo de ser pega, a emoção de ser perseguida.

– Vamos em Cornelius – ela falou. – Assim a gente chega mais rápido.

Ela deu meia-volta e se dirigiu confiantemente ao campo. Rook permaneceu paralisado por um momento antes de alcançá-la – estava gostando dela mais e mais a cada segundo que passavam juntos.

Já no campo, Alex assobiou para Cornelius, que apareceu logo em seguida.

– Boa tarde, Cornelius – disse Alex. – Rook e eu estamos indo até o Reino da Chapeuzinho Vermelho para espionar uma pessoa. Quer se juntar a nós nesta pequena travessura?

Cornelius ficou tão surpreso quanto Rook ficara. O unicórnio nunca tinha visto esse lado de Alex antes, mas gostou do que viu. Fez que sim com a enorme cabeça como que dizendo: “Pensei que você nunca ia convidar!”.

Alex e Rook montaram nele, e os três partiram rumo ao Reino da Chapeuzinho Vermelho. Quando chegaram à muralha parcialmente construída, o sol já havia se posto e a lua brilhava em um cintilante céu noturno. Todos os pedreiros tinham voltado para casa, portanto Alex e Rook não precisaram se preocupar em ser vistos entrando no reino.

Rook saltou do lombo de Cornelius e começou a escalar a muralha inacabada.

– É um pouquinho difícil, mas acho que você consegue, mesmo com esse vestido – ele falou lá de cima.

Alex nem se deu ao trabalho de tentar escalar. Tirou a varinha do bolso do vestido e a apontou diretamente para a muralha. Uma porta apareceu imediatamente, e, sem nenhum esforço, Alex atravessou para o lado de dentro do reino.

– Ah, agora você está se exibindo – falou Rook, e desceu para encontrá-la.

Cornelius tentou passar pela porta, mas ele não cabia.

– Fique do lado de fora, Cornelius – disse Alex. – Nós voltaremos logo.

O unicórnio se acabrunhou; ficou desapontado por não ir com eles, mas esperou pacientemente, como Alex pedira. Rook tomou Alex pela mão e a levou pelas colinas relvadas das Fazendas Bo Peep. Era a primeira vez que um menino segurava a sua mão. Ela sentiu como se o seu coração estivesse dando piruetas na direção do estômago.

A cerca de um quilômetro e meio além da muralha, os telhados da pitoresca fazenda da Pequena Bo Peep apareceram a distância. Era um lugar adorável que lembrou a Alex um jogo que ela e o irmão tinham quando ainda eram bebês. O celeiro era grande e pintado de vermelho-vivo, com orlas brancas. A casa da fazenda, cercada por uma varanda, era de madeira e pequena, do tamanho perfeito para uma pessoa. Entre as edificações, um cata-vento de metal girava lentamente com a brisa da noite.

Enormes fardos de feno se espalhavam pela terra, e havia felpudos carneiros brancos e pretos até onde a visão alcançava. Era como se a fazenda estivesse coberta por pequenas nuvens errantes.

Quando eles se aproximaram da fazenda, Rook puxou Alex para trás de um fardo de feno, para ocultá-los de um grupo de trabalhadores que se achava mais à frente. Os trabalhadores estavam recolhendo suas ferramentas e guardando-as no celeiro. Tinham acabado o trabalho do dia e se preparavam para voltar para casa.

De repente a porta da frente da casa da fazenda se abriu bruscamente, e a Pequena Bo Peep saiu para a varanda. Ela havia tirado a touca, e o seu cabelo escuro estava preso em um coque apertado. Vestia um longo manto azul por cima do vestido amarelo com babados e segurava o cajado em uma das mãos e uma lanterna na outra. Sua pele pálida reluzia ao luar.

A princípio, a Pequena Bo parecia estar com pressa, porém permaneceu na varanda ao perceber que os trabalhadores continuavam ali.

– Boa noite, senhorita Peep! – os trabalhadores gritaram para ela.

– Boa noite, senhores! Obrigada por todo o trabalho duro de hoje! – retribuiu a Pequena Bo. – Vejo vocês pela manhã.

Os trabalhadores tocaram a aba do chapéu, subiram todos na mesma carroça e se afastaram na noite. A Pequena Bo sorriu e acenou para eles; mas, assim que ficaram fora do alcance da visão, o sorriso dela se desfez em uma expressão sombria. Ela deu uma volta completa na varanda, esquadrinhando a fazenda para ter certeza absoluta de que estava sozinha.

Uma vez segura de que todos os trabalhadores tinham ido, a Pequena Bo desceu correndo os degraus da varanda e se dirigiu ao celeiro. Puxou as pesadas portas vermelhas, entrou e as fechou. Alex e Rook ouviram um som de abasão quando a Pequena Bo as trancou por dentro.

– O que você acha que ela está tramando? – sussurrou Alex.

– Vamos descobrir. – Rook fez sinal para ela o seguir.

Eles se deslocaram até o celeiro o mais depressa, o mais silenciosamente e o mais agachados possível. Alex tropeçou várias vezes no próprio vestido, e Rook a ajudou a se erguer em todas. Ambos riam e lembravam um ao outro de fazer silêncio. Alex não conseguia se lembrar da última vez em que se divertira tanto.

Eles contornaram o celeiro até encontrarem uma janela aberta. Bem devagar, espiaram por cima do peitoril para ver o que acontecia do lado de dentro.

O celeiro era forrado de gigantescos fardos quadrados de feno. A Pequena Bo se achava diante da pilha maior, no centro do celeiro, e derrubava incansavelmente os fardos, um cubo de cada vez. Ela gemia e enxugava a testa com o manto. Finalmente um grande objeto retangular, coberto por um lençol, foi revelado. A Pequena Bo escondia alguma coisa no meio do feno.

Ela arrancou o lençol, e Alex teve de cobrir a boca para abafar um grito.

– Aquilo é um espelho mágico! – sussurrou Alex. – A Pequena Bo Peep está escondendo um espelho mágico no celeiro!

– Você tem certeza de que é mágico? – perguntou Rook.

– Absoluta.

O espelho tinha uma grossa moldura de prata com entalhes florais, e o seu reflexo era nítido demais para ser o de um espelho comum.

A Pequena Bo se examinou no espelho, ajeitando algumas pontas de cabelo que tinham caído sobre o rosto. Uma vez satisfeita com a sua aparência, ela colocou gentilmente uma das mãos sobre o vidro. O espelho imediatamente ondulou de volta à vida, como se uma pedra tivesse sido jogada em um lago plácido.

A Pequena Bo se inclinou para perto do espelho tanto quanto possível sem tocá-lo.

– Você está aí, meu amor? – ela sussurrou. Seus olhos estavam arregalados e ansiosos enquanto aguardava. Parecia um cachorrinho à espera do dono.

A silhueta escura de um homem apareceu no vidro tremulante.

– Estou – declarou uma voz profunda e impaciente.

A Pequena Bo sorriu e pressionou ambas as mãos contra o vidro.

– Eu senti tanto a sua falta hoje – disse ela. – Eu teria vindo mais cedo, mas os homens ficaram trabalhando até tarde.

– Como foi na Casa do Progresso? – perguntou o homem.

– Tudo saiu exatamente conforme planejamos. – A Pequena Bo sentiu-se feliz em compartilhar a informação. – Eu queria que você estivesse lá para me ouvir; eu fui muito convincente. Ninguém

pensou que eu fosse outra coisa senão genuinamente apaixonada pelo reino.

– Bom. Certifique-se de que as coisas permaneçam assim.

O tom áspero do homem entristeceu a Pequena Bo.

– O que foi? Não está parecendo você mesmo – disse ela, e observou o espelho mais de perto, para ver melhor a silhueta dele.

– Cada dia preso aqui é mais duro que o anterior. Estou começando a duvidar de que algum dia serei livre.

– Você não confia em mim? – a Pequena Bo perguntou com tristeza.

– Eu confio nas suas intenções, meu amor, mas, até que você seja coroada rainha, não posso acalentar muitas esperanças. Quando o mundo nos desilude, a miséria preenche o vazio que a esperança deixa para trás.

A Pequena Bo pressionou o corpo apaixonadamente contra o vidro.

– Vou encontrar uma maneira de tirá-lo daí, nem que seja a última coisa que eu faça – disse ela. – Logo serei rainha e terei um mundo de oportunidades ao meu dispor. Vou exaurir todos os recursos até tê-lo em meus braços de novo.

A silhueta ficou em silêncio.

– Veremos – ele disse friamente.

– Você tem que acreditar em mim. Não consigo fazer isso sem a sua confiança.

A silhueta esvaneceu-se lentamente, e o vidro do espelho ficou sólido.

– Não! Volte! Por favor, volte! – implorou a Pequena Bo, porém o homem não voltou.

Ela deslizou pelo vidro até o chão, caindo sobre os joelhos. Enterrou a face nas mãos e soluçou baixinho. Depois que parou de chorar, levantou-se, cobriu o espelho com o lençol e começou a empilhar novamente os fardos de feno para escondê-lo.

– É melhor irmos embora antes que ela termine – sugeriu Rook.

Alex concordou, e eles se esgueiraram rapidamente para o lugar de onde tinham vindo. Permaneceram em silêncio até chegarem à muralha, então subiram no lombo de Cornelius e retornaram ao Reino das Fadas.

Enquanto viajavam sobre o ligeiro unicórnio, Rook perguntou:

– O que a Pequena Bo Peep estava fazendo com um espelho mágico? E quem era o homem preso nele?

Alex estava se fazendo as mesmas perguntas.

– Não faço ideia – falou. – Me sinto tão mal por ela. Quando uma pessoa fica presa em um espelho mágico, é quase impossível tirá-la de lá. E, quem quer que seja aquele homem, me pareceu que a Pequena Bo o ama muito.

– Então essa é a verdadeira razão por que ela quer ser rainha. Ela acha que, assim, será mais fácil encontrar um meio de libertá-lo.

– E, ao que tudo indica, não faz muito tempo que aquele homem está preso no espelho. Depois de um tempo, as pessoas presas em espelhos mágicos começam a se perder de si mesmas: seus pensamentos e suas lembranças se desvanecem, até que tudo o lhes resta é refletir o mundo ao redor. A mente daquele homem está quase intacta. Ele deve ter sido amaldiçoado há pouco tempo, e provavelmente foi isso o que desencadeou a decisão da Pequena Bo de reclamar o trono hoje.

– Você sabe muita coisa sobre espelhos mágicos, hein? – comentou Rook.

– Eu tenho uma certa experiência com eles – respondeu Alex. – E a Pequena Bo não é a primeira pessoa a pensar no trono como solução para livrar alguém. Poucos sabem disso, mas o homem preso no espelho da Rainha Diabólica também era o seu amado. A vaidade dela e todas as coisas horríveis que ela fez com Branca de Neve foram, de certo modo, apenas tentativas para salvar o pouco que restava dele.

– Ah, bom! – disse Rook, com um sorriso nos olhos. – Eu estava com medo de que você tivesse uma coleção de espelhos mágicos com todos os meninos com quem já saiu para um passeio.

Eles compartilharam uma gargalhada com aquela imagem.

– Pare de me dar ideias! – provocou Alex. – Além do quê, você é o primeiro menino com quem saí para um passeio. A minha coleção seria extremamente pequena.

Isso fez Rook se sentir o garoto mais especial do mundo, e a maneira como ele olhou para Alex fez com que ela se sentisse a garota mais especial. Quanto mais perto eles chegavam do Reino das

Fadas, mais próximos ficavam um do outro no lombo do unicórnio. Logo chegaram ao campo próximo ao jardins das fadas, e Rook ajudou Alex a desmontar de Cornelius. Eles se olharam nos olhos sabendo que a noite estava chegando ao fim.

– Está ficando tarde – disse Rook, olhando para o céu noturno. – Preciso ir para casa antes que o meu pai fique preocupado.

– Eu me diverti muito esta noite – disse Alex. – Obrigada por me levar em uma aventura. Eu realmente estava precisando.

– Quando posso vê-la de novo? – Rook queria perguntar isso desde que eles deixaram o Reino da Chapeuzinho Vermelho. – Se eu puder vê-la de novo, quero dizer.

– Eu adoraria. Amanhã eu tenho esse tal de baile das fadas, mas talvez possamos nos ver no final da semana...

– Mal posso esperar.

Rook olhava tão profundamente nos olhos dela que Alex sentiu como se ele estivesse olhando para a sua alma. Ele se inclinou na direção dela, e o coração de Alex começou a palpitar. Ele estava prestes a fazer o que ela estava pensando? Ela estava preparada? Contudo, um instante antes de as suas bocas se tocarem, Rook se virou e começou a andar na direção da casa dele.

– Por mais aventuras – disse ele.

– Por mais aventuras – repetiu Alex.

– Boa noite, Alex – Rook falou conforme desaparecia entre as árvores.

Ela suspirou e buscou apoio em Cornelius. Seu coração batia no tempo da gloriosa sinfonia que tocava em sua mente. Sentiu como se estivesse flutuando acima de si mesma. Nunca quisera tanto estar com alguém como queria estar com Rook. A presença dele lhe dera um propósito que ela não era capaz de explicar.

Alex deu uma palmadinha de boa-noite na cabeça de Cornelius e pegou o caminho de volta para o Palácio das Fadas. Não pôde deixar de dar pulinhos enquanto caminhava; ela era toda empolgação, risadinhas e borboletas...



CAPÍTULO 8

O Baile Inaugural de Fada

O dia do Baile Inaugural de Fada chegou. Todo o Reino das Fadas estava unido em celebração. Dois anos antes, quando Alex pusera os olhos nos jardins e no Palácio das Fadas pela primeira vez, não lhe passara pela cabeça que o reino pudesse ser mais mágico do que já era. Entretanto, quando ela acordou pela manhã, olhou pela janela e viu o resultado de todo o trabalho duro que as fadas tinham realizado para tornar esse dia tão especial quanto possível, deu-se conta de que se enganara.

Um arco-íris duplo se curvava sobre o reino. As nuvens brancas mais fofas que se pode imaginar metamorfoseavam-se lentamente em flores, animais e insetos conforme flutuavam pelo céu. Bolhas de todos os tamanhos preenchiam o ar, e algumas transportavam fadas pequeninas de um canto a outro. Todas as plantas estavam maiores e mais radiantes do que o normal e oscilavam à brisa leve. Altos gêiseres disparavam esporadicamente de cada lagoa e lago, e nunca duas vezes do mesmo lugar.

E o reino ficou ainda mais majestoso quando o sol se pôs e as estrelas apareceram. Elas cintilavam vividamente no céu noturno, e com cada estrela cadente uma cauda faiscante resplandecia como

chuva de poeira cósmica. O Palácio das Fadas reluzia mais do que nunca, como que coberto por milhões de luzes em miniatura. Fogos de artifício explodiam em câmera lenta acima dele e iluminavam com cores vivas os jardins e corpos d'água.

O baile começou no andar de baixo, no salão principal do Palácio das Fadas. Os sons de celebração aumentavam à medida que mais fadas chegavam de todo o reino. Alex ainda se achava nos seus aposentos, nervosa demais para juntar-se à festividade. Todos esperavam *por ela*, tinham vindo para *vê-la* – era mais atenção do que Alex suportava.

Ela ficara em frente ao espelho durante horas. Transformara magicamente o seu vestido em diversos modelos de baile, cada um mais excêntrico do que o outro, até que se decidiu por um simples vestido branco com luvas combinando. Até arrumou o cabelo em um penteado do qual a Rainha Chapeuzinho teria se orgulhado.

Estava linda e, mais importante, *se sentia* linda. Desejou que o seu eu de seis anos de idade pudesse vê-la agora; Alex teria crescido com mais autoconfiança se soubesse quem iria se tornar... Desejou que o irmão e a mãe pudessem vê-la.

O pequeno pedaço do espelho que ela quebrara para se comunicar com o irmão durante a viagem dele tremeluzira sem parar durante todo o dia. Alex imaginou que ele estava se divertindo à beça na Alemanha e que queria lhe contar tudo a respeito. Mal podia esperar para ouvir, porém o ignorara – queria se poupar das piadas e dos comentários sarcásticos que Conner faria sobre o seu vestido e o baile daquela noite. Já estava apavorada o bastante sem isso.

Alguém bateu à porta, e Tangerina e Skylene entraram no quarto.

– Olá, olá – disse Tangerina. – Viemos ver como você está.

– Todo mundo está aguardando lá embaixo – disse Skylene.

Alex perdeu toda a confiança na sua aparência assim que botou os olhos nos trajes encantados das duas. Tangerina trajava um vestido quadrado feito inteiramente de favos de mel; abelhas vivas abraçavam seu pescoço e seus pulsos como joias flutuantes, e mel pingava do lóbulo de suas orelhas como brincos em forma de lágrima. Skylene trazia os longos cabelos presos para cima, na forma

de um grande lírio-d'água; seu vestido era feito de água que fluía continuamente: começava no pescoço, escorria pelo corpo e parava logo antes de tocar o chão – era como se ela estivesse vestindo uma queda-d'água.

– Vocês duas estão incríveis! – pipilou Alex.

– É isso que você vai usar? – perguntou Skylene. Ela e Tangerina trocaram um olhar que fez Alex se sentir horivelmente inadequada para a ocasião.

– Sim – falou Alex com confiança, tentando reconstruir a sua autoestima. – Vocês me disseram que eu deveria me vestir da forma como queria ser lembrada, certo? Este vestido é elegante mas simples e cumpre a sua função sem ser exageradamente ostentoso e sem roubar o foco principal. É exatamente assim que eu gostaria que fosse a minha reputação.

As fadas só balançaram a cabeça.

– É *fooooofo* – disse Tangerina afinal.

Elas não foram nada convincentes; Alex sentiu-se mais desencorajada do que nunca.

– Eu não posso fazer isso – disse, sentando-se na cama. – Não estou pronta para esse tipo de atenção e pressão. Sou o tipo de garota que só quer estar no baile, e não ser *a rainha do baile*.

Tangerina e Skylene sentaram-se uma de cada lado dela.

– Você terá de desculpar o reino, querida – disse Tangerina. – O último Baile Inaugural de Fada foi cancelado quando descobrimos quanto Ezmia era destrutiva. Um longo tempo se passou desde que tivemos algo ou alguém que valesse a pena celebrar. Estamos todas muito empolgadas. Empolgadas demais, talvez.

– Não posso nem imaginar como tudo isso deve ser estressante para você – disse Skylene. – E acho que nós não fomos de muita ajuda. Talvez tenhamos lhe passado uma ideia errada sobre o que esta noite realmente significa.

– Então eu não deveria me vestir como gostaria de ser lembrada? – perguntou Alex.

– Esqueça o que dissemos sobre isso, Alex – disse Tangerina. – Ser uma fada significa que você precisa ser verdadeira para com a bondade que há no seu coração, e nada é mais verdadeiro do que expor os seus sentimentos abertamente.

– E, quanto mais honestidade você demonstrar na sua aparência, mais será lembrada e admirada por isso – Skylene acrescentou.

Alex pensou naquilo por alguns momentos, porém não tinha certeza de ter entendido plenamente.

– Então eu devo vestir os meus sentimentos? – perguntou ela.

– Por assim dizer – disse Skylene.

– Se você realmente acredita que este vestido a representa, não deve ter receio de usá-lo lá embaixo – disse Tangerina.

– Vamos lhe dar alguns momentos sozinha para pensar – disse Skylene. – Não há pressa; desça quando estiver pronta.

Cada uma delas deu um tapinha nas costas de Alex, e as duas caminharam até a porta.

– Ah, e Alex – Tangerina disse antes de sair –, não pense que você não vale uma celebração.

As fadas sorriram afetuosamente para Alex e deixaram o aposento. Alex ficou em frente ao espelho de novo, dessa vez olhando mais para dentro do seu coração do que para o reflexo.

No último ano, ela vivenciara muitas coisas novas: viver em uma dimensão diferente, aprender magia, sair para passear com meninos e ficar longe da família pela primeira vez. Tudo era tão terrificante quanto empolgante, e Alex queria que o seu vestido de baile refletisse isso.

Fechou os olhos e pensou no traje perfeito. Ergueu a varinha e, com um forte clarão, transformou o vestido pela última vez.



O salão principal do Palácio das Fadas estava lindamente decorado. Os arcos e as colunas normalmente dourados tinham sido enfeitados para mudar de cor no decorrer da noite. A um canto, uma pequena banda de flautas e cordas encantadas tocava música. O espaço fora totalmente esvaziado dos seus objetos cotidianos, e em seu lugar foram colocadas mesas com comida e bebida.

Havia centenas e mais centenas de fadas, todas diferentes: fadas d'água salpicadas de orvalho, fadas de jardim envoltas em folhas, fadas com grandes asas coloridas, fadas que brilhavam como se

fossem feitas inteiramente de luz, fadas tão pequenas quanto insetos. A maioria delas circulava e se misturava, enquanto outras pairavam no ar.

A Fada Madrinha se encontrava no centro da festa, fazendo as vezes de anfitriã e cumprimentando todos os que se aproximavam. Usava o mais fino dos seus mantos, que cintilava como o céu noturno – e, naquela noite, o ar em volta dela também cintilava, como se a sua aura tivesse se arrumado para a ocasião.

Mamãe Ganso e Lester montaram acampamento ao lado de uma das mesas de bebida e evitavam as outras fadas a todo custo. Mamãe Ganso servia taças de ponche para si e para o enorme ganso, completando-as com uma dose de sua própria garrafa.

Ao pé da escadaria, Tangerina e Skylene aguardavam a chegada de Alex.

– Espero que a tenhamos animado – disse Tangerina. – A pobrezinha parecia aterrorizada.

– Ela vai descer quando estiver pronta – disse Skylene.

– Oh, veja! Aí vem ela – falou Tangerina, apontando para o topo da escadaria.

Skylene tilintou entusiasticamente seu copo até o salão ficar em silêncio.

– Senhoras e senhores, meninos e meninas, nós gostaríamos de lhes apresentar a fada do momento – ela anunciou. – Ela é a fada mais jovem a se juntar ao Conselho das Fadas e à Assembleia dos Felizes para Sempre, a única fada que foi perspicaz o bastante para superar a Feiticeira, a futura Fada Madrinha! Por favor, deem calorosas boas-vindas à primeira e única Alex Bailey!

Skylene fez um gesto majestoso em direção ao topo da escadaria, e o salão explodiu em aplausos. Alex começou a descer, e todas as fadas prenderam a respiração ao notarem o seu vestido. Ela ainda trajava o vestido branco, porém agora ele estava coberto por milhares de vibrantes borboletas vivas. As borboletas se agitavam e batiam as asas em sincronia com o coração de Alex, mas nunca voavam para longe.

Tangerina e Skylene foram as primeiras a saudar Alex e a elogiar entusiasticamente o seu novo vestido. Da mesa de bebidas, Mamãe Ganso e Lester ergueram as taças na direção dela. A Fada Madrinha

sorriu orgulhosamente para Alex, caminhou até o pé da escadaria, pegou a mão da neta e a levou até o centro do salão.

O palácio estava cheio de fadas que Alex nunca tinha visto. Entretanto, a não ser por Tangerina e Skylene, o resto dos membros do Conselho das Fadas não estava em lugar nenhum.

– Vovó, onde está todo mundo? – perguntou Alex. – Rosette, Xanthous, Emerelda, Violetta e Coral não vêm para o baile?

– Logo estarão aqui – disse a Fada Madrinha. – Só estão aguardando que comecemos.

– Comecemos *o quê*? – Alex perguntou e deu uma olhadela desconfiada para a avó.

– Você verá – disse a Fada Madrinha, escondendo um sorriso.

Skylene bateu no lado do seu copo outra vez para ganhar a atenção da multidão.

– Estamos aqui reunidos hoje para celebrar uma menina que, nos últimos meses, vem demonstrado possuir uma sabedoria e uma aptidão que vão além da sua idade. No entanto, antes que possa se juntar ao Conselho das Fadas e à Assembleia dos Felizes para Sempre, ela deverá passar por quatro provas sagradas: a prova de *coragem*, a prova de *graça*, a prova de *bondade* e a prova de *coração*.

As borboletas dos lados de dentro e de fora de Alex bateram asas intensamente.

– Vovó – ela disse, os olhos arregalados –, você nunca disse que eu seria *posta à prova* no baile.

Um sorriso divertido surgiu no rosto da Fada Madrinha.

– Eu não queria preocupá-la – disse ela. – Apenas relaxe, meu bem, você já passou pelas três primeiras provas sem nem sequer perceber.

– Por favor, liberem a pista de dança! – disse Skylene, e a multidão de convidados se dividiu e ocupou os lados do salão, deixando Alex sozinha no centro.

Um forte clarão tomou o fundo do salão, e apareceram sete pódios e uma cadeira ao lado de cada um. Eram os postos dos membros do Conselho das Fadas – se Alex passasse nas provas, ganharia uma cadeira entre eles.

Mamãe Ganso iria apresentar a primeira prova. Ela caminhou até Alex e passou um braço em volta da jovem fada.

– Quando tinha treze anos, Alex provou sua coragem ao derrotar a perversa Feiticeira – Mamãe Ganso anunciou. – Alex foi capaz de fazer algo que cinco rainhas, quatro reis e dez fadas juntos não conseguiram; ela descobriu um jeito de sobrepujar Ezmia. Alex não se importou se iria viver ou morrer no processo; tudo o que lhe importava era salvar as pessoas que amava. Então, Alex, é meu privilégio lhe informar que, sem sombra de dúvida, você passou no teste de *coragem*.

As fadas aplaudiram, e Mamãe Ganso ocupou sua cadeira junto ao pódio. Depois que ela se sentou, quatro rostos familiares surgiram no meio da multidão e se dirigiram ao centro do salão, perto de Alex – eram a velha senhora e as suas três netas malcriadas que Alex ajudara no Reino Encantado.

– Espere, o que elas estão fazendo aqui? – perguntou Alex.

De repente, luzes brilhantes surgiram e começaram a rodopiar em volta da mulher e das netas. Alex assistiu atônita enquanto a mulher se transformava em Emerelda, e as três netas, em Rosette, Violetta e Coral.

– *Então eram vocês quatro?* – Alex perguntou chocada, e um sorriso apareceu em seu rosto.

Todas as quatro estavam maravilhosas como nunca. Emerelda usava um vestido longo feito inteiramente de pequenas esmeraldas. O vestido de Rosette era vermelho, com múltiplas camadas, de modo que a parte de baixo parecia uma rosa gigante a envolver suas pernas. Violetta trajava um vestido roxo com uma gola alta em forma de violeta. O vestido de Coral era feito de pétalas de flores rosadas, e Fisher, o seu peixe de estimação andante, firmemente seguro nas mãos dela, usava uma gravata-borboleta combinando.

– Ser fada não significa ser apreciada a todo momento – disse Emerelda. – Mesmo quando sujeitada a um lar rude e nada acolhedor, Alex foi capaz de manter a calma e uma conduta elegante. Ela entende que ser fada não diz respeito a *quem* se ajuda, mas a *como* se ajuda. Ela passou na prova de *graça*.

Todas as fadas aplaudiram de novo. Rosette, Tangerina, Emerelda, Skylene, Violetta e Coral foram para os seus respectivos pódios – faltava somente uma fada.

Antes que Alex se desse conta de qualquer coisa, Cornelius galopou para dentro do salão a toda velocidade, com Xanthous no lombo. Eles pararam no centro, ao lado dela, e Xanthous desmontou do unicórnio.

– Não me diga que *você também* foi uma prova! – Alex disse ao unicórnio e, brincando, pôs as mãos no quadril.

O unicórnio balançou alegremente a cabeça gigantesca.

Xanthous vestia um terno amarelo-claro com uma longa capa de chamas tremeluzentes. Ele se dirigiu à multidão, absorvendo a atenção geral:

– De todos os unicórnios que Alex poderia ter escolhido como meio de transporte, ela escolheu *este aqui*.

Cornelius bufou alto como que dizendo: “Ei! Eu tenho um nome!”.

– Alex deu a este unicórnio a oportunidade de provar a si mesmo que era bom, mesmo quando os unicórnios do seu próprio rebanho o desprezaram – continuou Xanthous. – Ela provou acreditar que paixão é muito mais importante do que aparência e, ao fazer isso, passou na prova de *bondade*.

As fadas aplaudiram mais uma vez. Cornelius ficou emocionado e precisou enxugar os olhos em uma toalha de mesa. Xanthous juntou-se às demais fadas, completando o arco-íris de cores. A Fada Madrinha foi a próxima a se aproximar de Alex. O salão inteiro ficou em silêncio, sabendo que a prova final estava prestes a ser apresentada.

– Alex, há uma prova final que você precisa completar. E terá de completá-la na frente de todos nós – a Fada Madrinha falou com firmeza, embora fosse mais para manter as aparências. – É o teste de *coração*, e ele não pode ser provado com uma varinha de condão, mas apenas com palavras. Você está pronta?

As mãos de Alex tremiam. Ela temia que um momento como esse chegasse – um momento em que, se falhasse, decepcionaria o Reino das Fadas inteiro. Alex lambeu os lábios e balançou a cabeça afirmativamente.

– Sim, estou pronta.

– Diga, com suas próprias palavras, por que você deveria se juntar ao Conselho das Fadas e à Assembleia dos Felizes para

Sempre – pediu a Fada Madrinha.

Era difícil para Alex pensar com tantos pares de olhos dirigidos a ela. Procurou dentro do seu coração a melhor resposta. Pensou em todas as pessoas que ajudara e em todas as que a ajudaram antes de ela se tornar fada. Pensou nas fadas ali presentes, pensou no Lavrador Robins – e em Rook –, e tentou formular uma resposta que agradasse a todos.

– Porque... porque... – Alex começou, com um arrepio de nervoso. – Porque eu sei como é viver sem magia. Eu sei como é dar duro pelas coisas. Neste momento, acho que as pessoas de fora deste reino têm dificuldade para acreditar em nós porque não enxergam como podemos entender como as coisas são para elas. Com o tempo, acredito que posso vir a ser a fada em quem todas essas pessoas confiam e acreditam, pois eu sempre serei uma delas.

O salão ficou muito silencioso enquanto todos aguardavam para ouvir o resultado. A Fada Madrinha virou de costas para a neta e encarou os espectadores.

– Ela passou no teste de *coração* – declarou.

As fadas irromperam em aplausos tempestuosos. A Fada Madrinha tomou o seu lugar junto aos pódios, e o Conselho das Fadas ficou completo. Uma cadeira de ouro nova em folha surgiu ao lado da Fada Madrinha. Alex foi até ela e acariciou o braço da cadeira. Finalmente, era um membro oficial do Conselho das Fadas e da Assembleia dos Felizes para Sempre e tinha a sua própria cadeira para provar.

A Fada Madrinha se inclinou para Alex e falou:

– Eu disse que você não tinha com o que se preocupar.

Alex sorriu para a avó.

– Não acredito que vocês me testaram durante a semana inteira – disse aos seus colegas do conselho.

– Nós sabíamos que você não nos desapontaria – disse Xanthous.

– Parabéns, Alex – felicitou Emerelda.

– Muito bem! – acrescentou Rosette.

– Você não vai experimentar a sua cadeira? – perguntou Coral.

Alex sentou-se na sua cadeira pela primeira vez. Não podia negar que sentar-se ao lado do restante dos membros do conselho tendo um propósito era uma sensação muito boa.

A celebração prosseguiu. Alex era continuamente parabenizada por fadas que nunca vira antes. Em certo momento, reparou em alguém que não saía de detrás de uma coluna. Podia jurar que o conhecia. Era mais alto do que ela e usava um terno velho um pouco grande demais. Uma máscara emplumada cobria-lhe o rosto.

Ele a observara durante toda a noite, mas não se aproximara para dar os parabéns ou dizer “oi”. Quanto mais Alex o examinava, mais ansioso ele parecia ficar. Por fim, a atenção que ela estava lhe dando obviamente o afligiu demais, e ele deixou o Palácio das Fadas. A curiosidade de Alex a venceu, e ela decidiu segui-lo.

– Vovó, posso deixar a festa por alguns minutos?

– É claro, meu bem!

Alex apressou-se para fora do salão principal e desceu os degraus da entrada do palácio. Sentiu algo sendo esmagado sob o pé e descobriu que seu observador tirara a máscara e a largara na escada. Ela olhou para a frente e o viu correndo na direção dos jardins.

– Ei! – Alex gritou, mas ele não se virou.

Ela o perseguiu o mais depressa que conseguia com aquele vestido. Sempre que chegava perto o bastante para ver quem ele era, o indivíduo tomava outro caminho nos jardins. Alex sentiu como se estivesse em um labirinto de plantas e flores coloridas. Por fim, alcançou-o em uma pequena ponte que atravessava uma lagoa.

– Pare! – ordenou. – Mostre seu rosto, ou vou usar a minha varinha!

Ele se virou lentamente, e seu rosto se iluminou perfeitamente ao luar.

– *Rook?! –* arquejou Alex.

– Desculpe. Eu não pretendia fugir de você... Na verdade, só queria vê-la de novo. Pensei em entrar escondido no baile e surpreendê-la, mas, quando a vi e descobri que era o *seu* baile, resolvi ficar.

Alex não sabia o que dizer. Nunca tivera a intenção de manter em segredo quem era de verdade, porém não queria que Rook descobrisse daquela maneira.

– Rook, me desculpe por não ter contado a história completa sobre quem eu sou. Eu tive medo de assustá-lo.

Rook olhou para ela por um momento e então balançou a cabeça.

– Então você é a próxima Fada Madrinha, hein?

– Sim – disse Alex timidamente.

– E foi *você* quem derrotou a Feiticeira?

– Culpada disso também.

Rook levou um minuto para assimilar aquilo. Fitou os jardins em absoluta perplexidade.

– Isso é mau – ele disse, sacudindo a cabeça. – Não sei o que vou fazer a respeito.

Alex sentiu o coração cair até a boca do estômago.

– Rook, eu ainda sou eu. Ainda sou a mesma fada que você conheceu na sua horta e com quem saiu ontem.

Para alívio de Alex, Rook a encarou e sorriu.

– Não era sobre isso que eu estava falando. – O rapaz deu um passo mais para perto dela. – Eu a achei incrível na primeira vez que a vi e, quanto mais penso em você, mais incrível você se torna. E, agora que sei quanto você é realmente incrível, não vejo muito como posso deixá-la ir embora.

– Oh – disse Alex. Seu coração se acelerou, e as suas borboletas se agitaram. – Ora, isso é muito... muito... *legal*.

– Você me deixa feliz de verdade, Alex, de uma maneira que eu não sei explicar.

– Você também me deixa feliz, Rook. Uma das razões por que estou usando borboletas esta noite é para combinar com as borboletas que sinto quando penso em você.

Rook deu um passo para ainda mais perto de Alex e tocou seu rosto com a mão. Olhou bem dentro dos olhos dela por um momento e então, lentamente, inclinou a cabeça na direção de Alex. O coração dela estava a ponto de sair do peito. As borboletas se agitavam mais depressa conforme ele se aproximava. E elas voaram para longe do vestido no instante em que Rook a beijou pela primeira vez.



A celebração continuou no salão principal, a despeito da ausência de Alex. A Fada Madrinha, sentada na sua cadeira, assistia alegremente à festa. Tinha sido uma noite fabulosa, e ela não poderia estar mais orgulhosa da neta. Entretanto, a celebração cobrara um preço da Fada Madrinha, que agora se sentia muito cansada e um pouco fraca.

– A festa está maravilhosa! – exclamou Mamãe Ganso, puxando a sua própria cadeira para perto da amiga. – Nada nunca vai superar a festa de arromba que eu dei durante as Cruzadas, mas esta chega perto.

– Sim, acho que todos estão se divertindo – a Fada Madrinha disse suavemente.

– Você está se sentindo bem, FM? – perguntou Mamãe Ganso. – Não parece muito festiva.

– Só estou contente por este dia finalmente ter chegado. Agora, o Reino das Fadas pode ficar descansado sabendo que o seu futuro está em boas mãos.

Mamãe Ganso deu uma boa olhada nela. Sabia que algo estava errado, embora isso não estivesse claramente escrito no rosto da Fada Madrinha.

– Eu a conheço há séculos; sei quando alguma coisa a está incomodando – falou a Mamãe Ganso.

A Fada Madrinha suspirou.

– Posso lhe contar uma coisa? – ela perguntou à sua amiga mais antiga.

– É claro. Se eu tivesse que pagar uma moeda de ouro por cada segredo meu que você guardou, estaria falida.

A Fada Madrinha a olhou bem nos olhos e falou:

– Anos atrás, quando declarei Ezmia como minha herdeira, alguma coisa no fundo da minha cabeça vivia me dizendo que aquilo não era certo. Eu ignorei esse sentimento, até que ele provou ser uma intuição. Agora que declarei Alex como minha herdeira, uma outra sensação me tomou, a qual não posso ignorar.

– Quê? Você tem dúvidas a respeito de Alex também?

– Pelo contrário. Depois de meses treinando-a e finalmente vendo-a entre o conselho esta noite, não me sinto de outro modo a não ser esperançosa... e *cansada*.

– Quão cansada?

– Mais cansada do que jamais me senti.

A expressão de Mamãe Ganso se abateu.

– Você está me dizendo o que acho que está dizendo?

A Fada Madrinha balançou a cabeça afirmativamente.

– Sim – disse ela com um sorriso agrídoce. – Você e eu somos as únicas com idade suficiente para saber como a magia funciona nessas situações. Sabemos o que esperar. Mas, por favor, tenha em mente que isso é uma boa notícia. Significa que finalmente encontramos a verdadeira herdeira da magia e que ela está pronta.

Mamãe Ganso não disse uma palavra. Apenas tomou a mão da Fada Madrinha entre as suas e sorriu o mais abertamente que conseguiu, dadas as novidades.

– Acho que vou me recolher por hoje – disse a Fada Madrinha. – Se você vir Alex, por favor, diga a ela que a verei pela manhã.

A Fada Madrinha desapareceu lentamente entre nuvens delicadas e brilhantes, cansada demais para subir a escada.

De repente, o salão se dividiu. Algo estava causando um tumulto, e as fadas se afastaram o mais depressa possível. Três bruxas vociferantes que haviam acabado de chegar ao palácio abriram caminho ruidosamente até o centro do salão.

Cada uma delas vestia um manto comprido e esfarrapado, e todas cheiravam mal. Uma tinha olhos de gato e gravetos no lugar de cabelos; outra não tinha um olho, porém dois narizes; e a terceira tinha a pele tão solta que parecia derreter, como se fosse cera. Elas cacarejaram escandalosamente para as fadas, que se encolhiam de medo.

Os oito membros do Conselho das Fadas formaram um círculo em volta das bruxas. Era óbvio que elas estavam ali para criar problemas.

– O que vocês querem? – Emerelda perguntou.

– Viemos para o Baile Inaugural de Fada, é claro – a bruxa com um olho a menos falou em uma voz estridente.

– Vocês não foram convidadas – disse Violetta. – Esta celebração é só para fadas.

– A sua presença no nosso palácio é um desrespeito às leis da Assembleia dos Felizes para Sempre! – Xanthous ameaçou. – As

bruxas estão proibidas de colocar o pé neste reino, e vocês sabem disso.

– Apliquem essas leis enquanto elas ainda existem, porque logo não haverá assembleia para nos ameaçar – advertiu a bruxa caolha.

As fadas sussurraram entre elas. O que a bruxa queria dizer com isso? Xanthous, impaciente, não quis descobrir e disse:

– Partam imediatamente, ou mandaremos jogá-las na Prisão Pinóquio.

As bruxas cacarejaram ainda mais ruidosamente diante daquela tentativa de assustá-las.

– Mas, se nós partirmos, vocês nunca receberão o nosso presente – sibilou a bruxa com olhos de gato. – Nós não viemos de mãos vazias.

– Não queremos o seu presente – disse Tangerina. As abelhas em volta do pescoço e dos pulsos dela se agitavam num ritmo mais rápido. – Voltem para o lugar de onde vieram!

– Confie em nós: vocês querem o que temos a oferecer – chiou a bruxa com pele de cera. – É mais uma *profecia* do que um *presente*. Algo que as bruxas guardaram durante muito tempo, mas, já que esta é uma noite tão cerimoniosa, pensamos em compartilhar com vocês.

– Nós também não queremos ouvir a sua profecia ridícula – disse Rosette.

– Eu quero! – Coral declarou em nome de todas as fadas curiosas no salão. – Não pode fazer mal apenas ouvir a informação que elas querem nos dar, seja qual for.

Os membros do Conselho das Fadas se entreolharam; ninguém se opôs.

– Muito bem – disse Emerelda. – Se as bruxas prometerem nos deixar em paz depois que terminarem, poderão compartilhar a sua mensagem conosco.

As bruxas fecharam a cara para o público de fadas. Deram-se as mãos e formaram um círculo. Então viraram a cabeça para o céu, e a boca e os olhos delas incandesceram. Uma forte brisa cortou o palácio enquanto as bruxas entoaram em uníssono:

Fadas, escutem caladas,

Pois há verdade nestas visões vaticinadas.
“Felizes para sempre” estará acabado
Diante da ameaça que vem do passado.
Um a um, todos os reinos se desfarão
Nas batalhas perdidas e guerras que virão.
Sangue de fadas jorrará de espada hostil
Quando enfrentarem o exército de muitos mil!

A bruxas ulularam em gargalhadas à conclusão da profecia. As fadas tiveram de tampar os ouvidos por causa dos guinchos estridentes.

– Caiam fora deste palácio antes que eu as transforme em cinzas!
– bradou Xanthous, e o seu corpo inteiro explodiu em chamas.

– É! E eu vou chutar suas cinzas até a semana que vem! – acrescentou Mamãe Ganso.

Gargalhando escandalosamente, as bruxas deixaram o palácio. As fadas trocaram olhares ansiosos entre si. Haveria razão para acreditar em uma palavra sequer do que as bruxas disseram? Havia um exército de milhares a caminho? Vindo de onde?

– Não se preocupem – disse Emerelda. – Isso não foi nada mais que uma tentativa ridícula de arruinar a nossa noite, e eu me recuso a permitir que elas tenham sucesso. Portanto, proponho que continuemos as nossas festividades nos jardins, para celebrarmos sob as estrelas.

As fadas aplaudiram, e Emerelda guiou os convidados para o lado de fora do palácio.

– Mamãe Ganso, você não vem? – Coral perguntou enquanto saía.

Mamãe Ganso fora a única a ficar para trás.

– Claro – disse ela. – Estarei lá em um minuto.

– Está bem – disse Coral, e saiu voando com as outras.

Os olhos de Mamãe Ganso se deslocaram bruscamente para a esquerda e para a direita, e pequenas gotas de suor apareceram na sua testa. Ela era a única fada para quem a profecia das bruxas significava alguma coisa. Tudo o que as bruxas predisseram estava ligado a um segredo obscuro que Mamãe Ganso guardara por muito,

muito tempo, um segredo que jamais contara a ninguém, nem mesmo à Fada Madrinha.

Mas, anos antes, ela havia feito de tudo para que o exército não realizasse a travessia. Será que aquela ameaça continuava viva?

Só havia um meio de descobrir e uma única pessoa que poderia ajudá-la – e essa pessoa estava a mundos de distância.

Mamãe Ganso tomou um trago gigante de sua garrafa térmica e pulou nas costas de Lester. Ela o conduziu até a janela do quarto de Alex. Mamãe Ganso entrou nos aposentos e olhou em volta. Avistou o espelho mágico em um canto e tocou o vidro. Não houve resposta. Mamãe Ganso correu os olhos desesperadamente pelo quarto. Na mesa de cabeceira de Alex, encontrou o pedaço de espelho que havia sido tirado do espelho mágico, e, para seu alívio, o objeto estava tremeluzindo – *ele* estava tentando contatar Alex naquele exato momento.

Mamãe Ganso pegou o pedaço de espelho, e o rosto redondo e sardento da pessoa que ela desejava contatar apareceu.

– Ei, C-Dog, graças a Deus é você! – Mamãe Ganso disse a Conner. – Escute, precisamos conversar. Eu preciso da sua ajuda...



CAPÍTULO 9

Abandonando a viagem

Conner passara os dois últimos dias da viagem trancado no quarto do hotel, fingindo estar doente. Enquanto a sua diretora e as suas colegas de escola visitavam museus e locais históricos, ele passava dia e noite tentando falar com Alex. Vivia de sanduíches e refrigerantes de uma máquina automática que ficava no saguão e de cochilos de vinte minutos.

Nunca na vida estivera tão zangado com a irmã. Sabia que Alex estava ocupada com o Baile Inaugural de Fada, mas isso não poderia ter tomado todo o seu tempo nos últimos três dias. Quando – ou se – ele conseguisse falar com ela, seria bom que Alex tivesse uma razão muito boa para ignorá-lo.

Infelizmente o dia da partida chegou, e Conner não tinha escolha senão voltar para casa. Ele lamentou ter que partir. De algum modo, estar próximo à sepultura dos Irmãos Grimm fazia com que se sentisse mais perto da questão.

O grupo embarcou na van e se despediu de Berlim a caminho do aeroporto. Uma vez lá, Conner não permitiu que a moça do balcão despachasse Betsy. O pedaço de espelho mágico estava dentro da mala, e ele não queria estar longe dela caso Alex tentasse contatá-lo. Seu inesperado apego à mala não passou despercebido. Todas as

meninas do grupo ergueram uma sobrancelha – e nenhuma sobrancelha subiu tão alto quanto a de Bree. Ela observava cuidadosamente cada movimento dele.

Eles aterrissaram no aeroporto de Heathrow e encontraram assentos perto do portão de embarque para o voo de conexão.

– Oi, chefia! Oi, chefia! – Cindy dizia em um horrível e afetado sotaque londrino a todos os ingleses que passavam. – É assim que se cumprimenta por aqui – ela sussurrou para os outros do grupo como se estivesse lhes revelando um segredo.

– Não, não é – falou Bree, constrangida pela colega.

As Abraçadoras de Livros vinham lançando a Conner olhares hostis desde que deixaram Berlim, mas ele não percebera. Passara todo o tempo olhando para o nada, segurando Betsy junto ao peito, como se temesse que alguém a arrancasse de suas mãos.

– Como está se sentindo, senhor Bailey? – perguntou a sra. Peters enquanto lia um jornal.

– Melhor – disse Conner, sem erguer os olhos.

– Eu sinto tanto por você ter perdido todas as outras atividades; você teria gostado.

– Da próxima vez – foi tudo o que Conner conseguiu responder.

O intercomunicador do portão soou, e um aviso foi dado:

– Atenção, senhores passageiros do voo 527, iniciaremos o embarque em dez minutos, começando com os passageiros da primeira classe.

– Maravilha! – exclamou a sra. Peters, dobrando o jornal. – Logo, logo, estaremos a caminho de casa.

Conner sabia que seria difícil usar o espelho mágico dentro do avião, então decidiu tentar se comunicar com Alex antes de embarcar.

– Vou ao banheiro antes de embarcarmos – ele anunciou às meninas e se apressou até o banheiro mais próximo, com Betsy nos braços.

As Abraçadoras de Livros reviraram os olhos para Conner, como em todas as vezes em que ele dissera ou fizera qualquer coisa na viagem. Bree o observou conforme ele se afastava; queria saber por que ele precisava da mala para usar o banheiro.

Conner entrou no banheiro masculino e olhou embaixo de todas as portas dos reservados para se certificar de que estava sozinho. Trancou-se atrás de uma, abaixou a tampa do vaso e se sentou. Abriu Betsy no chão e pegou o pedaço de espelho. Pressionou o vidro com o dedo, que tremeluziu por alguns momentos. Conner não teve sorte em contatar Alex. Ficou extremamente frustrado e desapontado.

Ainda assim, por mais que duvidasse que o resultado seria diferente, decidiu tocar o vidro mais uma vez antes de desistir. O vidro tremeluziu pelo mesmo tempo que de costume, e, quando Conner já estava prestes a guardar o espelho, sentiu um aperto no coração. Um rosto apareceu – porém não era a pessoa que ele esperava.

– Ei, C-Dog, graças a Deus é você! – falou Mamãe Ganso. – Escute, precisamos conversar. Eu preciso da sua ajuda...

Conner ficou tão empolgado por finalmente fazer contato com alguém que quase caiu do vaso.

– *Mamãe Ganso! É tão bom ver o seu rosto!* – Ele estava histérico.

– Se eu ganhasse uma moeda de ouro cada vez que alguém diz isso, estaria no vermelho – ela disparou. – Escute, preciso falar com você sobre uma coisa muito importante.

Ela parecia tão perturbada e agitada quanto ele, porém Conner decidiu que a preocupação dela podia esperar diante das novidades que ele tinha para contar.

– Não! Eu tenho uma coisa *mais* importante para contar – falou. – *Algo colossal aconteceu, e eu preciso que alguém do mundo dos contos de fadas saiba!*

Mamãe Ganso o encarou de um jeito estranho.

– Garoto, você está em um banheiro? – perguntou ela. – Porque, se for o caso, acho que talvez seja melhor você falar com um médico a respeito, não comigo...

– Eu estou em um banheiro porque estou tentando me esconder! Estou na Europa, em uma viagem da escola! Era o único lugar em que podia ter privacidade!

– Europa? Certo, garoto, acalme-se e me conte o que está acontecendo antes que você tenha um treco.

Conner respirou fundo e começou do começo:

– Eu estava na Alemanha para um evento com a diretora da minha escola e algumas alunas. A Universidade de Berlim encontrou três contos de fadas inéditos deixados pelos Irmãos Grimm. Havia instruções claras para que essas histórias fossem divulgadas ou publicadas exatamente duzentos anos mais tarde. Nós e uma porção de outras pessoas fomos ao cemitério onde os Irmãos Grimm estão enterrados, e rolou uma leitura especial das histórias. As duas primeiras não eram importantes, mas eu acho que a terceira era um aviso disfarçado.

– Um aviso? – perguntou Mamãe Ganso. – Um aviso sobre o quê?

– É o que estou tentando descobrir. A história era parecida demais com a vida real para não ter um propósito maior.

– Diga-me sobre o que era a história.

– Era sobre dois irmãos que contavam histórias, exatamente como os Irmãos Grimm. Eles conseguiam suas histórias com uma fada que vivia em um castelo secreto, *exatamente como os Irmãos Grimm conseguiam as histórias deles com você, a vovó e as outras fadas*. Um dia, um rei ganancioso obrigou os irmãos a lhe fornecer um mapa para o castelo secreto, para que ele pudesse conquistá-lo. Um pássaro mágico que também vivia no castelo, *que eu deduzo ser você*, deu aos irmãos um mapa encantado para ser entregue ao rei, para que ele levasse duzentos anos até chegar ao castelo, dando tempo de sobra para as pessoas e criaturas mágicas prepararem uma defesa. Os irmãos da história temiam que o pássaro mágico se esquecesse de avisar os outros moradores do Castelo Secreto sobre o rei que se aproximava, então escreveram uma história sobre isso, esperando que ela chegasse ao castelo antes do exército de milhares do rei.

– Espere, você pode repetir essa última parte? – Mamãe Ganso interrompeu.

– Eu disse que eles esperavam que a história chegasse ao Castelo Secreto antes do exército de milhares do rei, caso o pássaro mágico tivesse se esquecido de avisar os outros.

O rosto de Mamãe Ganso ficou totalmente pálido, e os seus olhos se perderam em um transe temeroso.

– Mas isso é impossível – ela disse baixinho consigo mesma.

– O que é impossível? – perguntou Conner. – Essa história significa algo pra você? Porque, para mim, parece que alguma coisa

ruim começou duzentos anos atrás e agora os Irmãos Grimm estão alertando todo mundo sobre isso.

Mamãe Ganso não respondeu. Apenas sacudiu a cabeça de um lado para o outro como se estivesse pensando no que Conner lhe contara.

– Mamãe Ganso, se essa história é real, temo que algo horrível esteja para acontecer na Terra de Histórias, e nós temos de impedir! – disse ele.

Ela finalmente ergueu os olhos e voltou a fazer contato visual com Conner.

– Receio que essa história seja baseada em uma coisa muito real – ela falou em um tom devastado.

Conner sentiu o coração se afundar no estômago.

– O que aconteceu? – perguntou ele.

Mamãe Ganso suspirou e então contou a Conner um segredo que guardara consigo mesma por anos:

– Duzentos anos atrás no tempo do Outromundo, existia um homem chamado Jacques du Marquis, um general na Grande Armée do Império Francês. O General Marquis era um homem perspicaz; ele sabia que as histórias dos Irmãos Grimm sobre criaturas míticas e reinos eram mais do que simples ficção. Assim, mandou segui-los e descobriu a verdade sobre a origem das histórias deles. Ele queria conquistar as terras magníficas sobre as quais tinha lido, então sequestrou os Irmãos Grimm e exigiu que fornecessem ao seu exército um portal para o mundo dos contos de fadas, ou mataria a família deles.

– E eles forneceram esse portal? – perguntou Conner.

– Foi aí que eu entrei na história. Nunca dei a eles um mapa como fez o pássaro da história, mas contei aos irmãos sobre um portal pelo qual podiam levar o General Marquis e o seu exército de cinco mil homens. No entanto, eu enfeitei o portal para que o exército levasse duzentos anos para atravessar para o mundo dos contos de fadas.

– E isso foi duzentos anos atrás! – exclamou Conner. – Por que eles ainda não chegaram ao mundo dos contos de fadas?

– Porque, depois que a Feiticeira foi derrotada, a sua avó fechou todos os portais entre os mundos, e num momento crucial. Ainda

bem que ela fez isso, pois assim eu nunca precisaria contar sobre o exército que se aproximava. Eu amava demais o Outromundo, mas não pude me opor ao fechamento do portal, já que isso evitaria que aquele homem horroroso e seus soldados entrassem no nosso mundo.

– Ninguém nunca se perguntou onde um grupo de cinco mil soldados teria desaparecido?

– Não, porque logo depois, no inverno de 1812, Napoleão e a Grande Armée invadiram a Rússia. Os soldados franceses não aguentaram o frio, e os soldados russos, ao baterem em retirada, não deixaram para eles nem lavouras nem gado. O número de mortos foi gigantesco, e todos presumiram que o General Marquis e seus homens estavam entre os que pereceram.

Conner soltou um profundo suspiro de alívio.

– Que notícia maravilhosa! Isso significa que o exército continua preso no portal e jamais chegará à Terra de Histórias, certo?

Ele esperava que Mamãe Ganso confirmasse o seu alívio, mas em vez disso os olhos dela se perderam em outra contemplação preocupada.

– O portal está permanentemente fechado, não está? – insistiu Conner.

– *Estava* – disse Mamãe Ganso. – Mas existe uma possibilidade de que o portal entre os mundos seja... *reaberto*.

– Como?

Mamãe Ganso sabia a resposta, porém decidiu que não cabia a ela contar. Por ora.

– Eu não posso lhe contar o porquê, nem mesmo garantir que vai acontecer; tudo o que posso contar é que existe uma possibilidade – repetiu ela. – E o único meio de sabermos com certeza é verificar se o portal está ou não funcionando. Se ele puder ser aberto pelo lado do Outromundo, isso significa que também poderá ser aberto pelo lado da Terra de Histórias, e a Grande Armée poderá atravessar para o mundo dos contos de fadas depois de todo esse tempo.

– Então me fale onde ele fica! Eu mesmo vou verificar – implorou Conner.

– Absolutamente não! – disse Mamãe Ganso firmemente. – Eu ainda não me perdoei por contar a Alex sobre a Feiticeira. Não

poderia viver comigo mesma se mandasse você em uma perseguição perigosa também.

Conner ficou tão frustrado que teve vontade de atirar o pedaço de espelho para o outro lado do banheiro. Continuava sendo tratado como criança depois de todo esse tempo! Mamãe Ganso ergueu uma mão para silenciá-lo antes que ele pudesse argumentar.

– Mas talvez eu conheça *outra* pessoa que possa lhe contar – disse ela com uma sobrancelha maliciosamente levantada.

– Quem? – perguntou Conner. – Alguém deste mundo?

– Sim. Em que lugar da Europa você está exatamente?

– Em Londres, no aeroporto.

Isso deixou Mamãe Ganso extremamente contente. Ela deu um soquinho no ar com a sua mão livre.

– Fantástico! Eu tenho um amigo em Londres...

– Espero que não seja a rainha – disse Conner. – Seria meio complicado falar com ela.

– Não, faz anos que a rainha e eu não nos falamos – disse Mamãe Ganso, dispensando a ideia com um aceno de mão. – Trata-se de um amigo muito velho, que tem sido meu confidente há muito, muito tempo.

– Quem é?

– É mais *o que* do que *quem*. Encontre o leão da Cervejaria Leão Vermelho. Diga a ele que fui eu quem o mandou, e ele contará tudo o que você precisa saber.

– O leão da Cervejaria Leão Vermelho? – Conner repetiu para se certificar de que ouvira direito. – É um leão de verdade?

– É uma estátua. Ele era a mascote da cervejaria onde passei a maior parte dos anos 1800. Conheci muitos dos meus melhores companheiros de bebedeira ali. Agora eu realmente preciso ir, antes que a sua irmã me pegue no quarto dela. Nós não devemos contar a ninguém sobre isso até que tenhamos certeza de que o portal foi reaberto. Não quero desalentar ninguém por aqui se não houver nada com o que se preocupar.

– E se ele estiver aberto? – perguntou Conner.

Mamãe Ganso engoliu em seco.

– Então nós temos um grande problema. Boa sorte, garoto. Ah, mais uma coisa: você ainda tem aquela ficha de pôquer que eu lhe

dei?

– Sim, eu a levo comigo para todos os lugares.

– Bom. Você vai precisar dela – disse Mamãe Ganso, e então desapareceu do espelho na mão de Conner.

Sua cabeça dava voltas, mas ele sabia que não tinha tempo a perder. Rapidamente, bolou um plano para realizar a missão que Mamãe Ganso lhe dera. Primeiro, precisava escapulir do aeroporto e encontrar um meio de entrar na cidade. A seguir, tinha de encontrar a Cervejaria Leão Vermelho e o leão e perguntar a ele onde ficava o portal e como poderia conferir se ele permanecia fechado. Se o portal pudesse ser aberto pelo lado do Outromundo, estaria aberto também para o mundo dos contos de fadas, e a Grande Armée talvez se achasse prestes a atravessá-lo. O plano parecia bem objetivo. Conner guardou o pedaço de espelho em Betsy e saiu do reservado; não queria desperdiçar nem mais um instante. Entretanto, o seu ímpeto se deteve com uma freada brusca quando ele se deu conta de que não estava sozinho no banheiro.

– *Bree?! –* disse Conner, horrorizado. Bree estava plantada bem na frente do reservado e, a julgar pela expressão estupefata no rosto dela, tinha ouvido cada palavra da sua conversa com Mamãe Ganso. – O que você está fazendo no banheiro masculino?

– Eles começaram o embarque mais cedo – disse Bree. – A senhora Peters me pediu para ver como você estava. Quando cheguei perto do banheiro, ouvi vozes. Sei que você não tem celular, então entrei para ver com quem estava falando... E agora, depois de falar isso em voz alta, me dei conta de quantas leis de privacidade acabei de violar.

– Quanto da minha conversa você ouviu? – perguntou Conner.

– O suficiente – disse Bree sem expressão.

Conner não fazia ideia do que dizer a ela.

– Bem, obrigado por ter vindo ver como eu estava, mas não vou pra casa – falou ele.

– Imaginei que não.

– Por favor, não conte à senhora Peters aonde estou indo – Conner suplicou. – Há alguém em Londres que eu preciso encontrar. É realmente importante.

A expressão de Bree finalmente voltou ao normal. Ela balançou a cabeça em silêncio enquanto contemplava a situação.

– Eu não vou contar a ninguém – disse. – Porque eu vou com você.

Conner sacudiu a cabeça, incrédulo.

– O quê? Você não pode vir comigo! Você nem sabe o que está acontecendo.

Bree cruzou os braços.

– Eu sabia que alguma coisa estava acontecendo desde o voo para a Alemanha. A sua irmã desapareceu no ano passado quase sem explicação, você sabia a história de contos de fadas que não viam a luz do dia há duzentos anos, e eu acabei de pegá-lo se comunicando com uma mulher chamada Mamãe Ganso sobre um exército que vai invadir outra dimensão.

Conner fechou os olhos – agora não havia mais volta.

– Com tudo isso em mente – continuou Bree –, o meu melhor palpite é que você de alguma forma está conectado com o *mundo dos contos de fadas* e agora precisa se certificar de que um exército do século XIX não vai atravessar para esse mundo e colocar a sua irmã e a sua avó em perigo. *Perdi alguma coisa?*

Bree falou a coisa toda de um fôlego e sem piscar. Conner ficou aturdido. Ler todos aqueles romances de mistério dera resultado.

– Ok, acho que os pontos não são assim tão difíceis de conectar – disse ele. – Mas não tem nenhuma chance de você vir comigo. Você tem ideia dos problemas em que vai se meter?

Bree jogou a cabeça para trás e resmungou para o teto.

– Eu posso lidar com problemas. Vou lhe dizer com o que *não* posso lidar: com as Abraçadoras de Livros tagarelando sobre uma banda de garotos ou sobre um relacionamento fictício de algum livro. Eu tenho três irmãs mais novas. Vim nessa viagem para escapar justamente *disso* e viver uma aventura europeia. Parece que você é a única pessoa que pode me proporcionar isso. Além do quê, você provavelmente vai precisar de ajuda. Portanto vou com você, goste ou não.

A boca e os olhos de Conner estavam escancarados. Nunca vira Bree tão empolgada.

– Como você pode estar levando tudo isso numa boa? – ele perguntou. – Não acha que a ideia de outra dimensão é insana?

– Nem um pouco – disse Bree. – Eu também sou uma escritora, Conner, e a razão por que eu escrevo é que sempre acreditei que há mais na vida do que a maioria das pessoas quer acreditar. Você é apenas a primeira pessoa a me provar isso.

Conner reconheceu o entusiasmo nos olhos dela: vira aquele mesmo sentimento nos olhos da irmã todos os dias depois da sua primeira viagem à Terra de Histórias. Agora que Bree conhecia a verdade, como Conner poderia negar que viesse com ele?

– Tudo bem, você pode vir – ele falou. – Mas precisa me prometer que nunca vai compartilhar com outra alma nada do que descobriu e nada do que verá.

Bree assentiu lentamente com a cabeça e abriu o maior sorriso de todos os tempos.

– Eu prometo – disse ela, e Conner soube que podia confiar nela.

– Bom. Agora vamos cair fora do aeroporto.

Eles espiaram para fora do banheiro masculino e deram uma olhada para o portão onde a diretora e as colegas estavam. As cinco aguardavam impacientemente o retorno de Conner e Bree para entrarem na fila de embarque. A sra. Peters esquadrinhou o ambiente tentando ver aonde os dois tinham ido. Então olhou para o seu relógio, e Conner e Bree tomaram aquilo como uma deixa. Agarraram-se à sua bagagem com toda a força, dispararam para fora do banheiro e percorreram o terminal antes que ela erguesse os olhos. Seguiram as placas de saída e entraram na alfândega.

– Já sei! Apenas faça o mesmo que eu – disse Bree.

Mantendo a cabeça baixa para o caso de a sra. Peters aparecer à sua procura, eles entraram na fila. Quando chegou a vez de Bree, ela se aproximou da cabine e apresentou seu passaporte ao funcionário da alfândega.

– Está aqui a negócios ou a passeio? – perguntou ele.

– A passeio – Bree falou com naturalidade. – Vim para visitar a minha tia e assistir a alguns espetáculos no East End.

Ela era boa naquele negócio de dissimulação. O funcionário carimbou o passaporte de Bree e a liberou. Conner foi o próximo, confiante de que não havia com o que se preocupar.

– Está aqui a negócios ou a passeio? – o funcionário perguntou.

– A passeio – respondeu Conner. – Eu vim por causa da gastronomia.

O funcionário da alfândega se surpreendeu e olhou para ele de um jeito esquisito.

– Da *gastronomia*?

Bree deu uma palmada na testa. Conner quis enfiar a perna inteira na boca. De todas as coisas, ele escolhera a única pela qual a Grã-Bretanha *não* era conhecida. Conner entrou em pânico, pensou depressa e falou:

– Você nunca ouviu falar da Gastronomia? É só a maior banda formada por *ex-chefs* de cozinha do planeta! Eles vão fazer um show no Buckinghamshirevilleton Coliseum. Espere, vou mostrar um álbum deles.

Conner estendeu a mão para a mala, porém o funcionário da alfândega fez um gesto para detê-lo.

– Por favor, não – disse.

O homem carimbou o passaporte de Conner e lhe indicou seu caminho. Conner nunca ficara tão agradecido por ser visto apenas como um menino bobo.

Bree ficou estarrecida com a proeza de Conner.

– *Buckinghamshirevilleton*? – sussurrou ela. – *Você pirou? Como pretende salvar outra dimensão se não consegue nem escapar de um aeroporto?*

– *Me dá um tempo! Eu estou sob muita pressão!* – Conner sussurrou de volta.

Eles saíram do aeroporto e olharam para o mar de carros, táxis e ônibus na área de desembarque.

– Como vamos chegar ao centro de Londres? – perguntou Bree. – Já temos idade suficiente para pegar um táxi sozinhos?

Conner avistou algo no meio-fio que lhe deu uma ideia. Um grande grupo de irritantes adolescentes americanos embarcava em um ônibus. Até onde Conner podia ver, eles eram monitorados por uma única responsável, que estava praticamente arrancando os próprios cabelos.

– Acalmem-se todos e entrem no ônibus! – gritou a mulher. – Eu tenho os telefones dos seus pais e vou usá-los!

Conner fez um gesto para Bree segui-lo.

– Mantenha a cabeça abaixada, eu tive uma ideia – disse ele.

Olhando para o chão, os dois se juntaram à fila de estudantes. Ela andava tão depressa que a mulher não conseguia conferir os nomes na sua prancheta e acabou desistindo. Conner e Bree entraram no ônibus sem dificuldade e se sentaram bem no fundo.

– Tudo bem, essa foi uma boa ideia – disse Bree. – Quase compensa Buckinghamshirevilleton.

– Obrigado – falou Conner. – Isso deve nos levar à cidade numa boa.

Os outros adolescentes a bordo estavam tão ocupados se provocando e tirando *selfies* que nem sequer repararam nos dois estranhos. O ônibus deixou o aeroporto e se dirigiu à cidade.

– Ok, eu quero ouvir a história toda. E não pule nem um detalhe – Bree disse a Conner.

– Sobre o quê? – perguntou ele.

– Sobre tudo o que preciso saber antes de me arriscar nessa aventura com você. Sobre você, a sua irmã, aquela senhora gansa e essa dimensão que vamos salvar.

Conner não sabia por onde começar.

– Ok, mas é uma longa história – ele avisou.

– Beleza. Histórias longas são as minhas favoritas.

Conner pensou que já não havia sentido em esconder nada dela. Então contou a Bree a história inteira sobre ele e Alex, começando pela primeira vez em que foram magicamente transportados à Terra de Histórias e terminando pela sua derradeira despedida quando o portal entre os mundos fora fechado.

Bree escutou atentamente cada palavra. Para Conner, foi muito terapêutico falar sobre aquilo com alguém de fora da sua família. Estava muito contente por Bree ter insistido em acompanhá-lo nessa nova aventura. Como ele bem sabia, aventuras são sempre melhores quando há alguém com quem compartilhá-las.



CAPÍTULO 10

O Leão da Margem Sul

O ônibus finalmente chegou ao centro de Londres, e todos os passageiros fizeram silêncio enquanto absorviam os primeiros vislumbres da majestosa cidade. Londres era um labirinto multicultural de edifícios antigos e orgulhosa tradição. Era difícil diferenciar os locais históricos dos não históricos, já que tudo era muito bem conservado. Cada prédio parecia, ao mesmo tempo, centenário e novo em folha.

Os adolescentes a bordo do ônibus apontavam para os pontos turísticos que reconheciam – o Palácio de Buckingham, a Abadia de Westminster, a Torre de Londres, a Tower Bridge.

– Este é o lugar mais suntuoso que visitei em toda a minha vida.
– Conner cutucou Bree com o cotovelo. – Sinto que devia estar bem-vestido só para estar aqui.

O ônibus parou em um lugar chamado Trafalgar Square, perto do hotel onde estavam hospedados os passageiros. A praça estava cheia de turistas tirando fotos das impressionantes estátuas e fontes em frente à National Gallery, que se estendia através da praça como um imponente pano de fundo. Os adolescentes saíram correndo do

ônibus para se juntarem aos turistas, e Conner e Bree saíram com eles.

Uma vez na rua, a primeira coisa que Conner fez foi encontrar um caixa eletrônico.

– Desculpe, Bob – falou enquanto encarava o cartão de crédito que o padraço tão gentilmente lhe dera. Insetiu-o na máquina e sacou a quantidade máxima de libras permitidas de uma só vez.

– Isso é dinheiro pra burro, em qualquer país – disse Bree. Ela proteceu Conner dos olhares dos passantes enquanto ele enfiava o dinheiro nos bolsos da jaqueta e da calça e o resto na mala. – Mas foi inteligente da sua parte sacar um monte de dinheiro de uma vez, assim ninguém poderá usar as suas transações para rastreá-lo. Fazem isso para encontrar suspeitos. Li em livros policiais.

– Eu nem tinha pensado nisso... – disse Conner, encolhendo os ombros. – Só saquei o máximo possível porque foi a primeira vez que usei um caixa eletrônico.

A primeira coisa que Conner comprou foi um mapa, de um vendedor ambulante. Ele o abriu e esquadrinhou as letras minúsculas que identificavam as ruas e as atrações.

– Aqui! – comemorou Conner, apontando para um ponto no mapa.

– O que você estava procurando? – perguntou Bree.

– Uma biblioteca. Vamos descobrir onde fica a Cervejaria Leão Vermelho.

– Não quer que eu procure no meu celular?

Como Conner nunca tivera um *smartphone*, nem sequer considerara a possibilidade.

– Não. Não confio nessas coisas – disse ele. – Prefiro fazer isso do jeito tradicional. Afinal, estamos em Londres.

– Como queira.

Eles seguiram para oeste por alguns quarteirões e chegaram à biblioteca mais próxima, escondida no canto da St. James Square. Conner e Bree subiram os degraus da frente e puxaram as portas de madeira. Conner sempre achara bibliotecas intimidadoras, e o fato de se encontrar em uma biblioteca em terras estrangeiras intensificou esse sentimento.

– Vocês são sócios? – perguntou-lhes a bibliotecária no balcão de recepção. Ela os fitou por cima dos óculos de armação grossa.

Conner sempre desconfiara que bibliotecárias eram capazes de ler mentes e temeu que aquela provaria a teoria.

– Não, mas estamos interessados em ser – disse Bree calmamente. – Podemos dar uma olhada por aí?

A bibliotecária fez um gesto de “sigam em frente”.

– Não é permitido entrar com bagagem – a bibliotecária avisou ao ver as malas dos dois.

– Ah, sim, claro – disse Bree. – Podemos deixar aqui?

Ela pôs a sua mala perto da entrada, e Conner colocou Betsy ao lado. A bibliotecária autorizou com um aceno de cabeça, e Conner e Bree seguiram em frente. Eles encontraram uma mesa no fundo do primeiro andar.

– Já volto. Vou procurar alguns livros – disse Conner, desaparecendo no meio das fileiras de estantes.

Bree acomodou-se em uma cadeira e ficou mexendo no celular enquanto aguardava. Conner voltou vinte minutos depois, com uma pilha de livros pesados.

– Olha o que encontrei – disse, mostrando a Bree o primeiro livro da pilha.

– *Cervejarias da Grã-Bretanha* – leu Bree. – Muito bom, Conner, mas eu procurei “Cervejaria Leão Vermelho” na internet, e, aparentemente, ela foi demolida em 1949.

– Você não pode confiar em tudo o que diz a internet! – disse Conner. Ele folheou o livro freneticamente até encontrar uma página sobre a Cervejaria Leão Vermelho. – Ah, não! De acordo com isto, a Cervejaria Leão Vermelho foi demolida em 1949.

– Nossa! – falou Bree sarcasticamente. – Eu não quero parecer pessimista, mas acho que o leão que estamos procurando não existe mais.

Conner soltou um suspiro de derrota. Entretanto, ainda não estava pronto para desistir. Puxou outro livro da pilha, este intitulado *As estátuas de Londres*, e começou a folheá-lo. Depois de alguns minutos, Conner começou a se remexer de tanto entusiasmo.

– Olha isto! – falou, mostrando a Bree o trecho que acabara de ler.

O Leão da Margem Sul

13 toneladas, 4 metros de largura

Por mais tolo que seja dizer que uma estátua viveu, entre todas as estátuas de Londres, aquela conhecida como Leão da Margem Sul viveu muitas vidas diferentes. A estátua foi criada em 1837 por W. F. Woodington e construída em pedra de Coade artificial. O leão viveu a sua primeira vida como um símbolo, guardando a Cervejaria Leão Vermelho, de frente para o Rio Tâmisa, em Lambeth, Londres. Uma intrigante aura de mistério envolve o leão, pois foi uma das únicas esculturas da região a não ter sido severamente danificada nos bombardeios da Segunda Guerra Mundial; além disso, após a demolição da Cervejaria Leão Vermelho, em 1949, o leão foi resgatado dos destroços completamente intacto. O Rei George VI se encantou com ele e ordenou que fosse levado à estação de Waterloo. Assim, o leão passou os vários anos da sua segunda vida em exposição, até ser transferido ao seu atual local de repouso, na Ponte de Westminster, na área da Margem Sul, centro de Londres. Os destroços de um leão secundário também foram encontrados na demolição da Cervejaria Leão Vermelho; este foi reconstruído e pintado de dourado e pode agora ser visto no Twickenham Stadium.

Conner e Bree ficaram eufóricos.

– Tem de ser ele! O leão que precisamos encontrar! – disse Bree.

Conner procurou no mapa todas as pontes que atravessavam o Rio Tâmisa.

– Encontrei a Ponte de Westminster! Fica do lado do Big Ben! Dá para ir caminhando.

– Boa! Vamos ver o leão!

A dupla já estava a ponto de abusar da hospitalidade da bibliotecária quando terminou o que tinha para fazer. Eles pegaram a bagagem e caminharam energicamente através da St. James Square, seguindo o mapa até a Ponte de Westminster. No caminho, passaram por incontáveis estátuas e esculturas de leões, cada uma mais majestosa e feroz que a anterior. Conner foi ficando ansioso ao pensar no encontro com o Leão da Margem Sul, de treze toneladas e quatro metros de comprimento. Esperava que ele não fosse muito difícil de ser abordado – objetos encantados são sempre imprevisíveis.

A Ponte de Westminster começava nas Casas do Parlamento, na base do Big Ben, e se estendia através do Rio Tâmisa até pouco antes da imensa roda-gigante conhecida como London Eye. A ponte estava

tomada por centenas de turistas e cidadãos. Multidões de carros e ônibus vermelhos de dois andares também trafegavam continuamente por ela.

Conner e Bree chegaram ao fim da ponte e olharam para o outro lado da rua. No meio do caos de pedestres, logo abaixo da imponente London Eye, avistaram o Leão da Margem Sul. Era gigantesco e cinza-pálido e ficava no topo de um alto pedestal. Tinha algo de diferente em relação aos outros leões que Conner e Bree haviam visto na cidade, e os dois perceberam o que era assim que puseram os olhos nele. Em vez de uma carranca cruel e ameaçadora, o Leão da Margem Sul sustentava uma expressão genuinamente *preocupada*. Seus olhos estavam arregalados, e sua boca, aberta.

– Só pode ser ele – disse Conner.

– Como você tem tanta certeza? – indagou Bree.

– Porque eu faço aquela mesma cara sempre que Mamãe Ganso me conta um segredo.

Bree olhou para a multidão em volta.

– Nós vamos falar com ele na frente de toda essa gente? – ela perguntou.

– Não, vamos voltar mais tarde, quando todos tiverem ido embora – disse Conner. – Talvez tenhamos de esperar até depois da meia-noite.

Ele e Bree deixaram a ponte e foram comer alguma coisa em um *pub*. Bree insistiu que eles deveriam ter uma autêntica experiência inglesa e obrigou Conner a pedir peixe frito com batatas, assim como ela. Após comerem, os dois acamparam no St. James Park até o cair da noite, antes de retornarem à ponte.

Esperaram do outro lado da rua em que ficava o Leão da Margem Sul, aguardando o tráfego de carros e pessoas se tornar quase inexistente. Então, atravessaram a rua e se plantaram diante do leão.

– Diga alguma coisa pra ele! – pediu Bree, cutucando Conner com o cotovelo.

– Mas o quê?

– Sei lá! Você não está acostumado com esse tipo de coisa?

– Estátuas encantadas em uma cidade cheia de gente? Não posso dizer que sou um especialista...

– Confio em você. – Bree sorriu para ele.

Aquele sorriso deixou as bochechas rosadas de Conner um pouquinho mais coradas. Ele decidiu que não tinha nada a perder, então respirou fundo e dirigiu-se ao leão, como faria com qualquer pessoa:

– Olá, você aí em cima! – ele gritou. – Eu não quero incomodar, mas a minha amiga e eu estávamos nos perguntando se poderíamos dar uma palavrinha com você.

O leão não disse uma palavra nem se moveu um centímetro sequer. Nada naquela cena indicava outra coisa a não ser que Conner era uma pessoa biruta falando com uma estátua.

– Você deve estar exausto! – gritou Conner. – Está em pé há, tipo, um século e meio?

Bajular a estátua não ajudou. Ter consciência de quão idiota ele parecia por estar falando com aquela estátua também não.

– E então, você gosta de Londres? – continuou Conner. – Nós acabamos de chegar, e *uau!*, que lugar!

Bree ficou impaciente e se aproximou do leão.

– Escute aqui, bichano – ela sibilou. – Nós temos perguntas pra você! Sabemos que você pode falar, sabemos que você é amigo da Mamãe Ganso e não vamos sair daqui enquanto você não nos der as respostas de que precisamos!

– *O que você está fazendo?* – sussurrou Conner. – *Você acha que ele vai falar com a gente depois de tratá-lo desse jeito?*

– *Estamos interpretando o tira bom e o tira mau* – ela sussurrou de volta. – *Confie em mim; isso sempre funciona nos livros.*

Conner passou os dedos pelo cabelo, convencido de que aquela estratégia era uma furada. Entretanto, quando olhou de novo para a estátua, pôde jurar que a expressão do leão mudara; ele parecia *mais* preocupado.

– *Bree, você notou algo de diferente no leão?* – sussurrou Conner.

Ela olhou mais de perto, e seus olhos se iluminaram.

– Sim.

– *Diga mais alguma coisa sobre a Mamãe Ganso* – instruiu Conner.

– *Acho que ele tem medo dela.*

Bree assentiu e se dirigiu novamente ao leão.

– Ei! A Mamãe Ganso disse que vocêalaria conosco! Agora, se você prefere falar direto com ela, ela pode estar aqui em cinco minutos.

Não havia mais dúvida: a estátua estava se mexendo! Bree e Conner notaram a expressão do Leão da Margem Sul se tornar mais ansiosa a cada menção a Mamãe Ganso. Por fim, a estátua não suportou mais e mudou a sua posição sólida.

– Não, por favor, não chamem a Mamãe Ganso! – implorou o leão, ganhando vida diante dos olhos dos dois. Aquilo assustou Bree, que se escondeu atrás de Conner. Aquele era seu primeiro contato com a mágica. Conner estava acostumado a ver mágica na sua melhor forma e nunca se cansava. Ele olhou para o leão com um sorriso maravilhado.

– Então você *pode* falar – disse.

– Sim, eu posso falar – admitiu o leão. – Eu respondo a quaisquer perguntas que vocês tiverem, mas, por favor, não chamem aquela mulher!

Conner achou a aversão da estátua à Mamãe Ganso freneticamente divertida.

– Por que você tem tanto medo da Mamãe Ganso?

– Eu não tenho medo *dela*; são as histórias que ela conta que eu não aguento! – O leão sacudiu a cabeça. – Ao longo dos anos, ela me contou alguns segredos bizarros que eu nunca quis saber... E ela nunca me poupa de nenhum detalhe! Se você soubesse a metade das coisas que eu sei, também olharia para ela de um modo diferente. É mais do que um leão pode suportar!

– É por isso que você está sempre com essa cara de preocupado? – perguntou Conner.

– Isso é parte do motivo – disse o leão, cuja expressão subitamente se tornou muito triste. Ele soluçou, como se estivesse a ponto de cair em prantos. – Tenho medo de altura, e as pessoas insistem em me colocar no topo de coisas muito altas! E elas me separaram do meu irmão quando a Cervejaria Leão Vermelho foi demolida, e eu não sei onde ele está!

O leão de pedra secou o focinho nas grandes patas.

– Ah, você está falando da segunda estátua de leão – disse Bree. Ela recuperara a confiança e saíra de trás de Conner. – Ela ainda existe! Foi pintada de dourado e está exposta em um ginásio de esportes.

O Leão da Margem Sul ficou feliz ao ouvir isso; parecia um pouco menos preocupado do que antes.

– Isso é um grande alívio – disse. – Ele sempre gostou de esportes.

– Ele pode falar e se mover como você? – perguntou Conner.

– Não, ele é uma estátua normal, fomos feitos da mesma pedra. Eu fui o único leão que a Mamãe Ganso encantou.

– Por que ela o encantou? – indagou Conner. Embora ele e Bree tivessem muitas perguntas importantes para fazer, estava curioso.

– No meio do século XIX, Mamãe Ganso costumava ir à Cervejaria Leão Vermelho todo domingo à noite, para ver os amigos – o leão contou. – Nessa época, ela havia acabado de começar a treinar aquele ganso horrível para levá-la por aí. Ele voava terrivelmente! Volta e meia, eles caíam em cima de mim no telhado. Uma noite, foram um pouco descuidados demais e me atingiram com tanta força que caí do telhado e me estilhacei no chão. Ela me consertou com magia e lançou um encanto de invencibilidade sobre mim, para que eu não fizesse tanta bagunça na próxima vez em que me derrubassem do telhado.

– Ah, então é por isso que você continuou inteiro mesmo depois da guerra e da demolição – observou Bree.

– Mas isso não explica por que você pode falar – ressaltou Conner.

– Bem, depois de alguns anos, os amigos de bebedeira da Mamãe Ganso começaram a morrer – explicou o leão. – E ela queria um amigo que estivesse sempre ali, uma desculpa para voltar à cervejaria. Infelizmente, ela escolheu a mim. Embora eu ainda não entenda por que me deu a habilidade de falar, já que eu só precisava ouvir.

– Falando em ouvir – disse Conner –, você lembra se ela mencionou alguma coisa sobre os Irmãos Grimm e sabotar um portal?

O leão enrugou a testa e tentou se lembrar.

– Me soa familiar – disse. – Foi na mesma época em que ela armou para os soldados franceses?

– Sim! Isso! – Conner exclamou, dando um pulo de alegria. Os olhos do leão se arregalaram. Ele balançou a gigantesca cabeça de pedra.

– Rapaz, eu certamente me lembro *daquela* história. Gostaria de poder esquecê-la! Me deu pesadelos durante cinquenta anos!

Conner sabia que precisava ser muito cuidadoso ao obter as informações do leão, para evitar cometer algum erro depois.

– Você lembra onde era o portal? – perguntou ele.

– Sim – falou o leão com segurança. – Ficava no centro das florestas da Bavária, entre árvores gêmeas que cresciam entre castelos medievais gêmeos. Me lembro disso porque eu também sou um gêmeo.

– Onde fica a Bavária? – perguntou Conner.

– Era um país. Agora faz parte da Alemanha – explicou Bree. – Duas árvores entre dois castelos medievais. Parece ser bem fácil de achar.

– Ah, vocês não achariam as árvores e os castelos – contou o leão, pesaroso. – Eles se foram.

– *O quê?* – Conner e Bree disseram juntos. – O que você quer dizer com “eles se foram”?

– Depois que os Irmãos Grimm fizeram os soldados entrar no portal adulterado, Mamãe Ganso ficou paranoica, achando que os soldados encontrariam uma saída. Por isso, pediu ao seu amigo Ludwig um favor muito grande – respondeu o leão.

– Que favor? – perguntou Conner.

– Ela pediu a Ludwig que construísse um dos seus elaborados castelos no topo do portal. Assim, se os soldados algum dia reemergissem dele, poderiam pensar que haviam chegado ao mundo dos contos de fadas.

– *Ele construiu um castelo para ela?* – indagou Conner, incrédulo. – Isso é *mesmo* um grande favor.

Bree prendeu a respiração e apertou as mãos.

– Espere um segundo: você está falando do *Rei Ludwig II* da Bavária? – ela perguntou.

– Esse era o seu nome oficial, acredito – disse o leão. – Mamãe Ganso o chamava apenas de *Ludwig*, ou *Wiggy*.

Conner era o único que nunca ouvira falar de Ludwig.

– Quem era ele? – perguntou.

– Você nunca ouviu falar do *Rei dos Contos de Fadas*? – perguntou Bree. Conner sacudiu a cabeça. – Ele era viciado em construir palácios suntuosos para si mesmo, todos inspirados em castelos que visitara ao redor do mundo.

– Me parece alguém com quem Chapeuzinho Vermelho faria amizade – disse Conner, mas abandonou o assunto quando se deu conta de que era o único ali que a conhecia.

– O último lar que Ludwig construiu para si foi o Castelo de Neuschwanstein – continuou Bree. – Foi inspirado em todos os contos favoritos da sua infância e parece algo que você só veria em um livro de histórias. É considerado uma das maravilhas do mundo moderno.

– Espere, é considerado? O castelo ainda existe? – perguntou Conner.

– Sim – disse Bree. – É uma das maiores atrações turísticas do sul da Alemanha. Por que Ludwig construiu aquele castelo sempre foi um mistério, mas agora faz sentido.

– Mas o que aconteceu com o portal? Está em algum lugar dentro do castelo? – indagou Conner.

– Presumo que sim, mas eu não saberia com certeza. Vivi a minha vida inteira dentro de um raio de cinco quilômetros – falou o leão.

– Você sabe como poderíamos conferir se o portal está aberto ou não? – perguntou Conner.

– Deixe-me pensar, deixe-me pensar. – O leão fechou os olhos enquanto se recordava. – Sim! O portal da Bavária é acessado quando uma pessoa de sangue mágico toca oito notas em uma antiga flauta de Pã especial.

Conner tomou nota mental daquela informação crucial.

– Se ela tem de ser tocada por alguém de sangue mágico, como os Irmãos Grimm abriram o portal para os soldados franceses? – ele perguntou.

O leão franziu o focinho; aquela era a parte da história que ele não gostava de contar.

– Com um punhal, Mamãe Ganso fez um corte na própria mão e um na mão de Wilhelm Grimm. Eles apertaram as mãos com força para que um pouco da mágica de Mamãe Ganso fluísse para o sangue dele. Eu realmente gostaria que ela não tivesse me contado essa parte... Pensar em sangue me deixa incrivelmente enjoado, já que eu mesmo não tenho nenhum.

– E onde podemos encontrar essa flauta de Pã? – questionou Conner.

– Acredito que esteja com o resto dos pertences do Outromundo da Mamãe Ganso, na caixa-forte de um banco monegasco. E eu só sei disso porque um dia ela me mediu para saber se eu cabia na caixa-forte. Ainda bem que eu era grande demais.

– Então, *onde fica o banco?* – perguntou Conner.

– Monegasco significa que fica em Mônaco – disse Bree.

– Certo – disse Conner. – Então onde em Mônaco fica esse banco?

O leão pensou a respeito e pareceu muito desapontado quando não foi capaz de recordar a sua localização.

– Eu não me lembro – disse com o cenho franzido. – Se a minha mente fosse tão concreta quanto o resto de mim...

Felizmente, essa foi a única pergunta para a qual o leão não tinha uma resposta. Conner andou de um lado a outro na calçada e tentou se concentrar – as palavras do leão lhe lembraram alguma coisa que Mamãe Ganso dissera no passado. Ele sentiu que devia saber onde ficava o banco...

Conner abriu a mala e a vasculhou até encontrar a ficha de pôquer da sorte que ganhara de Mamãe Ganso. Olhou atentamente para ela. A ficha era azul-escura, e os símbolos dos naipes do baralho formavam um círculo ao longo da borda: copas, espadas, ouros e paus. No centro exato, em vez de um valor, havia a imagem de uma pequena chave dourada.

– Acho que sei como encontrar a caixa-forte – Conner disse inquieto para Bree. – Que horas são?

Bree olhou para a tela do seu celular.

– São quase quatro da manhã – disse ela. – Uau, o tempo voa quando você está conversando com uma estátua encantada.

Conner olhou para o leão e disse:

– MUITÍSSIMO obrigado por toda a sua ajuda, mas você terá de nos dar licença agora. Precisamos chegar à estação de trem o quanto antes.

O leão pareceu triste por vê-los partir; seu rosto voltou à característica expressão preocupada.

– Boa sorte – disse. – E, na próxima vez que virem Mamãe Ganso, por favor, digam-lhe que eu entendo que ela é uma mulher ocupada e que não precisa me visitar... *nunca mais*.

Conner partiu pela Ponte de Westminster caminhando o mais depressa que era capaz. Bree disse adeus ao Leão da Margem Sul e alcançou o garoto.

– Então, aonde vamos agora? – ela perguntou, os olhos brilhantes.

– Para o cassino Lumière des Étoiles.

– Onde fica isso?

– Em algum lugar em Mônaco; em Monte Carlo, acho.



CAPÍTULO 11

O cassino Lumière des Étoiles

Conner e Bree chegaram à estação ferroviária de St. Pancras pouco antes das seis da manhã. Não tinham dormido nada, porém nenhum dos dois demonstrava sinal de cansaço. Estavam vivendo de adrenalina e determinação. Conner nunca fugira antes, mas agora entendia por que João e Cachinhos Dourados preferiam uma vida de fuga. A despeito das circunstâncias, fora um dia muito estimulante.

Bree não parara de sorrir desde que eles deixaram a Margem Sul.

– *Eu sou amiga de uma estátua de leão, eu sou amiga de uma estátua de leão* – cantarolava sem parar.

Na estação, os dois olharam boquiabertos para o grande mapa localizado acima do balcão de venda de passagens e tentaram entender as linhas coloridas que mostravam o trajeto dos trens.

– Parece que não tem nenhum trem que vá direto para Monte Carlo – disse Conner. – Precisamos descer em Paris, onde termina aquela linha azul bem grossa, e embarcar na linha pontilhada laranja.

– O seu conhecimento de terminologia de viagem é impressionante! – brincou Bree.

Eles entraram na fila e ziguezaguearam até o balcão junto com os demais viajantes madrugadores. A atendente tinha cabelo crespo

vermelho e grandes olheiras e bebia café de uma caneca enorme como se fosse água.

– Próximo! – ela chamou.

Conner e Bree se aproximaram.

– Duas passagens para Paris, por favor – disse Bree.

A mulher os fitou como se tivessem pedido o seu carro emprestado.

– Vocês estão acompanhados por um guardião? Ou têm um formulário de menor desacompanhado assinado pelos seus pais?

Bree e Conner ficaram paralisados. Ambos tinham esquecido que o fato de terem catorze anos poderia ser um empecilho nessa viagem.

– Nós... nós... – Bree começou, porém nada mais saiu.

Em pânico, Conner correu os olhos pela estação em busca de uma solução. Em um canto distante, divisou uma senhora muito idosa em uma cadeira de rodas, totalmente sozinha. O cabelo dela estava preso em um grande coque no alto da cabeça, e o rosto estava cheio de maquiagem. Ela olhava melancolicamente para o chão enquanto segurava uma bolsa e uma mala pequena no colo.

– Estamos viajando com a nossa *avó* – disse Conner.

– *Estamos?* – perguntou Bree. Conner fez um gesto na direção da velha senhora. – Quero dizer, *estamos!* Que burra que eu sou, são três passagens para Paris – ela disse à atendente.

– Aquela é a avó de vocês? – perguntou a mulher.

– Sim, aquela é a vovó Pearl – disse Conner. – Ela não fala uma palavra de inglês e nos pediu para comprar as passagens. – Conner acenou energicamente para a velhinha. – Só mais um minuto, vovó!

Pearl, como eles a batizaram, estava um tanto confusa; por que dois jovens desconhecidos lhe acenavam no meio da estação de trem, ela não sabia. Ainda assim, decidiu acenar de volta, com um sorriso amistoso. Ela parecia ser um pouco senil, o que jogava a favor de Conner e Bree.

A atendente deu de ombros e conferiu as opções de passagens.

– A única disponibilidade que temos para três no próximo trem é em um compartimento de primeira classe – disse ela.

– Beleza, quanto custa? – perguntou Conner.

– Duzentas libras cada.

Conner quase engasgou.

– Rapaz, isso é um montão de libras! Ha! Ha! Bem, vamos ficar com elas. Ainda bem que a vovó Pearl nos deu bastante dinheiro.

Ele entregou o dinheiro e caminhou rapidamente na direção de Pearl. Bree deu uma olhada por cima do ombro e notou que a atendente os observava desconfiada.

– *Ela está nos vigiando, o que vamos fazer?* – Bree sussurrou para Conner.

– *Agarrar a senhorinha e subir no trem, eu acho.*

– *Nós não podemos raptar uma velhinha!*

– *Que outra opção nós temos?*

O coração de ambos estava disparado – estavam prestes a cometer o maior crime de sua vida. Eles se aproximaram da velha, e Conner perguntou baixinho:

– Olá, você se importaria de nos fazer um favor?

Pearl apenas sorriu inexpressivamente para eles – como Conner imaginara, ela não falava uma palavra de inglês.

– *Wer sid Sie?* – falou Pearl.

– O que foi que ela disse? – perguntou Conner.

– Acho que foi: “Quem são vocês?” – disse Bree. – Ela é alemã.

– Você fala alemão?

– Só um pouquinho. A minha avó de verdade nasceu na Alemanha.

– Pergunte se ela quer viajar com a gente.

Bree lambeu os lábios e tentou traduzir.

– Você gostaria... hã... *eine Reise* com *uns*?

Pearl piscou algumas vezes, e sua cabeça se moveu ligeiramente.

– *Acho que isso é um sim. Pegue-a e vamos embora!* – sussurrou Conner. Bree agarrou os pegadores da cadeira de rodas de Pearl, e os dois a conduziram na direção do bloqueio de segurança. Pearl sorria alegremente como sempre, não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Conner e Bree entregaram as passagens ao controlador, que os examinou com cuidado.

– *Ich werde entführt* – Pearl disse calmamente ao homem.

Bree entrou em pânico e explodiu com nervosismo numa risada falsa.

– Ah, vovó, você é tão engraçada! – falou bem alto. – Nunca para de fazer piada!

O homem devolveu as passagens e permitiu que os três seguissem em frente.

– *O que ela disse?* – Conner sussurrou para Bree.

– *“Estou sendo sequestrada”* – Bree sussurrou de volta.

– Oh – disse ele, e olhou culposamente para a cativa. O grande sorriso de Pearl nunca abandonava o seu rosto. – Então ela está aceitando isso muito bem.

Eles empurraram a cadeira de rodas pela plataforma e embarcaram no primeiro vagão. O funcionário do trem dobrou a cadeira e a guardou junto com a bagagem dos três. Conner e Bree ajudaram Pearl a entrar no trem e depois no seu compartimento privativo de primeira classe. Com assentos estofados em vermelho e cortinas brancas sobre uma grande janela quadrada, era muito luxuoso para um par de adolescentes fugitivos e uma velhinha raptada.

Eles gentilmente sentaram Pearl e ocuparam os assentos à frente dela. Conner e Bree a vigiaram como se ela fosse um animal venenoso até o trem deixar a estação. Estavam convencidos de que a senhora iria começar a gritar por socorro a qualquer minuto, porém ela não o fez. Pearl continuou sorrindo e observou com satisfação a terra se mover do lado de fora da janela.

A velocidade do trem aumentou gradualmente; logo eles disparavam através da zona rural inglesa a caminho de Paris. Conner encontrou um folheto no seu compartimento e examinou o mapa no verso – era exatamente igual ao da estação.

– Então, chegando a Paris, a gente troca de trem e segue para Monte Carlo – falou Conner.

Pearl desviou os olhos da janela por um segundo para contar aos dois:

– *Ich liebe Monte Carlo!*

– Eu acho que ela gosta de Monte Carlo – Bree traduziu.

– Ok – disse Conner cautelosamente, antes de dar continuidade ao plano. – Quando chegarmos em Monte Carlo, procuraremos o cassino Lumière des Étoiles para ver se a ficha significa alguma coisa para alguém de lá.

Pearl voltou-se para eles novamente apenas para dizer:

– *Ich liebe das Lumière des Étoiles!*

Aparentemente, ela também era uma grande fã do cassino.

– Por que estamos indo a um cassino? Não deveríamos procurar um banco? – perguntou Bree.

– Mamãe Ganso disse que a ficha de pôquer seria útil – explicou Conner. – Quando ela me deu a ficha, falou que, se algum dia eu estivesse em Monte Carlo, deveria ir até a mesa de roleta do canto noroeste e apostá-la no preto. Não fez sentido para mim na época, mas agora acho que vamos encontrar alguma coisa útil. Estou com uma boa sensação quanto a isso.

O trem ficou completamente escuro quando mergulhou sob o Canal da Mancha. Quando eles voltaram a ver luz, já se encontravam na zona rural francesa. Embora a França ficasse a poucas horas da Inglaterra, no instante em que o trem começou a desacelerar em Paris, Conner e Bree sentiram estar entrando em um mundo completamente diferente. Era como se estivessem dentro de uma pintura. Cada edifício era lindamente detalhado, parecia esculpido à mão. Muitos eram altos e estreitos, com grades de ferro em cada uma das suas múltiplas janelas. Logo o trem chegou à Gare du Nord.

Conner e Bree ajudaram Pearl a desembarcar e a empurraram através da estação abarrotada.

– Precisamos trocar nossas libras por euros – Bree disse a Conner.

– Não podemos comprar passagens para Monte Carlo antes de fazer isso.

Eles encontraram uma casa de câmbio e trocaram todas as libras que ainda tinham. A seguir, foram para o balcão de passagens a fim de comprar bilhetes para o próximo trem com destino a Monte Carlo. Mais uma vez, fingiram que Pearl era sua avó.

– Quer um compartimento de primeira classe ou um econômico, *monsieur*? – a atendente francesa perguntou.

– Um econômico seria ótimo – disse Conner.

– Não venha com mesquinhaeria pra cima de mim agora, Bailey – disse Bree.

– Tudo bem, *primeira classe*, por favor. Eu definitivamente vou ficar de castigo quando chegar em casa.

Menos de uma hora depois, Conner, Bree e vovó Pearl desfrutavam de sua cabine de primeira classe em outro trem. Era uma viagem muito longa e sacolejante, e os três dormiram tanto quanto conseguiram. O trem parou em cinco ou seis cidades no caminho e, cerca de seis horas depois, chegou à estação de Monte Carlo.

Conner e Bree pegaram as bagagens e a vovó Pearl e rumaram para a saída. Do lado de fora da estação, os dois contemplaram a sua primeira visão de Monte Carlo.

A cidade era linda: hotéis pitorescos, *resorts* e residências se erguiam nas colinas e se estendiam ao longo da costa. O cheiro salgado do oceano estava por toda a volta. Uma baía era o lar de centenas de barcos e iates que flutuavam para cima e para baixo na água mais azul que Conner já tinha visto.

– Então é daqui que vêm os cartões-postais! – ele falou deslumbrado.

Era impossível não se deleitar com a brisa refrescante e os raios tépidos e dourados do sol poente. Pearl cantarolou uma alegre melodia enquanto era empurrada pela cidade paradisíaca.

Os três vagaram pelas ruas em busca de uma lista telefônica ou uma placa que apontasse para o cassino Lumière des Étoiles. No entanto, logo se deram conta de que a cidade era basicamente feita de cassinos.

– Isso é como procurar uma agulha num palheiro – observou Bree.

– Por que você não procura no celular? – perguntou Conner.

– Eu teria feito isso, mas a minha bateria acabou em Paris.

Quando eles já pensavam que sua sorte havia se esgotado, Pearl puxou a manga de Conner e apontou para um edifício no final da rua.

– *Das Lumière des Étoiles casino!* – disse ela, empolgada.

Bree e Conner ficaram tão felizes que tiveram vontade de abraçá-la – entretanto, como nem sequer sabiam o seu nome verdadeiro, acharam que isso poderia ser ousado demais; então, simplesmente abraçaram um ao outro.

– Vovó Pearl, você é incrível! – disse Conner, conforme ele e Bree a empurravam na direção do cassino.

O cassino Lumière des Étoiles era enorme, com colunas altas e um grande domo de vidro. Não fosse pelo letreiro luminoso, Conner teria pensado se tratar de uma velha câmara municipal que fora pintada de amarelo-areia para combinar com o resto da cidade.

Ele e Bree tiveram dificuldade para empurrar a cadeira de rodas pela rampa de entrada, mas por fim deram um jeito e entraram no cassino. O interior possuía pisos de mármore verde e colunas douradas alinhadas às paredes. Um candelabro enorme pendia da cúpula e iluminava o mar de caça-níqueis e mesas de carteadado.

Não havia um só frequentador do cassino que tivesse menos de oitenta anos. Para onde quer que olhassem, Conner e Bree viam cadeiras de rodas, andadores e cabelos brancos. Vovós mostravam a outras vovós retratos dos netos antes de tomarem o dinheiro umas das outras. Homens idosos exibiam tatuagens desbotadas que tinham equivocadamente feito quando eram jovens. Foi como entrar em um salão cheio de Pearls.

– Não admira que Mamãe Ganso e Pearl gostem tanto deste cassino – disse Conner. – Sinto como se tivéssemos encontrado o hábitat natural das duas.

Eles estacionaram Pearl na frente de um caça-níqueis e deram-lhe um punhado de moedas para mantê-la ocupada. Exatamente como Mamãe Ganso descrevera, havia uma mesa de roleta no canto noroeste. Era a única mesa do cassino que se achava completamente vazia. Conforme atravessaram a multidão de idosos, Conner e Bree receberam os olhares estranhos – os dois não faziam parte daquele ambiente.

Chegando à mesa da roleta, Conner enfiou a mão no bolso para pegar a ficha de pôquer. O crupiê, que trajava camisa social branca, colete preto e gravata-borboleta, ergueu a mão para detê-los antes que dissessem uma palavra.

– Minhas mais sinceras desculpas, *mademoiselle* e *monsieur*, mas esta mesa é reservada exclusivamente para fichas especiais. De qualquer modo, não creio que nenhum de vocês tenha idade suficiente para estar neste cassino.

Conner mostrou-lhe a ficha azul de pôquer. Os olhos do crupiê se acenderam.

– Nós não estamos aqui pra jogar – disse Conner. – Mas eu gostaria de apostar isto no preto.

Aquilo devia ser um código para alguma coisa, pois o crupiê baixou a mão e ergueu uma sobrancelha para os adolescentes, encarando-os maliciosamente.

– Entendo – disse ele. – Um momento, por favor. – O homem tirou o fone de um telefone de debaixo da mesa. – *Monsieur, nous avons quelqu'un avec un jeton noir* – ele falou em francês para quem quer que estivesse do outro lado da linha e então desligou prontamente. – O gerente está vindo.

Conner e Bree não sabiam se aquilo era bom ou ruim. Teria a ficha realmente os levado a algo de útil, ou eles simplesmente seriam escoltados para fora do cassino?

Um pouco depois, o gerente do Lumière des Étoiles os encontrou à mesa de roleta. Era alto, corpulento, com um espesso bigode preto. Usava um terno elegante e ajeitou a gravata ao cumprimentá-los.

– *Bonjour* – o gerente falou. – Posso ajudá-los?

Conner lhe mostrou a ficha de pôquer.

– Sim. Isto pertence à nossa avó – ele disse e apontou para Pearl, no caça-níqueis. Como Pearl se mostrara um ótimo subterfúgio até ali, Conner imaginou que não faria mal usá-la mais uma vez.

– Com a sua licença? – pediu o gerente, abrindo a mão. Conner entregou-lhe a ficha. O gerente puxou uma lupa da lapela e examinou os sulcos na lateral da ficha. – Muito bem, sigam-me, por favor.

Conner e Bree trocaram olhares, cada um esperando que o outro desse o primeiro passo. Por fim, Conner seguiu o gerente e Bree foi atrás.

O gerente os conduziu até um elevador e educadamente segurou a porta aberta. O elevador tinha um botão para cada um dos cinco andares superiores, porém, depois que as portas se fecharam, o gerente pressionou vários de uma vez, como se digitasse um código secreto. Quando terminou, para surpresa de Conner e Bree, o elevador começou a *descer* para um andar não identificado.

– Estão gostando de Monte Carlo? – perguntou o gerente despreocupadamente enquanto o elevador descia.

– Sim – respondeu Conner, nervoso. Para onde eles estavam sendo levados?

Finalmente, o elevador se deteve e as portas se abriram.

– Por aqui – disse o gerente, escoltando-os para fora.

Para espanto de ambos, Conner e Bree viram-se no ponto mais alto de um gigantesco pátio subterrâneo. Era como se estivessem olhando para um bloco de quatro pisos de celas prisionais – no entanto, em vez de celas, as paredes eram cobertas de *caixas-fortes*.

– Então é *aqui* que fica a caixa-forte dela! – disse Conner.

– Isto não é realmente um cassino, é um banco secreto – concluiu Bree.

– Oh, não, este ainda é um dos melhores cassinos de Monte Carlo – assegurou-lhes o gerente. – Mas, antes de ser um cassino, foi, durante centenas de anos, uma das maiores instalações de armazenamento privado do mundo. O edifício foi comprado no início do século XX com a condição de que continuasse funcionando como cofre. As caixas-fortes não são alugadas nem arrendadas, apenas compradas em perpetuidade, como terrenos em cemitérios.

– Então essas caixas-fortes contêm objetos que jamais serão vistos de novo? – perguntou Conner.

– Usualmente, as caixas-fortes e seu conteúdo são herdados, mas às vezes acontece de um cliente falecer antes de nomear um sucessor – explicou o gerente.

– E os objetos dessas pessoas ficam trancados para sempre?

– Sim. Mas tipicamente, quando uma pessoa tranca algo em uma caixa-forte subterrânea, é porque não deseja compartilhá-lo com o mundo.

Conner e Bree engoliram em seco. A simples ideia do que poderia existir atrás daquelas portas de metal lhes deu arrepios.

– Agora, por favor, sigam-me. Eu os levarei à caixa-forte da sua avó – disse o gerente.

Eles desceram dois lances de escada.

– Aqui estamos, caixa-forte 317 – disse o gerente, colocando-se ao lado da porta de metal.

– Espere, como sabe com certeza que esta é a nossa caixa-forte? – indagou Conner.

– Cada ficha contém um pequeno número gravado na lateral, e eu examinei a sua antes de trazê-los aqui. A ficha também funciona como uma chave. Os lados não são sulcados como os de fichas comuns; eles possuem sulcos e endentações únicos. Quando você coloca a ficha correta no centro da fechadura de uma caixa-forte e gira os trincos, a porta se abre. Coloque a ficha incorreta em uma fechadura, e a ficha será destruída quando você girar os trincos.

– E como você sabe que nós somos os beneficiários de direito? – perguntou Bree. – Como sabe que não roubamos a ficha?

– Isso não é um problema. De acordo com a nossa política de trezentos anos, quem quer que esteja de posse da ficha é o beneficiário por direito. Entregamos uma ficha para cada cliente. Se ela se quebra, ou é perdida, ou roubada, não é problema nosso. Evitamos muitas ações judiciais e roubos dessa forma.

Conner e Bree balançaram a cabeça. Aquela era uma instalação de armazenamento muito estranha e muito séria; não era um choque que Mamãe Ganso possuísse bens ali.

– Agora, por favor, aproveitem bem o seu tempo com o que quer que contenha a caixa-forte – falou o gerente. – A nossa política também exige que eu deixe o recinto antes que vocês a abram, para preservar a garantia de privacidade absoluta de suas posses. Por favor, aguardem até que eu tenha entrado no elevador para abrir a caixa-forte. Depois que terminarem, tomem o elevador até o piso principal.

Ele falou isso com muita tranquilidade, embora não houvesse nada de tranquilo naquele lugar. O gerente caminhou na direção de onde eles tinham vindo, subiu a escada e desapareceu no elevador.

– Este lugar é radical – disse Conner.

– Este lugar é incrível – concordou Bree. – Imagine o que pode estar nessas caixas-fortes! Imagine *quem* pode estar nessas caixas-fortes!

Conner se deu conta de que aquilo que a maioria das pessoas achava assustador, Bree achava intrigante. E isso o assustava e o intrigava ao mesmo tempo.

– Torça pra isso funcionar – disse Conner.

Ele encaixou a ficha na fechadura da caixa-forte, girou os trincos, e a porta se abriu com um *pop!* e uma lufada de ar com uma mistura

de odores. As duas mãos de Conner seguravam os trincos, porém ele não abriu a porta completamente.

– O que você está esperando? – perguntou Bree.

– Acabei de pensar nas coisas potencialmente impressionantes e horríveis que podem existir aí dentro.

– Eu sei. Pena que o meu telefone está morto, senão eu tiraria umas fotos!

Conner gemeu ao puxar a pesada porta. Ele e Bree entraram na caixa-forte e olharam atônitos para os tesouros que Mamãe Ganso adquirira no decorrer dos séculos.

Parecia que tinham entrado no depósito de um museu. Havia grandes bustos egípcios, pequenos ovos Fabergé, centenas de pergaminhos enrolados, telas, ossos de dinossauro, potes e panelas de barro e até uma gigantesca metralhadora da Segunda Guerra Mundial.

Conner e Bree começaram a vasculhar os itens. Alguns eram tão chocantes que os dois esqueceram completamente o que procuravam. Mamãe Ganso etiquetara muitos dos objetos, e os adolescentes mal acreditaram em sua precisão. A nota presa com um alfinete em um par de dentaduras de madeira dizia DENTES DE GEORGE WASHINGTON. Um grande pergaminho enrolado fora etiquetado como MAPA PARA ATLÂNTIDA. Um pequeno envelope continha um telegrama com os dizeres: ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA DE AMELIA EARHART.

Os olhos de Bree se arregalaram a ponto de quase se lançarem fora da sua cabeça quando leu a etiqueta afixada em uma pequena taça:

– Você não acha que este é realmente o *Santo Graal*, acha? – Ela ergueu a taça para mostrar a Conner.

– Provavelmente não.

Bree suspirou de alívio e jogou a taça de lado. Então desenrolou um retrato e riu.

– Então esta pintura etiquetada como A *MONA LISA* ORIGINAL com uma anotação de Leonardo da Vinci também não deve ser verdadeira – ela falou.

– Hum... essa pode ser legítima – disse Conner, lembrando-se das histórias de Mamãe Ganso sobre Da Vinci.

De repente, Bree parecia segurar um explosivo nas mãos; ela gentilmente devolveu a pintura ao lugar em que a encontrara. Conner não parava de se distrair com as coisas com as quais topava. Precisava ficar lembrando a si mesmo da razão por que estava ali.

– Eu gostaria que Mamãe Ganso não fosse uma acumuladora. Seria muito mais fácil achar a flauta de Pã se ela tivesse aprendido a reciclar. – Ele afastou do caminho uma pilha de mapas antigos e deu um pulo de alegria: uma pequena flauta de madeira estava escondida sob eles.

– *Bree! Venha dar uma olhada nisto! Eu achei! Eu achei!*

– *Você é incrível!* – Bree o abraçou apertado. – Diz aí quais notas precisam ser tocadas para acessar o portal?

Conner inspecionou a flauta de Pã e encontrou uma série de letras entalhadas no cilindro maior.

– Aqui diz S-M-F-D, D-M-S-F. Acredito que sejam as notas musicais, sol-mi-fá-dó, dó-mi-sol-fá. A não ser que seja a onomatopeia de um espirro.

– Isso é fantástico! Agora, tudo o que precisamos fazer é ir até o Castelo de Neuschwanstein e encontrar o portal!

Bree estava tão empolgada que beijou Conner na bochecha e depois saiu correndo da caixa-forte. Conner ficou vermelho-vivo e quase desmaiou. Ela o fizera se sentir a coisa mais especial da sala de tesouros.

A garota enfiou a cabeça na caixa-forte.

– Você não vem?

– Sim, desculpe, já vou! – Conner certificou-se de estar de posse da flauta de Pã e do seu juízo e a seguiu.

Os dois fecharam e trancaram cuidadosamente a caixa-forte. Conner guardou a ficha no bolso. Eles tomaram o elevador até o cassino e agradeceram ao gerente pela assistência. Conforme se apressavam pelos degraus da entrada, planejavam o próximo lance, muito embora fosse irritante perceber que o sol já havia se posto.

– Antes de sairmos da estação, eu dei uma olhada nos próximos trens – disse Bree. – Se chegarmos a tempo, tem um para Praga às nove horas, com uma parada em Munique.

– Perfeito – disse Conner. – Só que estamos esquecendo uma coisa.

– O quê?

– *Pearl!*

Eles deram meia-volta e dispararam para dentro do cassino. Pearl ainda estava na frente do caça-níqueis onde a deixaram. No entanto, ela agora tinha três baldes cheios de moedas que ganhara enquanto os dois jovens se achavam no cofre.

– Mandou bem, Pearl! – disse Bree.

– Pearl, você gostaria de fazer uma última viagem de trem com a gente? – perguntou Conner.

A velhinha não pareceu entender, mas balançou docemente a cabeça em concordância. Pearl se achava ali pela aventura, assim como eles.

Conner e Bree a conduziram pelos degraus da entrada e seguiram até a estação ferroviária o mais depressa que podiam. Chegaram em cima da hora; foram os últimos a comprar passagens e embarcar no trem. O compartimento não era tão agradável quanto os dois anteriores, porém eles não ligaram – desde que estivessem a caminho da Alemanha, estava tudo certo.

A porta do compartimento se abriu abruptamente para revelar um funcionário do trem de aparência agressiva. Seus olhos se estreitaram quando ele descobriu Conner e Bree atrás da porta.

– Passaportes, por favor – o atendente exigiu.

– Por que você precisa dos nossos passaportes? – perguntou Conner.

Os olhos do homem se estreitaram ainda mais diante da relutância do garoto.

– Nós acabamos de saber de dois adolescentes americanos fugitivos. Faz parte do protocolo conferir a identificação de cada passageiro que se encaixe na descrição.

Conner e Bree ficaram tensos. Estavam tão perto de alcançar o portal. Não havia como sair dessa. Conner se perguntou se o trem viajava depressa demais para saltar dele em movimento.

– Mas eles são meus netos – afirmou Pearl em um inglês impecável.

Conner e Bree viraram a cabeça tão bruscamente que quase tiveram um torcicolo. Então ela estivera lúcida o tempo todo?

– Eu entendo, *madame*, mas ainda assim preciso conferir o passaporte deles – o atendente insistiu.

– Certo, certo, certo – disse Pearl. – Deixe-me pegar a minha bolsa, vou encontrá-los para você.

Ela vasculhou lentamente a bolsa: uma caneta, uma bala e uma moeda de cada vez. Tirou pacotes de lenço, notas dobradas e cartas seladas que esquecera de despachar. O atendente começou a ficar impaciente.

– Onde será que eu guardei aqueles passaportes? – resmungou Pearl. – Nós estávamos em Monte Carlo, e eu os guardei no meu bolso. Depois, quando voltamos para o trem, eu os coloquei na minha mala... Sim, estão na minha mala! Espere mais um pouco, vou procurar na mala.

– Está tudo bem, *madame* – disse o funcionário. A sua paciência se esgotara por aquele dia. – Eu acredito na senhora. Por favor, perdoem o incômodo.

Ele fechou a porta, e os três escutaram os seus passos se afastando.

Pearl pôs os pertences de volta na bolsa e então olhou para Conner e Bree. Ambos a encararam com os olhos arregalados e a boca aberta, como se a velhinha estivesse pegando fogo.

– Então, para onde vamos agora? – perguntou Pearl docemente.

– Você sabia o tempo todo o que estávamos fazendo? – indagou Conner, completamente mortificado.

– Eu sou velha, não sou pré-histórica. E também sei falar inglês.

– E você nos deixou arrastá-la pelo continente por vontade própria? – perguntou Bree, igualmente horrorizada.

– Sim. Quando os vi na estação de Londres, achei que pareciam ser boas crianças. No começo, eu não tinha muita certeza do que estava acontecendo, mas sabia que a coisa ia ficar divertida depois que embarcássemos no trem.

Conner e Bree se entreolharam. Ambos tinham a mesma expressão estupefata.

– Eu vivi a minha própria aventura quando tinha a idade de vocês – disse Pearl. – Me apaixonei por um palhaço de circo chamado Fabrizio e o segui pelo mundo.

– Você foi pega? – perguntou Bree.

– Não. E, depois de seis meses o seguindo, eu finalmente tive coragem de lhe contar o que sentia.

– E o que aconteceu? – perguntou Conner. – Ele ficou assustado porque você o estava perseguindo? Ele partiu o seu coração?

– Não, nós ficamos casados por sessenta e quatro anos, até ele morrer. Naquele tempo, os atos falavam mais alto que as palavras. Nós só fizemos o que o nosso coração mandou. Hoje em dia, as pessoas agem como se o amor fosse uma ilha: todos querem nadar até lá, mas ninguém quer se molhar.

– O que você estava fazendo na estação ferroviária de Londres? – perguntou Bree.

– Eu estava visitando o meu filho. Ele me deixou na estação, porém eu não estava pronta para ir para casa. Mas acho que agora estou. Dois dias é um bom período para desaparecer; os seus filhos passam a valorizá-lo um pouco mais, sabe? Eu gostei bastante da nossa pequena aventura, mas estou muito cansada, acho que vou desembarcar na próxima parada e pegar um trem para casa.

Conner e Bree sacudiram a cabeça e riram.

– Qual é o seu nome verdadeiro, afinal? – perguntou Conner.

– Elsa – ela disse com um grande sorriso. – Mas eu insisto que vocês me chamem de *Vovó Pearl*.

Conner e Bree gostaram da ideia de terem uma nova avó.

– Bem, nós somos...

– Esperem! – interrompeu Pearl. – Se vocês não me disserem os seus nomes, eu nunca precisarei contar a ninguém onde os vi.

Conner e Bree pensaram que a velhinha sentada à sua frente era boa demais para ser verdade.

– Você é tão mais legal que a minha verdadeira avó alemã! – disse Bree.

– Agora, não é da minha conta o motivo por que vocês estão longe dos seus pais, mas prometam-me que vão ficar seguros durante essa aventura – falou Pearl. – Tudo é brincadeira até que alguém se machuca.

Eles assentiram, mesmo sabendo que aquela era uma promessa que nenhum dos dois podia cumprir.



CAPÍTULO 12

Os segredos do Castelo de Neuschwanstein

O trem chegou a Munique às seis horas da manhã seguinte, depois de algumas paradas pelo caminho. Os três tentaram dormir, porém não conseguiram descansar muito. Antes de deixarem a estação ferroviária, Conner e Bree fizeram questão de embarcar Pearl com segurança no trem que a levaria para casa.

Quando, dois dias antes, os jovens deixaram a Alemanha, não imaginaram que voltariam tão cedo. E Munique, como todas as outras cidades que tinham conhecido até então, provou ser um lugar único. Era uma cidade de colunas, torres de relógio e telhados pontudos. Havia bonitos edifícios com janelas de vitrais e portas de madeira. Estátuas de figuras míticas e religiosas encimavam telhados e balcões para guardar as ruas movimentadas.

– É difícil acreditar que países tão próximos sejam tão diferentes – observou Conner.

– Você não conhece um lugar de verdade até ter estado nele – disse Bree. – Pode ter visto centenas de fotos e dúzias de mapas, mas, a não ser que tenha pisado na cidade e sentido sua pulsação, não sabe nada a respeito dela.

Conner não poderia ter escolhido palavras melhores.

Sem tempo a perder, os dois começaram a pensar em como chegar ao Castelo de Neuschwanstein.

– Eu tenho más notícias – disse Conner. – Estamos quase sem dinheiro. Tenho o suficiente para uns dois dias de comida, mas isso é tudo. Não sei como vamos chegar ao castelo.

– Não se preocupe. Eu tenho uma ideia. Vamos achar um hotel e fingir que estamos hospedados. Depois a gente convence o recepcionista a nos dar o que precisamos.

– Deixe-me adivinhar: isso também acontece nos seus livros?

– Não, pensei nisso sozinha – disse Bree orgulhosamente. – A minha avó mora em um condomínio em Atlantic City, perto de uma porção de hotéis. Houve verões em que eu não paguei por um almoço sequer.

Eles andaram para cima e para baixo pelas ruas de pedra até Bree achar um hotel grande e luxuoso que fosse ideal para o seu plano. O hotel era amarelo e exibia a bandeira de diversos países em volta da porta de entrada. Os dois atravessaram a porta giratória, e Bree aguardou para falar com alguém no balcão da recepção.

Conner ficou a alguns metros de distância; ela dissera que estava segura para fazer aquilo sozinha – ou talvez não o quisesse por perto.

– *Guten Morgen, gnädige Frau* – disse o funcionário atrás do balcão.

– *Guten Morgen*. É um prazer vê-lo de novo – falou ela, apesar de nunca ter visto o homem. – Eu queria saber se chegou alguma mensagem enquanto estive fora.

– Hã? – O recepcionista pareceu terrivelmente confuso; poderia jurar que nunca a vira. – Qual é o número do quarto?

– *É 723* – respondeu Bree como se houvesse falado aquilo para ele uma centena de vezes.

– E o seu nome?

– Bree Campbell. – Ela agiu como se estivesse um pouco ofendida por ele não ter lembrado. – Mas você *devia* saber, o quarto está no nome do meu padrasto.

– O seu padrasto é *Herr* Hueber?

– Foi *esse* o nome que ele usou para se registrar? – perguntou Bree, com um enorme revirar de olhos. – Por favor, ignore-o, ele é

de Milwaukee. Toda vez que conhecemos um lugar novo, ele gosta de fazer os nativos pensarem que é um deles. É provável que ele também tenha se registrado com um sotaque ridículo. *Agora, quanto às mensagens...*

– Ah, sim, é claro – disse o recepcionista, procurando entre os papéis sobre a mesa. – Não há mensagens para o 723.

Bree esticou o lábio inferior em um biquinho.

– Nem mesmo do *Jacob*? – ela perguntou tristemente.

Conner ficou pasmo. *Quem diabos era Jacob?*

– Não, eu sinto muito – disse o funcionário.

– É uma pena – comentou ela, e então foi direto ao assunto: – Bem, já que estou aqui, você sabe me dizer qual é o jeito mais fácil de chegar ao Castelo de Neuschwanstein? O meu padrasto tem que trabalhar o dia inteiro, e eu não tenho nada pra fazer.

– Há um ônibus que vai direto para lá. Leva duas horas. Mas, infelizmente, ele já está lotado para hoje e amanhã.

Conner deixou os ombros caírem ao escutar isso, porém Bree rapidamente pensou em um plano B e soltou:

– Este hotel aluga bicicletas?

– Sim, *madame* – disse o recepcionista. Ele ficou muito contente por finalmente poder lhe dar uma boa notícia.

– Beleza. Acho que terei de me contentar com um passeio de bicicleta pelo campo.

– Uma bicicleta?

– Duas, por favor.

– Debito na conta do quarto?

– Sim. Ah! Se você puder deixar um recado para o meu padrasto avisando que saí para um rápido passeio de bicicleta, eu ficaria muito grata.

– Sim, será um prazer. Vou mandar trazer as bicicletas para a frente do hotel imediatamente.

– Muitíssimo obrigada.

Conner quase esquecera que Bree não estava de fato hospedada no hotel. Ele bateu o pé de leve no chão para chamar a atenção dela.

– *Precisamos saber como chegar lá* – sussurrou.

– Ah, e mais uma coisa – disse Bree para o funcionário. – Você se importaria de marcar em um mapa o caminho até o Castelo de Neuschwanstein? Só para o caso de eu convencer o meu padrasto a me levar lá quando ele estiver de folga...

O recepcionista assentiu e desenhou a rota em um pequeno mapa. Ela agradeceu mais uma vez ao funcionário e foi até a frente do hotel para esperar pelas bicicletas junto com Conner.

– Você é realmente boa naquilo – ele falou. – Tipo, *assustadoramente* boa.

O pensamento de Bree estava no mapa.

– Ok, a julgar por este mapa, o castelo fica a mais ou menos cento e trinta quilômetros daqui... o que significa que vamos ficar em cima das bicicletas *o dia inteiro*.

– Oh, não... – Conner fitou a mala que arrastara de um lado a outro durante toda a viagem. – O que eu faço com Betsy?

– Deixe-a na recepção. Diga que você está comigo. – Bree lhe entregou a sua sacola de viagem para ser guardada junto.

– Acho que é aqui que nos separamos, velha amiga – falou Conner tristemente.

Ele tirou o pedaço de espelho da mala e o guardou no bolso da jaqueta. Acabara de se dar conta de que, contando Munique, levaria Betsy em tantas aventuras quanto Bob. Entrou novamente no hotel e pediu para guardar as bagagens para o quarto 723, sem saber se voltaria a vê-la um dia.

Um funcionário do hotel trouxe uma bicicleta para Conner e outra para Bree, e os dois partiram em seu longo passeio até o Castelo de Neuschwanstein. Bree assumiu a liderança. Ela guiava a bicicleta com uma mão enquanto olhava constantemente para o mapa, na outra.

Eles levaram cerca de uma hora para sair de Munique e entrar na zona rural alemã. Assim que o fizeram, os magníficos Alpes surgiram no horizonte. Eram inacreditavelmente altos, como se tivessem sido pintados contra o céu. Os picos, agudos e angulosos, eram salpicados de neve como o branco na barba de um velho. Os Alpes perfilavam-se imperialmente, tais quais soldados gigantes guardando a sua terra natal.

À medida que os dois avançavam por aquele cenário, a terra se elevava com a altitude dos Alpes. Conner e Bree olhavam maravilhados as colinas relvadas que os cercavam. Estavam convencidos de que a Alemanha era o lugar mais verde do planeta.

Ocasionalmente, aldeias apareciam à beira da estrada, uma mais pitoresca que a outra, com seus telhados laranja contrapondo-se ao alto pano de fundo do firmamento azul-celeste atrás dos Alpes. De tão bonito, o cenário não parecia real. Conner nunca imaginara que o mundo podia ser tão esplendoroso; a cada quilômetro, via algo que lhe lembrava a Terra de Histórias e a enorme saudade que sentia dela.

Nuvens vindas de trás dos picos surgiram e formaram um teto fofo, cinzento e espesso sobre os campos. Era difícil dizer onde terminavam as montanhas e começavam as nuvens.

Depois de algumas horas de pedalada, Conner e Bree pararam em uma cidadezinha chamada Oberammergau para comer algo. Todos os chalés, fossem casas ou lojas, exibiam murais de arte religiosa e de contos de fadas, como se fossem uma coisa só. Conner e Bree se detiveram para admirar uma adorável casa pintada com cenas icônicas da história de Chapeuzinho Vermelho.

– Eu nunca vou poder contar a Chapeuzinho sobre isso – disse Conner. – Ela já tem um ego enorme; não posso nem imaginar o que faria se soubesse que enfeita edifícios no Outromundo também.

Eles se deleitaram ao ver como os contos de fadas eram bem representados no centro da cidade. Havia estátuas de trolls e de Humpty Dumpty; as lojas eram cheias de brinquedos e bijuterias e bonecos de todos os personagens das histórias clássicas; havia até mesmo uma pequena estalagem chamada Hotel do Lobo, onde Conner e Bree decidiram comer.

– Sinto como se estivéssemos comendo no Reino da Chapeuzinho Vermelho – disse Conner enquanto eles almoçavam.

– Se essas pessoas soubessem o que nós sabemos – disse Bree.

Conner baixou os olhos para o seu prato.

– É... – murmurou ele tristemente.

– O que foi? – perguntou Bree.

Ele hesitou em contar o que se passava na sua cabeça, mas por fim falou:

– Eu não quero que nada aconteça com a minha irmã ou a minha avó, ou com qualquer um na Terra de Histórias, mas uma parte de mim espera que o portal *se abra*, para que eu possa vê-las de novo.

Bree sorriu gentilmente.

– Acho que não tem nada de errado nisso. Vamos pensar assim: se o portal estiver fechado, os seus amigos estarão seguros; se estiver aberto, pelo menos você poderá vê-los novamente.

– Enquanto eles são atacados por milhares de soldados franceses...

– Talvez os soldados tenham mudado de ideia enquanto estiveram presos no portal. Duzentos anos é bastante tempo; eles podem ter repensado toda essa coisa de dominar o universo.

– Talvez. – Conner encolheu os ombros. Ambos sabiam que essa possibilidade era remota, porém ele apreciou o otimismo de Bree. Desejou viver uma vida na qual não houvesse sempre um *preço* ou uma *escolha*; desejou que, pelo menos dessa vez, quando alguém dissesse “E eles foram felizes para sempre”, isso fosse verdade.

Os dois terminaram de comer e retomaram o caminho até o castelo. Era impossível ter noção do tempo, pois o sol estava escondido pelas nuvens. Algumas horas depois, quando o traseiro e as pernas de ambos já começavam a doer, eles chegaram à aldeia de Hohenschwangau.

Conner e Bree avistaram as pontas das torres do Castelo de Neuschwanstein, escondido pelas árvores nas colinas acima da aldeia. Parecia um gigante a espioná-los.

– Nós conseguimos! – comemorou Bree. – E só demoramos nove horas e meia!

– Só? – exclamou Conner, gemendo ao desmontar da bicicleta. – Acho que o meu traseiro vai ficar no formato do selim pelo resto da vida.

Hohenschwangau era um lugar incrivelmente pequeno, constituído principalmente de restaurantes, estalagens e lojas de suvenires para turistas que visitavam Neuschwanstein. A aldeia também era lar de outro castelo, menor e mais velho, que ficava sobre uma colina em frente a Neuschwanstein. Era quadrado e dourado e quase completamente ignorado pelos viajantes.

Quiosques de vidro alinhados no centro da aldeia vendiam excursões para Neuschwanstein. Uma longa fila de turistas aguardava pelos ônibus que os levariam ao castelo através do trajeto nas colinas.

– Ok, acho que tenho um plano – disse Conner. – Vamos em uma dessas excursões ao castelo. Ficamos bem atrás do nosso grupo, para sermos facilmente esquecidos, e, quando ninguém estiver olhando, encontramos o esconderijo perfeito. Então, à noite, depois que todos os guias e convidados tiverem ido embora, fazemos a nossa própria excursão pelo castelo e tentamos encontrar o portal.

– Me parece um plano excelente! – falou Bree.

Eles acorrentaram as bicicletas a um bicicletário e foram comprar os bilhetes. No entanto, no momento em que chegaram aos quiosques, um letreiro em várias línguas foi colocado numa janela:

ALLE TOUREN VON SCHLOSS NEUSCHWANSTEIN
SIND FÜR DEN REST DER TAGES AUSVERKAUFT

ALL TOURS OF NEUSCHWANSTEIN CASTLE
ARE SOLD OUT FOR THE REST OF THE DAY

TOUS LES BILLETS POUR LES VISITES DU CHÂTEAU
DE NEUSCHWANSTEIN ONT ETE VENDUS POUR
LE RESTE DE LA JOURNÉE

TUTTI I TOUR DI NEUSCHWANSTEIN CASTELLO
SONO ESAURITI PER IL RESTO DELLA GIORNATA

TODAS AS EXCURSÕES AO CASTELO
DE NEUSCHWANSTEIN ESTÃO ESGOTADAS
PELO RESTO DO DIA

– Oh, não! – exclamou Conner. – O que vamos fazer agora?

– Vamos tentar dar uma olhada no castelo – disse Bree. – Talvez haja uma janela pela qual possamos entrar.

Eles seguiram a estrada até um pouco além da aldeia, e as torres do castelo se tornaram um tanto mais visíveis.

– Não adianta olharmos daqui. Precisamos subir a colina e olhar mais de perto – disse Conner.

Ele tentou lutar contra os pensamentos desencorajadores que o tomavam lentamente, porém a situação não era nada boa. Se havia *aquela tanto* de gente na rua, o castelo devia estar abarrotado. Seria impossível bisbilhotar sem levantar suspeitas.

Conner fechou os olhos e rezou por um milagre. Eles só precisavam arrumar um jeito de entrar no castelo, nada mais! O destino do mundo dos contos de fadas dependia do que encontrariam lá dentro. Para a sorte de Conner, ainda havia um pouquinho de magia no seu sangue, e esse pouquinho de magia deve ter escutado o seu pedido...

– *Ei, Conner* – sussurrou Bree. – *Aquele garoto não para de olhar pra nós.*

Conner se voltou para a direção que Bree indicava. Uns poucos metros à frente dos dois, havia uma casinha do tipo chalé. Um menino estava sentado nos degraus da frente e os observava sem nenhum constrangimento. Era muito novo, não mais do que dez anos, e tinha o cabelo escuro e a pele muito pálida. Era bem magro, embora as bochechas fossem rechonchudas e rosadas, o que o fazia parecer um boneco de relógio de cuco.

– Oi – disse Conner, acenando desajeitadamente para o observador.

– Olá – respondeu o menino com um adorável sotaque alemão. – Vocês são americanos?

– Somos – disse Bree.

Um grande sorriso se espalhou no rosto do garoto, que endireitou o corpo alegremente.

– Você gosta dos Estados Unidos? – Conner perguntou.

– Sim! – disse o menino, com um aceno animado de cabeça. – Todos os super-heróis são de lá!

– Você já esteve lá? – perguntou Bree.

O menino deixou cair os ombros.

– Não. Eu frequento a escola em Füssen, mas, tirando isso, nunca fui para longe daqui. Mas estou economizando todo o meu dinheiro para visitar Gotham City um dia!

Conner e Bree se entreolharam como se estivessem diante de um cachorrinho que queriam para eles.

– Como você se chama? – perguntou Conner. Ele e Bree chegaram mais perto da casa.

– Eu me chamo Emmerich. Emmerich Himmelsbach. E vocês?

– Eu sou Conner, e esta é a Bree.

– O que os traz a Hohenschwangau? – perguntou o garoto, e logo se corrigiu. – Que pergunta boba; vocês estão aqui para ver o castelo, certo? Todo mundo vem para ver o castelo.

– Sim – disse Bree. – Você já esteve lá dentro?

– Ah, *muitas, muitas, muitas* vezes! O meu avô costumava organizar excursões ao castelo, e a minha mãe trabalha numa loja de presentes na aldeia. Não existe nada que eu não saiba sobre o lugar.

– Bem, nós *viemos* aqui para ver o castelo – disse Conner, desapontado. – Pedalamos desde Munique, mas os ingressos estão esgotados.

Aquilo deixou Emmerich completamente surpreso; o menino quase caiu para trás.

– Vocês pedalarão *des Munique até aqui*? – ele perguntou com gestos enormes. – Por que vocês fariam uma coisa dessas?

De repente, uma ideia veio à cabeça de Conner. Ele olhou para Bree, e ela pôde ver a luz nos olhos do garoto. Estava preparada para topar o que quer que ele estivesse pensando.

– Bem, nós até contaríamos a você, mas não queremos colocá-lo em perigo – falou Conner.

– É, você é muito novo – acrescentou Bree.

Os olhos de Emmerich se arregalaram, e o seu queixo caiu.

– Contariam *o quê*?

– Não podemos dizer – falou Conner. – Nosso disfarce iria por água abaixo se alguém descobrisse.

– *O que vocês estão escondendo?* – perguntou Emmerich, desesperado. – Vocês podem me dizer. Eu não tenho nenhum amigo para contar!

Conner e Bree se entreolharam: eles o tinham exatamente onde queriam.

– Bem, nós viemos para a Alemanha para *esconder uma coisa* – disse Conner. – Fomos contratados pelo governo dos Estados Unidos porque ninguém jamais suspeitaria que dois adolescentes estariam em posse *dessa coisa*.

Emmerich pôs as mãos nas bochechas; a curiosidade o estava matando.

– O que vocês estão tentando esconder?

Conner puxou a flauta de Pã do bolso da jaqueta e mostrou ao menino.

– *Isto*.

Emmerich ficou sem fôlego antes de saber o que era.

– Espere, o que é isso?

– Parece uma flauta de Pã, mas, na verdade, é uma arma – disse Bree. – E um homem muito mau quer pôr as mãos nela.

– E vocês querem escondê-la em *Hohenschwangau*?

Eles balançaram a cabeça.

– Nós íamos escondê-la no castelo – disse Conner. – Ninguém jamais suspeitaria que fosse outra coisa senão um item histórico. Mas, como não há mais excursões, vamos ter de escondê-la em outro lugar.

– Desculpe incomodá-lo, Emmerich – disse Bree. – Agora precisamos ir andando. Temos de sair do país ao anoitecer, para que não nos encontrem.

Eles se viraram para partir, mas Emmerich rapidamente se plantou na frente dos dois.

– Não, esperem! Posso levá-los para dentro de Neuschwanstein se quiserem!

– Como você faria isso? – perguntou Conner.

Emmerich olhou em volta para se certificar de que mais ninguém o escutava.

– Eu conheço uma passagem secreta para dentro do castelo. O meu avô me levou lá uma vez.

A empolgação de Conner e Bree foi parar nas alturas, porém eles precisavam manter a fachada.

– Eu não sei, detestaria colocar a sua vida em risco, Emmerich – disse Bree.

– Mas sou eu que estou colocando a minha vida em risco! – suplicou Emmerich. – Por favor! Eu até fico de olho nela depois que vocês se forem!

Eles se afastaram alguns passos e, de costas para Emmerich, fingiram conferenciar sobre o assunto.

– *Você é um gênio!* – sussurrou Bree. – *Quais são as chances de encontrarmos alguém que possa nos levar para dentro do castelo por uma passagem secreta?*

– *Né? Quais as chances?* – Conner sussurrou de volta, com um sorriso. No fundo, sabia que havia um pouquinho de magia de fada dentro dele, embora nunca fosse admitir isso abertamente.

Eles se esforçaram para controlar a excitação e se viraram para Emmerich.

– Certo, Emmerich, se você prometer que nunca contará a ninguém sobre isso, deixaremos que nos leve até o castelo – disse Conner.

Emmerich deu pulinhos. Aquele era o acontecimento mais empolgante de toda a sua jovem vida.

– Eu sabia que tinha algo de especial em vocês – o menino falou. – Já vi filmes o bastante para reconhecer um agente secreto quando vejo um! Quando vocês querem ir?

– Depois de escurecer – disse Bree. – Para que ninguém nos veja.

– Beleza! Posso encontrá-los na Ponte de Maria depois do jantar, em uma ou duas horas. A minha mãe me mataria se eu perdesse o jantar, mesmo que fosse para ajudar a salvar o mundo.

– Combinado – disse Conner. – Onde fica a Ponte de Maria?

– Subindo o caminho para o castelo. Há várias placas, não tem como errar. A ponte tem a melhor vista do castelo.

– Fantástico, nos encontramos lá – disse Bree.

Emmerich estava agitado, as bochechas, extrarrosadas.

– Mal posso esperar! – disse ele, mas então se aquietou quando outro pensamento lhe ocorreu. – Se vou sair depois do jantar, é melhor arrumar o quarto antes de a minha mãe chegar em casa!

Emmerich passou correndo por eles e subiu os degraus para dentro de casa.

Conner e Bree suspiraram de alívio.

– Até agora, fugimos da nossa diretora, raptamos uma velhinha, mentimos para um *conciierge* e fizemos um inocente menino alemão acreditar que somos agentes secretos – listou Bree. – Isso faz de nós pessoas muito más?

– Necas – disse Conner, sacudindo a cabeça. – Às vezes, você tem de fazer a coisa errada pela razão certa. Vem, vamos dar uma olhada nessa ponte. Estou ansioso pra ver o castelo.

Eles voltaram à aldeia e seguiram a estrada que levava ao castelo. Havia muitas placas apontando para as diversas atrações, porém eles seguiram aquelas que diziam “Marienbrücke” (“Ponte de Maria”).

A ponte de madeira com corrimão de ferro era muito comprida e estreita e se estendia de um penhasco a outro. Vários turistas a admiravam e fotografavam as montanhas e a floresta em volta. Conner e Bree experimentaram uma leve vertigem ao darem os primeiros passos sobre a ponte – não esperavam ver uma cachoeira e um córrego a centenas de metros abaixo.

Quando chegaram à metade da ponte, os dois avistaram o Castelo de Neuschwanstein por inteiro pela primeira vez.

– Ai, meu Deus! – arquejou Bree, pondo as mãos sobre a boca.

– Eu não posso... não posso... ac-c-creditar no que estou vendo... – gaguejou Conner.

Era fácil acreditar que o Castelo de Neuschwanstein fosse tido como uma das maravilhas da Europa. Era uma maciça estrutura branca, com milhares de janelas, dezenas de altas torres, telhados pontudos e campanários da cor do céu noturno. O castelo ficava sobre uma base de pedra cercada por árvores no pico da colina, o que dava a impressão de que crescia diretamente da encosta da montanha.

Conner tinha visto muitas construções impressionantes na Terra de Histórias, mas nunca *no seu próprio mundo*. Tijolo a tijolo, o Castelo de Neuschwanstein fora construído pela mão de homens, sem absolutamente nenhum tipo de mágica.

– Eu diria que é fantástico, assombroso, mas isso seria subestimar – falou ele.

– Você tem razão, não existem palavras – disse Bree. – É engraçado pensar que somos os únicos que sabem que existe um portal para o mundo dos contos de fadas lá dentro, porque isso parece bem óbvio.

Conner não poderia concordar mais. As enormes montanhas verdes que cercavam o castelo, os límpidos lagos que refletiam as grossas nuvens cinzentas e as pequenas aldeias a quilômetros no horizonte o fizeram sentir como se estivesse diante de algo sobrenatural. Era como se um pedaço do mundo dos contos de fadas houvesse penetrado através da costura do Outromundo e sido batizado de Bavária.

As poucas horas durante as quais eles aguardaram pela chegada de Emmerich passaram rapidamente. A noite caíra sobre os campos da Alemanha, e os turistas pouco a pouco desapareceram até Conner e Bree serem os últimos sobre a ponte. Eles enxergaram uma luzinha entre as árvores e logo Emmerich emergiu, caminhando com um farolete na mão.

– *Guten Abend* – disse o menino. – Prontos para explorar o castelo?

Emmerich os guiou por um caminho tortuoso colina abaixo até um mirante perto da queda-d'água. Eles pularam a cerca do mirante e acompanharam o córrego até o sopé da colina sobre a qual ficava o castelo.

– Cuidado para não molhar os sapatos! – Emmerich advertiu. Quanto mais se aproximavam da colina, mais o córrego avançava sobre a terra que a margeava, como uma banheira transbordante.

A ponte, o castelo e as montanhas desapareceram atrás das grossas árvores que rodeavam a base da colina. Incorporada à encosta, oculta por uma camada de terra e pedras, havia uma porta redonda. Emmerich a apalpou à procura do trinco de aço e então a abriu.

– Por aqui – disse alegremente.

Engatinhando, Conner e Bree o seguiram através da porta e por um longo túnel de pedra. O túnel fazia curvas e voltas sob o castelo, pelo que pareciam ser quilômetros. Sem o farolete de Emmerich, seria escuro como breu. Os três acabaram chegando ao fim do túnel,

e Emmerich empurrou outra porta circular, que dava para um pequeno depósito de uma loja de suvenires.

– Aqui costumavam ser os alojamentos da criadagem – disse Emmerich. – Fiquem bem perto de mim. Eu só preciso digitar o código antes que o alarme dispare.

Eles atravessaram a loja de presentes e entraram em um salão dedicado ao projeto e à construção do castelo. Uma grande maquete ocupava o centro do recinto, e as paredes eram cobertas de fotos do castelo sendo construído e desenhos da sua concepção.

Emmerich encontrou o teclado numérico atrás de uma das fotos e digitou um longo código. Uma luz verde piscou quando o menino terminou.

– Neuschwanstein é nosso! – falou.

– Muito bem, Emmerich, leve-nos numa excursão! – disse Conner. – Queremos ver tudo.

A passos firmes, Emmerich os conduziu pelo salão e então por uma escada em espiral, e a opulência do castelo se revelou. As paredes circulares em torno da escada eram cobertas com papel de parede estampado com dragões e símbolos que Conner e Bree não reconheceram.

– Este lugar me dá arrepios – disse Conner.

– Em mim também – Bree falou. – Adorei!

– Um monte de gente acha que ele é mal-assombrado – comentou Emmerich. – Muitos visitantes disseram ter visto fantasmas passando pelas janelas à noite ou escutado ruídos quando o castelo estava completamente vazio.

Conner engoliu em seco; Bree sorriu. No topo da escada, eles passaram pela estátua de um dragão postado tal qual um cão de guarda anormalmente grande guardando o corredor.

– Primeiro, vou mostrar para vocês a sala do trono – disse Emmerich, guiando-os pelo corredor.

Cada centímetro do corredor era decorado com papel de parede com estampas de losangos, xadrez ou florais. Havia colunas com entalhes de animais em torno das janelas, e cada janela era revestida de ouro. Embora as cores tivessem desbotado com o passar dos anos, o castelo era, hoje, um espetáculo ainda maior do que um século antes.

Emmerich escoltou-os até a sala do trono por uma passagem aberta. A sala tinha um imponente teto abobadado. Um candelabro gigantesco, circundado por centenas de velas, pendia do teto. As paredes eram cobertas por belas pinturas de figuras mitológicas e religiosas. Todas as espécies do reino animal se achavam presentes no piso de mosaico, como se todo o ciclo da vida estivesse sob os pés deles.

Arcos e colunas coloridos rodeavam a sala do trono. Balcões ocupavam o topo do recinto, de frente para uma plataforma com um grande mural de Jesus Cristo na parede. A plataforma era o lugar perfeito para um trono, porém estava vazia.

– Então, se esta é a sala do trono, onde está o trono? – perguntou Bree.

– Nunca houve um trono – disse Emmerich. – O Rei Ludwig II mandou fazer um trono extravagante para combinar com a sala, mas foi declarado insano antes que ele estivesse pronto.

– Então o rei nunca chegou a sentar no seu trono? – perguntou Conner. – Que dureza.

– A maior parte do castelo permanece inacabada – contou Emmerich. – Ludwig estava gastando todo o dinheiro da Bavária para construir suas casas luxuosas e, quando o dinheiro acabou, ele começou a pedir emprestado a outros países para terminá-las.

– Entendo como isso leva a uma má reputação – comentou Bree.

Conforme eles avançavam, Conner estudava cada centímetro do castelo à procura de qualquer coisa que pudesse ser um portal. Não encontrou nada que lhe parecesse familiar na sala do trono.

– *Vocês acham que esta sala seria um bom lugar para esconder a arma?* – Emmerich sussurrou, muito embora os três fossem os únicos no castelo.

– Não, aqui, não – disse Conner. – Vamos continuar procurando.

– Vou lhes mostrar o quarto do Rei Ludwig – disse Emmerich.

Eles o seguiram de volta ao corredor e atravessaram um par de pesadas portas de madeira. O quarto do rei era coberto, do piso ao teto, por um extraordinário trabalho em madeira. Tudo, desde o lavatório até a mesa e a estrutura da cama, ostentava entalhes intrincados de discípulos, nobreza e colheita. Murais de *Tristão e*

Isolda, uma das histórias favoritas do rei, cobriam os trechos de parede não decorados com madeira.

Os três deram uma rápida olhada em uma pequena gruta artificial inserida entre dois quartos; era como se o rei mantivesse uma minúscula caverna no seu *closet*. Mas mesmo isso não foi suficientemente interessante para Conner.

– Viu algum lugar bom? – perguntou Emmerich.

Bree estava igualmente interessada; ela também não sabia exatamente o que eles deveriam procurar. No entanto, não era algo que Conner pudesse explicar – uma parte importante de reconhecer um portal estava em ser capaz de senti-lo.

– Ainda não – disse Conner. – Vou saber quando vir.

– Vou levá-los ao Salão do Cantor! Tem muita coisa pra ver ali! – disse Emmerich.

Eles retornaram à escada em espiral e subiram até o quinto piso do castelo. Quando entraram no Salão do Cantor, a primeira coisa que escutaram foi o eco de seus passos. O salão, muito comprido e largo, era de longe o maior do castelo.

Era uma visão tão estimulante que Conner e Bree precisaram de alguns momentos para distinguir todas as obras de arte. O salão inteiro parecia se fundir em uma única e gigantesca obra composta de pinturas, estátuas, bustos, gravuras e símbolos dos mitos e lendas preferidos do Rei Ludwig. Havia representações de cavaleiros com armaduras brilhantes, donzelas em perigo, casamentos reais e malfeitores sendo punidos. Candelabros enfileiravam-se em torno do salão, e lustres enormes pendiam do teto alto.

Bree observava o retrato de uma mulher.

– Alguém já reparou que, nos retratos antigos, as mulheres parecem estar sendo enganadas para fazer alguma coisa?

– Esta sala ainda é usada – disse Emmerich. – Eles a enchem de cadeiras e fazem concertos e apresentações. Seria um bom lugar para guardar a flauta de Pã.

Isso despertou algo em Conner. Emmerich estava certo; faria sentido que a flauta de Pã fosse associada a esta sala. Se Conner tivesse construído o castelo, certamente teria posto uma flauta de Pã que dava acesso a um portal em uma sala que tivesse algo a ver com

música. O portal *tinha* de ser no Salão do Cantor – Conner sentia isso.

No outro extremo do salão, havia uma plataforma com altura equivalente a quatro degraus. Quatro colunas de mármore vermelho-escuro erguiam-se na frente da plataforma e sustentavam três arcos coloridos. Atrás das colunas e dos arcos, cobrindo a parede, achava-se a maior pintura do salão, uma floresta majestosa, com árvores, flores, esquilos, cervos e grandes pedras arredondadas.

Conner não conseguia tirar os olhos dela. A pintura lhe parecia familiar, talvez um lugar onde estivera com a irmã. Havia algo de intrigante e convidativo nela que ele não conseguia explicar em palavras.

– O que é essa pintura? – perguntou Conner.

– É um jardim mágico – disse Emmerich. – Não sei onde fica.

Conner sorriu por dentro e por fora.

– Eu sei – falou e olhou para Bree. – Acho que encontrei.

Bree e Emmerich juntaram-se a ele no fundo da sala. Os três contemplaram a pintura.

– Você quer pôr a arma aí dentro? – indagou Emmerich, empolgado.

Conner decidiu contar ao jovem guia a verdade:

– Emmerich, isto não é realmente uma arma. E nós não somos agentes secretos.

Emmerich fitou tristemente o chão.

– Eu sei. Mas pensei que seria divertido fazer de conta. Não tenho muitas chances de brincar com outras crianças: todo mundo que vem para Hohenschwangau só fica por um dia e depois vai embora.

Essa declaração partiu um pouco o coração de Conner e de Bree. Emmerich era a segunda pessoa naquela viagem que se *deixara* manipular por causa da solidão. Bree se inclinou para poder olhá-lo nos olhos.

– Não se preocupe, Emmerich – falou. – Precisamos verificar uma coisa agora. Se der certo, vai ser muito mais legal do que qualquer coisa que um agente secreto poderia mostrar.

Emmerich pareceu curioso. Bree acenou com a cabeça para Conner, que tirou a flauta de Pã do bolso da jaqueta. Ele examinou

as notas entalhadas na parte de trás do instrumento e conferiu duas vezes se sabia a que nota correspondia cada cilindro.

– O cilindro do meio deve ser o C, ou dó central – disse Bree. – Pelo menos, é assim que funciona no piano. Minha mãe me obrigou a fazer aulas quando eu era mais nova...

– Aí vai – disse Conner.

Ele soprou as primeiras quatro notas e então fez uma pausa de um segundo antes de soprar as quatro restantes. Todas soaram arrepiantemente puras no castelo deserto.

Como todos os ruídos que eles tinham feito até então, as notas ecoaram pelo salão – só que elas não pararam. O som só aumentou e aumentou, fazendo o salão inteiro vibrar. Os candelabros começaram a balançar e o piso a ressoar.

– *O que está acontecendo?* – gritou Emmerich. Ele cobriu os ouvidos e olhou em volta absolutamente horrorizado.

Subitamente, um forte clarão surgiu entre as duas colunas centrais da plataforma. A luz aumentou e passou a rodopiar. Quanto maior se tornava, mais rápido girava. Logo, o fundo do salão ficou tomado pela luz.

– *Oh, não* – disse Conner. Seus olhos encontraram os de Bree. – *Ele funciona!* Podemos acessá-lo do nosso lado. Ou seja, o portal reabriu *mesmo*, e os soldados franceses estão...

Os três foram lançados para a frente contra a vontade. A luz havia se transformado abruptamente em um vórtice e agora os *puxava para dentro dela*.

– *Corram!* – gritou Conner.

Os garotos correram na direção oposta, porém a força de atração do vórtice era intensa demais. Emmerich agarrou Bree, Bree agarrou Conner, e Conner agarrou um dos candelabros presos à parede. Eles balançaram no ar conforme o vórtice aumentava de tamanho. Emmerich soltou-se de Bree, Bree soltou-se de Conner, e a mão de Conner escorregou do candelabro.

Os três voaram e foram sugados pela luz. Conner, Bree e Emmerich sumiram dentro do vórtice. Desapareceram do Castelo de Neuschwanstein.



CAPÍTULO 13

A rainha despejada

As semanas que se seguiram ao Baile Inaugural de Fada acabaram se revelando muito agradáveis para Alex. Ela participava das reuniões do Conselho das Fadas diariamente, cavalgava Cornelius pelos reinos em busca de pessoas que precisavam de ajuda e passeava com Rook pelo bosque nos fins de tarde. Alex não conseguia decidir de qual parte daqueles dias gostava mais – a não ser nos dias em que os passeios terminavam com um beijo de boa-noite: nesses, a caminhada era definitivamente a sua parte favorita.

Após semanas de sofrimento por causa do baile e de Rook, ela voltara a se divertir. Fazia tanto tempo desde a última vez que ficara contente com algo que quase esquecera como era a sensação de alívio. De tão ocupada, porém, nem pensara em perguntar a Conner como tinha sido sua viagem à Alemanha.

No entanto, por mais agradáveis que fossem os seus dias, Alex sabia que eles terminariam em breve. E uma tarde, ao receber uma carta de Chapeuzinho, percebeu que estava certa.

Minha querida Alex,

Parabéns pela sua formatura na Escola de Fadas, ou o que quer que você tenha conquistado recentemente. Estou muito orgulhosa! Tenho certeza de que você será um acréscimo maravilhoso à Liga das Fadas, ou ao que quer que você faça parte agora.

Estou escrevendo porque preciso de um favor: aquela mulher horrorosa, Peep, atacou outra vez! Ela convenceu a Casa do Progresso a organizar um debate entre nós antes das eleições, que ocorrerão amanhã à tarde. Não é a coisa mais selvagem que você já ouviu? Que tipo de reino quer assistir à sua soberana se defendendo de uma série de ataques pessoais maldosos? Será que as palavras “nobreza” e “graça” não andam mais de mãos dadas?

De qualquer modo, eu estava me perguntando: se você não estiver ocupada demais com a Corte das Fadas, será que se importaria de comparecer ao debate para me apoiar? Ter uma fada ao meu lado seria ótimo para a minha imagem. Além disso, depois que saírem os resultados da eleição e a Pequena Bo Peep perder, você poderá transformá-la em abóbora, e nós nos revezaremos para esmagá-la com uma marreta.

As mais calorosas saudações,

Sua Majestade, Rainha Chapeuzinho Vermelho do Reino da Chapeuzinho Vermelho

P.S.: Charlie manda lembranças. Ele está me orientando nessa campanha ridícula. Eu convenci a Casa do Progresso a permitir que ele seja o moderador do debate. Ele também espera vê-la!

A carta foi entregue pessoalmente por um dos mensageiros de Chapeuzinho, que parecia muito cansado depois de viajar a noite inteira para encontrá-la.

– Por favor, diga à Rainha Chapeuzinho que estarei lá. – Alex suspirou.

No fim daquela tarde, durante seu passeio, Alex contou a Rook sobre a carta.

– Você vai contar a Chapeuzinho o que vimos no celeiro da Pequena Bo? – perguntou Rook.

– Não, acho que não – disse Alex. – Não posso condenar a Pequena Bo por não ter intenções nobres quando as intenções da própria Chapeuzinho também não o são.

– Isso significa que não a verei amanhã? – perguntou Rook com olhos de cachorrinho triste.

– Provavelmente. Mas nos veremos no dia seguinte.

– Tudo bem. Eu e meu pai vamos arrancar ervas daninhas amanhã; isso normalmente toma a maior parte do dia. – Rook soltou uma risada patética.

– O que é tão engraçado?

– Acabei de pensar em como são nossos dias. Você vai participar de uma eleição que pode mudar o futuro de um reino, e eu vou arrancar ervas daninhas.

– Cada um faz a sua parte – provocou Alex. – Mas, se serve de consolo, os problemas de Chapeuzinho são muito parecidos com ervas daninhas. Não importa quantas vezes os arranque, eles sempre voltam.

Na tarde seguinte, Alex cavalgou Cornelius até o Reino da Chapeuzinho Vermelho. Chegou à cidade quando o debate já estava para começar. De longe, lhe parecera que o reino inteiro tinha sido pintado de vermelho; entretanto, ao chegar mais perto, Alex se deu conta de que não era de *tinta* que a cidade estava coberta: cada loja, cada casa e cada árvore estava coberta de pôsteres da campanha de Chapeuzinho.

A maioria dizia VOTE NA RAINHA CHAPEUZINHO e exibia um desenho da rainha. Outros eram um pouco mais cativantes: TRATE O REINO COM CARINHO, VOTE NA RAINHA CHAPEUZINHO. Outros difamavam abertamente a Pequena Bo: NÃO SEJA UM ROBÔ, NÃO VOTE NA BO ou PARA UM REINO TÃO GRANDE; FAÇA COISA QUE PRESTE, VOTE NA RAINHA CHAPEUZINHO E NÃO NAQUELA PESTE; ou, mais sutilmente, COCHILANDO NOS CELEIROS, BO PEEP PERDE OS CARNEIROS.

O parque no centro do reino se achava repleto de cabines de votação. Dois pódios haviam sido montados nos degraus da frente da Casa do Progresso, onde a maioria do povo do reino se reunira. Os representantes encontravam-se sentados ao pé dos degraus, em lugares privilegiados para o debate.

Alex deixou Cornelius no parque e encontrou Froggy na escada. Ele andava nervosamente de um lado para o outro, com uma pilha de cartões nas mãos.

– Ela está preparada? – perguntou Alex.

– Tão preparada quanto possível. Eu a orientei a semana inteira.
– Tenho certeza de que você foi um mestre incrível. – Alex pôs uma mão no ombro dele.

– Eu amo a Chapeuzinho e realmente acho que ela é uma rainha extraordinária, à sua maneira. A confiança dela é contagiosa, e isso é bom para o reino. Conseguir que os outros enxerguem isso é o desafio.

A Rainha Chapeuzinho e a Pequena Bo emergiram da Casa do Progresso e foram recebidas com aplausos calorosos enquanto desciam os degraus até os respectivos púlpitos. Chapeuzinho andou um pouco mais depressa que a Pequena Bo e cruzou a frente dela, tomando para si todos os aplausos.

Alex se juntou aos representantes, e Froggy se dirigiu à multidão:

– Caros rubrochapeuzianos, sejam bem-vindos ao primeiro debate eleitoral da história do Reino da Chapeuzinho Vermelho. Nossas candidatas terão a oportunidade de expressar por que acreditam ser merecedoras do seu voto, e então concluiremos o debate com perguntas enviadas pelos cidadãos de todo o reino. Vamos começar!

Froggy assumiu sua posição nos degraus inferiores, à frente dos púlpitos, e o debate teve início. A Rainha Chapeuzinho foi a primeira a tentar persuadir o reino a votar nela.

– Companheiros rubrochapeuzianos. Isso soa tão bonito, vocês não acham? Do que vocês serão chamados se a Pequena Bo Peep assumir o trono? De *peepizeiros*? Aposto que detestariam isso tanto quanto eu. Sei que a minha oponente vai passar os próximos minutos dizendo *que ela os entende* e que *é uma de vocês e bla-blá-blá...* E querem saber de uma coisa? Ela está certa!

Os cidadãos ficaram chocados com a abordagem de Chapeuzinho. Alex ficou com medo de aonde ela queria chegar com aquilo.

– A Pequena Bo Peep é exatamente como vocês. E eu não poderia ser mais *diferente* – continuou Chapeuzinho. – Mas é assim que vocês gostam da sua rainha! Vocês querem que a sua rainha os *represente*, e não que seja um de vocês. Foi por isso que eu fui eleita rainha quando era uma menininha; como uma vítima jovem e inocente, eu *simbolizava* vocês. E, agora que o nosso reino se transformou na

próspera nação que é hoje, eu simbolizo isso. Quando outros reinos pensarem no Reino da Chapeuzinho Vermelho, vocês querem que eles pensem em uma líder que carrega um cajado de pastora de um lado para o outro e que provavelmente cozinha a própria comida e limpa a própria casa? *Não!* Vocês querem que eles pensem em uma rainha rica, bonita e destemida, porque *isso* é o Reino da Chapeuzinho Vermelho! Obrigada.

Chapeuzinho terminou o seu discurso e assumiu uma pose com as mãos para o ar. A essa altura, os cidadãos já tinham sido suficientemente bem treinados para saber que deviam aplaudir toda vez que ela fizesse isso.

A Pequena Bo pigarreou; era a sua vez de convencer os cidadãos a votar nela:

– A razão por que eu não espalhei pôsteres pela cidade é a mesma por que não vou aborrecê-los com um longo discurso: é um desperdício de tempo – disse a Pequena Bo. – A Rainha Chapeuzinho pode desperdiçar o tempo e os recursos de vocês, mas eu não farei isso.

Um burburinho contido tomou conta da multidão. Chapeuzinho ficou horrorizada com a reação da Pequena Bo. Ela encarou a multidão esperando que alguém dissesse que a Pequena Bo tinha quebrado as regras. Já a Pequena Bo permaneceu calma e serena; ela definitivamente não era o turbilhão emocional que Alex presenciara no celeiro algumas semanas antes. Chapeuzinho estava desesperada para trazer a multidão de volta para o seu lado.

– Quero apenas lembrar a todos que, quando eu era mais jovem e sobrevivia a ataques horrendos de criaturas selvagens, a *senhorita Arrogante-e-Presunçosa* aqui não era capaz sequer de cuidar dos próprios carneiros! – disse a rainha. – Depois, os carneiros ficaram com pena dela e *voltaram* agitando o rabinho, para que ela não se sentisse tão patética. E agora *essa mulher* quer ser rainha.

Os espectadores vaiaram a declaração agressiva de Chapeuzinho – o debate estava ficando interessante. Froggy deu uma palmada na testa. Alex logo presumiu que ele tentara orientar a rainha a evitar explosões como aquela.

– Para informação da rainha, eu perdi o meu rebanho de carneiros *uma única vez*, e foi uma experiência traumática que me

inspirou a, sem a ajuda de ninguém, transformar as fazendas da minha família nas mais produtivas do reino – declarou a Pequena Bo. – Somos agora os produtores de lã número um do mundo, graças ao sistema impecável de contagem de carneiros que eu inventei, e a minha fazenda *nunca* perdeu um só carneiro desde então.

Chapeuzinho recebeu essa resposta com uma impressionante revirada de olhos.

– Bem, se experiências traumáticas fazem de alguém uma pessoa maior, estou surpresa por ainda conseguir passar pelas portas do meu próprio castelo. Eu fiquei dentro do estômago do Grande Lobo Mau. Dentro do lobo! Isso certamente merece um pouco mais de crédito do que ser distraída...

– Você entrou naquela floresta usando uma capa vermelho-berrante e carregando uma cesta de doces recém-assados – a Pequena Bo interrompeu. – Você praticamente *pediu* para ser atacada por um lobo, e nós a elegemos rainha! Se um peixe pulasse em um barco com um anzol na boca, nós o elegeríamos rei?

Umas poucas pessoas na multidão resmungaram em protesto; acharam que a Pequena Bo estava fazendo pouco da inteligência do povo. Chapeuzinho imediatamente se aproveitou disso:

– Você está dizendo ao povo rubrochapeuziano aqui presente que eles erraram ao me eleger rainha? – perguntou.

Os olhos da Pequena Bo percorreram a multidão, que se sentia mais insultada a cada segundo. Era a vez dela de reconquistá-los:

– Estou tentando dizer que a Rainha Chapeuzinho pode ter sido um símbolo em dado momento, mas os Grandes Lobos Maus não existem mais. Os tempos mudaram, e a líder deste reino também deveria mudar. O reino pode ter precisado de um símbolo antes, mas agora precisa de uma governante.

Um silêncio caiu sobre a multidão. Os cidadãos passaram a olhar a Pequena Bo de um jeito diferente, não apenas como alguém destemido o bastante para desafiar a rainha, mas como uma verdadeira líder.

– Vamos às perguntas – disse Froggy. – Começaremos com a Rainha Chapeuzinho e, em seguida, passaremos à Pequena Bo. A primeira pergunta é: *Como você vai ajudar os fazendeiros cujas colheitas congelam no inverno?*

Chapeuzinho se animou; tinha a resposta perfeita:

– Eu forneceria casacos não apenas aos fazendeiros, como também às colheitas – disse alegremente.

Todos na multidão apertaram os olhos na direção da rainha. Ela estava falando sério?

– Eu – começou a Pequena Bo – forneceria cobertura orgânica para o solo, para que as colheitas suportassem melhor o frio, bem como barris de água aquecida, para impedir que elas congelassem.

Os cidadãos balançaram a cabeça uns para os outros positivamente – tinham gostado mais da resposta dela.

Froggy passou à pergunta seguinte:

– Agora, a Pequena Bo responderá primeiro, seguida pela Rainha Chapeuzinho. *Como você tornará a escola em uma experiência mais significativa para as crianças do nosso reino?*

A Pequena Bo estava preparada para responder:

– Existe um limite do que se pode aprender dentro de uma sala de aula. Eu convidaria as crianças à minha fazenda ou faria com que visitassem as lojas da cidade, para que pudessem observar diversos locais de trabalho antes de escolherem uma profissão. Isso ainda daria aos nossos pobres e sobrecarregados professores um descanso de vez em quando.

A resposta foi recebida com uma branda salva de palmas dos professores presentes na multidão. Chapeuzinho pensou na resposta de Bo antes de se manifestar.

– Na verdade, eu gosto da resposta dela – falou e fez que sim com a cabeça, confiante. – Eu faria a mesma coisa.

Alex suspirou – aquilo não ia terminar bem para a sua amiga.

– Próxima pergunta – disse Froggy, passando para o cartão seguinte. – A Rainha Chapeuzinho responderá primeiro. *Qual é a sua posição sobre a segurança nacional?*

Chapeuzinho pôs o dedo indicador sobre a boca enquanto formulava uma resposta. Alex cruzou os dedos na esperança de que Chapeuzinho desse uma resposta a qual os cidadãos pudessem apoiar.

– Eu gosto dela! – foi tudo o que Chapeuzinho disse, e um largo sorriso surgiu no seu rosto.

Alex cobriu os olhos; era como assistir a um desastre de trem.

Alguns cidadãos chegaram a rir da rainha. A Pequena Bo aguardou um momento antes de responder à pergunta, deixando o embaraço de Chapeuzinho ganhar peso.

– Eu acredito que a chave para a segurança nacional é ter um exército forte – disse a desafiante. – Nenhum reino jamais caiu por ser forte demais.

Os cidadãos rubrochapeuzianos começaram uma vigorosa salva de palmas.

– *Bo Peep! Bo Peep! Bo Peep!* – a multidão entoou. – *Bo Peep! Bo Peep! Bo Peep!*

Chapeuzinho olhou tristemente para seus súditos; não entendia o que tinha dado errado. Froggy deu fim ao debate, antes que ficasse pior para ela:

– Nós gostaríamos de agradecer a todos vocês por terem se juntado a nós neste debate – disse Froggy. – Por favor, depositem o seu voto em uma das muitas cabines de votação espalhadas pelo parque.

Enquanto os cidadãos votavam, Alex e Froggy fizeram companhia para Chapeuzinho na biblioteca do castelo. Todos estavam extremamente ansiosos para ouvir o resultado da eleição. Alex e Froggy sentaram-se nas grandes e confortáveis poltronas defronte à lareira; já Chapeuzinho andava de um lado para o outro desde que eles tinham voltado do debate. Em um canto, Clawdius a observava com tristeza; o lobo parecia desejar fazer algo para ajudá-la.

– *A Pequena Bo é um pé na pastora!* – bradou Chapeuzinho para o castelo inteiro ouvir. – Ela nunca será nem metade da rainha que eu sou! Ela teria sobrevivido para contar a história depois de ter sido perseguida por uma matilha de lobos? *Não!* Ela teria embarcado em um navio voador e navegado pelo mundo para salvá-lo? *Não!* Ela teria abatido um pé de feijão para impedir que os cidadãos fossem devorados por um gato gigante comedor de gente? *Não!* Ela teria se recusado a entregar o reino para a Feiticeira? *Não!* Será que alguém além de mim se lembra das coisas que eu fiz por esta nação?

– Talvez o povo se lembre, querida – disse Froggy. – Você precisa ser paciente e esperar os resultados. Não declare a sua derrota antes da hora.

– Talvez o seu povo tenha mais fé em você do que você nele – falou Alex. – Apenas acredite neles tanto quanto eles sempre acreditaram em você.

Isso reconfortou um pouco Chapeuzinho; a largura das suas passadas diminuiu. Ouviu-se uma batida na porta, e o terceiro Porquinho entrou. Froggy e Alex se levantaram das poltronas, e Chapeuzinho parou de andar de vez.

– Boa noite, Vossa Majestade.

– Os votos foram contados? – perguntou Froggy.

– Sim, foram – disse o terceiro Porquinho.

O ambiente ficou desagradavelmente tenso; Chapeuzinho não soube o que fazer senão rir.

– Bom – disse ela, fazendo de conta que aquilo não era grande coisa. – Então todo esse negócio de eleição finalmente está resolvido? Podemos informar à Pequena Bo Peep que eu estou aqui para ficar?

O terceiro Porquinho hesitou em responder, e Alex e Froggy logo compreenderam que o resultado não tinha sido favorável a Chapeuzinho. A rainha estava prestes a ouvir a pior notícia da sua vida.

– Na verdade, a Pequena Bo Peep foi eleita a nova rainha – disse o porco.

Chapeuzinho se deixou cair na poltrona mais próxima e apertou o peito; seu coração acabara de se partir em um milhão de pedaços.

– Perdão? – ela falou, tentando lutar contra as lágrimas que se formavam nos seus olhos. – Você pode repetir o que acabou de dizer?

– A Pequena Bo Peep foi eleita a nova rainha, madame – falou o porco mais uma vez.

– Rainha do quê? – perguntou Alex.

– Da República Bo Peep.

Chapeuzinho forçou mais uma risada.

– Nossa, que nome ridículo! – apelou; necessitava desesperadamente fazer pouco da situação.

– Quando a Pequena Bo toma posse oficialmente? – perguntou Froggy.

– Em uma semana – disse o porco. – Ela solicitou que Chapeuzinho Vermelho retire todos os seus pertences do castelo até lá.

Nem Chapeuzinho conseguiu manter uma expressão de resignação após ouvir isso. Ela explodiu em lágrimas e enterrou o rosto no ombro de Froggy.

– Vou lhes dar um momento a sós – disse o porco, saindo da sala.

Às vezes, era difícil estar perto de Chapeuzinho quando ela estava alegre, porém Alex nunca imaginou que fosse tão doloroso vê-la assim, miserável. Chapeuzinho soluçou pelo resto da noite. Seu espírito fora quebrado, e Alex temeu que jamais pudesse ser recuperado.

– *Mas eu sou a rainha...* – Ela chorou nos braços de Froggy. – *Eu sou a rainha... Eu sou a rainha...*



Sete dias, mil vestidos, oitocentos pares de sapatos, quinhentos quadros, vinte e oito estátuas e um lobo depois, o castelo se achava completamente esvaziado de qualquer vestígio de Chapeuzinho Vermelho. Ela passou os últimos momentos no castelo sozinha em seu quarto vazio, olhando para as paredes nuas que antes chamava de lar. Estava tão deprimida que vestia apenas um vestido vermelho simples e um casaco combinando.

Houve uma batida leve na porta, e Froggy espiou dentro do quarto.

– Todas as carruagens estão carregadas, querida. É hora de ir.

– Está bem – disse Chapeuzinho, enxugando os olhos com um lenço.

Ela se levantou, saiu melancolicamente do aposento e fechou a porta – não deixou somente o quarto para trás, mas sua vida como rainha também.

Froggy ofereceu-lhe o braço e escoltou-a pela grandiosa escadaria e pelo castelo. Todos os criados se enfileiravam junto às paredes conforme ela passava; eles se curvaram respeitosamente diante dela pela última vez. Chapeuzinho e Froggy deixaram o

castelo; do lado de fora, uma caravana de doze carruagens repletas dos pertences de Chapeuzinho os aguardava.

As carruagens eram de madeira muito simples – muito diferentes dos luxuosos veículos em que Chapeuzinho estava acostumada a viajar.

Froggy e Clawdius entraram na primeira carruagem e esperaram por Chapeuzinho. Ela olhou para o castelo e admirou as torres e janelas que projetara pessoalmente. Pensou nas lembranças felizes e nem tão felizes do que vivera ali e se despediu de tudo.

A caravana deixou o Reino da Chapeuzinho Vermelho e seguiu em direção ao Reino das Fadas, até o Palácio das Fadas. Alex convidara Chapeuzinho para ficar com ela por alguns dias, enquanto a ex-rainha resolvia qual seria o próximo passo na sua vida. Alex precisou encolher magicamente os pertences de Chapeuzinho para guardá-los em um armário minúsculo; de outra forma, eles jamais caberiam no palácio.

Alex levou Chapeuzinho, Froggy e Clawdius para o grande balcão do Palácio das Fadas; talvez a vista extraordinária alegrasse Chapeuzinho.

– Acho que tomei as coisas por garantidas – disse Chapeuzinho. Ela nem sequer contemplou a vista; seus olhos permaneceram fixos no chão. – Assim como espero que o céu seja sempre azul, eu esperava que seria rainha para sempre.

– Nós temos de pensar assim de vez em quando – Alex disse à amiga. – Ou então viveríamos a vida inteira com medo de perder tudo.

Clawdius, aos pés deles, choramingou – até o lobo sentia falta do castelo. Froggy permanecera em silêncio desde que eles chegaram. Não estava agindo como ele mesmo; parecia que estava ficando doente, mas ainda não apresentava os sintomas.

– Você está se sentindo bem, Froggy? – perguntou Alex.

– Vou ficar bem. Estou um pouquinho tonto, só isso. Acho que a semana está começando a me afetar.

Apoiando-se com força no parapeito, ele se afastou ligeiramente. Alex não insistiu. Ela tentou pensar em outro assunto para afastar a mente de Chapeuzinho dos seus problemas.

– Já que você está aqui, eu poderei apresentá-la a Rook – falou Alex.

Chapeuzinho concordou com a cabeça, mas logo em seguida pareceu confusa.

– Desculpe... Quem?

Alex suspirou. Depois das experiências desagradáveis por que Chapeuzinho passara, não podia condená-la por não se lembrar do nome dele.

De repente, Emerelda entrou correndo no balcão e foi diretamente até Alex.

– Alex, você precisa vir comigo – pediu ela num tom sério.

– Por quê, o que aconteceu?

– É a sua avó. Ela está doente.

Alex ficou sem saber o que dizer. Até onde sabia, a avó nunca ficara doente na vida. Aliás, fadas madrinhas ficavam doentes?

Um som coaxante e inesperado veio do fim do balcão e interrompeu seus pensamentos.

– Isso por acaso teria algo a ver com o que acaba de acontecer comigo? – perguntou Froggy.

Todos se voltaram para ele. Chapeuzinho gritou. Sem aviso ou razão, Froggy se transformara em sapo de novo.



CAPÍTULO 14

Chega a Armée

Conner rodopiava através de um mundo de luz. Era tão brilhante que ele mal enxergava. Tampouco escutava o som da própria voz – tudo o que ouvia era o ar cortante. De vez em quando, Bree ou Emmerich passavam voando por ele. Conner estendia a mão para segurá-los, porém não os alcançava. Sabia que estavam no espaço entre as dimensões; havia estado ali dois anos antes, quando ele e a irmã viajaram através do livro *Terra de Histórias*. Só que, dessa vez, a viagem parecia estar levando muito mais tempo.

Conner percebeu um clarão e sentiu algo roçá-lo, como se estivesse caindo por uma cortina. No segundo seguinte, achava-se deitado de costas e olhava para um nevoento céu noturno. Por um momento, não se mexeu; esperou os seus sentidos se restabelecerem.

Mais dois clarões, e Conner escutou impactos surdos – Bree e Emmerich aterrissaram ao seu lado. Conner se sentou para examinar os amigos e logo notou que estavam tão desconcertados quanto ele.

– Bem, agora nós definitivamente sabemos que o portal está aberto – sentenciou.

Com esforço, Bree também se sentou.

– A viagem pra cá é sempre tão violenta?

– Não – ele falou. – Não sei por que foi tão dura.

Emmerich, de tão atordoado, mal conseguia falar.

– Desconfio que não estamos mais em Hohenschwangau – disse o menino afinal; sua cabeça balançava para cima e para baixo.

Conner pôs-se em pé e observou a floresta que os cercava. As árvores eram altas, com galhos que se estendiam amplamente na direção do céu. Entretanto, elas eram despidas de folhas, até pareciam mortas. Havia muita névoa, não era possível enxergar muito longe.

Bree se levantou e perguntou:

– Então é isso, hein?

– Uma parte – disse Conner. – Embora eu não saiba qual.

Emmerich tentava se levantar, mas ficava caindo. Conner e Bree conseguiram arrastá-lo até a árvore mais próxima e o apoiaram no tronco.

– Será que um de vocês pode me dizer onde estou? – perguntou o menino. – E o que aconteceu em Neuschwanstein?

– Eu disse que seria mais legal do que ser um agente secreto – falou Bree, bem-humorada.

– Estamos no mundo dos contos de fadas, companheiro – explicou Conner. – Nós acessamos um portal escondido dentro de Neuschwanstein.

Emmerich olhou para a floresta com olhos arregalados, maravilhados.

– *O mundo dos contos de fadas?* Da Branca de Neve, da Bela Adormecida, da Rapunzel...?

– Todas elas e muitos outros. Minha avó e minha irmã também vivem aqui. O portal entre este mundo e o nosso tinha sido bloqueado, e uma amiga me pediu para verificar se tinha sido reaberto. E cá estamos.

Emmerich tinha tantas perguntas que não sabia por qual começar. Escolheu esta:

– Por que a sua amiga pediu pra você verificar?

– Pra ter certeza de que algumas pessoas más não conseguiriam entrar.

Bree virou a cabeça e estudou a floresta.

– Falando nisso, se *nós* passamos pelo portal, não quer dizer que os franceses...?

Luzes brilhantes fulguraram abruptamente ao redor dos três. A cada clarão, alguma coisa extremamente pesada surgia no ar e desabava no chão. Bree gritou quando se deu conta de que as coisas eram *humanos*. Conner ficou com medo de que algo ou alguém caísse em cima de um dos três e procurou um lugar para se protegerem.

– *Depressa! Subam na árvore!* – gritou.

Ele e Bree ajudaram Emmerich a se levantar, e os três subiram na árvore, tão alto quanto conseguiram. De cima, tiveram uma visão clara do que estava acontecendo. Era como se uma tempestade de raios varresse a floresta; choviam canhões, carruagens, cavalos, espadas, longos e pontudos rifles e... *soldados*.

– *É o exército!* – sussurrou Conner para os amigos. – *Eles chegaram!*

A tempestade de soldados não mostrava sinais de que iria parar, pelo contrário. As três crianças podiam ver clarões por quilômetros na cerração. As centenas de homens e equipamentos que choviam do céu se tornavam milhares à medida que a tempestade aumentava. Muitos soldados escaparam por pouco de ser esmagados pelas carruagens, ou pelos canhões, ou pelos cavalos que também caíam.

Finalmente a tempestade se dissipou, e as quedas cessaram. Foram substituídas pelo som de milhares de homens gemendo e resmungando. Os soldados se debatiam e rolavam no chão – estavam cem vezes mais desconcertados do que Conner, Bree e Emmerich. A maioria segurava a cabeça em agonia, ou vomitava.

Todos trajavam botas pretas, calça branca e casaco azul. Muitos usavam chapéu simples, enquanto outros vestiam chapéu enfeitado com acessórios e penas coloridas, que representavam sua patente. Permaneceram no chão por um longo tempo, sem tentarem se levantar.

Um homem apareceu na distância, em meio à cerração. Era mais baixo do que os demais e usava um grande chapéu curvo. Olhou com repugnância para os soldados que sofriam. O odor de colônia almiscarada tomou o ar quando ele se aproximou da árvore onde Conner, Bree e Emmerich estavam escondidos. Embora Conner e Bree nunca tivessem visto o homem antes, souberam que se tratava

do General Jacques du Marquis, sobre quem Mamãe Ganso os advertira.

Aparentemente, o general possuía um estômago muito mais forte do que os soldados e não fora afetado pela aterrissagem.

– *Debout!* – ele bradou para os homens atormentados. – *Vous êtes une honte pour la France!*

– *O que ele disse?* – sussurrou Conner.

– *Ele disse: “Levantem-se, vocês são uma vergonha para a França”* – traduziu Emmerich.

– *Você fala francês?* – perguntou Conner.

– *Eu sei falar alemão, inglês, francês e dinamarquês.*

Conner ficou chocado.

– *Uau, e eu ainda brigando com o inglês...*

Bree tapou a boca dos dois com as mãos.

– *Não é hora disso!* – disparou ela, e os garotos ficaram quietos.

Com dificuldade, muitos soldados se puseram de pé, como o general ordenara. Discretamente, Emmerich traduzia o que eles diziam.

– Enfrentem isso como homens – disse o general aos homens nauseados. – Isso é nada comparado à batalha que temos pela frente.

Outro homem surgiu na cerração. Era muito alto e forte e usava um chapéu arredondado, exatamente igual ao do general, porém virado para o lado.

– General Marquis! Congratulações, senhor, nós chegamos – disse o Coronel Baton.

– Sim, coronel, eu percebi – o general rosnou. – Mas não me congratule antes de saber *exatamente* onde estamos.

Dois outros soldados vindos da floresta se apressaram até o general e o coronel. Eles arrastavam outro homem, o qual não tinha a menor pinta de soldado.

– General Marquis! Coronel Baton! – disse o Capitão De Lange. – Encontramos alguém!

– Este homem estava andando pela floresta quando chegamos! – informou o Tenente Rembert.

Eles empurraram o frágil velho, que caiu na frente do General Marquis. O preso estava em estado de choque absoluto e olhava

aterrorizado para os soldados.

– Eu vi vocês caindo do céu! – disse, tremendo. – Que espécie de mágica é essa?

O general não tinha tempo para a estupefação do velho:

– Diga-nos onde estamos, e, talvez, você continue vivo.

– Por que... por que... Vocês estão no Reino do Leste, senhor.

Conner e Bree se encararam; aquela era uma boa informação para eles também.

– E o que há nas proximidades, além de árvores? – inquiriu o general.

– A fronteira do Reino das Fadas fica a oeste, mas a Prisão Pinóquio é mais perto, a leste – disse o velho.

O general deu um passo mais para perto do prisioneiro; parecia intrigado.

– Uma prisão, você diz? Que tipo de criminosos essa prisão abriga?

– Os piores criminosos de todos os reinos – disse o velho, surpreso com o desconhecimento do general.

A testa do General Marquis ficou muito lisa, e os cantos da sua boca se entortaram num sorriso sinistro.

– Cavalheiros – ele disse aos soldados –, os deuses sorriram para nós! Logo teremos o mundo dos contos de fadas na palma de nossas mãos! Napoleão ficará muito orgulhoso!

O general se inclinou para fitar o homem bem nos olhos.

– Infelizmente, você já sabe demais – falou. E ordenou: – Livrem-se dele!

– *Não! Por favor! Eu tenho família* – o velho suplicou, porém não adiantou.

O general não tinha um grama de piedade para gastar. O Capitão De Lange e o Tenente Rembert arrastaram o velho para dentro da mata nevoenta, os gritos do cativo ecoando através das árvores. Um momento depois, um tiro foi ouvido, e a mata voltou a ficar em silêncio.

Bree precisou cobrir a boca para não gritar. Emmerich fitava a mata como se estivesse em um pesadelo. Conner os observava com uma expressão grave nos olhos – eles tinham de ficar o mais quietos possível, ou seriam os próximos.

– Coronel Baton, nós precisamos reagrupar nossos homens imediatamente – instruiu o general. – Metade permanecerá na mata e armará acampamento, enquanto a outra metade nos acompanhará rumo à prisão. Atacaremos ao alvorecer.

– O que faremos na prisão, senhor? – perguntou Baton.

– Recrutar – disse o general.

Eles retornaram na direção de onde tinham vindo e desapareceram na cerração. Os demais soldados reuniram as armas espalhadas entre as árvores, atrelaram os cavalos às carroças e os seguiram mata adentro. Conner, Bree e Emmerich foram os únicos que restaram na área.

Conner fez um gesto para os dois permanecerem em silêncio enquanto ele descia da árvore. Após certificar-se de que o perigo havia passado, fez um sinal para se juntarem a ele.

– Pobre velho – disse Emmerich, os olhos cheios de lágrimas. – Não posso acreditar que o general fez aquilo com ele! Eu sempre pensei que poderia salvar as pessoas como os super-heróis dos filmes, mas acho que estava errado.

Bree pousou uma mão confortadora sobre o ombro do garoto.

A mente de Conner estava a mil; ele não parava de pensar em algo que o general dissera.

– Vocês ouviram o que ele disse aos soldados? – Conner perguntou. – Ele falou: “Napoleão ficará muito orgulhoso”.

O mesmo pensamento havia ocorrido a Bree.

– Sim. Napoleão está morto há, tipo, duzentos anos. Acho que ele não percebeu quanto tempo ficou no portal.

– E como sabemos quanto tempo *nós* ficamos no portal? – perguntou Emmerich.

Conner e Bree se entreolharam, e um arrepio desceu por sua espinha. Teriam eles ficado no portal por mais tempo do que pensavam? Era mais um motivo para encontrarem um conhecido o mais depressa possível.

Conner se sentiu muito culpado por expor Bree e Emmerich àquela situação; quase foi às lágrimas. Tinha de tirá-los da Terra de Histórias o quanto antes.

– Eu não vou mentir; aqueles caras são realmente assustadores – falou Conner. – Precisamos chegar ao Palácio das Fadas

imediatamente, para avisar os meus amigos sobre o exército. Quando chegarmos ao palácio, prometo que vou encontrar um jeito de mandá-los de volta para o Outromundo.

Tanto Bree como Emmerich concordaram com a cabeça.

– Agora me sigam – disse Conner. – Precisamos viajar para oeste até o Reino das Fadas. E depressa.



CAPÍTULO 15

Uma reunião agridoce

Sentada à cabeceira da cama, Alex segurava a mão da avó, que dormia tranquilamente desde que a garota chegara ao quarto. Ela parecia não ter uma única preocupação no mundo, porém Alex sabia que aquilo era apenas fachada; mesmo dormindo, a Fada Madrinha não demonstraria seus verdadeiros sentimentos. Algo estava muito errado, e Alex sentia isso.

– Vocês vão me contar o que está acontecendo? – perguntou a jovem fada. – Ou vão ficar aí sentadas até eu descobrir por mim mesma, como sempre?

Emerelda e Mamãe Ganso se encontravam do outro lado da cama, cheias de segredos. Chapeuzinho e Froggy também estavam lá; plantados ao pé da cama, seu desejo era poder fazer algo para confortar a amiga. A semana fora difícil para todos eles.

– A sua avó tem se sentido muito *cansada* há bastante tempo – disse Mamãe Ganso. – Ela me pediu para não contar a ninguém... e então, hoje, não acordou.

– Eu também só estou sabendo disso hoje, Alex – falou Emerelda. – Ela estava escondendo de todo mundo.

– Mas o que quer dizer *cansada*? – questionou Alex. Estava ficando frustrada. – Ela só precisa descansar? Tem alguma coisa que

eu possa fazer ou dar para acordá-la? Ou ela está... está...

Alex não foi capaz de completar a frase.

– Receio que não haja nada que qualquer uma de nós possa fazer – disse Mamãe Ganso.

– Então ela está *morrendo* – concluiu Alex. – Se é isso, por que vocês simplesmente não me dizem?

Emerelda suspirou, não por Alex, mas por si mesma.

– Sim – ela confirmou. – Acreditamos que a Fada Madrinha esteja morrendo.

Imediatamente, lágrimas escorreram pelo rosto de Alex. Ela sempre soubera que a avó não iria viver para sempre, porém nunca pensara que a perderia tão cedo.

– Eu sinto tanto, Alex – disse Chapeuzinho.

– Por favor, diga-nos se houver algo que possamos fazer – ofereceu Froggy.

Alex não disse nada. Não havia nada que pudessem fazer. A única coisa que poderia confortá-la seria a avó acordar.

– Não faz nem um ano que estou aqui – disse ela entre lágrimas.

– Minha avó é a única família que eu tenho. Não entendo por que isso está acontecendo...

– A sua avó está entre nós há muito, muito tempo, Alex – disse Mamãe Ganso. – Ela trabalhou muito duro para fazer do mundo dos contos de fadas o que ele é hoje. Ela sabia que não viveria para sempre e, no decorrer dos últimos séculos, procurou alguém para continuar o seu trabalho depois que se fosse. Ela teve muitas aprendizes, e todas fracassaram. Menos você. Em você, ela finalmente encontrou alguém que dará continuidade ao seu legado e que fará isso bem. Sabendo disso, ela deu à própria alma permissão para *seguir adiante*.

Aquilo só piorou as coisas para Alex.

– Então você está dizendo que *a culpa é minha*? Se eu nunca tivesse vindo para a Terra de Histórias ou me juntado ao Conselho das Fadas, ela ainda estaria procurando uma sucessora, e não deitada nesta cama. *Sou eu que a estou matando*.

– Céus, não! – exclamou Mamãe Ganso. – Eu estou tentando dizer que *você a está salvando*. Você está dando à sua avó liberdade

para fazer a passagem. Esse é um direito que toda criatura viva merece quando chega a hora de partir.

Para Alex, era muito duro ouvir aquilo. Se soubesse que, a cada lição ou teste, ficava mais perto de perder a avó, teria desistido de tudo num piscar de olhos. No entanto, sabia que isso era a última coisa que a avó teria querido.

– Quanto tempo ainda temos com ela? – perguntou Alex. – Ela vai acordar antes de partir?

– É difícil dizer – disse Emerelda. – Sempre existe uma chance. Ela poderia muito bem sair dessa e viver por mais cem anos... Tudo depende de quanta mágica ela ainda tem dentro de si. Mas, considerando o que ela falou para a Mamãe Ganso, achamos isso muito improvável.

– É por isso que Froggy se transformou em sapo de novo – observou Alex, começando a ver sentido naquilo tudo. – Com a sua morte, uma parte da sua mágica começa a morrer também; assim, seus feitiços e encantamentos mais recentes pouco a pouco se enfraquecerão ou desaparecerão.

– Exatamente – disse Emerelda. – E é nossa função não deixar que todo o trabalho que ela construiu neste mundo desapareça completamente.

Alex tocou gentilmente o rosto da avó. Era uma mulher extraordinária; não seria surpresa se ainda houvesse um pouquinho de mágica em algum lugar dentro dela.

– Froggy, eu ficaria mais do que feliz em transformá-lo em homem outra vez – falou Alex. – Talvez eu precise de algumas tentativas, mas acho que consigo.

Froggy ficou tocado com o gesto, especialmente em vista da situação, porém surpreendeu o quarto inteiro com a sua resposta:

– Não, está tudo bem. Chapeuzinho, minha querida, eu espero que você entenda, mas pensei bem e decidi continuar como sapo.

Todos ficaram chocados, especialmente Chapeuzinho.

– O que você está dizendo? – perguntou ela. – Por que você iria querer uma coisa dessas?

– Não importa quantas vezes eu me transforme em homem, sempre volto a ser um sapo. Acho que o universo está tentando me dizer alguma coisa. E, embora eu seja capaz de fingir muito bem,

cada transformação é mais exaustiva que a última. Ter que reaprender constantemente a andar, comer e tudo o mais é algo que cobra um preço alto. Seria muito melhor escolher uma forma e ficar com ela. E, ao que parece, tem que ser a de sapo.

Chapeuzinho fez de tudo para receber bem a notícia, porém, tendo perdido o trono tão recentemente, não conseguiu manter uma expressão de bravura.

– Desculpe – falou, piscando para conter as lágrimas. – Eu não queria parecer tão desapontada. Charlie, você ficou ao meu lado mesmo quando perdi o meu reino... Sei que posso apoiá-lo em algo tão trivial. Só tenho que me acostumar, eu acho. Por favor, me deem licença. Preciso tomar um pouco de ar fresco.

Chapeuzinho manteve a compostura até deixar os aposentos da Fada Madrinha, mas, assim que atravessou a porta, os presentes a escutaram explodir em lágrimas. Alex colocou a mão da avó gentilmente sobre a cama e se levantou.

– Eu também preciso de um pouco de ar – disse.

– Eu vou com você – falou Mamãe Ganso.

– Eu fico com a Fada Madrinha – disse Emerelda.

– Eu também – falou Froggy, sentando-se no lugar de Alex.

Enquanto Alex e Mamãe Ganso caminhavam pelos salões do Palácio das Fadas, a jovem fada notou que as notícias sobre a avó já haviam se espalhado. Cada fada que passava a olhava com uma tristeza que expressava compaixão e respeito.

– Vai ser difícil passar por isso sem o meu irmão – desabafou Alex. – Eu daria qualquer coisa para tê-lo aqui comigo.

Os olhos de Mamãe Ganso moveram-se rapidamente de um lado para outro do salão. Quando as duas chegaram a uma parte vazia do recinto, Mamãe Ganso prontamente empurrou Alex para trás de uma coluna.

– Alex, eu preciso lhe contar uma coisa. É sobre o seu irmão.

– O que é?

– Quando a sua avó me contou pela primeira vez como estava se sentindo, eu imediatamente entrei em contato com Conner. Não contei que ela estava doente, mas o enviei em uma pequena missão, para verificar uma coisa.

– Verificar o quê?

– O encantamento de Froggy não é a única mágica da sua avó que pode enfraquecer. O encantamento que ela lançou para fechar o portal entre os mundos também pode se desfazer. E eu pedi a Conner para conferir isso.

Uma montanha-russa de emoções atravessou o corpo de Alex. Será que pelo menos uma boa notícia viria junto com aquela tragédia? Afinal, se o portal pudesse ser aberto, ela veria o irmão outra vez.

– Quanto tempo até sabermos? – perguntou Alex.

– Ainda estou esperando por notícias dele. A mágica da sua avó pode estar se dissolvendo, mas, enquanto restar nela um mínimo que seja, não há como saber quais dos seus encantamentos permanecerão. Pode levar meses, ou mesmo anos, até que saibamos sobre o portal.

De repente, Chapeuzinho irrompeu no salão, mas parou assim que viu Mamãe Ganso e Alex atrás da coluna.

– Chapeuzinho, o que foi? – perguntou Mamãe Ganso. – Você só está triste por Charlie ser sapo de novo, ou Clawdius engoliu outra fadinha?

– Eu estava no balcão sentindo pena de mim mesma e vi uma coisa – disse Chapeuzinho, os olhos brilhantes. – Posso estar delirando por causa de todas as últimas desgraças, mas acho que acabei de ver *Conner* correndo na direção do palácio!

Mamãe Ganso virou bruscamente a cabeça para Alex.

– Ou talvez o portal esteja aberto e saberemos em questão de minutos – disse ela, terminando o pensamento anterior. – *Para o balcão!*

As três saíram correndo pelo salão e emergiram no grande balcão do Palácio das Fadas. Elas esquadrinharam os jardins até que avistaram um jovem de aparência familiar.

– *Conner!* – Alex berrou. Ver o irmão correndo através dos jardins a deixou em total estado de choque, como se estivesse vendo um fantasma. Ela realmente o estava vendo, ou de fato as desgraças do dia estavam provocando alucinações?

– *Alex!* – Conner gritou. Ele ofegava e suava, parecia estar correndo há horas. – *Eu preciso contar uma coisa...* – Sua voz sumiu, seus olhos giraram nas órbitas, e Conner caiu desmaiado.

Sem perder um segundo, Alex deixou o balcão, atravessou o palácio, entrou nos jardins e se deteve ao lado do irmão. Ela se ajoelhou e pôs a cabeça dele no colo. Mamãe Ganso e Chapeuzinho chegaram logo em seguida.

– Ele está morto? – perguntou Chapeuzinho, escondendo-se atrás de Mamãe Ganso.

– *Conner, você está me ouvindo?* – perguntou Alex. – *Você está me ouvindo?*

Mamãe Ganso tirou do chapéu sua garrafa térmica e espirrou o conteúdo no garoto. Conner estremeceu e rapidamente conseguiu se sentar.

– *Aaai! Isso queima!* – disse ele, limpando o líquido dos olhos. – *Qual é o seu problema?*

– Desculpe, mas isso normalmente resolve – disse Mamãe Ganso.

Alex explodiu em lágrimas ao ver que ele estava bem. Passara meses convencida de que nunca mais o veria – e cá estava ele, bem na sua frente. Alex passou os braços em volta das costelas de Conner e chorou no peito do irmão.

– *Conner! Você está aqui! Você realmente está aqui! Eu nunca fiquei tão feliz em ver alguém!*

Ele mal conseguia respirar, no entanto encontrou forças para abraçá-la de volta.

– É muito bom ver você também, Alex – arfou Conner.

Mamãe Ganso interrompeu a reunião:

– Garoto, se você está aqui, eu presumo que...

– *Que o portal está aberto! E o exército... o exército também está aqui!*

De repente, Mamãe Ganso ficou pálida como um fantasma. Ela inclinou a cabeça para trás e virou o que restava em sua garrafa. Alex não entendeu nada.

– Conner, que exército? – perguntou ela. – E do que você estava correndo?

– É uma longa história. Mas, primeiro, estou com dois amigos do Outromundo que me ajudaram a encontrar o portal. Eles estão em algum lugar da floresta, ficaram para trás, não conseguiram continuar correndo... Precisamos encontrá-los e mandá-los de volta para casa o quanto antes!

– Deixe comigo – disse Mamãe Ganso, assobiando para Lester. Um instante depois, o ganso gigante mergulhou das torres do palácio e pousou perto do grupo. Lester estava tão surpreso por ver Conner quanto os demais.

– *Squaaaaw?* – grasnou o ganso.

– Oi, companheiro, há quanto tempo! – disse Conner, acariciando o longo pescoço de Lester.

Mamãe Ganso montou na ave, e ambos decolaram na noite para procurar os amigos de Conner. O garoto se levantou; ainda não conseguira recuperar o fôlego.

Froggy apareceu no topo da escadaria da entrada do palácio e mirou os jardins. Ele ficou atônito com o que viu.

– Conner? – ofegou. – É realmente você?

– Sim! Conner está de volta! – Chapeuzinho gritou. – O *portaló* foi reaberto. Ou algo assim.

Froggy saltou pelos jardins e deu um abraço gigante no amigo. Não lhe importava como Conner conseguira voltar; apenas estava alegre porque algo de bom ocorrera naquele dia.

– Oi, Froggy! – disse Conner. – É tão bom ver vocês todos!

– Você parece aturdido, velho amigo – observou Froggy. – Qual é o problema?

– Por favor, conte-nos o que está acontecendo – suplicou Alex. – Você está começando a me assustar.

Conner respirou fundo mais algumas vezes para acalmar o coração disparado e então contou-lhes tudo. Começou com a viagem à Alemanha e o aviso que os Irmãos Grimm incluíram na sua última história. Contou que tentara entrar em contato com Alex mas que acabara falando com Mamãe Ganso. Explicou em detalhes como os Irmãos Grimm enganaram a Grande Armée e a fizeram adentrar um portal encantado. Conner contou sobre a sua viagem pela Europa para encontrar o portal e verificar se estava aberto – com a ajuda de Bree e Emmerich. A seguir, para absoluto horror de todos, comunicou que, após duzentos anos, o exército de milhares de homens finalmente chegara à Terra de Histórias.

Todos ficaram sem palavras. Ninguém queria acreditar que aquela semana horrível era muito pior do que eles imaginavam.

– Oh, meu Deus! – disse Alex. – Isso é inacreditável!

– Nem me fale – disse Conner. – Os últimos dias foram bem difíceis.

Isso deixou Alex confusa.

– Últimos dias? Espere, você está dizendo que tentou me contatar durante o baile?

– Sim – disse Conner, revirando os olhos ao se lembrar das inúmeras tentativas. – Deve ter sido um baile muito animado, já que você não pôde falar comigo por três dias.

– Me desculpe, eu estava ocupada com uma porção de coisas – falou Alex, não querendo entrar em detalhes. – Mas o baile foi há quase um mês. Conner, você esteve naquele portal por *semanas*!

O coração de Conner, que finalmente se acalmara, disparou outra vez. A suspeita de Emmerich estava certa – os soldados não foram os únicos a perder completamente a noção de tempo enquanto se achavam no portal. Não era de admirar que tivessem ficado tão confusos quando chegaram.

– Oh, não! – exclamou Conner. – Isso significa que Bree e Emmerich estão longe da família há um mês!

– Assim que Mamãe Ganso os trouxer, nós os levaremos ao meu quarto e os mandaremos para casa usando o nosso velho livro *Terra de Histórias* – decidiu Alex. – Ele deve estar funcionando de novo, já que o portal foi reaberto.

Uma pergunta veio subitamente à cabeça de Conner:

– Mas Mamãe Ganso nunca me explicou *por que* o portal foi reaberto. Algum de vocês sabe por que isso aconteceu agora?

Alex lançou um olhar preocupado para Froggy e Chapeuzinho, que silenciaram. Conner compreendeu que eles sabiam de algo que ele não sabia – algo importante.

– O que foi? – disse Conner. – Aconteceu mais alguma coisa que eu não estou sabendo?

Alex respirou fundo antes de dar a notícia ao irmão:

– Conner, o portal está aberto pela mesma razão por que Froggy virou sapo de novo. A magia da vovó está se desfazendo porque... porque a vovó está morrendo.

Conner sentiu como se tivesse levado um soco no estômago. Ele caiu de joelhos, e seus olhos percorreram rapidamente os jardins. Aquilo não podia estar acontecendo. Ele havia arriscado tantas

coisas no Outromundo tentando salvar os seus entes queridos, e para quê? Apenas para descobrir que *não podia* salvar a avó. Era como se estivesse preso em um pesadelo do qual não conseguia acordar.

– A vovó não pode morrer – disse, e lágrimas se formaram em seus olhos. – Ela é uma Fada Madrinha... fadas não morrem...

Para Alex, contar a notícia ao irmão fora quase tão difícil quanto tinha sido escutá-la.

– Parece que elas podem... – respondeu ela entre as próprias lágrimas.

– Quanto tempo ela ainda tem? – choramingou Conner.

– Não há como saber – disse Alex. – Emerelda disse que, enquanto restar magia dentro dela, sempre existe uma chance de que se recupere, mas isso é improvável, já que todos os seus encantamentos estão desaparecendo.

Uma súbita rajada de ar os atingiu quando Mamãe Ganso e Lester retornaram. Eles tinham encontrado Bree e Emmerich e os traziam em segurança para o Reino das Fadas. Os dois estavam em um estado de excitação extrema e admiravam os majestosos jardins e o deslumbrante palácio – nunca tinham visto um lugar tão maravilhoso.

– Uau, você não vê uma coisa dessas todos os dias – disse Emmerich.

– *Isto sim* é o que eu estava esperando! – comentou Bree alegremente.

Mamãe Ganso saltou das costas de Lester e ajudou os dois a descer do enorme pássaro. Eles se juntaram aos outros, em volta de Conner.

– Está aí um sapo bem grande – observou Emmerich ao ver Froggy. O menino se escondeu atrás de Bree.

– Oi, Alex! – disse Bree timidamente; quase não tinha reconhecido a irmã de Conner. – Não sei se você se lembra de mim, mas estávamos na mesma classe de estudos sociais, no sétimo ano. Você está ótima! Lindo palácio!

– Oi, Bree – respondeu Alex. Lembrava-se muito vagamente dela.

– Obrigada por ter ajudado o meu irmão a encontrar o portal.

– Não há de quê. A minha agenda estava praticamente livre.

Com os olhos marejados, Conner fitou Mamãe Ganso e disse:

– Você não me contou que o portal estava se abrindo porque a vovó está doente.

Mamãe Ganso soltou um longo suspiro.

– Sinto muito, C-Dog. É que pensei que não deveria ser eu a lhe contar.

Conner desviou o olhar.

– Não, você nunca quer assumir a responsabilidade por nada – falou friamente.

Mamãe Ganso não disse nada, apenas olhou envergonhada para o chão; ele estava certo. Bree e Emmerich também permaneceram em silêncio, por não saberem em que espécie de drama haviam tropeçado.

– Vê-la faria você se sentir melhor? – Alex perguntou ao irmão. – Ela está repousando no quarto.

Conner sacudiu a cabeça; queria cuidar da sua culpa antes de passar ao pesar.

– Não, eu quero mandar Bree e Emmerich para casa primeiro. Não quero expor os dois a mais coisas do que já expus.

Alex os levou ao palácio e depois aos seus aposentos. Ela retirou o velho *Terra de Histórias*, com a sua capa cor de esmeralda e dizeres dourados, do seu lugar especial na estante de livros. Colocou o grande livro no centro da cama e o tocou três vezes com a ponta da varinha de cristal. Nada aconteceu. Tentou mais duas vezes, e o resultado foi o mesmo.

– Eu não entendo – disse. – Se o portal está aberto, por que o livro não funciona?

Mamãe Ganso pegou o livro e inspecionou cada centímetro dele. Seus olhos se iluminaram quando ela subitamente conseguiu compreender:

– É porque o portal continua *meio fechado*. A magia da sua avó se enfraqueceu o suficiente para o portal se abrir do lado do Outromundo, mas não para ele se abrir deste lado! Como uma porta destrancada de um só lado.

– Você está dizendo que Bree e Emmerich estão presos aqui? – perguntou Conner. A situação se tornava cada vez mais terrível.

– Por enquanto – disse Mamãe Ganso.

– Espere um segundo – Alex falou, e olhou para todos os demais. Seus olhos se arregalaram, e pouco a pouco um sorriso surgiu em seu rosto. – Isso é uma boa notícia!

– Como isso pode ser uma boa notícia? – indagou Conner.

– Se o portal está fechado do nosso lado, significa que ainda resta um pouco de magia na vovó.



CAPÍTULO 16

O Homem Mascarado da Prisão Pinóquio

A Prisão Pinóquio mal fora reformada após o perverso ataque da Feiticeira quando sofreu outro assalto. Como um raio fulminante, a Grande Armée investiu contra a fortaleza nas primeiras horas da manhã e mostrou todo o poder da sua artilharia do século XIX.

As pesadas portas, cobertas de lanças de ferro, foram arreventadas em pedacinhos pelos canhões do exército. Somente duzentos soldados de madeira encantados guardavam os prisioneiros, e os guardas não eram páreo para os milhares de invasores franceses. A Grande Armée forçou caminho prisão adentro, e os soldados de madeira foram estilhaçados por salvas de tiros de rifle.

Depois que os soldados foram completamente dizimados e a fumaça começou a se dissipar, o General Marquis marchou para dentro da prisão e deu uma olhada na sua mais nova conquista. A Prisão Pinóquio tinha trinta andares, e do térreo o general podia ver piso após piso repletos de criaturas trancadas em celas.

Os prisioneiros eram um bando de desordeiros: ogros, bruxas, trolls, duendes, gnomos, animais, homens e mulheres. Alguns deram boas-vindas aos soldados franceses que haviam destruído os guardas

de madeira batendo suas correntes contra as barras da cela. Outros se encolheram com medo de serem os próximos alvos.

Nada se sabia sobre aqueles intrusos. Eles falavam e se vestiam de um jeito que os prisioneiros nunca tinham visto. Estes, a julgar pelas armas dos invasores, só puderam deduzir que eram soldados de uma magia muito negra.

Os restos dos guardas de madeira foram empilhados no centro da prisão. Muitos pedaços, como pernas e mãos, ainda se mexiam involuntariamente. O general despejou óleo de lamparina por cima da pilha de derrotados e ateou fogo, para que os prisioneiros vissem os guardas que antes os mantinham cativos arderem em chamas.

O General Marquis contornou as labaredas, e um silêncio tomou a prisão.

– Bom dia – disse aos prisioneiros. – Eu sou o General Marquis, da Grande Armée do Império Francês. Entendo que muitos de vocês nunca tenham ouvido falar do império e do seu exército, e eu gostaria de mudar isso agora. No lugar de onde viemos, somos conhecidos como uma das maiores forças militares da História. Dominamos cada território em que pisamos e derrotamos cada nação que se coloca no nosso caminho. Agora viemos ao seu mundo para reclamá-lo nosso.

Os prisioneiros ficaram desconfortáveis diante da presença do general. Ele não precisou dizer mais nada para convencê-los de que era um homem astucioso e poderoso; os cativos sentiam isso.

– No lugar de onde viemos, existe um ditado – continuou o general. – *O inimigo do meu inimigo é meu amigo*, nós dizemos. Hoje eu gostaria de dar a cada um de vocês a oportunidade de *fazer amizade* com a Grande Armée. Oferecemos a vocês a chance de aliarem-se à nossa conquista e de serem absolvidos de seus crimes. Ajudem-nos a lutar contra aqueles que os prenderam. Ajudem-nos a conquistar este mundo em nome da França e tornem-se parte do *Império Francês*!

A maioria dos prisioneiros animou-se com aquela oferta e aplaudiu o general, que continuou:

– Ou vocês podem ficar aqui e apodrecer. A escolha é de vocês.

A prisão vibrou com os urros empolgados dos prisioneiros. Qualquer coisa era melhor do que passar mais um dia na prisão –

até mesmo aliar-se a um exército. Finalmente eles poderiam viver a liberdade e promover a vingança com que antes apenas sonhavam.

O Coronel Baton, juntamente com o Capitão De Lange e o Tenente Rembert, foram de cela em cela recrutando os criminosos. Aos prisioneiros foi dada a chance de escolher entre jurar lealdade ao Império Francês ou permanecer trancados. E, para satisfação do general, quase todos os prisioneiros estavam ansiosos para jurar lealdade e ser libertados.

Somente um deles deu aos comandantes uma resposta que eles não esperavam. De sua cela no topo da prisão, ele lhes passou uma mensagem dirigida ao general. A mensagem era instigante demais para ser ignorada.

– General Marquis – disse o Coronel Baton –, há um prisioneiro que deseja falar-lhe, senhor.

O general ficou irritado por Baton transmitir a ele tal pedido.

– E o que faz desse homem merecedor do meu tempo?

– Ele deseja ajudá-lo. E diz que, sem a ajuda dele, o senhor não conseguirá conquistar o mundo dos contos de fadas.

Aquela mensagem enfureceu o general. Quem cometia o atrevimento de dar um ultimato ao General Marquis? Entretanto, o general estava tão determinado em sua busca pela dominação que deixou a curiosidade superar o seu ego. Decidiu falar com o prisioneiro, conferir se o que ele tinha a dizer valia a pena.

Baton conduziu o general ao ponto mais alto da prisão e apresentou-lhe a cela do ousado prisioneiro. Na parede ao lado, uma grande placa dizia:

*O HOMEM MASCARADO
SENTENCIADO A PASSAR A VIDA NA
PRISÃO PINÓQUIO
POR TENTATIVA DE ROUBO CONTRA
A FADA MADRINHA*

O general deu uma boa olhada no prisioneiro. O Homem Mascarado era alto porém muito frágil. Vestia um terno esfarrapado e uma gravata rasgada ao meio. Um saco cinzento escondia o seu rosto; buracos haviam sido cortados em volta dos olhos e da boca.

– Você é o Homem Mascarado, eu suponho – disse o general.

– Olá, general. Eu me deleitei com o seu discurso. Rapaz, você sabe mesmo como fazer uma entrada triunfal. Eles lhe ensinaram isso no treinamento militar?

O general fulminou com os olhos aquele homem ridículo.

– Eu não tenho tempo para jogos – disse. – Certifique-se de que este homem permaneça em sua cela.

O general, enfurecido, se virou para ir embora, porém o Homem Mascarado esticou o braço desesperadamente através das grades e lhe implorou que ficasse.

– Não, espere, general! Eu peço desculpas! Não queria ofendê-lo, só estou tentando ajudá-lo! Tenho informações que o levarão à vitória certa!

Diante disso, o general girou nos calcanhares e encarou o prisioneiro.

– E como um homem como *você* poderia ajudar um homem como *eu*?

– Você não é deste mundo, e eu, sim! Sei lidar com pessoas e situações e sei como ele funciona. Você tem um exército muito impressionante, mas isso não será suficiente para dominá-lo. Precisa de algo maior, algo muito mais poderoso se pretende enfrentar fadas. E eu sei onde pode obter isso!

O general deu um passo mais para perto do homem. Seu interesse fora despertado, embora sua expressão não o demonstrasse.

– Você tem dois minutos – disse. – Explique-se.

O Homem Mascarado esfregou as mãos e começou. Era um homem muito estranho e agitado; fazia muitos gestos com as mãos enquanto falava, a maior parte dos quais não combinava com o que dizia. Era como se as mãos e a boca descrevessem mensagens distintas.

– A primeira coisa que você precisa saber sobre este mundo é a sua história. O passado é dividido em três eras: a Era dos Dragões, a Era da Mágica e a Era do Ouro, em que estamos vivendo agora. Centenas de anos atrás, durante a Era dos Dragões, este mundo era um caos! Estava cheio de reis tiranos e feiticeiros maus e, obviamente, *dragões*, inúmeros dragões. Eram quase incontrolláveis e se reproduziam como coelhos!

– Que valor tem para mim essa lição de História? – perguntou o general. Estava começando a sentir que aquilo era um desperdício de tempo, e isso o irritava.

– Estou chegando lá, general. Como eu estava dizendo, havia dragões por toda parte, e eles destruíam tudo. Então, as fadas se uniram e acabaram com eles. Foi assim que elas chegaram ao poder, e o mundo entrou na Era da Mágica. Elas formaram a Assembleia dos Felizes para Sempre, houve paz na Terra, e *blá-blá-blá*. A Fada Madrinha, líder da assembleia, e as suas fadas estão no comando desde que os dragões foram extintos, e ninguém foi capaz de derrubá-las *por causa dos...*

Ele esperava que o general entrasse no jogo e completasse sua sentença, mas a expressão de Marquis não se alterou.

– *Dragões!* – disse o Homem Mascarado, com gestos místicos. – Ninguém foi capaz de derrotar as fadas porque, para isso, é preciso um dragão. E eu sei onde conseguir um!

Desde o momento em que o Homem Mascarado começara a falar, o General Marquis vinha esperando que o seu olho esquerdo começasse a se contrair espasmodicamente, porém isso não aconteceu. Devia haver alguma verdade no que o prisioneiro dizia.

– Então, onde conseguimos esse dragão? – perguntou o general.

O Homem Mascarado deixou cair as mãos, e uma expressão séria tomou o seu rosto.

– Tire-me desta cela, e então eu lhe *mostrarei*.

O General Marquis ficou impressionado com o rápido e calculado esquema do Homem Mascarado. Presumiu que aquele homem deveria ser muito mais do que parecia. Por isso, antes de destrancar a porta da cela, quis saber mais sobre ele.

– Há quanto tempo você está nesta prisão?

– Uma década.

– Você foi sentenciado a passar a vida na prisão por *tentativa de roubo*? Mesmo neste mundo, essa deve ser uma pena exageradamente pesada para um crime tão pequeno.

O Homem Mascarado abaixou a cabeça envergonhado – não por ter cometido o crime, mas por ter fracassado em cometê-lo.

– Foi *o que* eu tentei roubar que determinou a sentença – esclareceu, olhando o general nos olhos. – Você e eu somos homens

muito parecidos, general. Reconhecemos uma oportunidade quando a vemos; se não fosse assim, nenhum de nós estaria aqui agora.

Havia nos pálidos olhos azuis do Homem Mascarado uma avidez que o general achou fascinante. Talvez aquele homem pudesse ter alguma utilidade, afinal.

– Uma última pergunta – disse o general. – Por que você está usando esse saco na cabeça?

O Homem Mascarado sorriu modestamente.

– Pela mesma razão por que você usa esse uniforme. Para esconder algo do resto do mundo.

Normalmente, tal afirmação deixaria o general ultrajado, porém dessa vez o fez sorrir. O Homem Mascarado era um ser estranho, mas um dos poucos com quem o general se identificava.

– Coronel Baton, tire esse homem da cela! – ordenou o General Marquis. – Assim que deixarmos a prisão, organizaremos um destacamento móvel, e ele nos guiará até um dragão.



CAPÍTULO 17

A única testemunha

Alex e Conner passaram a noite inteira sentados ao lado da cabeceira da cama da avó. Nenhum dos dois nem sequer pensou em dormir em um momento como aquele. Receavam que, caso saíssem de perto da avó, a desencorajariam a acordar. Nutriam a esperança de que aquele restinho de magia dentro dela se ativaria se ela sentisse a presença dos netos por tempo suficiente.

Uma reunião de emergência do Conselho das Fadas foi convocada logo cedo na manhã seguinte, para discutir as questões em jogo. Com a ausência da Fada Madrinha, Alex pediu a Conner para acompanhá-la. Os gêmeos sempre pensavam melhor juntos e esperavam conseguir ajudar o conselho a avaliar a situação. Alex sentou-se na sua cadeira, e Conner se apoiou no braço do móvel encantado. Embora a cadeira da avó se achasse vazia, Conner não quis ocupá-la; não queria sentir que a cadeira estava *disponível*.

A reunião já havia começado quando os dois chegaram, e os gêmeos perceberam que a conversa estava quente. Todas as fadas estavam em pé junto a suas respectivas cadeiras e fulminavam Mamãe Ganso com o olhar.

– Deixe-me entender direito – disse Emerelda. – Um exército do Outromundo ficou preso no portal por duzentos anos e agora chegou

ao nosso mundo para conquistá-lo?

– Resumindo em uma casca de ovo de ouro, é isso – afirmou Mamãe Ganso. Ela se remexeu incomodada na cadeira, enquanto os demais a encaravam ferozmente.

– E por que você nunca mencionou esse fato a ninguém? – indagou Tangerina, absolutamente enfurecida. As abelhas voavam agressivamente em volta da sua colmeia; uma palavra de Tangerina, e elas teriam atacado Mamãe Ganso.

– Eu não queria preocupar a Fada Madrinha. Achei que podia cuidar da situação sozinha e estava envergonhada demais para envolver outra pessoa. Os Irmãos Grimm e eu os prendemos dentro do portal, e então, por sorte, passados os duzentos anos, o portal tinha sido permanentemente fechado pela Fada Madrinha. Pensei que houvesse me safado para sempre, até que ela ficou doente.

– Então você não contou a ninguém porque não queria que ninguém *se preocupasse* ou *pensasse mal de você*? – perguntou Skylene.

– Se quer saber a minha opinião, isso é a mesma coisa que pular em um lago para evitar a chuva.

Mamãe Ganso fitou os gêmeos, especialmente Conner, e contou ao conselho algo que nunca tinha contado a ninguém:

– Muito, muito tempo atrás, antes que qualquer um de vocês fizesse parte deste conselho, antes de a Fada Madrinha e eu perdermos a cor do nosso cabelo e de ganharmos as rugas, quando éramos ambas muito mais magras, antes de Ezmia e Alex, *eu* fui a primeira aprendiz da Fada Madrinha.

As fadas se olharam estupefatas. Alex e Conner ficaram impressionados com o fato de que, entre todas as coisas que involuntariamente sabiam sobre Mamãe Ganso, ela houvesse conseguido manter *isso* em segredo.

– Só precisei de uns poucos meses para perceber que não eu era indicada para a função – explicou Mamãe Ganso. – Eu era *capaz*, mas simplesmente não *queria*. Eu era um espírito livre demais para assumir aquele tipo de responsabilidade. Então dispensei a honra mais elevada que uma fada poderia receber e me tornei motivo de piada em todo o reino. A Fada Madrinha me disse que entendia, mas eu sabia que ela estava desapontada, e isso me matou. Prometi a

mim mesma nunca mais deixá-la na mão, e nos anos 1800, quando me descuidei e fui capturada por aqueles franceses gananciosos, tentei lidar com a situação do melhor modo para não ter de ver o desapontamento naqueles olhos outra vez.

Nenhuma das fadas sabia o que dizer; elas apenas balançaram a cabeça. Conner sentiu pena de Mamãe Ganso. Tendo crescido ao lado de uma irmã tão precoce como Alex, o garoto sabia muito bem o que era desapontar constantemente as pessoas. Agora entendia por que Mamãe Ganso não tinha sido honesta com ele sobre o portal.

– Ora, vamos – Conner disse às fadas. – Deem um tempo a Mamãe Ganso! Vocês estão aí fazendo que não com a cabeça como se pudessem ter lidado melhor com a situação. Não quero ofender ninguém, mas ela pelo menos arranjou uma solução. Eu não me lembro de qualquer uma *de vocês* jamais ter resolvido alguma coisa. Toda vez que há uma crise, somos Alex e eu que descobrimos o que fazer.

– Você *não* quer ofender ninguém? – perguntou Xanthous.

– O que eu quero dizer é que pessoas de vidro não deviam jogar pedras – disse Conner.

– A frase certa é: “Quem tem telhado de vidro não deve jogar pedra no do vizinho” – corrigiu Alex.

– Ah, certo. Bem, vocês me entenderam.

Mamãe Ganso sorriu para Conner e murmurou:

– *Obrigada, C-Dog.*

Emerelda massageou a testa enquanto pensava no que fazer. Em seguida, falou:

– Não adianta ficar culpando ninguém pelo que aconteceu. Nós precisamos seguir em frente e encontrar um jeito de corrigir as coisas. Alex, o que você acha que devemos fazer?

Alex não acreditou que Emerelda estava perguntando a ela.

– Eu?!

– Sim, você, é claro. A não ser que a sua avó milagrosamente se recupere, você será a nova Fada Madrinha.

Para os gêmeos, aquilo foi algo difícil de digerir. Quando as pessoas falavam dela como a próxima Fada Madrinha, Alex sempre presumia que se referiam a um futuro distante, não ao presente.

Ela mordeu o polegar e fitou o chão enquanto refletia.

– Primeiro, precisamos ver esse exército, para saber exatamente o que enfrentaremos – disse afinal. – Quanto mais soubermos sobre eles, mais fácil será encontrar uma solução.

– Eu os escutei falando sobre um ataque à Prisão Pinóquio – disse Conner.

– Por que eles atacariam uma prisão? – perguntou Rosette.

– O general disse que eles iriam *recrutar* – respondeu Conner.

De repente, o ambiente ficou muito tenso. As fadas trocaram olhares e sussurraram freneticamente entre si.

– Eu disse a vocês, aquele General Marquis é um homem esperto! – observou Mamãe Ganso.

– Espere, estou perdendo alguma coisa? – perguntou Conner. – Que utilidade teria para ele recrutar um bando de criminosos?

– Há algumas figuras bem poderosas naquela prisão – disse Mamãe Ganso. – Acreditem em mim, eu conheço a maior parte delas. E na Prisão Pinóquio estão somente os bandidos *que foram pegos*. A Floresta dos Anões e as florestas virgens de todos os reinos estão repletas de criminosos; quando eles souberem que seus amigos se uniram a um exército para lutar contra nós, vão se aliar também. Se o general for bem-sucedido em recrutá-los, não enfrentaremos apenas um velho exército: enfrentaremos *uma verdadeira guerra*.

Conner engoliu em seco. Arrependeu-se de ter perguntado. Coral também tinha dificuldade em processar aquela informação; ela educadamente ergueu a mão e fez uma pergunta:

– Então você está dizendo que talvez a Assembleia dos Felizes para Sempre enfrente...?

– *Todo mundo?* – disse Mamãe Ganso. – Sim, todas as criaturas dos outros reinos sempre esperaram uma oportunidade para derrubar as fadas e os humanos. Esta pode ser a chance delas.

Coral parecia estar a ponto de chorar. Ela apertou Fisher com mais força ao pensar no que o amanhã poderia trazer.

– As bruxas, os ogros, os trolls, os gnomos, os duendes... eles querem se livrar de nós desde a Era dos Dragões! – acrescentou Violetta. – Até hoje, faltaram-lhes apenas as habilidades organizacionais para nos desafiar.

– E são essas habilidades que o general pode lhes prover – completou Mamãe Ganso.

Conner e as fadas estavam começando a entrar em pânico. Alex permaneceu inflexível em seu plano original; ela ergueu a varinha, que disparou um clarão brilhante, silenciando o salão. Então falou:

– Estamos nos preocupando com uma porção de *se*. Nós não sabemos *se* os prisioneiros de fato se uniram ao general. Aqueles criminosos estão na prisão porque não foram capazes de seguir as regras de uma sociedade; o que nos garante que vão seguir os comandos do general?

O argumento dela era muito bom – não adiantava se preocupar sem que houvesse evidências concretas de que deviam se preocupar.

– Conner e eu iremos à prisão para descobrir se o exército teve sucesso em recrutar os prisioneiros – determinou Alex. – Precisamos de um meio de chegar lá sem sermos vistos, e um navio voador ou um unicórnio não passariam despercebidos a homens do nosso mundo.

– Você pode levar Lester – ofereceu Mamãe Ganso. – Era por isso que eu o usava para voar pelo Outromundo; se alguém o visse no céu, simplesmente pensaria se tratar de uma ave normal.

– Ótimo – disse Alex. – Partiremos assim que possível, para termos uma ideia melhor do que enfrentaremos.

Nenhuma das fadas discutiu. Pela primeira vez, a palavra de Alex foi a final – e foi respeitada. Sem tempo a perder, Alex e Conner seguiram Mamãe Ganso até o grande balcão. A velha fada assobiou para Lester, e o ganso mergulhou do topo de uma torre. Ela puxou as rédeas do ganso para baixo e sussurrou os planos ao ouvido dele.

Froggy e Chapeuzinho, que também se achavam no balcão, mostravam a vista dos jardins a Bree e Emmerich. Bree foi até Conner assim que o viu.

– Oi, Bree. Como você dormiu?

– Ah, você sabe. Tão bem quanto qualquer um em sua primeira noite numa nova dimensão, imagino.

Conner sorriu; ele se lembrava muito bem daquela sensação de inquietação. Embora muito cansada, Bree ainda tinha uma luz entusiasmada nos olhos enquanto admirava cada pedaço do palácio.

– Sinto muito por vocês continuarem presos aqui. Vamos mandá-los para casa o quanto antes – disse Conner.

– A culpa é minha por querer uma aventura. Eu o obriguei a me trazer, está lembrado?

Isso fez Conner se sentir um pouco melhor. Ele olhou para Emmerich – ao lado de Froggy, que apontava para as diferentes partes dos jardins, o menino parecia estar se divertindo como nunca. Conner se lembrou da sua primeira viagem à Terra de Histórias; daria qualquer coisa para enfrentar *aqueles* problemas outra vez.

– Eu já contei tudo a Lester – disse Mamãe Ganso. – Ele sabe voar alto o bastante para que ninguém veja vocês.

– *Squaaa* – concordou Lester.

– Então vamos indo – disse Alex.

Ela e o irmão subiram no ganso gigante, que decolou e tomou a direção da prisão. Eles sobrevoaram os jardins do Reino das Fadas, as águas faiscantes da Baía das Sereias e em seguida avistaram a Prisão Pinóquio, no centro da península, na parte meridional do Reino do Leste.

– Lá está! – apontou Alex. – Lester, sobrevoe a prisão para tentarmos ver alguma coisa!

Lester assentiu e deu voltas no céu. Havia destruição por toda parte – Alex e Conner viram lá de cima que a entrada fora explodida em pedaços. Entretanto, não havia nenhum sinal de prisioneiros ou soldados.

– Acho que podemos chegar um pouco mais perto – disse Conner.

Lester desceu gradualmente, sobrevoando a prisão com toda a cautela. Quanto mais eles se aproximavam, mais certeza tinham de que não havia ninguém por perto. Procuraram um lugar para pousar, porém a prisão era coberta de enormes lanças, justamente para evitar que alguém fizesse isso. Alex acenou a varinha para o telhado, e as lanças se transformaram em altas lâminas de grama. Lester pousou.

– Ok, vamos ver se sobrou alguém lá dentro – disse Alex.

Ela apontou a varinha de novo para o telhado, e um pequeno alçapão surgiu. Eles abriram o alçapão e se deixaram cair, aterrissando no piso mais alto da prisão.

O ar estava muito enfumaçado. Todas as celas do piso superior se achavam escancaradas e vazias. Eles se aproximaram do centro da

prisão e olharam para baixo: todos os outros vinte e nove pisos encontravam-se exatamente iguais.

– Acho que não tem ninguém – disse Conner. – Parece que eles passaram por um treinamento de brigada de incêndio e nunca mais voltaram.

Os gêmeos deram um pulo quando, de repente, escutaram uma voz estranha. Dentro de uma cela no último piso havia uma mulher.

– *Psiu!* – disse ela. – *Aqui!*

Alex e Conner se aproximaram com cuidado da mulher. Quem quer que fosse, ainda era uma prisioneira; não podiam confiar nela. A mulher era poucos anos mais velha do que Chapeuzinho, porém definitivamente não estava envelhecendo tão graciosamente quanto a ex-rainha. O seu cabelo era fino e emaranhado, e ela tinha olheiras sob os olhos enormes. Trajava um simples vestido preto e estava descalça.

– *Aqui embaixo!* – chamou a mulher, sentada no chão. Embora a sua voz soasse alarmada, ela parecia perfeitamente confortável. – Vocês precisam avisar alguém! Um exército atacou a prisão e levou os prisioneiros! Estão tentando conquistar o mundo!

Alex e Conner se agacharam para falar com a mulher, que enfiou a cabeça através das grades tanto quanto conseguiu.

– Nós sabemos do exército. Estamos tentando detê-lo – disse Alex. – Viemos aqui pra tentar descobrir mais alguma coisa.

– Os prisioneiros foram levados à força ou se aliaram ao exército? – perguntou Conner.

– *Se aliaram.* Os soldados abriram cela por cela e deram a cada prisioneiro a opção de ficar ou se aliar ao exército. E, como vocês podem ver, os prisioneiros foram quase unânimes.

– Por que você não foi com eles? – indagou Alex.

A mulher olhou para os dois como se fossem insanos.

– Eu é que não vou lá pra fora – disse ela, e sacudiu a cabeça. – Não há nada pra mim lá. Talvez tenha havido em algum momento, mas não mais. O meu lugar é aqui mesmo, na minha cela.

– Você está aqui há bastante tempo, não está? – perguntou Conner.

Para Alex, havia algo de curioso na prisioneira. A jovem fada notou uma placa ao lado da cela e se levantou para ler.

LADY MARIA
SENTENCIADA A PASSAR A VIDA
NA PRISÃO PINÓQUIO PELO
ASSASSINATO DE SIR JOÃO

Alex fez um gesto para Conner olhar a placa.

– *Conner, é a Maria de “João e Maria”!* – ela sussurrou. – *Ela matou o irmão!*

– *O quê?* – Conner sussurrou também.

– Tudo bem, vocês não precisam cochichar! – disse Maria. – Eu sei o que diz a placa. Eu sei quem eu sou. Eu sei o que fiz.

Subitamente, Alex tinha muitas perguntas:

– Por que você matou o seu irmão?

Maria deixou o olhar sonhador se perder na distância.

– Porque era a única maneira que eu tinha de ficar *livre*.

– Livre do quê? – questionou Alex.

– De “João e Maria”.

– Da história? – perguntou Conner.

– Não, *do rótulo* – respondeu Maria. O olhar inquisitivo dos gêmeos lhe implorava uma explicação mais detalhada. – Depois que o meu irmão e eu sobrevivemos à casa de doces, tudo o que eu queria era ter uma vida normal. Mas não era o que João queria; ele queria que fôssemos *heróis*. Ele contou a todas as pessoas que conhecíamos sobre o que tinha acontecido conosco, e essas pessoas contaram a todas as que elas conheciam, e aquilo se espalhou, e nossos nomes se tornaram conhecidos em todos os reinos. Éramos tratados como realeza; faziam desfiles em nossa homenagem, recebíamos medalhas em todos os lugares aos quais íamos, até criaram um feriado em nosso nome.

– Isso parece muito legal – observou Conner.

Os olhos de Maria o fulminaram.

– Não, isso era *terrível*. Porque ninguém mais se preocupava *comigo*, só se preocupavam com “João e Maria”. Eu só queria ser Maria, *apenas Maria*, mas, não importava o que eu fizesse, ninguém me deixava ser simplesmente Maria. Era como se o meu irmão fosse uma bola de ferro que eu era obrigada a carregar comigo pelo resto da vida.

– Mas ele era o seu irmão – disse Alex. – Você não o amava?

Maria gemeu e pôs a língua para fora, como se tivesse provado algo nojento.

– Não, eu não o suportava! João podia parecer um jovem simpático, mas sua única preocupação era consigo mesmo e com a atenção que recebia! Costumava me arrastar de um lado para o outro só para conseguir mais admiração! João também levou todo o crédito pelo que aconteceu na casa de doces, apesar de ter sido *eu* quem enganou a bruxa e a empurrou para dentro do forno! Ele nem estaria vivo se não fosse por mim! Se eu soubesse naquela época o que sei agora, teria deixado a bruxa comê-lo!

– Então você decidiu matá-lo?

Maria balançou a cabeça.

– Foi um acidente. Um dia, estávamos caminhando entre as árvores, e ele começou a listar os lugares para onde iríamos, todas as pessoas que conheceríamos e os prêmios que receberíamos nos próximos dias. Bem, eu fiquei tão zangada que o empurrei... mas não vi que havia um precipício atrás dele.

– Você contou a alguém que foi um acidente? – perguntou Alex.

– Eu planejava contar. Mas percebi que esta cela me permitiria ser algo que o resto do mundo não me permitia: *apenas Maria*. Assim, me declarei culpada e estou aqui desde então. Por isso, hoje, quando os soldados me perguntaram se eu queria aliar-me ao exército ou permanecer nesta cela, eu não precisei pensar duas vezes.

Maria suspirou ao pensar em toda a paz que a cela lhe trouxera. Conner olhou para Alex e, com o dedo, fez círculos na tampa.

– *Ela é maluca!* – ele moveu os lábios sem emitir nenhum som.

Mas Maria não tinha terminado a sua história:

– A pior coisa que uma pessoa pode fazer para outra, além de comê-la, é claro, é reduzir sua identidade a apenas *metade* de alguma coisa. Quando a pessoa é tratada como *metade* ou *menos da metade* de uma identidade, não está sendo tratada como ser humano. Todo mundo devia ter direito à individualidade.

Conner se levantou lentamente e se afastou da cela.

– Bem, obrigado, Lady Maria! – falou. – Agora a gente precisa ir andando. Temos de descobrir para onde foi o exército.

– Espere! – disse Maria. – Eu posso contar a vocês! O exército voltou para o acampamento, mas o general e seus homens foram para outro lugar!

– Para onde? – perguntou Alex.

– Não sei para onde, só sei que foram para outro lugar. O prisioneiro que ficava na cela aqui em frente, eles o chamam de Homem Mascarado por causa do saco que usa por cima da cabeça, falou com o general antes de ser solto. Ele convenceu o general de que este precisaria de um dragão para se livrar das fadas e conquistar o mundo! Disse que era o único jeito de vencer!

Alex e Conner trocaram o mesmo olhar confuso.

– Um dragão? – disse Alex. – Mas eles estão extintos há centenas de anos. Foi a nossa avó, junto com seus amigos, quem lutou contra eles na Era dos Dragões.

– Aparentemente, o Homem Mascarado sabe onde encontrar um – disse Maria. – E eu não ficaria surpresa se fosse verdade. Ele é um homem muito incomum. Estava naquela cela fazia mais de uma década. Gostava de falar sozinho à noite. E juro que, às vezes, eu escutava mais alguém dentro da cela com ele, mas isso seria impossível.

Conner foi até a cela do Homem Mascarado e a examinou.

– Ei, Alex, tem um monte de coisas aqui.

Alex se juntou ao irmão. A porta da cela ainda estava aberta; eles entraram. O simples ato de pisar nela lhes deu arrepios. As paredes eram cobertas de bizarras ilustrações de criaturas aladas, navios piratas e animais com grandes orelhas e pés. Havia uma pilha de carvões esculpidos em forma de ganchos, corações e espadas.

Um espelho oval com moldura de prata pendia na parede.

– Para que um Homem Mascarado precisaria de um espelho? – indagou Conner.

– Eu não tenho ideia – disse Alex. – Mas devíamos sair daqui. Precisamos sobrevoar o acampamento do exército e descobrir o que estão tramando.

Eles deixaram a cela e voltaram ao alçapão por onde haviam entrado na prisão. Alex apontou a varinha para o piso, e as pedras se ergueram para formar uma pequena escada. Os dois começaram a subi-la.

- Adeus! – gritou Maria. – Espero que vocês consigam detê-los!
- Nós também! – falou Conner antes de subir ao telhado.
- Adeus, *apenas Maria!* – disse Alex. – Obrigada pela ajuda.

Quando os gêmeos pisaram no telhado, viram que Lester já tinha comido todas as longas lâminas de grama. Eles pularam nas costas do ganso gigante e decolaram.

– Na floresta, o general ordenou que metade dos seus homens armassem acampamento em algum lugar a sudeste do ponto em que o portal nos cuspiu – Conner informou à irmã. – Aposto que, a essa altura, eles já se reagruparam.

Alex pegou as rédeas de Lester e o guiou para o sul do Reino do Leste. Alex e Conner esquadrinharam o solo sem muita certeza do que estavam procurando. Contudo, assim que o acampamento ficou visível, eles não tiveram dúvida.

Centenas de árvores tinham sido cortadas a fim de abrir espaço para o enorme acampamento. Havia dúzias e dúzias de grandes tendas bege, e as árvores derrubadas foram usadas na construção de um muro ao redor do acampamento.

Milhares de soldados trabalhavam e marchavam pelo local – e eles não estavam sozinhos. Cerca de mil recrutas provenientes da Prisão Pinóquio também se espalhavam pelo acampamento. Ogros gigantes realizavam o içamento pesado enquanto alguns soldados levantavam o acampamento, bruxas fabricavam cabos de vassoura com galhos, e soldados treinavam duendes e trolls no disparo de canhões e rifles.

Para horror de Alex e Conner, os tiros eram praticados contra uma fileira de bonecos de madeira imitando fadas.

– Mamãe Ganso estava certa – disse Conner. – Eles estão se preparando para uma *guerra*.



CAPÍTULO 18

Enviando os cisnes

Na balaustrada do grande balcão, Mamãe Ganso observava o céu à espera do retorno de Lester e dos gêmeos. Ali perto, Emmerich e Bree tinham uma fascinante conversa com Froggy e Chapeuzinho.

– Então, há seis reinos, dois territórios e um império? – Emmerich tentava enfiar na cabeça o que Froggy lhe ensinara sobre o mundo dos contos de fadas.

– Precisamente! – disse Froggy. – E os líderes dos seis reinos, incluindo o Conselho das Fadas, formaram a Assembleia dos Felizes para Sempre.

Chapeuzinho pigarreou e emendou:

– *Costumava* haver seis reinos, mas agora há *cinco* reinos e uma república.

Bree quase ficou vesga com todas aquelas informações.

– Então, Chapeuzinho era a rainha do seu próprio reino, que antes fazia parte do Reino do Norte, até a Revolução dos CALLO, certo? – perguntou a garota.

– Revolução dos COLLO – Chapeuzinho corrigiu. – Cidadãos Organizados contra a Liberdade do Lobo. A Rainha Diabólica comandava o Reino do Norte naquela época e não fez nada para

impedir que os lobos aterrorizassem as aldeias de camponeses. Então nós nos revoltamos, e eu consegui o meu próprio reino.

– O qual você acaba de perder na eleição para rainha – Bree juntou as partes. – E agora o reino é uma república porque a nova rainha mudou o governo. Ela pode fazer isso?

– Evidentemente – disse Chapeuzinho, franzindo os lábios ao pensar nisso.

– No nosso país, nós temos um Congresso e uma Casa dos Representantes para impedir que o presidente faça coisas desse tipo, eu acho – observou Bree.

– Sim, bem, *eu pensei que também tinha* – disse Chapeuzinho, as narinas dilatadas. – Selecionei a dedo os representantes para que não pudesse ser culpada pelas minhas tomadas de decisão tendenciosas, e *mesmo assim* o reino inteiro se virou contra mim. Não sei o que fiz de errado.

– Mas quem é a rainha do seu país agora? – perguntou Emmerich.

– *A Pequena Bo Burrega* – respondeu Chapeuzinho sem nenhum toque de sarcasmo. – Ela é a mais feia, a mais horrenda criatura que já viveu no Reino da Chapeuzinho Vermelho e apavorou todos os aldeãos para que votassem nela.

– *Isso sim* se parece com a política do nosso mundo! – comentou Bree.

– Eu nunca ouvi falar da Pequena Bo Burrega – disse Emmerich, estremecendo ao pensar nela.

– Então você é um homem muito sortudo – observou Chapeuzinho. Um pequeno sorriso surgiu no seu rosto; era muito terapêutico inventar coisas sobre a Pequena Bo Peep. Chapeuzinho só desejou ter feito isso *durante* a eleição.

– Eles estão de volta! – disse Mamãe Ganso, apontando para o céu.

Uma sombra passou por cima do balcão; eles olharam para o céu e viram Alex e Conner nas costas de Lester. Os três pousaram no balcão, e seus amigos se aproximaram, ansiosos.

– E então, o que vocês descobriram? – perguntou Mamãe Ganso.

– O exército recrutou os prisioneiros! – falou Conner após desmontar do ganso gigante. – Nós sobrevoamos o acampamento e

vimos os soldados treinando-os para o combate. Há milhares deles!

Mamãe Ganso pôs uma mão sobre o coração.

– Oh, céus – disse. – O que vamos fazer agora?

– Estou pensando – disse Alex, também desmontando de Lester. –

Nesse meio-tempo, Mamãe Ganso, por favor, providencie para que todos os membros do Conselho das Fadas se reúnam no salão o mais depressa possível. Conner, vá com ela e conte às outras fadas sobre o que vimos. A primeira coisa que preciso fazer é convocar reis e rainhas ao Palácio das Fadas o quanto antes, para que participem da discussão. Isso não é assunto para o Conselho das Fadas; é uma questão que precisa ser discutida por toda a Assembleia dos Felizes para Sempre.

Mamãe Ganso e Conner assentiram e se dirigiram ao interior do palácio. Alex ergueu a varinha e a estalou seis vezes, como um chicote. Uma série de intensas luzes irradiou pelo balcão, e seis cisnes enormes, do tamanho de Lester, surgiram magicamente. Alex girou a ponta da varinha sobre a palma da mão, e uma pilha de papéis apareceu. Ela enrolou os papéis e pôs um na boca de cada cisne.

– O que é isso? – perguntou Froggy.

– Convites – disse Alex, entregando a Froggy uma cópia extra.

Aos membros das Famílias Reais,

Uma situação de emergência ocorreu. Todos os membros da Assembleia dos Felizes para Sempre e suas famílias devem se apresentar no Palácio das Fadas imediatamente. Daremos mais detalhes da questão à sua chegada.

Obrigada,

Alex Bailey, Fada Madrinha em exercício

– Eu preciso que vocês levem isto para os reis e as rainhas do Reino do Canto, do Reino Encantado, do Reino do Norte, do Reino do Leste e da República Bo Peep o mais rápido possível e tragam os governantes com vocês – Alex instruiu os primeiros cinco cisnes e então voltou-se para o sexto. – Quanto a você, quero que entregue este convite a alguns outros conhecidos meus.

Ela sussurrou as instruções ao ouvido do cisne, para que os demais não escutassem.

– Se eles não cooperarem, você tem a minha permissão para *persuadi-los* como puder. Traga-os pelo tornozelo, se for preciso; estes convites não são opcionais. Agora vá.

Os seis cisnes se curvaram e se lançaram ao céu. A velocidades em que aves jamais haviam voado, todos tomaram direções diferentes.

– E agora? – perguntou Chapeuzinho. – Você acha que os reis e as rainhas vão levar a mensagem a sério?

– Teremos de esperar para saber – disse Alex; ela desejava de coração que levassem.

Depois de algumas horas, Chapeuzinho e Froggy entraram no palácio com Bree e Emmerich, a fim de dar a Alex algum tempo para pensar sozinha. A jovem fada caminhou de um lado a outro tantas vezes que quase deixou sulcos no piso. Quando estudara sobre as guerras na escola, Alex não podia imaginar que um dia se acharia em uma – e liderando-a. Estaria preparada para liderar a Assembleia dos Felizes para Sempre em uma guerra contra o general de um império?

Ela rezou para que o seu bom senso e a sua capacidade lógica fossem suficientes para compensar a sua falta de estratégia militar. Pensou nos grandes heróis de guerra do seu mundo, como Franklin Roosevelt e Winston Churchill. O que eles teriam feito no seu lugar? Que tipo de plano teriam criado? O que a sua avó teria feito se não estivesse doente?

Alex escutou uma movimentação vinda de cima e mirou o céu do anoitecer. Um por um, os cisnes apareceram: traziam consigo os reis e as rainhas dos diferentes cantos da Terra de Histórias.

A jovem fada suspirou de alívio conforme os cisnes cortavam o ar até ela – nenhum dos governantes havia rejeitado o seu convite.

Cinco cisnes pousaram no balcão. O primeiro trazia o Rei Chance, a Rainha Cinderela e a sua filha, a Princesa Esperança, de dois anos, do Reino Encantado. O segundo trazia a Rainha Bela Adormecida e o Rei Chase, do Reino do Leste. O terceiro trazia a Rainha Branca de Neve e o Rei Chandler, do Reino do Norte. O quarto trazia a Rainha Rapunzel e o marido, Sir William, do Reino do Canto. E o quinto trazia a Rainha Pequena Bo Peep.

Os governantes pareciam desconcertados com a inesperada jornada. A Rainha Pequena Bo Peep parecia também um pouco intimidada por estar entre os lendários governantes; era o seu primeiro chamado para participar da Assembleia dos Felizes para Sempre.

– Olá, Vossas Majestades – disse Alex. – Muito obrigada a todos por virem.

– Alex, tenho certeza de que todos gostaríamos de saber qual é o significado disso – disse Cinderela. – E o que aconteceu com a Fada Madrinha? Por que não foi ela quem nos convocou?

– Porque ela adoeceu – informou-lhes Alex. Os membros das casas reais receberam a notícia exatamente como os gêmeos; não sabiam que a Fada Madrinha podia adoecer. – E este é apenas um dos problemas, receio. Por favor, sigam-me até o salão para participar da discussão.

Ela liderou a parada de monarcas rumo ao interior do Palácio das Fadas, pela escadaria até o salão, onde Conner, Mamãe Ganso e as demais fadas os aguardavam. Os reis ficaram muito surpresos ao verem Conner, especialmente Cinderela, que testemunhara em primeira mão o fechamento do portal para o Outromundo. Não foi preciso muito tempo para que todos eles compreendessem que havia algo muito errado.

Froggy, Chapeuzinho, Bree e Emmerich surgiram na escadaria para ver o que era aquele alvoroço. Embora Bree e Emmerich nunca tivessem encontrado pessoalmente nenhum dos reis e rainhas, não demoraram a se dar conta de quem se achava diante dos seus olhos; a pele pálida de Branca de Neve e os longos e escorridos cabelos de Rapunzel eram delatores óbvios. Os dois pararam bruscamente e se sentaram na escada para admirar a bela realeza.

O primeiro instinto de Chapeuzinho foi juntar-se aos governantes, porém a visão da Pequena Bo entre os seus antigos colegas foi um lembrete doloroso de que ela não fazia mais parte do grupo. Chapeuzinho sentou-se ao lado de Bree e Emmerich e mirou furiosamente a sua rival.

Froggy desceu a escadaria correndo para cumprimentar os seus irmãos Encantado.

– Charlie, o que aconteceu com você? – perguntou Chandler.

– Por que você voltou a ser um sapo? – indagou Chance, igualmente curioso.

– É uma longa história – respondeu Froggy. – Explicaremos tudo, eu prometo.

Alex decidiu explicar tudo antes que o salão fosse tomado por mais confusão:

– A Fada Madrinha está muito doente, e a sua magia está enfraquecendo. O encantamento sobre o Príncipe Charlie se desfez, e o portal para o Outromundo foi parcialmente reaberto. Um exército do nosso mundo o atravessou e planeja dominar Terra de Histórias. Eu vou deixar Conner lhes contar sobre o exército, pois ele o viu de perto.

Alex fez um gesto para o irmão falar, porém Mamãe Ganso subitamente se levantou da cadeira.

– Não, eu farei isso – falou ela. – Afinal, a culpa é minha por eles estarem aqui.

Alex e Conner se entreolharam – ficaram impressionados por ela ter assumido a responsabilidade na frente de toda a Assembleia dos Felizes para Sempre.

Mamãe Ganso informou aos reis e às rainhas sobre a Grande Armée e contou por que era sua a culpa pelo exército ter atravessado o portal para o mundo dos contos de fadas. Contou-lhes que a armada havia atacado a Prisão Pinóquio e recrutado os criminosos. Por fim, Mamãe Ganso se encarregou da desafortunada missão de informar aos monarcas que, muito em breve, eles poderiam se ver em uma guerra.

Alex permaneceu sentada enquanto os monarcas eram informados de tudo. Ela pensou nos horrores que o futuro poderia trazer, pensou em como a assembleia poderia se preparar melhor.

– Então, esse exército de cinco mil homens agora tem centenas de soldados adicionais, criminosos que *nós* pusemos atrás das grades? – perguntou Branca de Neve com uma mão sobre a boca.

– Correto – disse Mamãe Ganso. – E suspeitamos que isso instigará todos os criminosos à solta na Floresta dos Anões e nos demais reinos a aliarem-se à Armée.

– E, no total, quantos criminosos se encontram à solta nos nossos reinos, sem paradeiro conhecido? – indagou Bela Adormecida.

– Estimamos três mil – informou Emerelda.

Rapunzel rapidamente fez a conta de cabeça.

– Então, a Grande Armée possui um total de mais ou menos nove mil homens. Isso é mais do que *todos os nossos exércitos combinados*.

– Quantos soldados seus exércitos possuem? – perguntou Conner.

– O Reino do Norte tem um exército de dois mil homens – disse Chandler.

– O Reino Encantado tem mil – falou Chance.

– Muitos dos homens do Reino do Leste pereceram tentando combater as maldições da Feiticeira – disse Chase. – Nos restaram por volta de mil e quinhentos soldados apenas.

– O exército do Reino do Canto também é muito pequeno, somente quinhentos homens – disse Sir William.

A Pequena Bo Peep era a única que ainda não havia respondido.

– Eu não sei o número exato, mas diria que é alguma coisa em torno de...

– *Oitocentos e vinte e oito homens!* – Chapeuzinho gritou do topo da escada.

A Pequena Bo lançou-lhe um olhar maligno.

– Sim, obrigada, *Ex-Rainha* Chapeuzinho Vermelho.

Os gêmeos ficaram chocados com os números reduzidos.

– Diferentemente do seu mundo, nós nunca tivemos uma verdadeira razão para formar grandes exércitos – disse Mamãe Ganso.

Conner somou os números de cabeça.

– Então, juntando todos os seus exércitos, a Assembleia dos Felizes para Sempre tem uns cinco mil e quinhentos homens. São *cinco mil e quinhentos* contra *nove mil*. A Armée pode ficar com quase o dobro do nosso contingente!

– Isso sem incluir os exércitos do Império dos Elfos e do Território dos Duetrolls – lembrou Mamãe Ganso. – Se o General Marquis for tão bem-sucedido em convencê-los como foi com os prisioneiros, tudo estará acabado. Jamais venceremos essa guerra.

– Então, temos de falar com eles antes que o General Marquis fale – Alex se juntou à discussão pela primeira vez. – Precisamos fazer o que for necessário para garantir que os elfos e os duetrolls fiquem do nosso lado. Eles podem não ter o melhor dos relacionamentos com a Assembleia dos Felizes para Sempre, mas eu duvido que queiram ver o mundo sendo tomado pela Armée. Alguém aqui sabe qual é o tamanho dos exércitos dos elfos e dos duetrolls?

– Os trolls e os duendes têm um exército de setecentos homens, acredito – disse Tangerina. – E os elfos têm mil soldados.

– Isso é uma boa notícia para nós – falou Alex. – Depois que convenceremos os duetrolls e os elfos a se juntarem a nós, o nosso exército terá muito mais chances de sobreviver. E mais: temos as fadas do nosso lado; não podemos esquecer de incluí-las.

Todas as fadas objetaram imediatamente. Xanthous foi o mais veemente:

– Fadas não podem entrar em batalhas! É contra o código de mágica da Assembleia dos Felizes para Sempre!

– *Dane-se o código!* – berrou Conner, e o salão ficou em silêncio. – O código existe para assegurar paz e prosperidade para o mundo dos contos de fadas, e daqui a pouco pode nem existir um mundo dos contos de fadas! Se queremos ganhar esta guerra, precisamos combater fogo com fogo, e, Xanthous, ninguém tem mais fogo do que você. E ninguém controla as águas melhor do que Skylene. E ninguém ferroa como Tangerina. Precisamos usar todos os recursos possíveis.

As fadas se opunham à ideia com cada fibra do seu ser, porém Conner tinha razão. Não havia escolha, desde que usassem a mágica pelo bem maior. Alex juntou as mãos e olhou para o chão enquanto pensava sobre o que mais precisava ser feito.

– Muito bem, acho que tenho um plano. Escutem com atenção – falou ela, e ganhou a atenção do salão. – Nós não sabemos onde ou como a Grande Armée vai atacar primeiro; temos de supor que será

em qualquer lugar. Quero que todos os reis e rainhas escrevam imediatamente aos seus oficiais em comando ordenando que dividam seus exércitos ao meio. Metade de cada exército permanecerá no respectivo reino, para que nada fique desprotegido. A *outra* metade se esconderá. Não me importa onde, desde que fiquem fora de vista. Eles só deixarão o esconderijo ao meu sinal.

– Mas por que dividir os exércitos? – perguntou Xanthous.

– Assim, nenhum reino ficará desprotegido caso seja atacado. E, se um reino for atacado, não perderá o seu exército inteiro. – Alex encarou as fadas. – Eu quero que vocês guardem os reinos ao lado dos soldados. Rosette irá para o Reino do Canto, Skylene, para o do Norte, Xanthous, para o Encantado, Tangerina, para o do Leste, e Violetta e Coral, para a República Bo Peep. Mamãe Ganso e Emerelda ficarão no Reino das Fadas e cuidarão da Fada Madrinha.

Dirigindo-se a todo o salão, Alex concluiu o seu plano:

– Meu irmão e eu pediremos pessoalmente aos duetrolls e aos elfos que se unam a nós. Assim que os recrutarmos, sinalizarei a todos os exércitos restantes, aqueles nos reinos e os escondidos, e os liderarei em um ataque contra a Grande Armée.

Todos repassaram cuidadosamente o plano. Podia não ser uma estratégia perfeita, mas era a única que tinham.

– O que vai acontecer conosco? – perguntou Cinderela. – Voltamos para nossos reinos ou ficamos no Palácio das Fadas?

– Nenhum dos dois – disse Conner, colocando-se ao lado da irmã. – Se a Armée os encontrar, vai matá-los. Eles já têm um histórico de assassinar famílias reais e aristocratas; para eles, a morte é a única forma de rendição. Vocês terão de se manter em movimento constante, para que jamais sejam encontrados. Eu sugeriria colocá-los em um navio voador como o *Vovozinha*, mas, se a Armée vir aquela coisa no céu, com certeza ficará assustada e a derrubará.

– Então, no que podemos colocá-los que seja oculto e esteja em movimento constante? – perguntou Alex.

Aquelas palavras despertaram algo em Conner. Tinha certeza de que ouvira algo que correspondia à descrição; só precisava pensar. Voltou ao começo de toda aquela terrível experiência, ao momento em que escutara as últimas histórias dos Irmãos Grimm, e a resposta

lhe veio. Os Irmãos Grimm não forneceram apenas um aviso: também forneceram um plano.

– Já sei! Vamos colocá-los em um *caminho encantado*, exatamente como no conto “O Castelo Secreto”! O caminho poderia ziguezaguear pelos reinos, nunca seguindo a mesma direção duas vezes e nunca deixando rastro!

– Brilhante! – disse Alex. – As únicas pessoas capazes de encontrá-lo serão aquelas que souberem da existência dele! Se a Armée não souber a respeito do caminho, nunca o achará!

Conner chegou mais perto de Alex e sussurrou algo ao ouvido da irmã:

– *Você acha que pode criar o caminho, Alex?*

Ele não queria encher o salão de esperança, caso Alex não fosse capaz de realizar o encantamento. Alex respirou fundo.

– Sim. Eu sei que posso. – Ela olhou para a escada onde os outros estavam sentados. – Chapeuzinho, nós podemos usar as carruagens que a trouxeram. Elas são muito simples e não ostentam nenhum símbolo de realeza.

– Não precisa me lembrar disso – resmungou Chapeuzinho.

Alex examinou os mantos oficiais, as coroas e as joias que os reis e as rainhas usavam.

– Precisamos fazer com que pareçam menos oficiais – disse. – Vocês não podem usar nenhuma joia, nem ser acompanhados por guardas ou fazer qualquer coisa que os faça parecer parte da realeza.

– Mas não podemos seguir por esse caminho desprotegidos – disse Branca de Neve.

– Vamos precisar de *alguma* forma de proteção – concordou Bela Adormecida. – Ainda que o caminho seja tão disfarçado quanto nós.

Alex olhou para o céu para pensar em uma solução. Pela primeira vez naquele dia, um grande sorriso surgiu no seu rosto.

– Eu conheço as pessoas perfeitas!

E elas se encontravam logo acima deles. Todos olharam para o céu para entender o motivo do sorriso de Alex.

O sexto cisne finalmente retornava ao Palácio das Fadas; ele pousou no salão. Todos os monarcas e fadas ficaram perplexos ao

ver João e Cachinhos Dourados descendo das costas do cisne. Alex o enviara secretamente ao encontro dos seus amigos fugitivos.

– Você convidou *esses dois*? – Chapeuzinho gritou da escada.

– Sim, achei que não faria mal ter alguns amigos por perto. Mas agora temos a missão perfeita para eles.

João e Cachinhos acenaram pouco à vontade para os monarcas. Menos de um ano antes, os reis e as rainhas haviam concordado em absolvê-los de todos os seus crimes como forma de agradecimento pela ajuda para derrotar a Feiticeira – e desde então, a despeito do gesto, João e Cachinhos Dourados tinham cometido múltiplos crimes nos reinos de todos os reis e rainhas.

– Olá, todo mundo – disse João. – Qual é a ocasião?

– Nós recebemos a sua carta, Alex – falou Cachinhos. – Pensamos que nos tinha sido enviada por engano, mas o cisne foi *muito* persuasivo.

Ela e João ergueram os braços para mostrar as marcas de mordida que ganharam tentando evitar a viagem.

Alex e Conner rapidamente lhes contaram sobre a Grande Armée e os planos desta para conquistar o mundo dos contos de fadas. João e Cachinhos Dourados já sabiam muito mais do que os gêmeos esperavam – notícias da Grande Armée se espalhavam rapidamente pelos reinos.

– Muitos dos criminosos que conhecemos já se aliaram a eles – informou João. – A Armée cresce a cada minuto.

– João, Cachinhos Dourados, eu preciso de um grande favor – disse Alex. – Nós enviaremos os reis e as rainhas a um lugar onde a Armée jamais consiga encontrá-los. Peço a vocês para irem com eles e protegê-los, assim como protegeram a mim e ao meu irmão em nossa missão para deter a Feiticeira.

João e Cachinhos se entreolharam – era um grande favor. Reis e rainhas começaram a murmurar objeções entre si. Como um casal de bandoleiros poderia protegê-los?

Chapeuzinho assobiou da escada para atrair a atenção do salão e então declarou:

– Eu sei o que vocês estão pensando. Acreditem, não existe um pensamento negativo sobre esses dois que não tenha me ocorrido. Mas eu posso lhes assegurar que não existe ninguém no mundo que

Cachinhos Dourados não seja capaz de enfrentar com a sua espada ou que João não encare com um machado. Nós não teríamos sobrevivido à nossa viagem pelos reinos se eles não estivessem conosco. Vocês estarão bem protegidos.

João, Cachinhos Dourados e os gêmeos ficaram estupefatos. Não acreditavam que Chapeuzinho estava defendendo os dois fugitivos perante toda aquela gente.

– Obrigada, Chapeuzinho – falou Cachinhos. – Eu jamais esperaria esses elogios vindos de você.

– Ah, eu esqueci de contar, Cachinhos – disse Chapeuzinho animadamente. – Tenho uma nova rival agora! Portanto, você está desculpada!

Chapeuzinho levantou um polegar em direção a Cachinhos Dourados. A Pequena Bo revirou os olhos e cruzou os braços.

– Muito bem – disse Cinderela, segurando a Princesa Esperança um pouco mais apertado do que antes. – Se você confia neles, suponho que sejam as melhores pessoas para o trabalho.

– Então está decidido – declarou Emerelda. – Não podemos perder nem mais um minuto. Vamos fazer com que os reis e as rainhas fiquem seguros.

As fadas transformaram magicamente os trajes luxuosos dos monarcas em roupas simples, comuns. Providenciaram-lhes rolos de pergaminho, nos quais eles escreveram aos seus comandantes a ordem para dividir os exércitos, tal como Alex instruíra. As fadas, exceto Emerelda e Mamãe Ganso, pegaram as cartas e desapareceram rumo aos reinos.

Enquanto isso, Conner subiu a escada para falar com Bree e Emmerich:

– Eu quero que vocês sigam com os reis e as rainhas para o caminho secreto. Eu nunca me perdoaria se alguma coisa acontecesse com vocês dois. Vocês estarão seguros ao lado de João e Cachinhos Dourados, eu garanto.

Bree e Emmerich, de olhos arregalados, concordaram com um balanço de cabeça. Com os eventos das últimas vinte e quatro horas, a cabeça de ambos girava tão rápido que eles não conseguiam pensar direito. Teriam concordado com qualquer coisa.

– Com certeza – disse Emmerich.

– Parece bom – falou Bree.

Conner sorriu e voltou-se para Chapeuzinho.

– Eu quero que você e Froggy vão junto, para que Bree e Emmerich tenham algum conhecido por perto. Além disso, Alex e eu nos sentiríamos muito melhor sabendo que *todos* os nossos amigos estão seguros.

– *O quê?* – perguntou Chapeuzinho rispidamente. – Você quer que eu fique presa em um grupo de viajantes junto com *aquela fulana*?

– Eu realmente sinto muito por você ter perdido o seu trono, Chapeuzinho. Mas, se a Armée a encontrar, não vai ligar se você *era* rainha. Eu sei que você adora colares, mas não acho que uma guilhotina cairia bem no seu pescoço.

– Certo – concordou Chapeuzinho. – Mas, se formos capturados, vou oferecer a Pequena Bo como voluntária para alvo em prática de tiro.

Com os monarcas disfarçados, todo mundo deixou o salão e seguiu Alex até os degraus de entrada do Palácio das Fadas. Três carruagens se enfileiravam na frente do palácio, cada uma com dois cavalos atrelados.

O Rei Chance, a Rainha Cinderela e a Princesa Esperança embarcaram na primeira carruagem, junto com a Rainha Bela Adormecida e o Rei Chase. A Rainha Branca de Neve e o Rei Chandler juntaram-se à Rainha Rapunzel e a Sir William na segunda carruagem. Froggy, Chapeuzinho, Emmerich e Bree embarcaram na terceira carruagem, acompanhados, para horror de Chapeuzinho, da Rainha Pequena Bo Peep.

– Alguém, por favor, me põe *de volta* na barriga do lobo? – pediu Chapeuzinho.

– Vai ser uma *longa* viagem – disse a Pequena Bo. Ela suspirou e sacudiu a cabeça.

Bree desceu da carruagem antes de a porta ser fechada e deu um enorme abraço em Conner.

– Por favor, tenha cuidado – falou ela.

O gesto fez Conner ficar rosa-choque.

– Não se preocupe comigo. Estou acostumado com o perigo.

Bree entrou na carruagem novamente. Conner fechou a porta e deu um tapinha de boa sorte na lateral do veículo. Cinderela pôs a cabeça para fora da primeira carruagem para chamar a atenção de Conner.

– Eu estava justamente pensando se você tem notícias da minha madrasta e das minhas meias-irmãs – disse. – Estão indo bem no Outromundo?

– Ah, sim – falou Conner. – Na última vez que falei com elas, Lady Iris e Rosemary tinham aberto uma lanchonete, e Petunia estava trabalhando em um hospital veterinário. Pareciam muito felizes.

Isso deixou Cinderela muito feliz também. Conner ficou contente por lhe proporcionar um pouco de alegria antes da partida para o caminho secreto.

João e Cachinhos Dourados montaram nos cavalos presos à primeira carruagem; assim, poderiam ficar de sentinela durante a viagem. Emerelda encantou as carruagens para que se movimentassem sozinhas, enquanto Alex plantava-se na frente do primeiro veículo para criar o seu maior encantamento até então.

– *Ok* – ela sussurrou para si mesma. – *Lá vou eu.*

Alex visualizou o caminho o mais claramente que conseguiu. Imaginou uma estrada que serpenteava através dos reinos e que jamais dava qualquer sinal do seu itinerário – futuro ou passado. Então tocou o solo com a ponta da varinha, e um caminho dourado surgiu à frente. Estendia-se por menos de um quarto de quilômetro e desaparecia em ambos os extremos.

João e Cachinhos Dourados tomaram a rédea dos cavalos, e a caravana partiu pelo caminho secreto. Alex juntou-se a Emerelda, Mamãe Ganso e Conner nos degraus da entrada, e eles acenaram para os viajantes. As carruagens se arrastaram e sumiram no horizonte.

Emerelda pôs uma mão no ombro de Alex.

– Sua avó ficaria muito orgulhosa de você.

– Eu sei – falou Alex com tristeza. Ela queria que a avó estivesse lá para ver aquilo.

Emerelda, Mamãe Ganso e Conner voltaram para o Palácio das Fadas. Alex já estava se virando para fazer o mesmo quando viu

alguém de quem se esquecera completamente nas últimas horas.

– *Rook!* – ela chamou. Ele espiava de trás de uma das rosas magicamente aumentadas de Rosette.

– Alex, você vem? – perguntou Conner.

– Sim, só um minuto.

Alex correu até os jardins. Puxou Rook para trás de um canteiro gigante de tulipas e jogou os braços em volta do pescoço dele.

– Desculpe por me intrometer de novo. Não a vejo faz um tempo, estava preocupado. Para que são todas aquelas carruagens... – começou Rook, porém sua expressão alegre desapareceu quando ele notou a seriedade nos olhos dela. – Alex, o que houve?

– Tudo – disse ela, resistindo às lágrimas. Alex ficara firme até então, mas diante de Rook, e apenas dele, não se via na obrigação de bancar a destemida. – A minha avó está doente, e um exército invadiu este mundo e está tentando conquistá-lo!

– *O quê?* O que você quer dizer com “um exército invadiu”...

Alex agarrou a camisa de Rook e o puxou para mais perto, para olhá-lo bem nos olhos.

– Você e o seu pai precisam ir para o mais longe possível daqui. Vocês precisam abandonar tudo antes que se machuquem!

– Eu espero que este não seja o seu jeito gentil de me dar um fora – disse Rook, tentando fazê-la rir.

– Estou falando sério, Rook. Por favor, vocês precisam ir! Eu não conseguiria encarar meu reflexo no espelho se algo acontecesse com você! Prometa que vai embora!

– Tudo bem, tudo bem. Prometo que vou pegar o meu pai e vamos partir.

Alex suspirou e fitou o chão.

– Bom. Eu preciso voltar ao palácio agora; ainda temos muita coisa para planejar.

Rook a encarou com os olhos mais tristes que Alex jamais vira.

– Quando eu vou vê-la de novo?

– Não sei. Vou atrás de você quando tudo isso acabar. Agora, por favor, vá. Não faça eu me preocupar com você também.

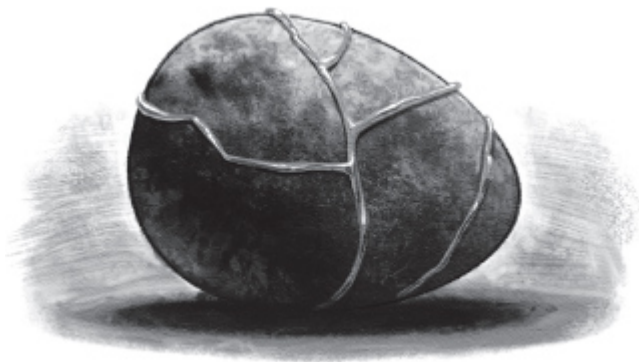
Rook fez que sim com a cabeça. Ele a beijou no rosto e partiu.

Ali atrás, Alex se achava fora dos olhares alheios pela primeira vez naquele dia. Ela se ajoelhou, cerrou os olhos e simplesmente

respirou. Disfarçara muito bem para as fadas, a realeza e o irmão, porém, após ter visto Rook, toda a emoção acumulada dentro do seu jovem corpo explodiu.

– Apenas respire, Alex, apenas respire. Você pode lidar com isso, você pode lidar com isso.

Ela permaneceu atrás das tulipas até sentir o medo desaparecer de seus olhos e a coragem retornar ao seu rosto.



CAPÍTULO 19

Uma permuta gelada

Os soldados tremiam com os ventos gélidos. Os elementos tinham se tornado implacáveis demais para os cavalos, que foram deixados para trás. Os soldados viajavam a pé através da grossa camada de neve. Havia horas, subiam as íngremes montanhas do Norte sem um destino revelado ou uma previsão de chegada.

– *Quanto ainda falta?* – exigiu saber o General Marquis.

– *Assim que virmos as luzes, saberemos que chegamos!* – gritou o Homem Mascarado para os homens que o seguiam a distância.

O destacamento, que começara a jornada com vinte soldados da Grande Armée, fora reduzido a menos de uma dúzia. Os soldados tombavam como moscas conforme o Homem Mascarado os levava através do terreno frio. A cada poucas centenas de metros, um soldado desmaiava e desaparecia dentro da neve. A ordem era continuar avançando; os caídos eram simplesmente deixados para trás.

O General Marquis e o Coronel Baton trajavam grossos casacos por cima dos uniformes; já os soldados tinham recebido muito pouco para se proteger do frio, e ainda eram repreendidos por retardar a expedição. O Homem Mascarado recebera apenas um velho e esfarrapado cobertor, porém se movia mais agilmente que o resto. Já havia enfrentado aquelas montanhas muitas vezes.

– O seu pessoal não lida muito bem com o frio, não é? – perguntou, com uma risadinha.

– Estou começando a perder a paciência – ameaçou o general.

– Não se preocupe, general, estamos quase lá.

Logo, a aurora boreal que o Homem Mascarado descrevera apareceu. As luzes iluminavam o céu escuro com tonalidades brilhantes de verde e giravam em volta das geleiras à frente. Quando o destacamento chegou às geleiras, tinha sido reduzido a seis homens, incluindo o general e o Coronel Baton. O Homem Mascarado liderou os homens remanescentes por uma abertura entre duas geleiras e por um enorme labirinto gelado. Eles ziguezaguearam entre as geleiras e por fim entraram em uma vasta cratera.

– Bem-vindos ao refúgio da Rainha da Neve, cavalheiros – anunciou o Homem Mascarado.

Os soldados observaram a cratera em estado de perplexidade. Diversas colunas de gelo a circundavam, um lago congelado fazia as vezes de piso, e uma queda-d'água congelada que se derramava das montanhas rodeava um gigantesco trono de gelo. A Rainha da Neve se encontrava sentada no trono, ladeada pelos seus fiéis ursos-polares. Ela trajava um grande casaco de pele branco e uma coroa de flocos de neve; um pano enrolado cobria a órbita vazia dos seus olhos. A Rainha da Neve e os ursos-polares permaneceram estranhamente silenciosos, como se houvessem estado à espera dos militares.

– O Homem Mascarado retornou – disse a Rainha da Neve em sua voz áspera e crepitante. – Estávamos à sua espera.

– Olá, Vossa Majestade – disse o Homem Mascarado, fazendo uma reverência superficial. – Faz um longo tempo, mas você continua tão gélida como sempre.

– Elogios não o levarão a lugar nenhum. Se veio aqui me propor um negócio, já sabe o que eu quero em troca.

– Sim, eu entendo. Na última vez em que estive aqui, você deixou perfeitamente claro o que queria em troca do *item de interesse*. E é com grande prazer que retorno com os meios de, finalmente, efetuar aquela permuta.

O general de repente ficou muito tenso.

– Você nunca disse nada sobre uma permuta – falou.
O Homem Mascarado fez um gesto pedindo-lhe calma.
– Vossa Majestade, este é o General Marquis da Grande Armée.
– Eu sei quem ele é – disparou a Rainha da Neve. – Eu profetizei a chegada do general e de sua Armée a este mundo muito antes de você nascer.

Havia algo de muito inquietante para o general, que, com um sinal, ordenou aos soldados que ficassem alertas. No entanto, o Homem Mascarado assegurou-lhe que aquilo eram boas-novas.

– Esplêndido! – disse o mascarado. – Então, Vossa Majestade sabe que, em troca do ovo de dragão, ele é capaz de dar-lhe aquilo que sempre desejou.

– Capaz ele pode ser, mas fiel à barganha, eu ainda estou para ver – disse a Rainha da Neve. – O futuro do general está cheio de certezas e incertezas. Muito tempo atrás, eu antevi o general e sua Armée varrendo a Terra e conquistando tudo em seu caminho. Entretanto, não o vejo erguendo-se contra as fadas. Se ele deseja reclamar este mundo, precisa ter a minha confiança no negócio que estamos prestes a fazer.

– E qual é exatamente esse negócio? – perguntou o general, dando um passo mais para perto dela.

Os dentes pontiagudos da rainha revelaram-se num sorriso.

– Muitos anos atrás, eu era a soberana do Reino do Norte, até que o meu trono me foi roubado. Se o general quer o meu ovo de dragão para conquistar o mundo, ele deve prometer me devolver o Reino do Norte quando conseguir o que almeja.

Aquilo era novidade para o general – e o enfureceu.

– Dê-me licença por um momento, Vossa Frieza – ele disse à Rainha da Neve. Então agarrou o Homem Mascarado pela lapela, jogou-o contra uma coluna e sussurrou: – *Você nunca mencionou nada sobre uma permuta!*

– *General, você precisa confiar em mim* – sussurrou de volta o Homem Mascarado. – *É o único modo de você ganhar esta guerra. Faça essa troca com a Rainha da Neve, e não terá importância o que prometer a ela em compensação: depois que você tiver o dragão em seu poder, será impossível detê-lo! Você será capaz de destruí-la. Será capaz de destruir qualquer coisa que cruzar o seu caminho.*

O general pensou melhor. A raiva, porém, não abandonou os seus olhos.

– Muito bem – falou, encarando a Rainha da Neve. – Se me der o ovo de dragão agora, tem a minha palavra de que, quando assumirmos o poder, o Norte voltará a ser seu.

Uma gutural e irritante gargalhada de celebração irrompeu da boca da Rainha da Neve.

– Isso é música para os meus ouvidos – respondeu ela. – A sua oferta está aceita, mas com um aviso. Eu não antevejo nada além de grandeza para você se mantiver o seu lado da nossa barganha; entretanto, se me trair, eu prevejo que sua aventura terminará em morte abrasadora.

O olho esquerdo do general começou a palpitar. Claramente, a Rainha da Neve estava tentando enganá-lo com visões que jamais tivera. Ele olhou de relance o Homem Mascarado, que silenciosamente o instruiu para que prosseguisse.

– Entendido – disse o general. – Negócio fechado.

Os soldados sentiram um tremor sob os pés. Eles olharam através do chão de gelo e viram bolhas se formando conforme uma coisa grande e arredondada lentamente flutuava das profundezas do lago. Um ovo de dragão emergiu e bateu contra a camada de gelo.

O General Marquis voltou-se para os seus homens.

– Não fiquem aí parados! Peguem-no!

Com a coronha de seus rifles, os soldados bateram no chão. O gelo começou a se partir. O General Marquis e o Coronel Baton se afastaram. Um dos soldados caiu na água congelante através de uma rachadura. A Rainha da Neve riu, estava se divertindo loucamente com a tentativa daqueles homens de recuperar o ovo. A queda do homem abriu um enorme buraco no gelo, e o ovo de dragão boiou até ele, ficando a uma distância alcançável.

– Ninguém se mexe! – gritou o Homem Mascarado.

Os dois soldados remanescentes permaneceram imóveis. Cuidadosamente, o Homem Mascarado se pôs de quatro, deslizou através do piso de gelo e puxou o ovo para fora da água.

– *Frio... frio!* – gritou ele. Fez malabarismos com o ovo entre uma mão e outra e o enrolou no seu cobertor esfarrapado. O ovo estava tão frio que suas mãos se queimaram.

O ovo de dragão tinha duas vezes o tamanho da cabeça do Homem Mascarado. Tinha a forma de um ovo normal, porém sua casca era preta, com a mesma textura áspera do carvão. As rachaduras que o ovo adquirira no decorrer dos anos estavam cobertas de ouro, para preservá-lo, como um dente podre. O Homem Mascarado olhou orgulhosamente para o ovo, como se segurasse o seu primogênito – ele sonhara com aquele momento por muito tempo.

O General Marquis prontamente se aproximou e tirou o ovo das mãos dele.

– Maravilhoso! – exclamou o militar, fitando o objeto com grandes olhos inquisitivos, como se fosse uma bola de cristal a mostrar-lhe o seu futuro. – Coronel Baton, por favor, atire no Homem Mascarado; os serviços dele não são mais necessários.

O Coronel Baton tirou uma pistola de dentro do casaco e a apontou para o Homem Mascarado.

– Opa! Opa! Opa! – disse o Homem Mascarado, levantando as mãos. – *Você não pode* me matar! Ainda precisa de mim!

– Nós temos o ovo e não desperdiçaremos nem mais um minuto com os seus disparates! – bradou o general. Com a cabeça, acenou para o coronel atirar.

– Mas alguém precisa cuidar do ovo, e eu duvido que você ou algum dos seus homens saiba chocar apropriadamente e criar um dragão.

– E o que faz de você um especialista?

– Eu passei anos tentando pôr as mãos nesse ovo. Sei tudo o que há para saber sobre dragões! Agora, precisamos pôr o ovo dentro de alguma coisa muito quente. Quanto mais quente for o ambiente, mais depressa e mais forte o dragão crescerá. E eu conheço um lugar *muito quente*, caso continuemos trabalhando juntos.

Um ruído que foi metade grunhido e metade suspiro escapou do General Marquis. Desde que deixaram a prisão, ele vinha aguardando ansiosamente o momento de se livrar do Homem Mascarado, porém teria de esperar um pouco mais. Sacudiu a cabeça para Baton, que guardou a pistola.

– Parece que o Homem Mascarado provou ser útil mais uma vez – disse o general. – Você pode viver até chocar o ovo e criar o

dragão para mim. Agora, escolte-nos para fora destas montanhas geladas antes que a minha irritação supere a minha necessidade.

O General Marquis fulminou o ex-detento com o olhar e se dirigiu à abertura na cratera por onde haviam entrado. O Coronel Baton e os dois soldados remanescentes o seguiram. O Homem Mascarado esfregou o peito para acalmar o coração disparado – precisaria se manter útil nos dias que viriam se quisesse continuar com vida.

– Obrigado, Vossa Tremeliqueza – disse à Rainha da Neve. Fez uma reverência e rapidamente alcançou o resto do grupo.

Assim que ele e os soldados se foram, outra gargalhada irritante irrompeu da Rainha da Neve e ecoou através do cânion.

– O que é tão engraçado, Vossa Alteza? – perguntou o urso-polar à esquerda da rainha.

Um sorriso malicioso apareceu no rosto dela.

– De repente, antevejo com muita certeza algo que se dará nos próximos dias com o nosso amigo mascarado.

– O que Vossa Alteza vê? – indagou o urso-polar à direita.

– A máscara escondeu quem ele é por um tempo impressionante. Mas, quando esta semana estiver terminada, o seu pior medo se realizará: a identidade dele será revelada à pessoa de quem ele mais deseja mantê-la em segredo.



CAPÍTULO 20

O grande Lago Duetroll

Após terem mandado os monarcas e os amigos para o caminho secreto, os gêmeos mal dormiram. Antes de o sol raiar, já estavam despertos. As poucas horas que conseguiram dormir se deveram unicamente ao cansaço físico que toda aquela aflição lhes causava – e de descanso elas não tiveram nada.

Eles encontraram Mamãe Ganso no grande balcão do Palácio das Fadas assim que o sol despontou sobre o Reino das Fadas. Ela estava preparando Lester para a jornada dos gêmeos até o Território Duetroll e o Império dos Elfos:

– Eu quero que você escute o Conner e a Alex e faça exatamente o que eles disserem, que voe com muito cuidado, que preste bastante atenção no céu e pouse com segurança. Em outras palavras, faça tudo o que você *não* faz comigo.

Lester concordou com a cabeça e eriçou as penas para deixá-las bonitas e fofas para o voo iminente.

– Você tem certeza de que está preparado para isso, Lester? – perguntou Conner. – Se tiver qualquer objeção, podemos pegar um dos cisnes encantados.

Ofendido, Lester abriu o bico e olhou feio para o garoto. Então pegou as rédeas com o bico e as enfiou nas mãos de Conner. Definitivamente, estava preparado.

– Vou entender isso como um “sim” – disse Conner, com uma risada. Ele e a irmã jogaram uma perna por cima do grande ganso e se sentaram nas suas costas, Conner à frente.

– Nossa primeira parada será o Território Duetroll, Lester – disse Alex. – E depois do que, assim espero, será uma visita bem-sucedida, iremos ao Império dos Elfos.

– Quem está no comando do Império dos Elfos? – perguntou Conner.

Mamãe Ganso bufou e falou:

– Elfina, a Imperatriz dos Elfos.

– Ela *não* é uma grande amiga sua, pelo que vejo – observou Conner.

– Apenas sejam cautelosos com ela. A Imperatriz Elfina é tão astuta quanto bonita. É como uma flor venenosa: bela e tranquila por fora, porém perigosa por dentro. Não se deixem enganar por ela; não importa o que ela prometer, a sua lealdade será sempre para com o próprio povo em primeiro lugar, e não para com o bem maior.

Conner engoliu em seco.

– Flor venenosa, saquei.

– Os elfos são muito astutos – continuou Mamãe Ganso – e conhecidos pela sua longa memória. E, rapaz, como eles guardam rancor! No começo, ficarão muito indecisos quanto a cooperar, mas não desanimem. Eles nunca perdoaram o Conselho das Fadas por não tê-los incluído na Assembleia dos Felizes para Sempre e nunca mais falaram conosco desde então.

– Se eles não falam com vocês há tanto tempo, por que falariam com a gente? – perguntou Alex.

Mamãe Ganso encolheu os ombros.

– Não faço a menor ideia. Boa sorte, crianças. Estarei bem aqui quando vocês voltarem.

Se o objetivo era confortá-los, as palavras de Mamãe Ganso tiveram o efeito contrário. Lester deu alguns passos para trás e abriu as asas. Ele avançou a passos gíngados e começou a bater as asas até

que decolou do balcão e voou para o céu. Logo, Mamãe Ganso e o Palácio das Fadas estavam fora de vista.

– Quem imaginaria que nós dois estaríamos salvando o mundo de novo em tão pouco tempo? – questionou Conner, soltando uma risada nervosa para aliviar a tensão.

– Eu sempre tive esperança de que o portal entre os mundos se reabrisse, mas não desse jeito – disse Alex. – Até parece que o nosso padrão de negociação é *um olho por um braço*.

– Eu sei bem o que você quer dizer – Conner falou, e pensou em alguma coisa para alegrar o espírito. – Você às vezes pensa em como seria a nossa vida se nunca tivéssemos descoberto a Terra de Histórias? Já se perguntou o que estaríamos fazendo neste momento se a vovó e o papai não fossem do mundo dos contos de fadas?

Alex sorriu ao pensar naquilo.

– Eu provavelmente estaria pensando em faculdades e carreiras em vez de guerras e batalhas.

Conner riu com a própria previsão.

– E eu estaria tentando sobreviver à álgebra, e não a um exército de milhares.

A irmã riu também, mas seu sorriso se desfez rapidamente. Eles tinham passado por muitas experiências extraordinárias, porém tinham desistido de muita coisa por ser quem eram.

– Pense em todas as coisas normais de adolescente que poderíamos estar fazendo – falou Alex. Ela soltou um suspiro que, de tão pesado, obviamente carregava mais do que um simples pensamento. – Depois deste capítulo da nossa vida, me pergunto se algum dia vou gostar de alguma coisa sem o medo constante de perdê-la.

– A propósito – disse Conner, lendo nas entrelinhas do que a irmã estava dizendo –, quem era aquele cara com quem você estava falando ontem à noite, nos jardins?

Conner sentiu o corpo da irmã se retesar.

– Do que você está falando? – Alex tentou se fazer de boba. – O menino nos jardins? Ah, o *Rook Robins*, o camponês do Reino do Leste. É só um amigo que fiz recentemente.

– Rook Robins? Parece nome de jogador de beisebol. É só um amigo mesmo?

Por alguma razão que ele não era capaz de explicar, Conner instantaneamente detestou tudo a respeito do sujeito.

– Oh, Conner, por favor! Como se eu tivesse tido tempo para um romance enquanto entrava para o Conselho das Fadas e liderava a Assembleia dos Felizes para Sempre em uma guerra.

Alex odiava mentir para o irmão, porém Conner não a deixaria em paz se soubesse a verdade – especialmente se soubesse que Rook era uma das razões por que ela não respondera às suas tentativas de contatá-la quando ele estava na Alemanha. Conner agradeceu por Alex se achar às suas costas; assim, ela não podia ver o olhar que ele lhe lançou. O garoto sabia exatamente o que estava rolando, ainda que a irmã não admitisse.

– Sabe, você pode me contar se ele for mais que um amigo. Eu prometo que não vou contar pra mamãe – disse Conner, já ansioso para contar tudo à mãe.

Alex soltou uma risada e tentou cortar o assunto:

– Você vai ser a primeira pessoa a saber se o meu relacionamento com Rook progredir, mas me parece que isso não será possível no momento.

– Isso é bom. Mas, se esse cara partir o seu coração, eu vou dar uma surra nele.

Alex explodiu em uma gargalhada.

– Está aí uma coisa que eu pagaria pra ver! – falou, e rapidamente mudou o foco da conversa: – Já que estamos debatendo este tema, eu estava mesmo querendo perguntar: você tem uma queda pela sua amiga Bree?

Se Lester fosse um carro, Conner teria metido o pé no freio. Como não era, ele agarrou as rédeas com força, fazendo Lester grasnar. O garoto corou tanto que Alex pôde ver sua nuca e suas orelhas vermelhas.

– *Se eu tenho uma queda pela Bree?* – Conner indagou como se aquela fosse uma ideia completamente maluca. – Oras, Alex, você não precisa ficar toda grossa só porque eu fiz uma pergunta inocente sobre a sua vida amorosa.

Alex resmungou diante da reação do irmão.

– Eu não estou sendo grossa. Só perguntei, porque você vira um pimentão sempre que está perto dela ou quando alguém diz o nome

dela. Ontem, quando ela lhe deu um abraço de despedida, eu achei que a sua cabeça fosse explodir. E eu não ficaria surpresa se ela também tivesse uma queda por você.

Conner não conseguia parar de sorrir agora. *Bree também tinha uma queda por ele?* Até esse momento, nunca pensara que isso fosse uma possibilidade. Ela viajara pela Europa com ele não só porque queria viver uma aventura, mas também porque queria ficar ao seu lado? Ele desfez o sorriso assim que lembrou que estava interpretando o papel de vítima naquela discussão.

– Fique tranquila, eu não tenho absolutamente nenhum sentimento por Bree. Para ser honesto, na Europa, ela estava começando a me dar nos nervos. O jeito como ela sempre ficava duvidando de mim, o jeito como permanecia calma em qualquer situação, o jeito como usava o gorro, com a franja azul e rosa para fora, o fato de que ela me surpreendia todos os dias com um novo aspecto interessante sobre ela... era tudo tão irritante!

Alex não precisou perguntar mais nada – era óbvio o que Conner realmente sentia. Ela agradeceu por ele não poder ver sua sobrelance erguida.

– A-hã. Realmente parece que você não pensou nem um pouco nela. Mas fico contente que não esteja rolando nada entre vocês.

– Por que isso? – indagou Conner, na defensiva. – Você acha que não sou maduro o suficiente para ter uma queda por alguém ou para alguém ter uma queda por mim? Para sua informação, eu também sou um bom partido...

– Não – interrompeu Alex. – Porque nós vamos visitar a nossa velha amiga Trollbella e não vamos embora sem o apoio do exército dela. Ainda que, para isso, você tenha de se casar com ela.

Conner deixou escapar um longo e abafado gemido. Quase esquecera que a jovem rainha troll era loucamente apaixonada por ele.

– Deus, eu espero que exista divórcio neste mundo – falou.

Os gêmeos permaneceram quietos durante o resto da viagem para o Território Duetroll, com medo de exporem mais sobre si mesmos do que gostariam. Conheciam-se tão bem que era curioso que ainda tentassem enganar um ao outro.

As pedras montanhosas que rodeavam o Território Duetroll apareceram no horizonte, e Lester começou a descer gradualmente. Conner ficou surpreso quando percebeu que a terra cercada pelas pedras estava coberta de água. O território inteiro era uma imensa piscina.

– Espere um segundo – disse Conner. – Eles nunca drenaram o território depois que a Feiticeira o inundou?

– Não. As fadas se ofereceram para restaurar completamente a terra, mas a Rainha Trollbella tinha outra coisa em mente.

– O quê?

– Você vai ver.

Lester pousou suavemente na água. Ele percorria o lago gigante como um verdadeiro barco em miniatura.

– Não pode ser! – exclamou Conner, chocado ao ver do que a irmã estava falando. A Rainha Trollbella transformara o território em uma vasta cidade flutuante.

Centenas de fortes construídos a partir dos destroços do antigo lar subterrâneo dos duetrolls flutuavam na água. Os fortes menores eram ocupados por famílias de trolls e duendes, enquanto os maiores serviam de área comum. Alguns duendes nadavam de um forte a outro, e trolls deslizavam sobre a água em dispositivos flutuantes de madeira. Outros, sentados à borda dos fortes com os enormes pés na água, seguravam caniços de pescar – embora os gêmeos tivessem bastante certeza de que não havia peixes lá. Os trolls e duendes haviam se tornado mais escuros, já que agora viviam sobre a terra. O bronzeado conferia à sua pele tons escuros de verde e marrom.

A despeito da mudança ambiental, todas as criaturas pareciam incrivelmente entediadas. Alex e Conner, que flutuavam entre elas sobre o ganso gigante, eram a coisa mais interessante que viam em semanas, e causaram um alvoroço e tanto.

– Eles definitivamente estão precisando se entreter – disse Conner, e Alex assentiu.

Os gêmeos ouviram uma voz familiar conforme um barco comprido e largo vinha na sua direção:

– *Remem, duetrolls, remem!* – ordenou a Rainha Trollbella.

Ela estava preguiçosamente deitada na proa do barco e tomava um banho de sol. No centro da embarcação, uma dúzia de trolls e uma dúzia de duendes manejavam longos remos. O barco deslizava ligeiramente para um lado, pois os braços dos trolls eram mais curtos.

Na popa, um jovem troll monitorava os remadores. Era baixo e atarracado como Trollbella e usava um grande capacete com chifres e um armadura no peito. Todos os remadores se detiveram bruscamente assim que avistaram os gêmeos e Lester passando ao lado do barco. Como tinham feito todas as criaturas nos fortes, eles apontaram para o grande ganso e cochicharam entre si.

– Por acaso, eu mandei parar de remar? – perguntou Trollbella. Ela se sentou para ver qual era o problema. A rainha troll cobriu a boca escancarada com uma mão quando pôs os olhos no que os outros tinham visto.

– Oi, Trollbella – disse Conner timidamente, com um aceno. – Saudades de mim?

– *Butterboy!* – ela arfou. – Estou realmente vendo você, ou é uma miragem na água?

– Ele está aqui – disse Alex. – Estamos *ambos* aqui.

– Mas eu pensei que tinha perdido o meu Butterboy para sempre! – disse Trollbella, em completo estado de choque. – Você atravessou aquele portal, e eu achei que nunca mais ia voltar! O seu amor era forte demais para ser contido pelo portal? Foi a nossa afeição um pelo outro que abriu o portal? Você finalmente retornou para ser o rei do Grande Lago Duetroll?

– Hum... *não* – respondeu Conner. – Mas o portal *foi* reaberto, e é por isso que eu estou aqui.

– O Grande Lago Duetroll, hein? – perguntou Alex. – É assim que vocês chamam este lugar agora?

– Sim, menina-fada – disse Trollbella com uma careta. – E espero que todos os mapas sejam alterados imediatamente! Eu sempre quis viver perto da água, e a Feiticeira, sem querer, fez o meu sonho se realizar. Agora vocês precisam subir a bordo do meu barco, para que eu possa abraçar o meu Butterboy!

Lester se aproximou do barco, e Alex e Conner foram içados por dois remadores trolls. Trollbella pulou em Conner como um macaco-

aranha numa árvore, quase derrubando ambos na água. Conner imaginou que ela levaria eras para soltá-lo, porém Trollbella não demorou a se apartar. Ela olhou para ele: em vez da cobiça de sempre, os seus grandes olhos estavam cheios de preocupação. Havia algo de muito diferente em Trollbella, mas os gêmeos não tinham tempo para descobrir o quê.

– Olhe, Trollbella – disse Conner. – Nós viemos até aqui para falar com você. Uma coisa muito ruim aconteceu, e precisamos da sua ajuda.

Trollbella pôs as duas mãos na cintura.

– Cada vez que você me procura para trazer notícias devastadoras, fere o nosso relacionamento, Butterboy. Pelo menos uma vez eu gostaria que, em vez disso, você trouxesse flores ou chocolate.

– Pela milionésima vez, nós não temos um *relacionamento*!

– Sim, eu sei que o nosso amor é forte demais para termos pueris. O nosso amor é inexaurível... é eterno... é indestrutível... – De repente, a rainha troll explodiu em lágrimas.

– Trollbella, qual é o problema com você? – perguntou Alex.

– Tem uma coisa que o meu Butterboy precisa saber antes de continuarmos. Enquanto você estava longe, *eu encontrei outra pessoa*.

– O quê? – disseram juntos os gêmeos. Era a última coisa que esperavam escutar da boca da rainha troll.

Os olhos de Trollbella percorreram culposamente o barco, e ela se virou para o outro lado – seria doloroso demais confessar aquilo olhando nos olhos de Conner.

– Depois que você desapareceu em outra dimensão, eu percebi que seria desafiador manter vivo o nosso amor. Tentei permanecer fiel a você o máximo que pude, e foram os seis dias mais difíceis da minha vida. Eu estava fraca sem você, Butterboy, e o meu coração perdeu o rumo. Não suportei a ideia de viver sozinha para sempre, então *entreguei o meu coração a outra pessoa*.

Alex e Conner trocaram o mesmo olhar embasbacado. Conner ficou surpreso com o tamanho do alívio que sentiu ao escutar aquilo, já que havia muitas coisas mais importantes acontecendo no momento.

– Eu sempre pensei que um dia, se o impossível acontecesse e você voltasse para mim, eu poderia lhe entregar o meu coração de volta, mas, vendo-o na minha frente agora, percebo que estava enganada – disse Trollbella. – Quando dou meu amor a alguém, não posso simplesmente pegá-lo de volta, a não ser que não exista outra saída, e receio já ter planejado um longo e feliz caminho com o meu novo amor.

– Tá, eu preciso saber: quem é o pobre coitado? – perguntou Conner.

– O nome dele é Gator. Ele comanda o meu exército, assim como o meu coração.

Trollbella olhou sonhadoramente para a popa do barco e acenou para o pequeno troll de capacete de chifres. Gator acenou de volta pouco à vontade – aparentemente, *reciprocidade* não era uma coisa que Trollbella buscava em um relacionamento.

– Parabéns – Conner disse aos dois.

– Mas eu o magoei, Butterboy! – disse Trollbella, caindo de joelhos. – Eu prometi a mim mesma que o nosso amor seria eterno e quebrei esse juramento! Você nunca amará alguém tanto quanto me amou! Me sinto tão horrível por abandoná-lo sozinho neste mundo cruel! Por favor, diga-me: existe alguma coisa que eu possa fazer para reparar o mal que fiz a você?

Alex cutucou Conner com o cotovelo e pigarreou. *Aquela era a chance deles.*

– Eu não sei – disse Conner, fazendo sua melhor interpretação de amante desolado. – Estou em choque, em choque total. É como se o meu coração tivesse sido arrancado do peito, pisoteado por uma alcateia em debandada e mascado por um ogro. Vou precisar de um tempo para superar isso...

– Mas tem uma coisa que você poderia fazer por ele nesse meio-tempo que o faria se sentir *muito* melhor! – Alex queria apressar as coisas.

– Oh, sim, Butterboy! – Trollbella humilhou-se aos pés do garoto. – Eu farei qualquer coisa para aliviar o seu coração partido! Por favor, a culpa é grande demais para suportar! Basta dizer o quê!

– Bem... – começou Conner, melodramático. – Se você está falando sério sobre curar as minhas feridas emocionais, juntar os

pedaços do meu coração e suturar os cortes da minha alma... o apoio do seu exército me ajudaria enormemente.

– Você quer o meu exército? – perguntou Trollbella. Ela fitou Conner interrogativamente. Talvez o seu Butterboy tivesse passado dos limites com esse pedido.

– Sim, mas existe uma razão ainda maior para precisarmos dele – falou Conner.

– Trollbella, um exército de milhares de homens invadiu este mundo e planeja conquistá-lo – Alex tentou explicar, porém Trollbella a interrompeu.

– Silêncio, menina-fada! Isso não tem nada a ver com você. Não meta a sua varinha no nosso assunto!

Alex revirou os olhos e, com um gesto, pediu ao irmão que explicasse o resto da história. Conner contou rapidamente sobre a Grande Armée e explicou que eles precisavam da ajuda dos duetrolls para detê-la. A explicação não cativou a rainha troll, mas despertou o interesse de todas as criaturas em volta.

– Eu vou! – disse um dos duendes remadores.

– Isso parece fantástico! – gritou de um dos fortes próximos um troll bisbilhoteiro.

– Eu nem estou no exército, mas luto com vocês! – disse um duende desesperado.

– Eu também! – falou outro troll.

Os gêmeos ficaram muito empolgados com o entusiasmo deles. A vida em uma cidade flutuante devia ser realmente chata, já que até a ideia de uma guerra soava intrigante.

Trollbella semicerrou os olhos e cruzou os braços enquanto pensava no assunto.

– Ainda assim, um exército em troca de um coração partido me parece um acordo um tanto exorbitante – falou.

Sem vacilar, Conner levou as mãos ao lado direito do peito e caiu no convés.

– Oh, meu coração partido! Dói tanto! Oh, a dor, a miserável dor! – gritou.

– *O coração fica do outro lado, Conner* – Alex sussurrou para ele, que se corrigiu rapidamente.

Lágrimas formaram-se nos olhos de Trollbella.

– Oh, não, Butterboy! – Ela se aproximou dele. – Se o meu exército pode aliviar a sua dor, então o meu exército você terá!

Conner imediatamente se sentou no chão, completamente recuperado.

– Graças aos céus – disse. – Fico realmente grato! Agora, precisamos reunir o seu exército e colocá-lo a par do nosso plano o quanto antes.

A Rainha Trollbella se levantou para dirigir-se aos remadores.

– Levem-nos para o forte militar imediatamente, duetrolls! – O meu Butterboy precisa falar com o nosso exército e dar início ao seu processo de cura.

Trolls e duendes remadores fizeram o barco dar meia-volta e seguiram na direção do forte militar. Alex acenou a Lester para seguir o barco e ajudou Conner a se levantar.

– *Mandou bem* – ela sussurrou ao ouvido dele.

– Obrigado – disse Conner. Mas sua expressão se alterou para um beicinho.

– O que foi? Nós conseguimos recrutar o Exército Duetroll, e foi mais fácil do que esperávamos!

– Eu sei – falou Conner tristemente. – Só não consigo acreditar que Trollbella me trocou por aquele troll...



CAPÍTULO 21

Vinda das cinzas

O caminho secreto avançava através da zona rural, cruzava rios sem pontes e subia altas montanhas nas quais jamais tinham sido construídas estradas. João e Cachinhos Dourados se mantinham muito atentos a tudo o que se passava ao redor e, até agora, não haviam se deparado com qualquer problema. Entretanto, se a situação do lado de fora das carruagens era pacífica, o interior do terceiro veículo era outra história.

Chapeuzinho conseguira ficar quieta desde que o comboio deixara o Reino das Fadas. Ela e a Pequena Bo não tinham pronunciado uma palavra sequer durante a viagem, assim como os outros – estes, por medo de que qualquer conversa deflagrasse uma discussão violenta entre as duas. Em vez disso, como se assistissem a uma partida de tênis, Froggy, Bree e Emmerich observavam Chapeuzinho e a Pequena Bo, a Pequena Bo e Chapeuzinho, que trocavam olhares rancorosos.

O silêncio finalmente foi demais para Chapeuzinho. Ela tentou falar com a Pequena Bo o mais diplomaticamente que conseguiu:

– Então, Pequena Bo, você gostou de se tornar rainha do meu reino... perdão, do *seu* reino?

– Sim – foi tudo o que a Pequena Bo respondeu. Ela fitou Chapeuzinho fixamente e não desviou o olhar, como se Chapeuzinho estivesse jogando algum jogo infantil do qual Bo não queria participar.

Os demais passageiros trocaram olhares desconfortáveis. Era inevitável que aquela conversa terminasse em desastre.

– *Bom saber* – falou Chapeuzinho através de dentes cerrados. – Você já cumpriu todas as promessas que fez ao povo durante a eleição?

– Quase. – A expressão da Pequena Bo não se alterou.

– *Que maravilha!* – pipilou Chapeuzinho. – E como estão os representantes da Casa do Progresso?

– Eles foram substituídos por legítimos representantes da aldeia.

Chapeuzinho não conseguiu evitar que uma estridente e maliciosa risada lhe escapasse. Os outros relaxaram um pouco ao vê-la tão bem-humorada – talvez houvesse uma chance de que as duas agissem civilizadamente uma com a outra.

– Bem, eles mereceram – disse Chapeuzinho. – E quanto ao castelo? Você já se acostumou com ele? Pensando naquela fazenda onde você morava, tenho certeza de que levou algum tempo até se acostumar.

– Na verdade, continuo morando na minha fazenda.

Chapeuzinho engasgou como se tivesse engolido um inseto.

– Você *continua morando na fazenda*? – Ela fez um grande esforço para se manter calma. – Então, por que exigiu que eu saísse do castelo?

– Porque eu o transformei num orfanato – disse a Pequena Bo, com um sorriso sarcástico.

Chapeuzinho ficou incrivelmente quieta enquanto o seu cérebro processava a informação. Então, como que tomada pelos seus instintos animais, atirou-se contra a Pequena Bo com os punhos fechados.

– *Eu vou matá-la!* – berrou Chapeuzinho.

Froggy, que vinha se preparando para esse momento, agarrou-a antes que causasse qualquer dano. Foi necessária a ajuda de Bree e Emmerich para segurá-la no assento.

– Seu pedaço piolhento de lixo pastoril! Você fez de propósito! Você sabia que entregar o meu castelo a um bando de moleques era a coisa que mais me magoaria!

– Chapeuzinho, como você pode falar assim de órfãos? – repreendeu Bree.

– Ah, não se deixe enganar por essa palavra! Eu conheci pessoalmente aqueles delinquentes, um pior que o outro! A maioria dos pais deles está viva e bem! Mas aqueles meliantes eram horrorosos demais para eles os criarem por conta própria!

A Pequena Bo não negou a intenção por trás das suas ações. Apenas permaneceu sentada na frente de Chapeuzinho, sorrindo um sorriso malicioso. Chapeuzinho por fim se acalmou o bastante para que os outros a soltassem. Emmerich decidiu mudar de assunto antes que alguém saísse machucado:

– O que é essa sua correntinha? – perguntou à Pequena Bo.

Ninguém chamara a atenção para o objeto antes, e a Pequena Bo ficou surpresa por Emmerich ter reparado. Uma correntinha quase invisível de tão fina acomodava-se em volta do seu pescoço e se escondia dentro do vestido. Ela puxou a correntinha e mostrou uma pedrinha em forma de coração.

– É um coração de pedra – disse.

– Por que você o usa? – indagou Emmerich.

A Pequena Bo não sabia o que dizer, pois ninguém nunca lhe fizera tal pergunta.

– Eu perdi uma pessoa que amava muito. Uso esta correntinha para me lembrar dela. Não sei explicar, mas ela me ajuda a não sentir tanta saudade dessa pessoa.

– Ela morreu ou simplesmente *fugiu* de você? – Chapeuzinho perguntou com desdém.

A Pequena Bo não respondeu. Ela brincou com a correntinha e sorriu para a antiga rainha. Sua mera presença irritava Chapeuzinho muito mais do que qualquer coisa que dissesse.

Na primeira carruagem, as coisas não estavam tão animadas, e os passageiros começavam a ficar inquietos. A Princesa Esperança, muito agitada por estar confinada há tanto tempo, começou a chorar. Cinderela pegou a filha gentilmente nos braços e a embalou

até a pequena cair no sono. Bela Adormecida, sentada diante de Cinderela, admirou as habilidades de mãe da amiga.

– Você é tão boa com ela... Isso me faz sentir saudades da minha mãe.

– Eu também sinto. São muitas as vezes em que desejo que a minha mãe estivesse viva para que eu pudesse lhe perguntar se estou fazendo a coisa certa.

– Se já existiu mãe melhor no mundo, eu certamente nunca conheci – disse o Rei Chance à esposa. – E isso inclui a nossa mãe!

O Rei Chase riu do irmão e falou:

– Sim, a nossa mãe era uma boa pessoa, mas conseguia ser bem fria de vez em quando.

Bela Adormecida sorriu e olhou tristemente pela janela. Nos últimos tempos, o assunto “mães” se tornara uma questão muito delicada para ela.

– Vocês acham que, se todo esse caos terminar... – começou Cinderela, porém logo se corrigiu: – ...*quando* todo esse caos terminar, vocês dois vão querer começar uma família?

Chase pôs uma mão confortadora sobre a mão de Bela Adormecida, que lutou contra as lágrimas que se formavam em seus olhos. Havia algo que ela e o marido não tinham compartilhado com os demais.

– Eu sinto muito, eu não queria... – disse Cinderela, sem saber pelo que estava se desculpando.

– Não, está tudo bem – disse Bela Adormecida. – Infelizmente, por conta dos efeitos da maldição do sono, eu e muitas mulheres do nosso reino nos tornamos incapazes de ter filhos.

Cinderela e Chance ficaram devastados ao saber disso.

– Oh, minha querida amiga, eu sinto tanto – falou Cinderela, mas não havia nada que ela pudesse dizer para confortar a amiga.

Bela Adormecida voltou a olhar pela janela antes que a expressão solidária dos outros despertasse mais dor e frustração.

– Simplesmente não era para ser, eu suponho – disse.

A carruagem ficou muito quieta. O caminho secreto contornou a fronteira entre os Reinos do Norte e do Leste, e Bela Adormecida reconheceu a paisagem que os cercava.

– Estamos em casa – falou ao marido. – Eu reconheceria essas colinas a quilômetros de distância...

A sua voz se esvaiu, e o seu queixo caiu. A distância, avistou algo que lhe provocou um arrepio na espinha. Antes de contar aos outros o que estava vendo, ela abriu a janela e enfiou a cabeça para fora.

– *Parem as carruagens!* – gritou para João e Cachinhos Dourados. João e Cachinhos puxaram as rédeas, e as carruagens começaram a reduzir a marcha, porém Bela Adormecida já tinha saltado da sua. Ela correu na direção do que havia visto.

– Espere! Onde é o incêndio? – gritou João.

– Aonde você está indo? – perguntou Cachinhos Dourados, porém a rainha não respondeu a nenhum deles.

Os outros viajantes também desembarcaram para saber o motivo daquela comoção. Assim que viram Bela Adormecida correndo, todos dispararam atrás dela, mas não foram muito longe. A rainha parou no limite de uma aldeia que ninguém mais havia visto e a olhou horrorizada.

A aldeia fora violentamente atacada. A maior parte já tinha sido consumida pelo fogo, mas fumaça vinda de partes em chamas ainda enchia o ar. Não se via nem se ouvia nada. Os danos eram tão severos que os reis e as rainhas logo souberam que haviam sido causados pela Grande Armée. Somente as armas de um exército poderiam ter deixado uma marca tão hedionda em um vilarejo inocente.

– Eu não entendo – disse Bela Adormecida. – Por que o meu reino é o que mais sofre nos tempos de crise?

Branca de Neve se aproximou, pôs uma mão no seu ombro e falou:

– O Reino do Leste é o primeiro a ver o sol se pôr, mas também é o primeiro a ver a aurora.

Suas palavras de conforto não foram ouvidas, pois Bela Adormecida se distraía com um ruído vindo dentre as chamas. Era tão débil que ela não sabia se o estava realmente escutando ou se era coisa da sua imaginação.

– Vocês ouviram isso? – ela perguntou.

– Isso o quê? – indagou Branca de Neve.

– Parecia um *choro*.

Os outros não tinham ouvido nada. O som se repetiu. Dessa vez, Bela Adormecida disparou para o interior da aldeia.

– Bela, volte aqui! – gritou Chase.

– É perigoso demais! – alertou Cinderela.

– Não se preocupem, nós vamos buscá-la – disse Cachinhos Dourados, e ela e João correram atrás da rainha.

Bela Adormecida se deixou guiar pelo som; escutava-o cada vez mais alto. Ela empurrou a porta de uma casa em chamas e entrou. Foi obrigada a cobrir a boca por causa da fumaça. O choro era tão alto que só podia ser real.

João e Cachinhos alcançaram a rainha e também escutaram o som, claro como o dia.

– O que é isso? – perguntou Cachinhos Dourados.

– Parece *um bebê* – disse João.

– Aqui! – gritou Bela Adormecida.

Soterrada em uma pilha de destroços do teto, havia uma pequena arca. João e Cachinhos ajudaram Bela Adormecida a remover o entulho de cima da arca e a abrir a tampa. Uma bebê fora escondida dentro da caixa. Certamente, era a única sobrevivente do ataque da Grande Armée.

– Eu não acredito! – disse Cachinhos Dourados, perplexa.

– Como você conseguiu escutar o choro? – perguntou João.

Bela Adormecida também não era capaz de explicar.

– Acho que o destino queria que eu a escutasse. – A rainha segurou a bebê nos braços, e a garotinha parou de chorar.

Cachinhos Dourados fitou o telhado e alertou:

– Precisamos sair daqui depressa!

Os três deixaram a casa com a sua nova descoberta bem no momento em que o telhado desabou. Bela Adormecida salvara a vida da bebê segundos antes de ela ser perdida. Eles retornaram ao grupo de viajantes, nos limites da cidade. Todos os monarcas ficaram igualmente atônitos ao verem a criança.

– De quem é o bebê? – perguntou Bree.

– Até onde sabemos, é uma órfã – disse Bela Adormecida.

– Bem, se você precisar de um orfanato, eu sei de um castelo bem grande para onde pode mandá-la – falou Chapeuzinho, e deu uma olhada irritada para a Pequena Bo.

Bela Adormecida sorriu para a bebê e a embalou. Havia um calor no seu olhar que os outros nunca tinham visto.

– Eu também – disse. – Ela vai viver conosco.

Chase se aproximou da esposa para tentar fazê-la pensar melhor sobre aquilo, porém, quando viu o rosto da bebê, sentiu o mesmo que Bela Adormecida estava sentindo. A criança *estivera esperando* para que eles a salvassem.

– E a linhagem real? – Chandler fez a pergunta que todos queriam fazer.

– Se algum de vocês está preocupado com sangue, eu os convido a dar uma olhada na aldeia e em todo o sangue do meu povo que foi derramado – disse Bela Adormecida. – Esta criança é uma sobrevivente e uma filha deste reino e, portanto, é uma herdeira merecedora do nosso trono.

Embora Cinderela e Chance fossem os únicos monarcas que sabiam que Bela Adormecida não podia ter filhos, nenhum deles disse nada. A criança era um facho de luz na escuridão daquele momento – se ela sobrevivera à ira da Grande Armée, eles também sobreviveriam.

– Como ela vai se chamar? – perguntou Cinderela.

Bela Adormecida trocou um sorriso com todos os reis e rainhas, e lágrimas de alegria vieram-lhe aos olhos. Todos aceitavam aquela criança como um deles.

– Como ela foi encontrada nas cinzas da aldeia, acho que vou chamá-la de Cinérea – disse Bela.

– Princesa Cinérea do Reino do Leste. Soa muito bem – disse Froggy.

– Ela é linda! – falou Rapunzel.

Chapeuzinho olhou para a aldeia saqueada, e um sentimento de culpa atingiu-lhe a boca do estômago. Toda a sua raiva e infelicidade pela perda do trono pareceram muito pequenas em comparação com o que o mundo estava enfrentando. Aquele ataque poderia ter acontecido *no seu reino*, e esse pensamento a enfureceu mais do que qualquer coisa antes.

Chapeuzinho marchou até Cachinhos Dourados. Todos acharam que ela começaria uma discussão, porém Chapeuzinho os surpreendeu com um pedido:

- Ensine-nos a lutar.
- Como?! – perguntou Cachinhos.
- Eu quero combater esse exército com as minhas próprias mãos.

Isso poderia ter acontecido em qualquer aldeia de qualquer reino. Não foi um ataque contra o Reino do Leste; foi um ataque contra todos nós. Eu me recuso a ficar sentada enquanto essa Grande Armée destrói tudo o que tanto amamos. Se for para morrer, não quero que seja numa carruagem confortável ou numa sala do trono. Quero morrer lutando junto com o nosso povo.

Todos os monarcas se entreolharam, tocados pelas palavras de Chapeuzinho. Eles ficaram surpresos, impressionados e, mais importante, *inspirados* pelo que ela dissera. E todos deram um passo na direção de Cachinhos Dourados, reforçando o pedido.

– Eu devo dizer que tenho uma certa força nos braços, de tanto limpar a casa da minha madrastra – gabou-se Cinderela.

– E uma pausa no nosso confinamento nessas carruagens não seria nada ruim. – Branca de Neve encolheu os ombros.

Cachinhos Dourados ficou impressionada com o interesse dos monarcas e sacou a espada da bainha.

– Muito bem, então – disse. – Vossas Majestades, encontrem um grande pedaço de madeira para cada um. A primeira coisa que vou lhes ensinar será como manejar uma espada.



No grande balcão do Palácio das Fadas, Mamãe Ganso observava as estrelas. Em silêncio, rezou para que, onde quer que os gêmeos e Lester se encontrassem, tivessem sucesso em recrutar os exércitos. Porém, mais do que tudo, rezou para que estivessem em segurança.

Emerelda entrou correndo no balcão.

– Mamãe Ganso... – disse ofegante. – A Fada Madrinha... Ela acordou.

O ânimo de Mamãe Ganso se elevou tanto que ela quase saiu flutuando pelo ar.

– Permanentemente?

– Eu diria que apenas por ora. Ela parece extremamente cansada e está perguntando por você.

Sem desperdiçar um segundo, Emerelda e Mamãe Ganso correram para os aposentos da Fada Madrinha. Mamãe Ganso ajoelhou-se junto à cama e tomou a mão dela nas suas. Os olhos dela estavam abertos porém muito pesados, como se tivesse acabado de despertar de um sono profundo e estivesse prestes a cair em outro.

– Olá, minha querida amiga – disse Mamãe Ganso suavemente.

– Emerelda, você poderia nos deixar a sós por um momento, por favor? – pediu a Fada Madrinha.

Emerelda balançou a cabeça e deixou os aposentos.

– Mamãe Ganso – começou a Fada Madrinha –, preciso lhe pedir uma coisa antes de partir.

– Partir? Mas para onde? – Mamãe Ganso riu. – Para as Montanhas Pocono? Para Martha’s Vineyard? Para Palm Springs?

– Você sabe para onde estou indo.

– Eu sei. Eu tinha esperança de que houvesse uma chance de você continuar por aqui. O que você quer me pedir?

Quanto mais a Fada Madrinha tentava falar, mais pesados ficavam os seus olhos.

– Com o passar dos anos, eu guardei muitos segredos para você – disse. – E só pedi para você guardar um segredo meu. Agora estou pedindo que continue a guardá-lo, mesmo depois que eu tiver ido embora.

Mamãe Ganso sabia ao que a amiga estava se referindo.

– Você está falando sobre a *outra herdeira*.

– Sim. Se Alex não tivesse provado ser a *verdadeira herdeira da mágica*, eu não estaria deitada nesta cama. A sua compaixão é, ao mesmo tempo, sua maior força e sua maior fraqueza. Se ela algum dia soubesse que havia outra, se ela algum dia descobrisse quem é, seria enganada do mesmo modo que eu fui, e isso a destruiria.

– Eu entendo. Você tem a minha palavra: eu guardarei o seu segredo. Alex jamais saberá.

A Fada Madrinha sorriu para a sua mais velha amiga.

– Obrigada – disse com alívio. Suas pálpebras se tornaram pesadas demais para ficarem abertas. Pouco a pouco se deixou cair

em um sono muito profundo. Dormiu ainda mais tranquilamente do que antes, agora que a mensagem fora passada.

Mamãe Ganso suspirou e apertou a mão da Fada Madrinha. Guardar esse segredo seria o desafio mais difícil que enfrentaria.



CAPÍTULO 22

Até o fundo

Durante a noite, três aldeias ao sul do Reino do Leste viram-se sob ataque. Soldados da Grande Armée invadiram os vilarejos e roubaram todos os suprimentos dos aldeãos, que foram presos e levados ao acampamento do exército. Somente uma aldeia teve coragem de enfrentar a Armée – e foi destruída. Até onde os soldados sabiam, nem uma alma sobrevivera ao ataque cruel.

Ao chegaram ao acampamento, os aldeãos foram enfileirados, e cada qual recebeu uma pá. A sua única instrução era cavar.

– Até onde eles precisam cavar? – o General Marquis perguntou ao Homem Mascarado. Eles observavam o trabalho dos aldeãos desde a confortável tenda do general.

– Até atingirem o magma – disse o Homem Mascarado, que segurava delicadamente o ovo de dragão: ele nunca o perdia de vista. – Eles não devem levar muito tempo. Durante a Era dos Dragões, o Reino do Leste foi destruído por vulcões. Dragões botavam ovos no magma, já que o calor fazia a prole crescer rapidamente.

– E o que acontece depois que o ovo é colocado no magma? – perguntou o general, olhando-o de viés.

– Eu o mantereí informado – disse o Homem Mascarado, e segurou o ovo ainda mais apertado. Ele só abria a boca para falar o necessário, pois sabia que o seu conhecimento de dragões era a única coisa que o mantinha vivo.

– Você é mais esperto do que parece.

– General Marquis! – chamou o Coronel Baton, no fundo da tenda. – Nós terminamos o plano de ataque para amanhã.

O coronel e o Capitão De Lange examinavam a mesa do general. Aberto sobre ela, um grande mapa do mundo dos contos de fadas com diversas bandeiras e bonequinhos espalhados em grupos estratégicos através dos reinos.

– O plano segue o que discutimos? – perguntou o general.

– Sim, senhor – disse o coronel. – Amanhã de madrugada, atacaremos os reinos e tomaremos as capitais. O Capitão De Lange e seus homens foram bem-sucedidos em espionar os exércitos dos reinos, e temos o prazer de informar-lhe que o nosso exército de soldados e recrutas tem mais do que o dobro do tamanho dos exércitos deles somados.

– Prossiga – o general instruiu.

– Os ogros e mil soldados serão enviados ao Império dos Elfos para subjugar o seu exército. Não obtivemos o número exato de soldados do Império dos Elfos, mas estimamos que seja da ordem de mil. As bruxas e trezentos soldados serão enviados ao Reino do Canto para derrotar o seu pequeno exército, de aproximadamente duzentos homens. Os duendes e mil soldados serão enviados ao Reino do Norte para derrotar o seu exército de mil homens. Os animais fugitivos e quatrocentos soldados serão enviados ao Reino da Chapeuzinho Vermelho para derrotar o seu exército de quatrocentos homens. Os trolls e quinhentos soldados serão enviados ao Reino Encantado para derrotar o seu exército de quinhentos homens. Os criminosos remanescentes e oitocentos soldados serão enviados ao Reino do Leste para derrotar o seu exército de setecentos homens. O Território dos Duendes e Trolls não tem nenhum valor para nós; eles não possuem autoridade neste mundo, portanto não vamos desperdiçar nossos homens com eles.

– Nossos números excedem os de cada um dos exércitos, senhor – disse o Capitão De Lange. – Isso nos deixa dois mil soldados para

tomar o Palácio das Fadas, no Reino das Fadas.

– E um dragão! – lembrou-lhes o Homem Mascarado. – Vocês terão dois mil soldados e um dragão.

– Quando o dragão estará pronto? – perguntou Baton.

– Criar dragões é uma questão de cronologia e sincronia – respondeu o Homem Mascarado. – Dependendo da temperatura do magma e de quanto o alimentarmos, ele poderá atingir o seu tamanho pleno em um par de dias... desde que vocês me mantenham por perto para criá-lo apropriadamente, quero dizer.

O general examinou cuidadosamente o mapa sobre a mesa. Os outros comandantes já cantavam vitória com base nas informações que tinham, porém o general não estava satisfeito. Havia algo naquela estratégia que não lhe agradava.

– Vocês têm certeza de que não erraram na conta dos exércitos? – o general perguntou. – A descrição de cada um dos reinos feita pelos Irmãos Grimm dava a impressão de que suas forças eram muito maiores.

– Meus homens só voltaram ontem, logo depois do seu retorno do Norte, senhor – assegurou-lhe o Capitão De Lange. – Os exércitos dos reinos foram vistos se preparando para a guerra nas capitais, e todos foram contabilizados.

O general ainda não tinha comprado a ideia. Achava que, para ter sucesso no ataque ao Palácio das Fadas, precisaria de mais do que soldados e um dragão.

– Muito bem – disse. – Mas eu quero mais do que soldados e um dragão antes de atacarmos as fadas. Eu quero que cada um dos governantes seja trazido vivo após tomarmos os reinos. Está entendido?

– Sim, senhor – acatou o Coronel Baton. – Atacaremos o Reino das Fadas por último, depois que todos os governantes forem trazidos com êxito.

– Capitão De Lange, certifique-se de que os aldeãos estão cavando a toda velocidade! – o general ordenou. – Eu quero pôr o ovo no magma até amanhã ao raiar do sol, no mais tardar.

O Capitão De Lange bateu continência e dirigiu-se ao local da escavação. O General Marquis esfregou a cabeça calva, preocupado

com a suposta existência de informações que os seus homens não houvessem conseguido.

O Tenente Rembert irrompeu na tenda com olhos arregalados e notícias empolgantes para contar ao general:

– General Marquis, uma descoberta foi feita em uma das aldeias próximas. Achei que o senhor gostaria de ver.

– O que é, Tenente? – perguntou o general, como se fosse impossível alguma coisa empolgá-lo.

– Nós descobrimos um espelho mágico, senhor.

Aquilo atiçou o interesse do general. Ele sabia que espelhos mágicos continham um conhecimento intuitivo sobre o mundo. Talvez o espelho pudesse diminuir suas dúvidas sobre a batalha vindoura.

– Traga-o para cá! – ordenou.

O tenente deixou a tenda e voltou um momento depois, acompanhado de dois soldados que arrastavam um objeto quadrado e pesado. Eles encostaram a coisa em um canto e removeram o lençol que a cobria. O espelho tinha uma grossa moldura dourada com entalhes florais e o vidro mais puro que qualquer um dos presentes jamais vira.

O general caminhou até o espelho como se se aproximasse de uma serpente venenosa. O Homem Mascarado sabia muito bem que tipo de espelho era aquele, porém não avisou o general – estava muito mais interessado em descobrir o que o general iria ver.

O General Marquis permaneceu plantado na frente do espelho por um longo tempo, e nada aconteceu. Ele fez acenos com a mão, e nada.

– Idiota, você foi enganado! – bradou para Rembert. – Não há absolutamente nada de mágico neste espelho.

Assim que o general se virou, entretanto, os outros homens ficaram sem fôlego. O seu reflexo havia mudado. O homem de uniforme com insígnias de honra dera lugar a um menininho frágil. O menino era extremamente magro, sujo e tremia; era um camponês esfomeado e apavorado. Suas roupas eram cobertas de buracos e rasgões, e ele não calçava sapatos. De tão inchado devido a uma tremenda surra, seu olho esquerdo não se abria.

O general soube quem era assim que o viu; passara a vida inteira tentando esquecer aquele menino.

– Tenente – disse o General Marquis em um tom suave porém ameaçador. – Quero que retire este espelho imediatamente da minha tenda e o destrua. E, se me perturbar com esse tipo de lixo outra vez, você será o próximo a ser destruído.

Rembert e os soldados rapidamente tiraram o espelho das vistas do general. Embora ele não tivesse levantado a voz, nenhum dos homens jamais o vira tão afetado por qualquer coisa que fosse. O general continuou a fitar o canto vazio em que antes se encontrava o espelho.

– Coronel Baton – falou secamente –, eu não quero esperar até a madrugada; mande os exércitos para os reinos assim que eles estiverem organizados.

– Sim, general.

O Coronel Baton deixou a tenda. O general e o Homem Mascarado ficaram sozinhos.

– Que tipo de espelho mágico era *aquele*? – indagou o General Marquis.

– Era um Espelho da Verdade – disse o Homem Mascarado. – Ele reflete quem uma pessoa realmente é, e não sua aparência.

O general ficou em completo silêncio e imóvel.

– Deduzo que você era muito pobre – falou o Homem Mascarado. – Isso deve explicar de onde vem a sua garra. Toda uma vida tendo de provar a si mesmo...

O general virou bruscamente a cabeça para ele.

– Não se atreva a me analisar – rosnou. – Você pensa que me conhece, mas não sabe nada a meu respeito. Você não tem ideia de onde eu vim, do que eu vim ou o que tive de fazer para me tornar o que sou hoje. Aquele menino no espelho é um reflexo do passado e nada mais. Ele nunca mais terá de provar nada a ninguém.

O Homem Mascarado era esperto o bastante para não brincar com fogo.

– Você está certo, eu não o conheço. Então, por favor, permita-me fazer uma pergunta, uma que eu gostaria de fazer desde que nos conhecemos. Por que conquistar este mundo? Reclamar uma

dimensão diferente deve ser um tanto extremo, mesmo no lugar de onde você vem.

O general caminhou até a sua mesa e tirou um grosso livro que guardava na primeira gaveta. Folheou o volume, e o Homem Mascarado notou que as páginas eram cheias de mapas e retratos – era um livro de História.

– No lugar de onde venho, cada era é definida pela grandeza de um homem – disse o General Marquis. – Alexandre, o Grande; Júlio César; Guilherme, o Conquistador; Genghis Khan... Eles foram os maiores conquistadores de seu tempo. Logo, um homem chamado Napoleão Bonaparte se juntará a essa lista... a não ser que outro homem conquiste alguma coisa além dos sonhos mais loucos de Napoleão.

– Ah, entendi. Você está tentando superá-lo. Mas com certeza vocês dois serão lembrados pela sua grande contribuição ao Império Francês...

O General Marquis fechou o livro de um golpe e o guardou na gaveta.

– Talvez. Mas só há lugar para *um* homem nos livros de História.



CAPÍTULO 23

O Império dos Elfos

– Metade dos exércitos da Assembleia dos Felizes para Sempre está escondida, enquanto a outra metade está montando guarda nos vários reinos – Alex explicou ao Exército Duetroll. – Depois que recrutarmos o Exército dos Elfos, todos os soldados escondidos, bem como os que estão guardando os reinos, se unirão e atacam a Grande Armée. Aguardem o meu sinal e então juntem-se a nós no Reino das Fadas. Alguma pergunta?

O Exército Duetroll consistia de pouco mais de oitocentos trolls e duendes fora de forma, muitos dos quais haviam se alistado apenas porque estavam entediados. Eles ocupavam a plateia de um anfiteatro de madeira que parecia uma rosquinha flutuante no Grande Lago Duetroll. Somente um troll ergueu a mão para perguntar.

– Sim, *você* com o osso atravessado no nariz – chamou Conner. – Qual é a sua pergunta?

– O que nós ganhamos nos juntando aos exércitos da Assembleia dos Felizes para Sempre? – perguntou o troll.

Os soldados duetrolls começaram a trocar sussurros entre si. Alex não dissera nada sobre ganhar qualquer coisa em troca da ajuda.

– O que você quer? – perguntou Conner. – Poderíamos contar com você em troca de alguns carneiros, talvez um pouco de terra sólida?

– *Nós queremos a nossa liberdade de volta!* – gritou um duende do fundo do anfiteatro.

– *Sim! Queremos o direito de deixar o nosso reino!* – rosou um troll, na frente.

O Exército Duetroll inteiro concordou.

– *Liberdade! Liberdade! Liberdade!* – eles entoaram.

– *Silêncio, duetrolls!* – ordenou a Rainha Trollbella. O anfiteatro silenciou. – Me sinto insultada por vocês quererem abandonar o mundo de água que eu construí para vocês! Ainda mais agora, que finalmente paramos de ficar enjoados!

Um duende no centro do anfiteatro se curvou e vomitou em cima do troll sentado à sua frente.

– Bem, *a maioria* de nós parou – corrigiu-se Trollbella.

Conner revirou os olhos diante da exigência de liberdade.

– Vocês foram confinados porque não paravam de escravizar pessoas! A minha irmã e eu fomos escravizados por vocês não uma, mas *duas vezes*! Vocês realmente esperam que a gente lhes conceda liberdade?

Trollbella cruzou os braços e falou:

– Eu nunca vou entender por que os humanos são tão sensíveis quanto a serem escravizados. E se os meus duetrolls prometerem nunca mais escravizar ninguém? Você reconsideraria, Butterboy?

Conner olhou para Alex. Eles não tinham muita escolha – precisavam dos duetrolls.

– Eu acho que sim – disse Conner.

A Rainha Trollbella bateu palmas de alegria.

– Vamos fazer um juramento sagrado duetroll – falou ela. – Todo mundo levante a mão direita, se tiver mão direita, aponte o mindinho para o céu e repita comigo: *Eu, Rainha Trollbella...*

– *Eu, Rainha Trollbella* – repetiu o Exército Duetroll.

– Não, duetrolls! Cada um deve dizer o próprio nome – disse ela, e os soldados rapidamente se corrigiram. – *Enquanto eu viver, juro nunca raptar, aprisionar, escravizar ou tomar emprestado à força qualquer humano sem a permissão dele.*

Relutantes, os duetrolls repetiram palavra por palavra.

– Maravilha! – disse Trollbella. – Bom trabalho, duetrolls, vocês podem descansar o dedinho. Isso foi suficientemente bom para vocês, Butterboy e menina-fada?

Os gêmeos suspiraram.

– Vai ter de servir – disse Alex.

Um duende sentado na frente ergueu a mão.

– Sim, *você* com uma orelha a menos – chamou Conner.

– Qual será o sinal?

Todos se voltaram para Alex e aguardaram a resposta, inclusive Conner.

– É... é... Ainda não tenho certeza – disse ela. – Mas não se preocupem; vocês saberão quando o virem.

Trollbella ergueu uma sobrancelha e falou:

– Alguém já lhe disse que *você* é um pouco confiante demais?

Quando o Exército Duetroll finalmente ficou a par da estratégia de Alex, o sol já havia se posto. Trollbella insistiu para que Alex e Conner passassem a noite na cidade inundada, e os gêmeos foram hospedados em uma área privada no forte flutuante da rainha troll – a qual consistia de um chão de madeira e um cobertor. Alex ficou receosa de que, caso produzisse camas com a sua varinha, o peso delas emborcasse o forte inteiro.

Além do balanço da água e das visitas constantes de Trollbella para espioná-los a cada dez minutos, os gêmeos tiveram dificuldade para dormir por causa das suas preocupações.

– *Conner, você está acordado?* – Alex sussurrou para o irmão.

– Que pergunta... O que *você* está pensando?

– Eu estava pensando no Império dos Elfos. Se os trolls exigiram alguma coisa em troca da ajuda, receio que os elfos farão o mesmo.

– Eles provavelmente só vão querer um punhado de sapatos. Os elfos não são obcecados por sapatos?

– Deus, espero que seja assim tão fácil. Preciso pensar em alguma coisa que a imperatriz queira tão desesperadamente que esteja disposta a desistir do seu exército por ela.

– Ainda bem que *você* é a próxima Fada Madrinha. Isso lhe dá muitas opções.

Na manhã seguinte, os gêmeos, com as costas muito doloridas após passarem a noite no chão, se despediram de Trollbella e montaram em Lester, que estendeu as asas, decolou da água e ascendeu ao céu.

Eles voaram para noroeste através das nuvens, rumo ao Império dos Elfos. Lá de cima, Alex e Conner recordaram sua viagem no *Vovozinha*. O mundo parecia tão pacífico e seguro visto do céu. Tinham a esperança de que, depois do encontro com os elfos, estariam um passo mais perto de tornar o mundo abaixo das nuvens igualmente pacífico.

Depois de algumas horas de voo, chegaram ao reino mais a noroeste de todos.

– Olhe, Conner! Lá está! O Império dos Elfos!

– Uau! Os elfos realmente vivem em árvores.

O império inteiro ficava em uma árvore do tamanho de uma montanha. Quando os gêmeos se aproximaram, avistaram centenas de casas espalhadas pelos galhos. Algumas eram construídas sobre a árvore, como qualquer casa na árvore, algumas pendiam do galho, como casas de passarinho, outras haviam sido construídas *dentro* da árvore, como ninhos de esquilo.

As folhas eram do tamanho dos gêmeos. Era como se eles tivessem encolhido e entrado em um mundo em miniatura. Lester pousou cuidadosamente em um grosso galho, e os gêmeos desceram das suas costas. Eles caminharam ao longo do galho, que era como uma rua, rumo ao centro da árvore, onde a imperatriz deveria viver.

– Só espero que esta árvore gigante não venha com insetos ou pássaros gigantes – disse Conner, estremecendo com a ideia.

– *Squaaa!* – grasnou Lester, ofendido com o comentário.

– Não *você*, Lester, estou falando de corvos ou aranhas gigantes. Não quero virar almoço de ninguém.

De repente, a árvore pareceu aterrorizadora aos olhos do ganso gigante. Ele gingou mais para perto dos gêmeos para protegê-los.

– Creio que não precisamos nos preocupar com isso – disse Alex.

– Olhe em volta, não há *nada* aqui.

Os gêmeos examinaram os galhos abaixo, acima e à frente e não encontraram nada nem ninguém. Todas as casas da árvore estavam vazias.

– Eles devem ter ouvido falar da Grande Armée e partido – observou Conner.

Derrotada, Alex se sentou em um dos galhos menores.

– Mas para onde eles foram? – perguntou. – Como vamos encontrá-los?

Conner olhou em volta enquanto pensava.

– Bem, um império inteiro não pode ter simplesmente desaparecido sem que ninguém notasse... – Ele paralisou. Antes que terminasse esse pensamento, outro o interrompera.

– O que foi? – perguntou Alex.

– Você se lembra daquela vez, no ano passado, em que me encontrou na biblioteca da escola lendo contos de fadas?

– Acho que sim. Por quê?

– Você disse que, lendo contos de fadas, nós retornamos às nossas raízes. Então me contou que certas espécies de aves e insetos se escondem nas raízes da árvore quando o seu lar está ameaçado. E se os elfos forem uma dessas espécies?

Alex se levantou e começou a dar pulinhos.

– Conner, você é um gênio! Aposto que os elfos não foram embora! Aposto que os encontraremos escondidos na parte de baixo da árvore!

Conner começou a dar pulinhos junto com a irmã – ele nunca perdia uma oportunidade de celebrar a própria esperteza.

– Estou tão contente por ter me lembrado disso! Porque devo dizer: a maior parte das coisas que você me fala entra por um ouvido e sai pelo... AAAAH!

CRACK! Os gêmeos pularam em cima de uma parte fraca do galho e acabaram caindo através dele. Para sua surpresa, o galho era oco, e eles caíram em um longo escorregador de madeira. O escorregador atravessava o galho e descia em espiral pelo gigantesco tronco da árvore. Os gêmeos gritaram e tentaram se agarrar a alguma coisa, porém o escorregador era liso demais. Os dois continuaram deslizando em direção à base da árvore.

O escorregador finalmente terminou, e Alex e Conner caíram no chão. O tronco da árvore gigante também era oco. Os dois se viram em uma câmara secreta, na base da árvore. Olharam para cima e

notaram que o escorregador era um entre muitos que vinham dos diferentes galhos. Eles tinham caído em uma rota de fuga.

Os gêmeos se sobressaltaram quando perceberam que não estavam sozinhos. Milhares e milhares de elfos se escondiam na base da árvore, como os irmãos haviam previsto, e estavam igualmente surpresos com a presença dos humanos.

Os elfos eram baixos e muito magros. Tudo neles era pontudo: orelhas, queixo, sapatos. Alguns usavam chapéus cônicos também. Trajavam roupas pretas e brancas, assimétricas, e coletes abotoados na lateral; as pernas das calças e as mangas eram de comprimentos diferentes.

– Qual é a dessas roupas? – sussurrou Conner para a irmã.

– Você não se lembra da história “O sapateiro e os elfos”? Os elfos são um horror quando se trata de fabricar as próprias roupas.

Os gêmeos foram instantaneamente cercados por uma dúzia de soldados elfos, que apontaram suas bestas de madeira. Alex e Conner levantaram as mãos.

– O que vocês estão fazendo no nosso império? – perguntou um dos soldados.

– Nós não queremos causar problemas! – disse Conner

– Viemos para falar com a sua imperatriz – explicou Alex.

Os elfos armados chegaram mais perto.

– Quem são vocês? – inquiriu o soldado.

– Eu sou Conner Bailey, e esta é minha irmã, Alex – choramingou Conner. Ele entrou em pânico. – A minha irmã é muito importante, ela é uma espécie de Fada Madrinha no momento.

– *Conner!*

– O que mais eu poderia dizer? Eles estão prestes a atirar em nós!

– Mentirosos! – bradou o elfo.

Alex pegou a sua varinha e, com um *swoosh!*, transformou as bestas em buquês de flores. Todos os elfos presentes arquejaram e deram um passo para trás.

– *Ela é uma bruxa! Ela vai moer nossos ossos para fazer poções! Agarrem-na!* – ordenou o elfo.

Os soldados avançaram para cima dos gêmeos, que se prepararam para o pior.

– *PAREM!* – disse uma voz severa vinda do outro lado da árvore.

Todos os elfos rapidamente se voltaram na direção de onde viera a voz. No fundo da câmara, uma elfa estava sentada em um trono de folhas.

– Desconfio que seja a imperatriz – disse Conner baixinho.

A Imperatriz Elfina era o maior elfo na sala; quando se levantou, eclipsou a todos, inclusive os gêmeos – era como uma abelha rainha. Tinha um queixo pontudo, orelhas pontudas e com lobos muito compridos e grandes olhos castanhos. O cabelo escuro se enrolava em dois coques, um de cada lado da cabeça, e ela usava uma grande coroa feito de ramos, que se prolongavam para cima e para os lados. O vestido era muito justo e feito inteiramente de varetas e gravetos, que pareciam ter sido colados um a um no seu corpo esbelto. Assemelhava-se a uma árvore ambulante.

Um esquilo vermelho, fofo e enorme estava sentado ao lado do trono, como um cão de guarda que crescera demais. A imperatriz caminhou lentamente na direção dos gêmeos; os elfos abriram caminho para ela.

– Se ela diz que é a Fada Madrinha, então prove! – desafiou.

A imperatriz era exatamente como Mamãe Ganso descrevera: muito bonita por fora, porém os gêmeos logo compreenderam que havia algo mais por trás dos seus olhos intimidadores.

Alex não sabia o que fazer. Era uma garota com uma varinha de condão, verdade, mas como convenceria os elfos de que estava substituindo legitimamente a Fada Madrinha?

Um grasnido forte ecoou do alto. O império inteiro olhou para cima e viu Lester escorregando para a base da árvore. O ganso batia as asas loucamente, mas estava escorregando depressa demais para parar. Ele se estatelou de bico no chão, ao lado de Alex e Conner. Arrependeu-se amargamente da sua decisão de seguir os gêmeos.

– Temos um ganso gigante. Isso ajuda? – perguntou Conner com uma risada nervosa. Ele só queria fazer uma piada, porém a imperatriz ficou verdadeiramente interessada no grande ganso.

– Eu reconheço essa ave. Pertence à Mamãe Ganso.

– Mamãe Ganso é nossa amiga – disse Alex. – Ela nos emprestou seu ganso para viajarmos em segurança até aqui e falarmos com

você. Sou neta da Fada Madrinha e, como ela está doente no momento, a estou substituindo.

Os olhos da Imperatriz Elfina pularam de um gêmeo para o outro. Talvez eles estivessem dizendo a verdade, afinal.

– Espero que entenda que ser a Fada Madrinha não significa nada aqui. A Assembleia dos Felizes para Sempre não tem poder nem autoridade no meu império.

– Sim, nós entendemos – falou Alex. – Viemos para lhe avisar sobre um exército que invadiu o nosso mundo e planeja começar uma guerra...

– Nós já ouvimos falar da Armée. Foi por isso que nos refugiamos dentro da nossa árvore, e aqui ficaremos até a Armée ir embora.

Conner deu um passo na direção dela.

– Mas eles não vão embora, a não ser que os enfrentemos. Juntos. A Assembleia dos Felizes para Sempre precisa da ajuda do seu exército para derrotá-los. As fadas e os humanos não podem fazer isso sozinhos.

Um murmúrio zangado irrompeu entre os elfos. Os gêmeos notaram o ultraje da imperatriz ao ouvir isso; entretanto, em vez de fechar a cara, Elfina pestanejou, e um sorriso surgiu no seu rosto.

– Ajuda? – Ela riu. – Vocês querem a nossa *ajuda*? Todo mundo ouviu isso? As fadas mandaram crianças para pedir a nossa ajuda.

Somente uns poucos elfos riram com ela. O resto da câmara encarou Alex e Conner furiosamente. Não estavam muito a fim de fazer amigos.

– Olhe, dona Imperatriz da Árvore – começou Conner –, nós entendemos que você ainda está contrariada porque os elfos não foram incluídos na Assembleia dos Felizes para Sempre, mas se não trabalharmos juntos a Grande Armée destruirá a todos nós...

– Meu caro menino – disse a imperatriz, e a expressão divertida desapareceu do seu rosto –, foi isso que lhe contaram? Que ficamos contrariados porque não fomos convidados ao clubinho das fadas? Bem, parece que elas reescreveram a história.

Alex e Conner trocaram um olhar preocupado.

– Com o que mais vocês estão zangados? – perguntou Conner.

A imperatriz sabia que os dois não eram culpados pela própria ignorância. Então decidiu ensiná-los.

– Durante a Era dos Dragões, os elfos foram tão atormentados por dragões quanto qualquer outra raça. Nossos ancestrais ajudaram as fadas a derrotar os dragões. Depois que eles se foram e o mundo entrou no tempo de paz da Era da Mágica, as fadas logo esqueceram o que tínhamos feito por elas. Elas dividiram o mundo entre vários grandes reinos, porém aos elfos foi dado apenas um minúsculo pedaço de terra inabitável, isolado de todos os outros. Fomos tão excluídos quanto os trolls e os duendes, mas por nenhuma outra razão senão o fato de não sermos humanos.

Os gêmeos nunca souberam daquilo. Sempre imaginaram que os elfos viviam no extremo noroeste porque queriam.

– Os elfos se opuseram ao lar que nos fora designado – a Imperatriz Elfina continuou –, porém as fadas nos ignoraram. E, porque as questionamos, não fomos convidados a participar da Assembleia dos Felizes para Sempre. O noroeste era cheio de predadores e bruxas que nos cortavam em pedacinhos para fazer as suas poções, mas não tivemos escolha senão viver aqui. Os nossos ancestrais plantaram esta árvore gigante e construíram este império no alto de seus galhos, longe de todos os perigos. E estamos aqui desde então.

Alex e Conner não sabiam o que dizer. Poderiam se desculpar por algo que acontecera tanto tempo atrás?

– Bem, vocês realmente nos ferraram no ano passado, quando se renderam à Feiticeira! – disse Conner, cruzando os braços. – Acho que estamos quites.

– Por que limparíamos uma imundície que não fizemos? Não há diferença entre a Feiticeira e esse exército: ambos são problemas de vocês. Os humanos e as fadas querem decidir os assuntos em que os elfos devem se envolver com base no que é conveniente para eles...

Alex a interrompeu antes que a situação ficasse pior:

– Vossa Majestade, cada nação sempre se lembrará da história de um jeito, é assim que as coisas são. Nós todos vivemos no mesmo mundo, e não será bom para ninguém se continuarmos jogando esse jogo de *quem foi mais imbecil*. Neste momento, mais do que nunca, este mundo precisa se unir contra uma força que ameaça a todos nós. Não esperávamos que vocês cooperassem só porque estamos

pedindo; estou disposta a lhes oferecer uma coisa em troca se nos ajudarem a combater a Grande Armée.

– E o que seria? – a imperatriz perguntou sarcasticamente.

– É, o que seria? – perguntou Conner, igualmente curioso.

Alex sabia que se arrependeria dessa oferta pelo resto da vida, mas o seu tempo estava se esgotando.

– Depois que a Armée for destruída com a ajuda dos elfos, eu, como a nova Fada Madrinha, abolirei a Assembleia dos Felizes para Sempre.

A câmara inteira ficou atônita ao escutar aquelas palavras saindo da boca de Alex.

– *O quê?* – guinchou Conner.

– O que foi que você acabou de dizer? – perguntou a imperatriz.

– Vossa Majestade me ouviu – disse Alex. – A Assembleia dos Felizes para Sempre é injusta, é exclusiva e provou ser ineficiente em tempos de crise. Este mundo precisa marchar para o futuro *unido*. Assim, estou lhes convidando a me ajudar na construção de uma nova assembleia, mais inclusiva. Juntem-se a mim na criação da Assembleia dos Felizes para Sempre a Partir de Agora.

Era uma novidade chocante para todos os presentes – especialmente para Alex. Ela nunca sonhara em começar uma nova assembleia para unir o mundo dos contos de fadas, mas sabia que era o único meio de conseguir a atenção da imperatriz.

A imperatriz se aproximou lentamente dos gêmeos. Agonia e tensão tomavam o império, que aguardava por uma resposta da sua líder.

– Se os elfos se juntarem a essa nova assembleia, eu quero liderá-la – falou a Imperatriz Elfina.

– *Você devia ter insistido nos sapatos, Alex!* – disse Conner, dando um tapa na própria testa.

– A nova assembleia não terá um *líder* – disse Alex. – Vossa Majestade poderá cuidar dela *comigo*. A assembleia buscará orientação na Fada Madrinha e na imperatriz dos elfos, e nós a aconselharemos *juntas*.

Alex estendeu a mão para a imperatriz. Elfina a observou com desdém; nunca confiara em um humano antes, porém de alguma

forma sabia que Alex era uma mulher de palavra. Ela apertou a mão de Alex, e o negócio foi selado. Não havia como voltar atrás.

– O meu exército está à sua disposição, Fada Madrinha – disse a imperatriz com uma pequena reverência.

– Fantástico! – exclamou Alex.

Ela olhou para o irmão, que suspirou igualmente aliviado. Agora que os elfos estavam ao seu lado, eles tinham uma chance real de ganhar a guerra.

– Quero que o Exército dos Elfos me siga até o Reino das Fadas imediatamente! – ordenou Alex. – Sinalizarei aos outros exércitos espalhados pelos reinos para que se juntem a nós, e atacaremos a Grande Armée antes que ela...

BUM! Um ruído ensurdecedor preencheu a árvore gigante. Uma bala de canhão explodira em pedacinhos uma parte do tronco. Os gêmeos e os elfos foram ao chão, e a luz do sol invadiu a câmara através do buraco enorme que acabara de ser feito. Era tarde demais – a Grande Armée tinha começado o seu ataque.

– O que está acontecendo?! – gritou a imperatriz dos elfos.

– É a Grande Armée! – disse Conner. – Eles estão aqui! O Império dos Elfos está sendo atacado!

Os elfos, em pânico, começaram a correr pela árvore histericamente.

– Mantenham a calma! – bradou Elfina. – Quero que todos subam imediatamente e se protejam! Nosso exército ficará e enfrentará os invasores!

Alex olhou para o irmão como uma corça sob a luz de faróis – em questão de segundos, o seu plano inteiro tinha ido por água abaixo.

– Conner, o que faremos agora? Precisamos levar os elfos conosco. Para atacar a Armée em conjunto!

– Precisamos dar o fora daqui e inventar um novo plano! Eu duvido que os elfos sejam os únicos na mira da Armée!

– Mas os elfos... Precisamos deles se quisermos vencer!

– Não temos escolha! Precisamos partir agora!

Conner agarrou as rédeas de Lester e forçou a irmã a subir no grande ganso. Ele também subiu nas costas de Lester, que voou para o alto dentro da árvore oca. Uma bala de canhão tinha aberto um

buraco perto do topo do tronco, e Conner guiou o ganso através dele, saindo da árvore gigante.

Os gêmeos viram mil soldados e centenas de ogros cercando a árvore do Império dos Elfos. Os soldados redirecionaram os canhões para Lester e os gêmeos assim que os avistaram. Além das balas de canhão, pedras achadas no chão eram atiradas pelos ogros.

Lester grasnava aterrorizado enquanto desviava por pouco das balas e das pedras. Ele voou o mais depressa que pôde para longe da grande árvore do Império dos Elfos. Os três acabaram criando uma distração enquanto o Exército dos Elfos, dentro da árvore, começava a disparar suas bestas contra os invasores. Dos galhos, os cidadãos do império passaram a jogar bolotas e ramos gigantes sobre a Grande Armée.

Quando os gêmeos pensaram que já tinham saído do alcance dos canhões, uma bala zuniu através do céu e atingiu a asa direita de Lester. O ganso grasnou de dor e começou a cair rapidamente na direção das árvores abaixo. Ele bateu a asa esquerda com mais força, mas não foi suficiente para mantê-lo no céu.

Lester se chocou com força contra o chão da floresta. Os gêmeos foram jogados para longe, em diferentes direções. Conner atingiu uma árvore e então aterrissou em um grande arbusto. Alex derrapou através de um campo relvado e ouviu alguma coisa sendo triturada. Quando parou de escorregar, o seu primeiro reflexo foi pegar a varinha, mas ela se quebrara em vários pedaços no bolso.

Alex e Conner estavam feridos demais para ficar em pé. Ambos tinham quebrado diversos ossos com o impacto. Escutaram os grasnidos de Lester ao longe, porém não havia nada que pudessem fazer. Olharam para as árvores tentando saber onde tinham aterrissado, mas sua visão se turvou lentamente. Ambos perderam a consciência.

A guerra havia começado.



CAPÍTULO 24

O exército esquecido

Os destacamentos da Grande Armée se espalharam sobre o mundo dos contos de fadas para atacar os reinos que lhes haviam sido designados. Centenas de soldados e trolls cruzaram as fronteiras do Reino Encantado para tomar a capital de assalto.

Xanthous pairou no ar acima dos pináculos da torre do relógio e, a distância, avistou o exército. O momento que eles mais temiam havia chegado – o Reino Encantado estava diante do primeiro ataque, e as suas defesas estavam em inferioridade numérica. Xanthous apontou o dedo para cima e disparou um clarão flamejante. Era o sinal para Sir Lampton e seus homens. Sem demora, eles se reuniram no gramado em frente ao Palácio Encantado.

– Quantos são? – Sir Lampton perguntou a Xanthous.

– Eles nos superam em número por algumas centenas de trolls – disse Xanthous. – Os riscos são altos, mas poderia ser muito pior.

– Precisamos sinalizar à outra metade do nosso exército para que deixe o esconderijo – afirmou Sir Lampton. – Se eles nos superam em trolls, podemos vencer esta batalha! Nem tantos dos meus homens terão de perder a vida hoje.

– Lampton, nós não podemos. Temos de repelir a Armée com os homens que temos enquanto aguardamos o sinal. Acredite, esta é apenas a primeira batalha que enfrentaremos; se usarmos todas as nossas forças agora, talvez não reste ninguém para lutar contra os horrores de amanhã.

A expressão de Sir Lampton ficou muito séria. Ele se aproximou mais de Xanthous.

– Como posso dizer a esses homens que eles estão prestes a morrer em batalha enquanto seus irmãos permanecem escondidos?

– Nós podemos não vencer esta batalha, mas, se queremos vencer a guerra, temos de seguir o plano.

Sir Lampton assentiu, relutante.

– Deus, espero que o plano da menininha funcione – disse consigo mesmo.

– Eu também, senhor – falou Xanthous. – Não quero nem pensar em como será o mundo se falharmos.

Sir Lampton montou em seu cavalo e inspecionou fileiras de soldados do Reino Encantado.

– Meus bons homens – bradou –, o inimigo chegou ao nosso lindo lar mais cedo do que esperávamos. É verdade que aqueles soldados e trolls nos superam em quantidade, porém eles jamais nos superarão em coração, em bravura e no amor pela nossa terra! – Lampton puxou a espada e a ergueu sobre a cabeça. – Seremos os primeiros a mostrar àqueles monstros que o Reino Encantado não está à venda! Daremos a eles uma amostra do Exército do Reino Encantado, para que se encolham de medo quando os nossos irmãos retornarem do esconderijo para acabar com eles!

Todos os soldados do Reino Encantado ergueram a espada e aplaudiram as palavras de Lampton, muito embora soubessem que as chances de sobreviver a essa batalha eram pequenas. Ainda assim, como verdadeiros soldados, transformaram o medo em bravura e corajosamente encararam a ameaça iminente para protegerem o lugar que amavam.

– Mas nós não estamos em minoria! – gritou uma voz atrás dos soldados.

Lampton e os soldados se voltaram na direção da voz. Emergindo lentamente de detrás do Palácio Encantado e das ruas da capital,

havia centenas e mais centenas de civis. Homens e mulheres carregavam panelas e frigideiras, forcados e enxadas, rolos de macarrão e facas, tesouras e podadeiras, esfregões e baldes. Eram padeiros e lavradores, chaveiros e costureiras, professores e açougueiros, criados e mordomos – e todos eles tinham vindo para resistir orgulhosamente ao lado dos soldados do seu reino.

– O que está acontecendo? – perguntou Xanthous aos civis.

– Estamos aqui para participar da luta! – declarou um lavrador, e todos os homens e mulheres do seu grupo aplaudiram.

– Este também é o nosso lar! – gritou uma costureira.

– Nós não vamos deixar que o nosso reino caia nas mãos de ninguém que não seja o nosso rei e a nossa rainha! – bradou um açougueiro.

O entusiasmo dos civis deixou os soldados desconcertados. Em toda a sua carreira militar, Sir Lampton nunca tinha visto nada como aquilo. Os cidadãos do Reino Encantado pareciam mais ávidos por lutar contra a Armée do que os militares.

– Senhoras e senhores – bradou Lampton, gesticulando para que fizessem silêncio –, nós respeitamos a sua intenção, mas este é um assunto para o Exército do Reino Encantado. Por uma questão moral, não podemos pedir isso a vocês!

Uma criada correu os olhos dramaticamente pela sua multidão e indagou:

– *Pedir?* Por acaso *pediram* a alguém daqui para lutar por este reino? Ninguém precisa me *pedir* isso. Eu estou aqui por minha própria vontade, porque quero proteger o meu lar. E eu não arredo pé enquanto a Armée não se for!

Os civis explodiram em uma gritaria ensurdecadora. O seu entusiasmo era inquebrantável. Nada que Lampton dissesse ou fizesse os convenceria a ir embora.

Xanthous olhou para Lampton e encolheu os ombros.

– Não vai fazer mal nenhum ter mais combatentes – falou.

Sir Lampton olhou para a multidão disposta. O seu exército quase dobrara de tamanho diante dos seus olhos. Aquela visão o aqueceu por dentro, até o fundo do coração. O povo que ele passara a vida protegendo lealmente agora vinha em seu auxílio. Os

cidadãos se preocupavam com a prosperidade do reino tanto quanto ele.

Lampton ergueu a espada para o exército que o cercava, agora maior e mais forte.

– Então, vamos combater juntos esses invasores e mostrar do que são feitos o Exército do Reino Encantado e o próprio Reino Encantado! – declarou.

Os soldados do reino ergueram espadas, vassouras, ancinhos, martelos, rolos de macarrão, agulhas de tricô e demais objetos que haviam trazido para a batalha. A uma voz, urraram tão alto que o som foi ouvido a quilômetros de distância, e os soldados e trolls da Armée tremeram nas suas botas.



CAPÍTULO 25

O poder curativo do Fogo de Hagetta

Conner não tinha esperança de acordar. Quando Lester caíra na floresta, ele imaginara que era o fim. Esperava que a Assembleia dos Felizes para Sempre conseguisse ganhar a guerra sem ele e a irmã; e, se conseguisse, esperava que fossem lembrados como heróis. A última imagem a atravessar os seus pensamentos conforme ele lentamente perdia a consciência fora a da estátua que ergueriam em sua honra: uma estátua muito mais alta e musculosa do que o modelo real, com uma covinha no queixo acrescentada pelo escultor – era exatamente como Conner desejava ser lembrado.

No entanto, para sua surpresa, *Conner despertou*. Suas pálpebras se abriram demoradamente, e sua visão, confusa, levou um tempo para se ajustar. Havia uma grande mesa de madeira e um caldeirão de ferro no centro do chalé, com uma pilha alta de espelhos entre eles. Prateleiras cheias de potes ocupavam as paredes do chão ao teto: potes de terra, areia, plantas, flores, líquidos coloridos, insetos, pequenos répteis e pedaços de animais maiores, como orelhas de porco e cascos de vaca. Um acanhado fogo com chamas cor de pêssego ardia em uma pequenina lareira de tijolos.

– Onde estou? – Conner se perguntou. Sentiu um formigamento na lateral do tronco e, quando olhou, descobriu que o seu lado

esquerdo inteiro estava engolfado nas mesmas chamas cor de pêssego. – *AAAHH! Estou pegando fogo! Estou pegando fogo!*

Conner gritou e correu os olhos pelo chalé à procura de algo para apagar o fogo. Como não viu nada, começou a bater nas chamas com as mangas da blusa. Deduziu que o seu corpo estava em choque, pois não sentia nenhuma dor.

Uma mulher veio de outro cômodo e se apressou para o lado de Conner.

– Calma – disse ela, agarrando as mãos dele. – Você está causando mais dano do que o fogo.

Era uma mulher de meia-idade e trajava uma túnica vermelho-escura. Seu cabelo era da mesma cor da túnica, e seus olhos, de um verde intenso.

– *O que está acontecendo comigo?* – gritou Conner.

– Você quebrou as costelas na queda. O fogo o está curando.

– O fogo está *me curando*?

A mulher caminhou até a lareira.

– É um fogo mágico. Veja. – Ela pôs a mão sobre as chamas, que a lamberam e não a queimaram. – Está vendo? Ficou satisfeito agora?

O pânico de Conner cessou, porém ele estava tudo, menos relaxado. A visão do seu corpo coberto de chamas era incrivelmente perturbadora, por mais que elas o estivessem ajudando.

– Você nos viu cair?

– Sim. Todos vocês se feriram seriamente. Eu o trouxe para cá para curar as suas feridas antes que piorassem. Você está na Floresta dos Anões. Mas não se preocupe; no meu chalé, você está seguro.

– Onde está a minha irmã? Ela está bem?

– Ela está mais machucada do que você, mas está voltando a si.

A mulher afastou o caldeirão, e Conner viu a irmã repousando tranquilamente em um catre. A perna e o pulso de Alex se achavam envoltos em chamas.

– Quem é você? Você é uma bruxa?

– Meu nome é Hagetta. Hoje em dia, eu prefiro o termo *curandeira*, mas, sim, sou uma bruxa.

O nome imediatamente soou familiar a Conner.

– Hagetta? Você tem alguma relação com uma bruxa chamada Hagatha?

Hagetta fez que sim com a cabeça.

– Era a minha irmã muito mais velha. Hagatha me ensinou tudo o que sei sobre bruxaria. Mas, diferentemente dela, eu nunca me interessei por magia negra. Assim, seguimos caminhos diferentes logo antes de ela morrer.

Alex se agitou, recobrando a consciência. Lentamente, sentou-se no catre e olhou em volta conforme a sua visão se ajustava.

– Onde estou?

– Você está em segurança, querida – disse Hagetta.

– Ei, Alex, veja, você está em chamas! Mas não se preocupe, elas estão curando a sua perna e o seu pulso – avisou Conner.

Os olhos de Alex dobraram de tamanho quando ela viu as chamas em torno do seu pulso e da sua perna.

– Ok – ela pipilou. Nada a deixaria inteiramente confortável com aquilo. – Entãããão... que tipo de fogo é esse, exatamente?

– São chamas curativas do hálito de um dragão albino – explicou Hagetta. – Os dragões albinos eram muito raros e tão terríveis quanto os dragões comuns, mas suas chamas possuíam singulares poderes curativos. A minha tatatatataravó adquiriu algumas dessas chamas durante a Era dos Dragões, e a minha família as vem mantendo acesas geração após geração.

– Uau! – exclamou Conner. – Eu não consigo manter viva nem uma plantinha...

Essa informação deixou Alex menos ansiosa, porém a garota ainda estava receosa por acordar em um chalé estranho. Ela não conseguia parar de olhar para Hagetta – podia jurar que seus caminhos tinham se cruzado no passado.

– Eu a conheço de algum lugar? – perguntou.

– O nome dela é Hagetta, ela é a irmã mais nova da Hagatha – informou Conner.

Alex ficou chocada.

– Você é irmã da *Hagatha*?

– Sou. Acredito que nos vimos no casamento de João e Cachinhos Dourados.

– Você tem razão! Como você conhece João e Cachinhos Dourados?

Hagetta riu com a ideia.

– Eu conheço Cachinhos Dourados desde que ela era uma menininha muito pequena. De certo modo, fui eu quem a introduzi nessa vida de fugitiva. Eu a peguei tentando me roubar. Espantei-a e pensei que nunca mais a veria, mas, algumas semanas depois, a encontrei no bosque: ela tinha sido atacada por alguma criatura, quase não sobreviveu. Eu a trouxe para cá e curei suas feridas, mas ela se recusou a ficar por mais tempo. Insistiu que não precisava da minha ajuda, disse que podia cuidar de si mesma. Eu sabia que ela era teimosa demais para se deixar convencer, então dei a Cachinhos a sua primeira espada. Disse-lhe que teria de aprender a se defender se quisesse viver sozinha.

– Você deu a Cachinhos Dourados a sua primeira espada? – perguntou Conner, encantado com a história. – Isso é como ter dado a Shakespeare a sua primeira pena!

Hagetta sorriu.

– Ela retribuiu o favor alguns anos depois. Uma gangue de trolls me encurralou na floresta e tentou me escravizar. Cachinhos Dourados ouviu meus gritos de socorro e apareceu do nada naquele cavalo dela.

– Uau, e ainda falam de carma – observou Conner.

– De fato. Desde então, eu tento ajudar qualquer pessoa que precise de uma mão amiga. Nunca pensei que uma criminosa fugitiva me ensinaria o poder de uma consciência limpa.

– Nem sabemos como agradecer – disse Conner, que passou os olhos pela sala. – Espere, onde está Lester?

Os gêmeos ouviram um *squawk* quando a cabeça de Lester, meio grogue, surgiu de debaixo da mesa de Hagetta. Chamas cobriam o bico quebrado, e a asa esquerda estava totalmente incendiada; o fogo cor de pêssego a reconstituía pena a pena.

– Este é o ganso mais teimoso que já conheci – disse Hagetta. – Ele não queria me deixar tocar em vocês; parecia estar protegendo os próprios filhotes. Eu disse a ele que só queria ajudar, mas ainda assim tive de sedá-lo com uma poção sonífera para acalmá-lo. Já deve ter sido eliminada do seu sistema a essa altura.

Conner fez uma careta afetuosa e acariciou o pescoço do ganso gigante.

– Obrigado por cuidar de nós, companheiro. Mamãe Ganso vai ficar muito feliz ao saber disso.

Alex procurou algo nos bolsos do vestido e subitamente perdeu o fôlego.

– Oh, não! A minha varinha quebrou, e os pedaços devem ter caído do meu bolso!

– Não se preocupe, criança, a sua varinha logo voltará ao normal – disse Hagetta. Ela apontou para a lareira, e Alex viu que a varinha de cristal fora colocada diretamente sobre a lenha; as chamas a estavam consertando lentamente.

– Você é a bruxa mais legal que já conheci – falou Conner. – Eu pensava que todas as bruxas eram terríveis, mas você provou que eu estava errado.

– Basta uma maçã podre para desgraçar a árvore inteira – disse Hagetta. – Eu venho de uma longa linhagem de bruxas e só ouvi falar de *uma* que comia crianças. Entretanto, graças à história de “João e Maria”, o mundo pensa que *todas nós* vivemos em casas feitas de doces e atraímos crianças inocentes para a morte.

– Isso é interessante – disse Conner. – Eu conheci tantos humanos feios quantas bruxas feias, mas *nós* não somos estereotipados.

– As bruxas, em sua maioria, não nascem feias. A magia negra deixa sua marca em quem lida com ela. Hagatha era a mulher mais linda que eu já vi. Homens vinham de todos os reinos para galanteá-la e cortejá-la. No entanto, depois de uma vida devotada à feitiçaria nociva, os efeitos começaram a aparecer no seu rosto.

Alex endireitou o corpo.

– Espere um segundo, há quanto tempo estamos aqui? – ela perguntou.

– Algumas horas – disse Hagetta.

– Oh, não. Conner, nós precisamos voltar imediatamente ao Palácio das Fadas! Agora que a Grande Armée começou a atacar, temos de bolar um novo plano!

Ao descer do catre, ela cometeu o erro de se apoiar sobre a perna ferida e gritou de dor antes de cair na cama novamente.

– Vocês dois não servirão de nada na condição em que se encontram – Hagetta falou. – Esperem até que as chamadas terminem o seu trabalho. Quando elas se apagarem, vocês estarão curados.

Por mais que ficar sentada num momento como esse a deixasse arrasada, Alex não tinha escolha. O seu plano fora comprometido, e ela se deixou abater como se a guerra já estivesse perdida.

– Foi uma ideia realmente inteligente manter metade dos exércitos escondida, Alex – disse Conner. – Pelo menos, ninguém estava despreparado para essa situação. Assim que chegarmos ao Palácio das Fadas, descobriremos quem foi e quem não foi atacado. Talvez o nosso primeiro plano ainda funcione.

– Eu não estou triste por causa do nosso plano – falou Alex. – Você viu como eles abriram fogo brutalmente contra o Império dos Elfos. O Reino do Canto e a República Bo Peep não teriam nenhuma chance contra forças como aquela...

Hagetta precisou interrompê-la:

– Você acabou de dizer “República Bo Peep”. Que diabo é isso?

– É o novo nome do Reino da Chapeuzinho Vermelho – explicou Conner. – O nome foi mudado porque a Pequena Bo Peep foi eleita rainha.

Hagetta ergueu as duas sobrancelhas e olhou para o nada, completamente assombrada.

– Foi mesmo?

– Você conhece a Pequena Bo Peep? – perguntou Alex.

Pela expressão da curandeira, era óbvio que sim.

– Muito bem, receio.

– De onde você a conhece? – questionou Conner.

– Ela me procurou quando era uma menininha. Aparentemente, um dia ela cochilou na sua fazenda e perdeu de vista os carneiros. Foi um grande constrangimento para ela, que me procurou na floresta e me pagou cinco moedas de ouro por uma poção que a mantivesse acordada.

– Você fez a poção? – perguntou Conner.

– Fiz. E foi um dos maiores erros que já cometi.

– Havia algo de errado com a poção? – indagou Alex.

– Não, mas havia muita coisa errada com a cliente. A poção funcionou tão bem que, ao longo dos anos, a Pequena Bo voltou

muitas vezes em busca de solução para todos os seus problemas. Ela precisou de uma poção para fazer os carneiros produzirem a mais fofa das lãs, precisou de uma poção para fazer as vacas darem o mais doce dos leites, quis sementes para fazer as galinhas botarem os maiores ovos. Aquilo nunca acabava! Ainda mais depois que *aquele homem* entrou em cena.

Os gêmeos se entreolharam, igualmente intrigados.

– Que homem? – perguntou Conner.

– O homem por quem a Pequena Bo se apaixonou loucamente. Era mais velho que ela. Um perfeito vigarista.

– Você está falando do homem aprisionado dentro do espelho mágico dela? – quis saber Alex. A curiosidade tomara conta do seu corpo de tal maneira que ela não resistiu a fazer a pergunta.

Tanto Conner como Hagetta cravaram os olhos na garota. Conner não tinha ideia do que a irmã estava falando, porém Hagetta ficou atônita por ela saber a respeito daquilo.

– Como você soube do espelho mágico?

– Que espelho mágico? – perguntou Conner, esperando que uma delas lhe explicasse.

Alex hesitou enquanto tentava pensar na explicação menos embaraçosa possível para ela mesma.

– Durante a eleição, um amigo e eu achamos que seria divertido espionar a Pequena Bo – disse. – Não queríamos causar problemas, apenas nos divertir um pouco. Entretanto, vimos um espelho mágico dentro do celeiro dela, e havia um homem aprisionado no espelho.

Conner ergueu uma sobrancelha desconfiada.

– Seria o mesmo amigo com quem você *não está saindo*?

Alex não respondeu. Toda a sua atenção estava voltada para Hagetta.

– O espelho mágico que está com a Pequena Bo é um espelho de comunicação, não um espelho de aprisionamento. Eu sei bem; fui eu quem o fabriquei para ela. O homem que você viu não estava aprisionado no espelho; ele foi trancafiado na prisão muitos anos atrás. Eu dei um espelho a cada um, para que pudessem se comunicar.

Alex cobriu a boca. Nunca lhe ocorrera que o espelho no celeiro da Pequena Bo fosse um espelho de comunicação, do tipo que ela e

o irmão também tinham.

– Espere um segundo – disse Conner após ligar os pontos. – Havia um espelho em uma das celas da Prisão Pinóquio! A Pequena Bo é apaixonada pelo *Homem Mascarado* ?

– Ela nunca me contou o nome real dele, mas, sim, esse é o nome que ele escolheu para si – disse Hagetta. – Ele era o filho mais novo de uma família muito poderosa, porém ambicionava ser mais poderoso do que todos. Tentou tudo para ganhar o controle que desejava: mentiu e roubou, fez promessas que não podia cumprir, fechou negócios que não podia honrar. É o tipo de homem mais maquiavélico que existe.

Alex balançou a cabeça como se tudo estivesse começando a fazer sentido.

– A Pequena Bo queria ser rainha porque achava que isso lhe daria autoridade para libertá-lo da prisão.

Hagetta soltou um bufido.

– Ela também não suportou a culpa – disse. – A Pequena Bo é a razão por que ele foi pego: *ela o delatou*.

Conner ficou boquiaberto.

– Ela delatou o homem que amava?

– Ele pode ter lançado um feitiço sobre o coração inocente da Pequena Bo, mas nem mesmo ela poderia negar quanto aquele homem era perigoso. Ela me advertiu sobre ele tantas vezes quantas confessou o seu amor eterno. A Pequena Bo o traiu porque estava protegendo *outro* alguém que amava. A Pequena Bo e o Homem Mascarado tiveram *um filho*.

Os gêmeos sacudiram a cabeça incrédulos.

– A Pequena Bo é mãe? – perguntou Conner.

– Sim. A Pequena Bo temia o que o Homem Mascarado poderia fazer se descobrisse que ela estava carregando um filho dele. Ela temia que ele, de tão obcecado pelo poder, visse um herdeiro como uma ameaça. Então escreveu uma carta anônima para o Palácio das Fadas avisando sobre os planos dele de roubar a Fada Madrinha, e ele foi pego no ato. A Pequena Bo deu à luz um filho quando ele já estava preso, e ele nunca soube sobre o bebê ou a traição.

– O que aconteceu com o bebê? – indagou Alex.

Hagetta suspirou e sacudiu a cabeça.

– A Pequena Bo veio para cá quando entrou em trabalho de parto e teve a criança exatamente nesta sala. Ela me implorou que levasse a criança a algum lugar onde o Homem Mascarado nunca pudesse encontrá-la. A Pequena Bo era tão jovem na época que eu não pude ir contra a ideia de que a criança fosse criada por outra pessoa. Assim, a levei a um lugar que jamais revelarei, para que o seu pai nunca a encontre. A Pequena Bo ficou de coração partido por ter se separado da criança e do Homem Mascarado. Eu tentei consolá-la com a chama curativa, porém nem mesmo as chamas de um dragão albino são capazes de consertar um coração partido.

– Você fez alguma outra coisa para ajudá-la? – quis saber Conner.

– Fiz. Foi a única vez em que realizei um ato de magia negra. Segui um feitiço que tinha visto a minha irmã realizar para uma donzela que sofria de amor. Cortei um pedacinho do coração da Pequena Bo, a parte que estava cheia de dor e saudade dos homens de sua vida, e o transformei em pedra. A donzela em quem a minha irmã usou o feitiço transformou-se em um monstro sem alma, e eu queria coisa melhor para a Pequena Bo. Assim, dei-lhe uma correntinha com o pedacinho do seu coração e lhe disse para usá-la quando estivesse preparada para encarar a perda que vem com o amor. Pelo bem dela, espero que aquele homem fique na prisão pelo resto da vida.

Era uma história trágica que deixou Alex ainda mais temerosa do capítulo da história em que eles se encontravam agora.

– Hagetta, o Homem Mascarado foi recrutado pela Grande Armée – falou. – Ele prometeu ao general que o levaria a um ovo de dragão. Nos disseram que isso era impossível, mas, se ele é tão poderoso assim, você acha que realmente sabe onde obter um?

Hagetta ficou muito quieta, o rosto imóvel. Imagens horrendas atravessaram seus pensamentos, as quais ela não compartilhou com os gêmeos.

– Espero que não. As fadas foram bem-sucedidas em livrar o mundo dos dragões, porém sempre houve rumores de que um ou dois ovos ficaram para trás. Ninguém mais saberia como matar um dragão se um aparecesse. Todas aquelas fadas ou estão mortas ou são velhas demais para matar um dragão. Se o Homem Mascarado

pusesse as mãos em um ovo de dragão, não importaria que plano vocês criassem, o mundo estaria acabado.



CAPÍTULO 26

Alimentando a criatura

Os aldeãos cavaram tão fundo que criaram um cânion ao lado do acampamento da Grande Armée. Um aldeão de nome Lavrador Robins teve o infortúnio de ser o primeiro a atingir o magma. Assim que a sua pá rompeu o solo, a lava jorrou e queimou suas mãos. O homem gritou e caiu no chão em agonia.

Embora Rook tivesse sido avisado para abandonar o sul do Reino do Leste, quando finalmente conseguira convencer o pai a seguir o conselho de Alex, a Grande Armée já havia ocupado a fazenda dos Robins e as aldeias próximas. Rook e o pai foram capturados e levados ao acampamento, para cavarem junto com os outros aldeãos aprisionados.

– Pai! – gritou Rook, correndo até ele.

A lava encheu rapidamente o cânion, e os aldeãos o escalaram freneticamente para fugir do perigo. Rook e outro homem carregaram o Lavrador Robins para fora do cânion um segundo antes de a base se encher de lava. O magma era tão quente que as pás abandonadas pegaram fogo antes de serem atingidas por ele.

Da sua tenda, o General Marquis espiou a comoção, e um pequeno sorriso apareceu no seu rosto. Havia chegado a hora de chocar o ovo de dragão.

Os aldeãos foram reunidos pelos guardas ao lado do cânion. Todos os prisioneiros ofegavam e suavam profusamente por conta da escalada. Rook segurava a cabeça do pai no colo; o Lavrador Robins gemia de dor em razão das queimaduras. Precisava de ajuda. Rook olhou em volta do campo, porém logo notou que não havia ninguém que pudesse ajudar o seu pai. Tinha de pensar em um jeito de escapar do acampamento o quanto antes.

Alguns momentos depois, o General Marquis e o Coronel Baton, parados à beira do cânion, observavam a lava cor de laranja, bem no fundo. O Homem Mascarado fora mandado ao interior do cânion para colocar o ovo de dragão na lava, e os comandantes aguardavam impacientes pela sua volta. Finalmente, a face coberta surgiu conforme o Homem Mascarado escalava a parede do cânion.

– Rapaz, nós conseguimos um cheio de vida! – gritou ele alegremente para os comandantes. Partes das suas roupas esfarrapadas tinham sido queimadas, e a borda da sua máscara fumegava. Aparentemente, o processo de chocagem fora impecável.

– O ovo já chocou? – perguntou o general.

– Sim, já chocou! Parabéns, general, é um menino! E é um rapazinho agressivo! Ele quase me transformou em cinzas com uma baforada.

O Homem Mascarado atingiu a beira do vale e estendeu a mão ao general e ao coronel, que não lhe ofereceram nenhuma assistência. Ele então se içou ao topo, pôs-se em pé e sacudiu a poeira e as cinzas das roupas.

– E agora, o que faremos? – indagou o general.

– Nós o alimentaremos – disse o Homem Mascarado. – Neste momento, ele está tirando um cochilo na lava, mas logo estará com muita fome. O segredo é manter a maior quantidade de comida possível lá embaixo. Assim que ele ficar sem comida, subirá para caçar, e nós não queremos que ele faça isso até estar crescido. Os dragões são mais agressivos quando deixam o ninho pela primeira vez, e queremos que ele guarde essa energia para quando formos atacar as fadas.

O general resmungou ao saber que teria de esperar ainda mais. O Homem Mascarado colocava a sua paciência à prova mais do que qualquer batalha jamais fizera.

– O que ele come? – perguntou o general.

– Carne – respondeu o Homem Mascarado, como se fosse óbvio.

O general encarou o Homem Mascarado de um jeito peculiar: esta poderia ser uma oportunidade de se livrar dele.

– Não olhe pra mim! Eu não passo de pele e ossos. Ele vai precisar de proteínas para ficar forte. Além disso, depois que sair do ninho, você ainda precisará de mim para mostrar como dominá-lo.

– Tenente Rembert? – chamou o General Marquis.

Rembert, que se achava entre os soldados que vigiavam os aldeãos, deu um passo à frente.

– Sim, senhor?

– Arrebanhe todo o gado que tomamos dos aldeãos e traga-o para a beira do cânion. Depois, empurre os animais lá para baixo, conforme as instruções do Homem Mascarado.

– Sim, senhor. E o que deseja que façamos com os aldeãos?

O General Marquis deu uma olhada ameaçadora nos cativos.

– Mantenha-os vivos por enquanto. Podemos precisar de mais comida depois.

Embora os aldeãos não pudessem ouvir o general, seus planos eram óbvios. Os cativos sussurraram freneticamente entre si, os familiares se agarraram com mais força. Rook correu os olhos pelo acampamento e tentou pensar em alguma coisa – *qualquer coisa* – para salvar o pai e os demais aldeãos daquele pesadelo.

Uma vibração repetitiva e turbulenta percorreu o solo conforme um cavalo a galope se aproximava do acampamento. Os soldados e os aldeãos olharam na direção da floresta e avistaram o Capitão De Lange, que tornava da batalha. Estava muito exaltado e cobria um braço ferido. Saltou do cavalo e correu até o General Marquis aos gritos:

– General Marquis! General Marquis!

O general ficou tudo, menos satisfeito ao vê-lo.

– Por que você não está liderando o batalhão no Reino Encantado, Capitão De Lange? Já conduziu os seus homens à vitória?

De Lange caiu de joelhos e o olhou suplicante.

– Senhor, o meu batalhão fez tudo o que podia, mas estávamos em inferioridade numérica!

– O QUÊ?! – berrou o general.

– *Em inferioridade numérica?! –* Baton também berrou. – Isso é impossível! Nós mandamos trolls e soldados em número mais do que suficiente ao Reino Encantado!

Aos pés do general, o Capitão De Lange começou a soluçar. Sabia o que o fracasso lhe custaria.

– Nós contamos o exército corretamente, senhor! Mas não esperávamos que centenas e mais centenas de cidadãos lutariam com eles! Os trolls se renderam ou fugiram para a Floresta dos Anões assim que os viram. *Nós fomos derrotados!*

O general deu um passo mais para perto de De Lange e o encarou. A lava do cânion não era nada comparada com o fogo nos olhos de Marquis.

– Você está me dizendo que a nossa *Armée* foi derrotada por *camponeses e camponesas* do Reino Encantado? – perguntou o General Marquis. Suas narinas estavam muito dilatadas, e a sua cabeça estava tão vermelha que ele parecia estar prestes a entrar em autocombustão.

O Capitão De Lange sacudiu a cabeça; tinha notícias muito piores para lhe dar:

– Não só do Reino Encantado, senhor! Os civis *de todos os reinos* se juntaram aos exércitos. Todos os nossos cálculos e previsões estavam corretos, mas nunca poderíamos ter previsto que *isso* aconteceria! Por favor, acredite em mim quando digo que fizemos tudo o que estava ao nosso alcance!

O general voltou o olhar ardente para o Coronel Baton, que estava chocado com as notícias.

– General, eu supervisionei os planos pessoalmente – disse Baton.
– Estávamos certos de que eles nos levariam à vitória.

O general desviou o olhar e prontamente se afastou dos homens que o haviam desapontado. Nunca sentira tamanha desilusão em toda a sua carreira militar.

– Tenente Rembert, a sua pistola! – ordenou o General Marquis.

O tenente seguiu as ordens e entregou a pistola ao general. Num piscar de olhos, o General Marquis se virou para o Coronel Baton e o Capitão De Lange e atirou nos pés de ambos, que caíram para trás e escorregaram pela parede do cânion. Os dois gemeram quando

tentaram ficar em pé. Um rugido grave vibrou cânion acima, e os gemidos dos comandantes aumentaram. A seguir, uma série de guinchos estridentes ecoou desde lá de baixo – e não eram humanos. O som era como o de mil pregos arranhando metal.

– O dragão acordou! – disse o Homem Mascarado, sendo ouvido pelo acampamento inteiro.

Entre os guinchos ensurdecedores, todos escutaram os gritos do coronel e do capitão enquanto eram devorados vivos. O olhar colérico do general nunca abandonou o seu rosto.

Marquis devolveu a pistola a Rembert.

– Parabéns, Rembert, você é coronel agora. Alimente o dragão com aqueles animais depois que ele terminar o seu aperitivo.

– Sim, senhor – disse Rembert, correndo para buscar o gado roubado.

O General Marquis começou a andar de um lado para o outro na beira do cânion. Estava vivenciando o maior fracasso da sua vida – e ele não reagia muito bem a derrotas. Perdera mais da metade do seu exército, e para *camponeses*, ainda por cima. Silenciosamente, planejou como iria ressurgir dessa catástrofe.

O Homem Mascarado se aproximou dele, porém manteve alguma distância.

– Você começou esta guerra e ainda pode vencê-la – disse. – Vou lhe dizer mais uma vez, agora que você tem o dragão...

– Se me disser mais uma vez que tudo o que preciso para ganhar esta guerra é um dragão, você será a próxima refeição da fera! Qualquer caçador sabe que não se mata um javali com uma única flecha; é preciso de uma para a cabeça e de outra para o coração. O dragão pode ser a flecha que eu dispararei na cabeça deste mundo, porém, dominando as capitais e os governantes dos reinos, eu acertarei o seu coração. Este exército será impossível de ser detido.

Rook escutava atentamente toda a conversa. Ele então se deu conta de que possuía a informação que o general queria.

– General! – chamou, com a mão levantada. – Se são os reis e rainhas que o senhor quer, eu sei como chegar até eles.

Ele não podia acreditar no que estava fazendo – era como se o seu instinto de sobrevivência tivesse sobrepujado todos os outros instintos.

O general fechou a cara para o menino e riu da tentativa patética de chamar a sua atenção.

– Silêncio, antes que você seja o próximo a virar comida de dragão!

– Eu estou falando sério – disse Rook. Os outros aldeãos imploraram-lhe que se sentasse e ficasse quieto, mas ele resistiu. – Os reis e rainhas foram enviados para longe antes que os seus homens chegassem às capitais. Eu vi com os meus próprios olhos e sei onde eles estão.

O General Marquis já estava zangado o bastante com as coisas como elas estavam, e não ajudava em nada aquele menino da aldeia alegando ter respostas que *ele* não tinha.

– Então me diga onde eles estão – falou o general, se aproximando do rapaz.

Rook sacudiu a cabeça.

– Eu não vou dizer, a não ser que o senhor liberte todos os aldeãos.

O general ficou tão contrariado diante de uma nova barganha que pareceu ter lava em erupção dentro de si.

– E se eu matar cada um dos aldeãos na sua frente até que você me conte onde eles estão?

– Com licença, general? – o Homem Mascarado se intrometeu. – Com o devido respeito, o que o menino está pedindo não é muita coisa. Os aldeãos são inúteis. Você não estará perdendo nada se conceder o que o garoto deseja em troca do que ele sabe, seja lá o que for.

O General Marquis exibiu ao Homem Mascarado a sua carranca mais feia até então.

– *Você não tem o direito de me dar conselhos!* – disse, e esbofeteou-o na cara.

O Homem Mascarado caiu no chão e cuspiu uma boca cheia de sangue.

– Só estou tentando ajudar, general. Se você perder esta guerra, eu também perderei! Serei mandado de volta para a prisão! Eu quero vê-lo conquistar este mundo tanto quanto você!

O general recobrou o fôlego lentamente e caminhou até Rook.

– Está bem, conte-me, e eu libertarei estas pessoas – falou calmamente.

– Não. Deixe-os ir primeiro, e então eu contarei onde estão os monarcas.

O general encarou o menino e esperou que o seu olho esquerdo começasse a se contrair, mas isso não aconteceu.

– Certo. Mas, se você não me entregar os governantes, eu irei matá-lo pessoalmente.

Marquis fez um gesto aos soldados para que deixassem os aldeãos partir; Rook observou enquanto, um a um, eles eram libertados e corriam para a floresta. Muitos hesitaram em deixar Rook sozinho com os soldados, mas ele assegurou-lhes que ficaria bem. O Lavrador Robins foi erguido por dois aldeãos e escoltado para fora do acampamento.

– Não faça isso, Rook! Não banque o herói! – gritou ele. Ainda tentou resistir aos homens que o carregavam, porém suas feridas eram dolorosas demais para que oferecesse qualquer resistência.

Rook esperou até que o pai se encontrasse fora de vista e em segurança antes de dar ao general a informação que este precisava:

– Eu não sei onde eles estão, mas sei onde encontrá-los.

– Então mostre-nos o caminho.

Rook fechou os olhos e deixou escapar um suspiro. Somente depois que o acordo fora efetuado, ele se deu conta do que havia feito – salvando uns poucos, pusera muitos em risco.

– Perdoe-me, Alex – falou o rapaz consigo mesmo.



Se o mundo estivesse em melhor estado, viajar pelo caminho secreto teria sido bastante agradável. Os reis e as rainhas a bordo das carruagens foram apresentados a áreas dos próprios reinos que nunca tinham visto. Eles discutiram sobre como tornar mais fácil a vida para os reinos por meio da revisão dos acordos comerciais e como os exércitos poderiam trabalhar juntos para lidar com os criminosos que viajavam entre as fronteiras.

Os planos eram agri-doces, porém, já que a Armée ainda se encontrava na Terra de Histórias, e mesmo depois que ela se fosse seria preciso um tempo para que a vida voltasse ao normal e eles retornassem aos reinos.

A cada poucas horas, o grupo parava para esticar as pernas, e Cachinhos Dourados mostrava aos viajantes um novo truque ou dois de autodefesa. Ela estava impressionada com o progresso que eles fizeram em tão pouco tempo.

A viagem pelo caminho secreto se tornara uma experiência única para criar laços entre aqueles homens e mulheres. Cachinhos Dourados parecia ser quem mais desfrutava disso; ela ficava radiante depois de cada lição, e o sorriso nunca deixava o seu rosto.

– Olhe, eu preciso dizer que você nunca esteve tão bonita – disse João à esposa. – Nunca a vi tão feliz antes.

– Você me conhece, eu adoro uma boa aventura. Especialmente quando estou acompanhada do meu elegante marido.

João riu e semicerrou os olhos.

– Eu conheço você bem demais para acreditar nisso por um minuto que seja. Tem alguma coisa que você não está me contando, não é?

– Bem... Nunca vou admitir isso na frente de Chapeuzinho, mas estar perto das outras rainhas, mulheres tão fortes, inteligentes e confiantes, tem sido ótimo.

O queixo de João caiu dramaticamente.

– Você está me dizendo que a minha esposa está curtindo participar do *clube das luluzinhas*? – Havia um traço de divertimento nos seus olhos arregalados.

– Eu acho que estou – disse Cachinhos, tão feliz por confessar isso quanto ele por ouvir.

– Eu ainda acho que tem mais coisa por trás do seu sorriso. Você só faz aquela cara quando tem alguma surpresa para mim. Vamos, Cachinhos, você sabe que eu não gosto de surpresas. Me conte logo se você tem um segredo.

O sorriso de Cachinhos Dourados ficou ainda maior.

– Talvez eu tenha. Mas, como todos os bons segredos, ele merece ser deixado guardado até o momento certo.

João riu e sacudiu a cabeça.

– Você e os seus segredos. Poderíamos ficar casados por cem anos, e eu ainda aprenderia coisas novas sobre você todos os dias.

– Espero que isso não seja um problema. – Cachinhos Dourados deu uma piscadela para ele. – Eu sou uma mulher de *muitos* segredos, e você só está vendo a superfície.

Um sorriso afetuoso surgiu no rosto de João.

– Na verdade, tudo o que aprendo sobre você só me faz amá-la ainda mais.

Cachinhos Dourados inclinou-se para beijá-lo, porém os cavalos que puxavam a carruagem subitamente dispararam em um galope muito mais rápido do que o normal. Os dois olharam para a frente e notaram que o caminho secreto, que em geral se curvava interminavelmente à frente, se tornara bem reto.

– O que está acontecendo? – indagou Cachinhos Dourados.

– Estamos seguindo para sudeste – disse João, relanceando o sol.

– Talvez Alex e os outros nos queiram de volta. Talvez a guerra tenha terminado.

As carruagens correram a toda através dos campos e das florestas a sudeste. Os cavalos desaceleraram quando avistaram um rapaz no caminho. Tinha por volta de quinze ou dezesseis anos, era alto, com o cabelo castanho e liso.

Chapeuzinho enfiou a cabeça para fora da janela da sua carruagem para ver o que estava acontecendo.

– Eu estou certa de que nunca vi aquele menino, mas poderia jurar que sei quem é – disse.

As carruagens pararam bem na frente dele. O jovem os fitou com lágrimas nos olhos.

– Quem é você? – perguntou João.

– *Eu sinto muito...*

– Sente muito por... – Cachinhos Dourados não teve chance de terminar a frase.

Cem soldados surgiram de trás das árvores e cercaram as carruagens. João e Cachinhos Dourados rapidamente sacaram as armas, mas os inimigos eram numerosos demais. Nas carruagens, os reis e as rainhas gritaram quando rifles e espadas lhes foram apontados. Não havia nada que os viajantes pudessem fazer – era uma emboscada.

O General Marquis foi o último a surgir das árvores. Ele se plantou atrás de Rook e deu-lhe uma palmadinha no ombro.

– Muito bom, meu rapaz. Muito bom mesmo!



CAPÍTULO 27

O sinal no céu

As chamas que envolviam as feridas de Alex e de Conner começaram a enfraquecer quando o sol se pôs e a noite caiu sobre o pequenino chalé. Logo ardiam tão debilmente que somente uma luminescência fraca cobria as partes do corpo dos gêmeos em processo de cura.

– As chamas quase se foram – disse Alex. Ela levantou do catre e finalmente pôde jogar o seu peso sobre a perna sem sentir nenhuma dor.

– Minhas costelas também parecem boas – observou Conner. Ele dobrou o corpo e tocou os pés sem nenhuma dificuldade. – Eu nunca me senti melhor! Parece que o fogo funcionou!

– Nós realmente precisamos ir – disse Alex para Hagetta.

Dessa vez, Hagetta não tentou dissuadi-la. Pegou a varinha de cristal na lareira e a entregou a Alex.

– Aqui está, minha querida.

Alex examinou a varinha e não encontrou nem um arranhão – estava como nova.

– Nunca nos esqueceremos da sua bondade. Se algum dia houver algo que possamos fazer, por favor, não hesite...

Hagetta ergueu uma mão.

– A melhor coisa que vocês podem fazer é me prometer que tomarão conta de si mesmos – disse calorosamente. – Eu não entendo por que fardos tão pesados foram colocados sobre os seus jovens ombros, mas, enquanto permanecerem de cabeça erguida, menos peso vocês sentirão. Não deixem que nada abata o seu espírito, crianças. A coragem é algo que ninguém pode tirar de vocês.

Os gêmeos e a curandeira trocaram um sorriso afetuoso. Certa vez, Cachinhos Dourados lhes dissera a mesma coisa; agora eles sabiam com quem ela aprendera aquilo.

– Parece que nós sempre caímos em pé – disse Conner. – Exceto dessa vez, em que despencamos do céu e quase morremos, né? Mas, graças a você, até disso nos recuperamos!

Alex inclinou-se para debaixo da mesa.

– Pronto para partir, Lester?

– *Squaaa!* – grasnou Lester, batendo as asas alegremente e se levantando, quase derrubando a mesa no processo.

– Ótimo, então vamos...

De repente, os quatro ouviram uma batida muito forte na porta e imediatamente se voltaram para ela.

– Está esperando alguém? – perguntou Conner.

– Não – disse Hagetta, tão alarmada quanto os gêmeos. – Depressa, escondam-se atrás do caldeirão para que ninguém os veja.

Os gêmeos se agacharam atrás do caldeirão. Lester mergulhou sob a mesa outra vez, e Hagetta estendeu uma grande toalha sobre ela para escondê-lo. Alex apontou a varinha para a porta, preparando-se para o pior.

Hagetta abriu uma fresta e espiou por ela.

– Posso ajudá-lo? – perguntou ao visitante.

– Olá, desculpe incomodá-la, mas estou procurando uma menina e um menino. O ganso no qual estavam voando foi abatido, e eles foram vistos caindo nesta região – disse uma voz familiar aos gêmeos. – Você os viu?

Cautelosamente, Hagetta abriu a porta um pouquinho mais para que os gêmeos conseguissem ver quem estava do outro lado.

– Xanthous! – exclamou Conner, surgindo de detrás do caldeirão.

– Está tudo bem, Hagetta, ele é nosso amigo – disse Alex.

Hagetta convidou-o para entrar, e ele saudou os gêmeos com abraços apertados. Nunca estivera tão feliz por vê-los.

– Alex! Conner! Graças aos céus, vocês estão bem! Procurei vocês por toda parte!

Sua atitude alegre confundiu os gêmeos – não estavam no meio de uma guerra? Xanthous não sabia que o Império dos Elfos e outros territórios haviam sido atacados?

– Xanthous, por que você não está no Reino Encantado? – perguntou Alex. – A Grande Armée começou os ataques! Nós os vimos atacar o Império dos Elfos!

– Nós estávamos voltando justamente para avisar você e as outras fadas – disse Conner.

– Nós já sabemos! *Todos* os reinos foram atacados, exceto o Reino das Fadas – Xanthous informou.

Alex cobriu a boca, e lágrimas instantaneamente marejaram seus olhos.

– Oh, não! Nós nunca imaginamos que eles fossem atacar todos os reinos ao mesmo tempo! Não fizemos planos para isso! Eu disse a todos para dividirem os seus exércitos ao meio! Deixei todos em desvantagem!

Xanthous pôs as mãos nos ombros dela e a olhou nos olhos.

– Alex, você não precisa se preocupar. Mesmo com metade dos exércitos escondida, nós ainda os superamos em número!

O coração dos gêmeos disparou, mas, pela primeira vez em um bom tempo, de um jeito bom. Xanthous estava mesmo trazendo-lhes boas notícias ou eles estavam imaginando aquilo?

– Você acabou de dizer que superamos a Armée em número? – perguntou Conner. – Mas como isso é possível? Eles tinham o dobro das nossas forças!

Um sorriso orgulhoso surgiu no rosto de Xanthous.

– Parece que os dois lados se enganaram na contagem. Eles contaram os exércitos dos reinos *depois* que estes foram divididos e só mandaram soldados suficientes para enfrentar esses contingentes. E nós não incorporamos o *exército esquecido* às nossas estimativas.

– Que exército esquecido? – perguntou Alex, se esforçando para lembrar de um reino ou território que eles não haviam contado.

– Os cidadãos! – exclamou Xanthous. – Eu nunca tinha visto nada parecido! Assim que a Grande Armée e seus recrutas entraram no Reino Encantado, todos os cidadãos comuns deixaram suas casas para aliarem-se ao exército na batalha! E isso não aconteceu somente no Reino Encantado; Skylene, Rosette, Tangerina e Coral disseram que o mesmo ocorreu nos demais reinos!

– Isso é fantástico! – disse Conner, erguendo um punho fechado num gesto entusiasmado.

Isso soava bom demais para ser verdade; Alex quis entender melhor os fatos antes de deixar a esperança crescer.

– Espere um segundo. Você está me dizendo que a maior parte da Grande Armée foi eliminada e que nós ainda temos a *metade* dos exércitos da Assembleia dos Felizes para Sempre que está escondida?

– Sim! – Xanthous assentiu.

– Então isso significa que *nós* temos o maior contingente agora! E com uma grande margem! – concluiu Conner alegremente.

– Nós temos! – Xanthous ergueu os gêmeos e os rodopiou. – Ainda podemos vencer esta guerra!

Os gêmeos ficaram tão felizes que começaram a gritar e pular pelo chalé. No entanto, a celebração foi bruscamente interrompida quando Alex se lembrou de que poderia haver mais do que apenas soldados em jogo.

– Xanthous, a guerra ainda não acabou – disse ela. – Existe uma possibilidade de que a Grande Armée tenha obtido um ovo de dragão! Nós precisamos reunir até o último soldado que conseguirmos e levar o exército ao Reino das Fadas antes que a Armée faça o mesmo! Eu aposto que eles estão planejando atacá-lo por último!

– Mas isso é impossível! – rebateu Xanthous. – Os dragões foram extintos há centenas e centenas de anos.

– Eu receio que seja possível, sim – pronunciou-se Hagetta. – Eu mesma nunca vi um, mas há muito tempo escuto rumores na comunidade das bruxas de que um ou dois ovos foram preservados.

Xanthous suspirou, e as chamas em sua cabeça e ombros diminuíram enquanto ele pensava.

– Então não desperdicemos nem mais um minuto – disse. – Alex, é hora do sinal. Vamos voltar para o Reino das Fadas; os exércitos dos reinos precisarão de um dia ou dois para nos encontrar lá.

– Não, isso não é bom o bastante – disse Conner. – Precisamos encontrar um meio de levar todos esses homens para o Palácio das Fadas *agora*. Assim que o general souber que as suas unidades foram derrotadas, vai querer atacar de novo.

– Mas você não pode mandar milhares e milhares de homens ao mesmo lugar, ao mesmo tempo – disse Xanthous. – Não existe um navio voador nem um caminho secreto suficientemente largo.

Alex permaneceu muito quieta e pensou consigo mesma.

– Teremos de usar um feitiço – disse enfim. – Possivelmente, o maior ato de magia jamais feito na história do mundo dos contos de fadas. Precisa alertar todos os soldados e transportá-los ao Reino das Fadas.

– Mas quem ou o que é *tão* poderoso? – indagou Conner. – Eu acho que nem a vovó ou a Feiticeira seriam capazes de realizar algo assim.

Xanthous e Alex se entreolharam, porém nenhum deles tinha uma resposta ou uma ideia. Alex lembrou as lições de magia com a avó – se conseguisse visualizar aquilo suficientemente bem, sabia que poderia realizar. Mas o que era “aquilo”?

Hagetta pigarreou e disse:

– Se eu fosse vocês, usaria o céu noturno como aliado. Durante momentos difíceis, as pessoas sempre olharam para as estrelas em busca de orientação.

Era exatamente o que Alex precisava ouvir. Seus olhos se arregalaram e em seguida se voltaram para o teto do chalé quando a ideia lhe veio. Ela a imaginou perfeitamente, como se houvesse sido projetada ali.

– Eu sei como o encantamento tem que ser! Vou precisar de ajuda, mas acho que é maluco o bastante para funcionar!

– Você nunca nos decepcionou antes – disse Xanthous.

As palavras dele foram encorajadoras, e, neste momento, Alex precisava de encorajamento mais do que nunca.

– Xanthous, quero que você junte todas as fadas e nos encontre no Reino das Fadas – falou Alex. – Conner e Lester, vocês vêm

comigo.

Xanthous se curvou para Conner e Alex.

– Vejo vocês lá! – Ele explodiu em fagulhas brilhantes e trêmulas e desapareceu no ar.

– Aonde vamos? – perguntou Conner, mas Alex não lhe respondeu; apenas correu para fora do chalé. Conner e Lester rapidamente a seguiram até o denso gramado na entrada, e Hagetta observou da porta.

Alex subiu nas costas de Lester e pegou as rédeas. Ela fez um gesto para Conner fazer o mesmo, e dessa vez ele se sentou atrás da irmã.

– Lester, quero que você voe o mais alto que conseguir – ela instruiu, e a ave balançou avidamente a cabeça.

– E aí, o que você vai fazer? – perguntou Conner. – Não querendo pressionar nem nada, mas este pode ser o encantamento mais importante que você já lançou na vida!

Alex olhou por cima do ombro com um brilho nos olhos.

– Não é o que *eu* vou fazer: é o que *nós* vamos fazer.

– Hã? O que você espera que eu faça?

– Você vai ver. – Alex abriu um sorrisinho maroto. – Muito bem, Lester, vamos!

Lester estendeu as enormes asas e se lançou para a frente. Os gêmeos acenaram para Hagetta enquanto o ganso levantava voo.

– Obrigado por tudo, Hagetta! – Conner gritou.

– Boa sorte, crianças! – Hagetta acenou para eles em despedida.

Eles subiram tão alto na noite que o chalé de Hagetta desapareceu de vista. Tudo o que viam era um mar de árvores que se esparramava por quilômetros. Lester bateu as asas incansavelmente até o ar ficar tão rarefeito que não era possível subir mais.

– Assim está bom, garoto – disse Alex, erguendo a varinha sobre a cabeça. – Conner, segure a varinha comigo. Você vai me ajudar a fazer isso.

– *Eu? Mas eu não sei nada de mágica!*

– Sim, você sabe. Você é tão capaz quanto eu, só precisa acreditar! Não importa quanto você negue, existe tanta mágica no seu sangue quanto no meu. Vovó me ensinou que o segredo da

mágica é ter confiança. Com a sua ajuda, eu sei que podemos fazer este encantamento funcionar.

Conner hesitou.

– Ok, mas, se isso não funcionar, a culpa não é minha.

– Eu sei que vai funcionar! Apenas acredite que você pode fazer isso! E segure-se, nós estamos prestes a voar *muito depressa*!

Relutantemente, Conner agarrou o cabo da varinha, e os gêmeos a ergueram juntos.

O mundo pareceu passar em câmera lenta quando eles seguraram a varinha sobre a cabeça. Os dois sentiram a mágica fluir através do seu corpo e então para a varinha. E não apenas sentiram a mágica surgir de dentro deles, como a sentiram viajar pelo ar que os rodeava. Era como se estivessem invocando toda a mágica do mundo para ajudá-los a lançar aquele encantamento.

Os gêmeos apontaram a varinha para a frente, e uma gigantesca explosão de luz branca irrompeu da ponta e os envolveu. Como uma bala de canhão, Alex, Conner e Lester dispararam na direção do Reino das Fadas. Alex e Conner os haviam transformado em uma estrela cadente que se arremessou através do céu mais depressa do que qualquer coisa em qualquer dimensão ou época.

A estrela era tão brilhante que tudo e todos nos reinos olharam para cima em total perplexidade. Ao vê-la, cada soldado dos exércitos da Assembleia dos Felizes para Sempre, a postos ou escondido, também se transformou em esfera de luz e disparou pelo céu imediatamente para juntar-se aos gêmeos. Quanto mais reinos Alex e Conner atravessavam, mais soldados se agregavam e maior se tornava a estrela. Era como se milhares e milhares de estrelas cadentes tivessem sido lançadas do solo e se unido para formar um gigantesco cometa.

Com um agitar da varinha, Alex e Conner realizaram o maior ato de magia jamais conseguido. Eles reuniram todos os exércitos do mundo para acabar com a Armée que ameaçava o seu lar. Juntos, voaram pelo céu noturno rumo ao Palácio das Fadas. Havia luz suficiente para reacender o sol.



CAPÍTULO 28

A batalha pelo Reino das Fadas

Emerelda e Mamãe Ganso andavam de um lado para o outro no grande balcão do Palácio das Fadas. Uma a uma, as outras fadas do Conselho das Fadas foram aparecendo ao lado das duas. Xanthous foi a última fada a chegar, depois de recolher as demais, e imediatamente correu para a balaustrada e esquadrinhou os jardins.

– Alex e Conner já chegaram com os outros exércitos? – perguntou.

– O que você quer dizer com “os outros exércitos”? – indagou Emerelda.

– Xanny, acalme-se por um segundo e conte-nos o que está acontecendo – disse Mamãe Ganso.

Xanthous voltou-se para as fadas, e as suas chamas tremeluziram à medida que a sua ansiedade aumentava.

– Alex e Conner vão recolher os exércitos dos outros reinos e trazê-los para cá antes que a Grande Armée chegue.

– Mas serão necessários dias para que todos os soldados viajem até aqui – disse Violetta.

– Alex ia lançar um encantamento para que todos chegassem ao mesmo tempo.

– Que tipo de encantamento seria capaz de fazer isso? – perguntou Skylene.

– Isso exigiria mais magia do que haveria em todos os nossos poderes somados – acrescentou Tangerina.

Xanthous se frustrou com a falta de fé das fadas, e suas chamas se intensificaram.

– Senhoras, nós confiamos nela desde o começo: não podemos começar a duvidar agora.

Mamãe Ganso foi até a balaustrada e fixou o olhar nas árvores além dos jardins, onde algo se movia.

– Bem, eu certamente espero que, seja qual for esse encantamento, ele funcione, porque a Grande Armée já está aqui!

As fadas juntaram-se a ela na balaustrada e olharam para o horizonte. Dois mil soldados remanescentes da Grande Armée surgiram dentre as árvores. Vinham de todas as direções e cercaram completamente os jardins do Palácio das Fadas. Os soldados posicionaram-se em fileiras e ergueram os rifles. Empurraram canhões e os direcionaram ao palácio.

No limite dos jardins, cerca de uma dúzia de soldados plantaram sete estacas altas no solo e empilharam montes de feno e ramos secos em volta da base das estacas.

– Que diabos eles estão fazendo? – perguntou Rosette.

Três carruagens apareceram, as quais foram logo direcionadas para as estacas. Somente a primeira carruagem era conduzida por cavalos, enquanto as outras duas a seguiam magicamente. As fadas no balcão gritaram e cobriram a boca assim que perceberam que eram as mesmas carruagens que tinham sido enviadas para o caminho secreto. Elas viram os monarcas dentro dos carros.

Os reis e as rainhas foram então arrancados das carruagens e levados até as estacas. A Princesa Esperança e a Princesa Cinérea foram tiradas à força dos braços de suas mães e jogadas em uma carruagem, junto com Emmerich e Bree.

A Rainha Cinderela e o Rei Chance foram amarrados à primeira estaca; a Rainha Bela Adormecida e o Rei Chase, à segunda; a Rainha Branca de Neve e o Rei Chandler, à terceira; a Rainha Rapunzel e Sir Williams, à quarta; e a Rainha Pequena Bo, à quinta.

Até João e Cachinhos Dourados foram amarrados, à sexta estaca. Froggy e Chapeuzinho foram amarrados à última.

– Se vocês me escutassem por um segundo, eu poderia explicar que não sou mais a rainha – Chapeuzinho tentou dizer a um dos soldados da Armée. – *Ela* é a rainha agora. Ela ganhou a eleição, e, portanto, ser executada publicamente é uma das responsabilidades *dela*, não minha!

Chapeuzinho jogou a cabeça na direção da Pequena Bo, mas o soldado não estava ouvindo uma palavra do que ela dizia.

Um punhado de soldados da Armée começou a rufar tambores, enquanto outros acendiam tochas e se plantavam ao lado dos monarcas. O Conselho das Fadas estava prestes a testemunhar uma horrível execução. O General Marquis ficou em pé no topo da carruagem do centro e fez um anúncio a todas as fadas presentes nos jardins e no palácio:

– Fadas! Esta é a sua única oportunidade de se render à Grande Armée! Aproveitem-na, e eu pouparei os líderes do seu mundo. Recusem-se a se render e assistirão enquanto eles sofrem mortes horríveis!

– *Escolham a primeira opção!* – gritou Chapeuzinho para o Conselho das Fadas.

As fadas que viviam nos jardins espiaram do meio das plantas e árvores. Elas ficaram horrorizadas com o que viram, mas havia soldados demais para que pudessem fazer alguma coisa.

– Eu vou contar até três! – bradou o general. – *Um...*

As fadas nos jardins olharam para os membros do Conselho das Fadas, no balcão, em súplica silenciosa.

– *Dois...*

Os membros do conselho sussurraram entre si, porém nenhum tinha uma solução.

– *Três!* – bradou o general, com uma carranca insatisfeita. Ele esperava que as fadas se rendessem, mas, para a sua surpresa, elas permaneceram no balcão e não fizeram nada. – O seu tempo acabou! *Les graver sur!*

Os soldados lançaram as tochas nas pilhas de feno e de galhos secos que rodeavam as estacas, dando início às execuções. As rainhas soltaram gritos estridentes, e os reis bradaram por socorro.

As chamas subiam cada vez mais alto. Eles estavam a segundos de ser queimados, a não ser que as fadas os ajudassem.

– Mamãe Ganso, fique aqui e guarde o palácio – disse Emerelda.

– O resto de vocês, siga-me. Não vamos nos render, mas temos de parar isso antes que alguém seja morto.

– *Por favor, depressa, Alex* – Xanthous sussurrou para si mesmo.

Diversas luzes brilhantes surgiram no limite dos jardins, e Emerelda, Xanthous, Tangerina, Skylene, Rosette, Violetta e Coral apareceram diante dos soldados. Todos os canhões e rifles apontavam em sua direção, apenas aguardando ordens para disparar. Emerelda abaixou as mãos, e as chamas na base das estacas se extinguiram.

– Parem de apagar as chamas, a não ser que queiram que os meus homens abram fogo! – berrou o general.

Havia rifles e canhões demais apontados na direção das fadas; elas não teriam tempo de se proteger. Se o general ordenasse aos seus homens que abrissem fogo, elas não sobreviveriam.

– Você é um homem maligno, General Marquis! – gritou Emerelda. – Infelizmente para você, no entanto, tentou dominar um mundo que não tolera os perversos. Podemos não impedir a sua Armée de tomar o nosso reino hoje, *mas você será detido*. Você não vencerá esta guerra, este mundo não permitirá! Este mundo não o quer aqui! Desamarre esses homens e mulheres imediatamente e admita o seu fracasso com dignidade, ou sofra as consequências quando os nossos outros exércitos chegarem.

Os soldados da Grande Armée olharam nervosamente os jardins em volta, porém a atitude do general não se alterou. De fato, o aviso de Emerelda só o deixou mais zangado. Ele já recebera ultimatos demais, não toleraria mais um.

– *Disparem!* – rugiu para os seus homens.

A Armée carregou os canhões e engatilhou os rifles. Os jardins vibraram com o pânico das fadas, que assistiam a tudo e temiam que o Conselho das Fadas estivesse a ponto de ser assassinado diante dos seus olhos.

De repente, uma luz brilhante tomou conta do céu quando uma estrela cadente apareceu. Ela capturou a atenção de todos, especialmente do general e dos soldados da Grande Armée, que

nunca tinham visto nada parecido no seu mundo. Era brilhante demais para ser uma estrela comum e ficava maior à medida que se aproximava do Reino das Fadas.

– *Protejam-se!* – o general ordenou aos seus homens e mergulhou do alto da carruagem.

Todos os soldados da Grande Armée se jogaram no chão e cobriram a cabeça. O Conselho das Fadas e as fadas nos jardins não se mexeram, apenas observaram maravilhadas a estrela – sabiam que aquilo era um ato de magia. Alex e Conner haviam chegado.

A estrela atingiu o centro dos jardins com um impacto tão forte que fez com que um vento forte soprasse através das plantas e extinguisse as chamas crescentes em volta das estacas. Depois que o vento diminuiu e a poeira assentou, o Conselho das Fadas avistou, no meio dos jardins, Alex e Conner a bordo de Lester – e eles estavam rodeados pelos exércitos do Reino Encantado, da República Bo Peep, do Reino do Leste, do Reino do Norte, do Reino do Canto e do Grande Lago Duetroll. O encantamento dos gêmeos funcionara.

Foi uma das coisas mais espetaculares que qualquer um no Reino das Fadas já testemunhara. Todos olharam em volta atônitos – especialmente os soldados recém-chegados; poucos segundos antes, eles estavam em seus respectivos reinos.

– Este foi um tremendo de um feitiço, Alex! – disse Conner, ele próprio um pouco zozinho com a viagem.

Alex correu os olhos pelos arredores, e um sorriso surgiu em seu rosto.

– Nós conseguimos, Conner! Trouxemos os exércitos para cá! – Ela deu no irmão um abraço gigante.

– Mas parece que a Grande Armée chegou antes de nós. – Conner apontou para a frente.

Todo o orgulho pelo feito se desfez quando eles viram o Conselho das Fadas diante da Grande Armée, no limite dos jardins. Para o seu horror absoluto, os gêmeos descobriram que a Armée capturara os reis e as rainhas e também os seus amigos e sentiram vontade de vomitar.

– Eles estão com todos do caminho secreto! – gritou Conner.

– Como isso é possível? – Alex arquejou. – Alguém deve ter nos traído! As únicas pessoas que poderiam tê-los encontrado são

aquelas que os viram tomar o caminho secreto!

Os soldados da Armée puseram-se de pé em um pulo e apontaram os rifles e canhões, não apenas para o Conselho das Fadas, mas para todos que eles cercavam.

– Acho que este é um mistério que vamos ter de deixar para depois – disse Conner.

– Vocês dois, pensem num plano e se protejam! Eu vou contê-los o máximo que conseguir! – Emerelda gritou para os gêmeos.

– *Fogo!* – ordenou o General Marquis enquanto se levantava. – *Matem-nos! Matem todos!*

Emerelda ergueu as mãos, e os jardins e o palácio foram envolvidos por um grosso manto de luz esmeralda. O manto funcionou como um campo de força temporário contra o fogo dos canhões e rifles. No entanto, conjurá-lo exigiu o último resquício da força de Emerelda.

– *Depressa!* – ela gemeu. – *Não vou aguentar por muito tempo!*

Alex não conseguia pensar – estava em estado de choque por saber que alguém conhecido contara à Grande Armée sobre o caminho secreto.

Conner não esperou para consultar a irmã: ele saltou das costas de Lester e começou a instruir os soldados e as fadas. Precisavam criar uma estratégia o mais depressa possível.

– Muito bem, homens, eu sei que tenho metade da idade e do tamanho de vocês, mas me escutem! Eu quero que todos formem uma linha no limite dos jardins e não deixem a Grande Armée passar. Os soldados do Reino do Norte vão guardar o lado norte junto com Skylene. O exército do Reino Encantado vai proteger o lado sul com Xanthous. O Reino do Leste vai proteger o lado leste com os soldados da República Bo Peep. Nós não podemos deixá-los chegar ao Palácio das Fadas.

Os soldados hesitaram em aceitar ordens de um menino de catorze anos.

– O que foi? Eu gaguejei? – perguntou Conner.

– Vocês ouviram o menino! – disse Sir Lampton, vindo ao resgate de Conner. – Cerquem os jardins!

Os exércitos seguiram o comando de Lampton e se separaram nas direções instruídas por Conner. O garoto sentiu um puxão na

camisa. Ele virou-se e se deparou com a Rainha Trollbella.

– E nós, Butterboy? – perguntou ela, pestanejando para ele. – O que você quer que o Exército Duetroll faça?

– *Trollbella? Quem convidou você para esta guerra?*

– Eu não poderia ficar em casa enquanto os meus duetrolls se divertiam, então juntei-me ao meu exército – falou a rainha, e então puxou Conner mais para perto e sussurrou ao seu ouvido: – *Eu também não poderia deixar o meu Gator ir para a guerra sozinho. Ele morreria de saudades de mim.*

Trollbella jogou um beijo para Gator, que se achava a poucos metros de distância, e ele engoliu em seco – aquele relacionamento com o qual nunca concordara tinha saído completamente de controle. Conner analisou o ansioso Exército Duetroll e pensou na missão perfeita.

– Rosette! Violetta! Coral! – ele chamou as fadas restantes. – Antes de o Império dos Elfos ser atacado, eles concordaram em nos ajudar. Temos homens mais que suficientes aqui, e, como os elfos não chegaram conosco, presumo que ainda estão enfrentando a Grande Armée. Eu quero que vocês três levem quantos duetrolls conseguirem ao Império dos Elfos e os ajudem.

Rosette não parava de sacudir a cabeça diante daquele pedido.

– Você quer que nós ajudemos os *elfos*? Mas eles ficariam indignados se nós aparecêssemos...

– Eles que apresentem uma queixa depois! – disse Conner. – Nós temos de nos livrar de *todos* esses caras, não importa quantas pontes tenhamos de queimar!

Rosette, Coral e Violetta encolheram os ombros e concordaram com a missão.

– Muito bem, duetrolls, deem-se as mãos e segurem-se firme – Coral instruiu.

Dividindo-se em três grupos, um em volta de cada fada, os soldados do Exército Duetroll se deram as mãos e, lentamente, desapareceram em nuvens brilhantes de poeira colorida. Trollbella dera as mãos para eles, porém Conner a puxou junto com Gator para fora do grupo antes que eles também desaparecessem.

– Você não, Trollbella! Eu quero que você, Gator e os duetrolls restantes esperem junto ao Palácio das Fadas. Estarão mais seguros

lá.

Trollbella olhou para ele como se aquilo fosse a coisa mais meiga que alguém já lhe dissera.

– Mesmo durante a guerra, a minha segurança é a sua maior preocupação! Eu sinto o seu amor como um cobertor quente sobre o meu corpo, Butter...

– Sim, sim, apenas vá! – Conner empurrou Trollbella e Gator na direção do palácio.

– *Todo mundo se proteja!* – gritou Emerelda, que não aguentava mais conter as balas e os canhões. Ela desabou de joelhos.

O manto de luz esmeralda se desfez tão depressa quanto tinha aparecido. Os exércitos da Assembleia dos Felizes para Sempre se protegeram atrás de árvores e grandes pedras conforme se moviam para as suas posições entre a Grande Armée e os jardins.

Conner pulou nas costas de Lester, que, com uma violenta batida de asas, conduziu os gêmeos até Emerelda. Alex apontou a varinha para os soldados que atiravam contra eles, e seus rifles se transformaram em grandes serpentes que se enrolaram nos braços deles.

Emerelda, exausta, mal conseguia ficar em pé. Os gêmeos a ajudaram a se levantar e a colocaram nas costas de Lester.

– Lester, leve Emerelda para o Palácio das Fadas – disse Alex.

Com a fada verde caída de atravessado nas suas costas, o ganso grasnou e levantou voo. Conner correu os olhos pelos jardins e viu que a maioria dos exércitos chegara aos postos designados.

– O que fazemos agora? – Alex perguntou ao irmão.

– Levamos os monarcas e nossos amigos a um local seguro.

Os gêmeos correram para as carruagens e as estacas.

– Matem-nos! – ordenou o general conforme os gêmeos corriam na direção deles.

– Mas, senhor, eles são crianças – disse o Coronel Rembert.

– Se eles querem lutar como homens, podem morrer como homens. *Agora atirem!*

Os soldados da Grande Armée que guardavam os monarcas apontaram os rifles para os gêmeos. Alex ergueu a varinha e a direcionou para os pés dos soldados. Trepadeiras que pareciam redes folhudas surgiram do solo e puxaram o general e seus homens

para a terra. Eles lutaram contra as plantas, e Alex sabia que elas não os segurariam por muito tempo.

– Bom trabalho, Alex! – disse Froggy.

– Beleza! – disse João.

– Me desamarre primeiro! – gritou Chapeuzinho.

Alex apontou a varinha para o irmão, e uma longa e reluzente espada prateada apareceu na mão de Conner, que a usou para cortar as cordas que prendiam as mãos de Froggy e Chapeuzinho. Enquanto Conner fazia isso, Alex ficou de guarda.

Diversos soldados da Grande Armée correram para socorrer o general. Alex agitou a varinha na direção deles, e seus rifles foram transformados em rosas de cabo longo cujos espinhos furaram seus dedos antes que conseguissem disparar.

– *João* – sussurrou Cachinhos Dourados para o marido, amarrado ao seu lado.

– Sim, meu amor?

– Tem uma coisa que preciso contar a você, e esta pode ser a minha única chance.

– Este pode ser o pior apuro em que já nos metemos, mas não há necessidade de dizer adeus.

– Não, não é isso. É o que eu escondi de você enquanto estávamos no caminho secreto. *João, eu estou grávida.*

Como se o mundo tivesse subitamente parado, João perdeu qualquer senso de som e pensamento. Tudo o que enxergava era a sua linda esposa, e tudo no que pensava era na notícia maravilhosa que ela compartilhara com ele.

– *O quê?* – ele perguntou com um enorme sorriso. – Está falando sério?

Cachinhos Dourados sorriu e fez que sim com a cabeça.

– Sim... Você está feliz?

João riu, e lágrimas vieram-lhe aos olhos.

– Nós mal sobrevivemos a uma execução e a guerra está rolando à nossa volta, mas você acabou de fazer de mim o homem mais feliz do mundo.

Conner correu para João e Cachinhos e cortou as cordas que atavam suas mãos e pés.

– Vocês dois parecem felizes *demais* pra quem está no meio de uma guerra – disse o garoto, encarando-os de um jeito estranho.

– Alex, você se importaria de nos fornecer ferramentas? – perguntou Cachinhos Dourados, e ela e João estenderam as mãos vazias.

Alex agitou a varinha e forneceu uma espada para ela e um machado para ele.

– Nós terminaremos de desamarrar os monarcas; vocês dois, levem as crianças para um lugar seguro – João disse aos gêmeos, e fez um gesto na direção da carruagem na qual Bree e Emmerich estavam aprisionados.

A porta da carruagem tinha sido trancada, porém Conner a abriu com um único golpe de espada – ele estava impressionado com os seus dotes de espadachim.

– Conner! É tão bom ver você! – Bree jogou os braços em volta do pescoço dele.

– Vocês dois estão bem? – perguntou Conner aos amigos.

– Tirando o fato de que estamos quase saindo da própria pele de tanto medo, tudo ótimo – disse Emmerich, os olhos arregalados.

Ele segurava a Princesa Cinérea nos braços, e Bree ajudara a Princesa Esperança a sair da carruagem. Conner assobiou para Lester, que voltou do palácio em questão de segundos.

– Lester, leve os quatro para o palácio! Certifique-se de que eles cheguem em segurança. Eles significam muito para mim.

Lester bateu continência com a ponta da asa e se agachou para que Bree e Emmerich subissem a bordo.

– Você vem? – Bree perguntou a Conner.

– Logo estarei lá. – Ele piscou para ela. – Mas não se preocupe.

– Impossível.

Aquilo fez Conner se sentir o máximo, mas não era momento para ser sentimental. Ele acenou com a cabeça para Lester, e o ganso levantou voo rumo ao palácio antes que Bree o visse corar de novo. Durante o voo, Bree e Emmerich se agarraram firmemente às pequenas princesas. Conner observou-os até eles pousarem em segurança no grande balcão.

Os sons de tiros de rifles e canhões diminuía à medida que a Grande Armée ficava sem munição. A maior parte dos soldados

franceses largou as armas de fogo e correu para os jardins com espadas em punho. Os exércitos da Assembleia dos Felizes para Sempre saíram de trás das árvores e das pedras e correram para combatê-los. O eco dos disparos foi substituído pelo som metálico do entrecostar de espadas – a verdadeira luta começara.

João e Cachinhos cortaram as cordas que amarravam os reis e as rainhas às estacas. A Pequena Bo foi a última a ser libertada, mas ser salva parecia ser a última coisa em sua mente. Ela esquadrinhou as fileiras de soldados da Grande Armée que cercavam os jardins como se tivesse perdido alguém na multidão. Assim que João cortou as cordas em volta dos seus pulsos, ela correu diretamente para os jardins, sem nenhuma explicação.

– Volte! Não é seguro! – gritou Froggy.

– Devíamos tê-la deixado amarrada – disse Chapeuzinho.

– Ela deve estar em choque – falou Froggy. – Venha, querida, precisamos alcançá-la antes que ela seja morta!

– *Precisamos?* Ou apenas é *a coisa certa a fazer?* – Chapeuzinho perguntou com um olhar sarcástico. Antes que ela contestasse ainda mais, Froggy a puxou para os jardins, determinado a salvar a rainha.

Cinderela e Bela Adormecida correram para a carruagem onde suas filhas tinham sido colocadas e se assustaram ao ver que as pequenas não estavam lá.

– Onde estão as meninas? – perguntou Cinderela desesperada, olhando para as árvores em volta.

– Não se preocupe, eu as mandei para o palácio junto com meus amigos – disse Conner. – Elas estão em segurança.

– Oh, graças às estrelas – disse Bela Adormecida, pousando uma mão no ombro de Cinderela. Elas relaxaram ao saber que as filhas estavam salvas.

– Devíamos escoltar os reis e as rainhas para o palácio também – sugeriu Cachinhos Dourados.

– Não! Quando dissemos que queríamos lutar ao lado dos nossos exércitos, estávamos falando sério! – insistiu Branca de Neve.

Todos os reis e rainhas balançaram a cabeça em concordância.

– Vossas Majestades, com o devido respeito, isto é uma guerra de verdade, e algumas lições de beira de estrada com pedaços de pau não são páreo para o que estamos enfrentando – disse João.

Rapunzel virou-se para Conner.

– É verdade que o nosso povo lutou contra a Grande Armée? – ela perguntou, ganhando a atenção de todos os monarcas. – Nós ouvimos soldados falando sobre isso quando fomos aprisionados. É verdade?

– Sim – respondeu Conner. – Vocês deveriam ficar muito orgulhosos dos seus cidadãos. Eles são porretas!

Os reis e as rainhas se entreolharam, e o mesmo sorriso confiante surgiu no rosto de todos.

– Então eu não tenho planos de buscar refúgio – disse Chance ao grupo. – Se o nosso povo foi tão corajoso, nós também podemos ser!

O general e os soldados começaram a se livrar das trepadeiras que os seguravam. Alex agitou a varinha, e mais trepadeiras cresceram. Não havia mais tempo para que João e Cachinhos ou os gêmeos discutissem com os impetuosos monarcas.

– Tudo bem, vou liderar a nossa pequena força-tarefa – disse Cachinhos Dourados. – Sigam-nos de perto e cuidem uns dos outros!

– Não fiquem desprotegidos! – Alex apontou a varinha para cada um deles, e espadas e escudos surgiram em suas mãos.

– Eu nunca pensei que um dia iria dizer isto, mas: *Vamos à luta!* – Cinderela ergueu a espada.

Os demais reis e rainhas fizeram o mesmo, e João e Cachinhos Dourados os lideraram até os jardins para lutarem ao lado de seus exércitos.

Conner correu os olhos pelos jardins. Os exércitos da Assembleia dos Felizes para Sempre agora combatiam os soldados da Grande Armée em toda a área. Era difícil dizer a qual reino pertencia cada soldado. Eles estavam tendo êxito em conter o inimigo, porém os duetrolls, nos degraus da frente do palácio, pareciam muito preocupados com a batalha que se aproximava.

– Precisamos ajudar os duetrolls – disse Conner.

– Concordo... – Alex assentiu, no entanto algo a distraiu: o som persistente de batidas vinha de algum lugar às suas costas.

– *Alex! Ajude-me!* – disse uma voz familiar.

Alex seguiu o som e encontrou Rook trancado em uma das carruagens. Ela sentiu o coração apertado e imediatamente correu para libertá-lo.

– Rook? O que você está fazendo aqui? Como você foi parar dentro da... *carruagem*?

Assim que ela fez a pergunta, tudo ficou claro. Além das fadas e do seu irmão, Rook fora a única pessoa que testemunhara a partida dos reis e das rainhas rumo ao caminho secreto.

– Alex! Por favor, deixe-me sair! – implorou Rook.

Toda a cor foi drenada do rosto de Alex, que não se moveu. Sua mão estava a um segundo de abrir o ferrolho.

– *Foi você! Você contou ao general sobre o caminho secreto.*

Embora soubesse que não havia outra explicação possível, Alex rezou para estar errada. Pela primeira vez na vida, desejou que houvesse uma versão alternativa para a verdade.

Rook sequer tentou negar.

– Sim, fui eu, mas eu não tive escolha!

Alex explodiu em lágrimas, e seu coração, em pedaços. Ela pensara que Rook era a pessoa em quem poderia confiar para qualquer coisa. Nunca permitira que alguém entrasse tão fundo no seu coração. O prazer que Alex pensava estar evoluindo para amor não passava do prenúncio de uma punhalada nas costas.

– Eu não posso acreditar nisso. Eu confiei em você, Rook! Eu confiei em você!

Lágrimas se formaram nos olhos de Rook.

– Alex, eu nunca tive a intenção de traí-la! Você precisa me ouvir. O meu pai estava ferido. Eu contei sobre o caminho secreto para que ele pudesse receber ajuda! Agora, por favor, você precisa me deixar sair! Tem uma coisa que o general está planejando, e eu preciso contar a você sobre...

– Como eu posso confiar em você agora?

– Alex! Atrás de você! – gritou Conner.

Alex se virou e viu uma dúzia de soldados da Grande Armée avançando sorrateiramente na sua direção. Metade deles parou para livrar o general e seus homens das trepadeiras, enquanto a outra metade avançava contra os gêmeos com armas em riste. Sem pensar, Alex descontou o seu coração partido nos soldados: estalou a varinha como um chicote, e uma explosão de luz branca os lançou pelos ares.

Conner ficou tão aterrorizado quanto impressionado.

– Alex...? – falou mansamente.

– Eu não sei o que deu em mim... Eu... eu... eu acabo de ferir todos aqueles homens!

– Alex, está tudo bem! – Conner se aproximou cautelosamente da irmã. – Eles estavam a ponto de fazer a mesma coisa com você!

O olhar de Alex percorreu os jardins. Em questão de segundos, ela esquecera completamente quem era; a raiva e o coração partido a haviam transformado em outra pessoa.

Os soldados terminaram de cortar as trepadeiras que prendiam o general e os outros homens.

– Para o palácio! Agora! – disse Conner.

– Alex, por favor, deixe-me sair! – implorou Rook.

Libertar o rapaz era a última coisa que Alex faria. Ela apontou a varinha para a carruagem, e mais cinco ferrolhos apareceram.

– Não, Alex! Não faça isso! Eu preciso contar sobre...

– Eu não quero ver você nunca mais.

Conner correu até a irmã e agarrou o seu braço. Os dois dispararam para os jardins e desapareceram da vista de Rook.

O General Marquis pôs-se em pé e sacudiu as trepadeiras do corpo. Analisou a batalha que ocorria à sua volta, e suas narinas dilataram. Seus homens estavam em horrível desvantagem numérica. Era uma questão de minutos até que a Grande Armée fosse completamente derrotada.

– Coronel Rembert! – gritou.

– Sim, general? – Rembert correu para ele.

– É hora de começarmos a fase dois do nosso plano. Vá buscar o Homem Mascarado! Diga a ele para trazer o dragão imediatamente! É hora de acabarmos com esta guerra.

O pensamento do dragão emergindo do cânion provocou um arrepio na espinha de Rembert.

– Sim, senhor.

Os gêmeos ziguezaguearam pelos jardins, a caminho do palácio. De tanto chorar, Alex não aguentou mais correr e desabou atrás de um canteiro gigante de margaridas. Conner ajoelhou-se ao lado dela, e ela enterrou o rosto no ombro do irmão.

– Estou achando, só achando, que Rook era mais do que um amigo – disse ele, enxugando as lágrimas da irmã com a ponta da

camisa.

– Oh, Conner, eu me sinto tão idiota! Isso é tudo culpa minha! Eu deixei o meu coração ficar no caminho, e isso quase causou a morte dos nossos amigos!

– Ei, ei, ei. Está tudo bem. Eles estão em segurança agora. Bem, dentro do possível.

– Eu me sinto como um pedaço de vidro pisoteado. Me sinto tão quebrada por dentro que não sei como voltarei a ser eu mesma. Agora entendo por que Ezmia era como era... Você viu o que eu fiz com aqueles soldados! Eu não sou melhor do que ela.

Conner ergueu a irmã para olhá-la nos olhos.

– Alex, pare de falar besteira! Você não vai deixar que um garoto idiota que precisa urgentemente cortar o cabelo mude quem você é, está entendendo? A Alex que eu conheço daria um pontapé nela mesma só por falar uma coisa dessas! Ezmia era uma mulherzinha irritante e narcisista. Você jamais será como ela, não importa o que aconteça. Agora você vai parar com essa bobagem, e nós vamos ajudar nossos amigos a vencer esta guerra!

Alex se endireitou e balançou lentamente a cabeça.

– Está bem.

– Bom. Vamos ajudar os duetrolls.

Ele auxiliou a irmã a se levantar, e eles continuaram a atravessar os jardins. A batalha acontecia em todos os cantos – *e a Assembleia dos Felizes para Sempre estava vencendo!*

Eles viram sete soldados da Grande Armée, as espadas em punho, cercar Skylene. Quando os inimigos avançaram para matá-la, Skylene girou as mãos sobre a cabeça, e a água de uma lagoa próxima jorrou contra os soldados, como uma enorme mangueira de incêndio.

Outros soldados perseguiram Tangerina e a encurralaram contra uma alta cerca viva. Eles apontaram os rifles para ela, que ergueu as mãos na direção deles. Mil abelhas furiosas saíram das mangas e da colmeia da fada e atacaram os homens, que caíram no chão conforme eram ferroados seguidamente. Um sorriso surgiu no rosto de Tangerina – aquilo fora quase terapêutico para ela.

Canhões foram apontados para Xanthous e para o Exército do Reino Encantado que lutava junto com ele. Pequenas bolas de fogo

cresceram nas mãos de Xanthous, que as atirou contra os canhões, fazendo-os explodir antes que disparassem. Seus homens comemoraram, e um deles se queimou ao dar um tapinha nas costas de Xanthous.

As fadas que viviam nos jardins também fizeram a sua parte: puxavam para baixo as calças dos soldados inimigos ou então roubavam seu chapéu quando eles passavam por elas. Algumas fadas até encantaram as plantas gigantes para que agarrassem os soldados com suas folhas e os prendessem contra o caule.

Os gêmeos ainda viram Cachinhos Dourados e as rainhas, costas contra costas, enfrentando um grupo de franceses que as cercava. Os soldados, arrogantes, riam das mulheres que os desafiavam.

– Vamos fazer aquele truque que eu ensinei no prado do Reino do Norte. No três! – instruiu Cachinhos. – Um, dois, *três*!

As mulheres mergulharam em uma cambalhota e investiram contra os soldados, derrubando-os. Dois deles se levantaram rapidamente, mas Cinderela e Branca de Neve usaram o cabelo de Rapunzel para fazê-los tropeçar.

– Muito bem, Vossa Majestade! – Sir Lampton gritou do outro lado dos jardins.

– Obrigada, Sir Lampton! – gritou de volta Cinderela.

Sir Lampton combatia outro grupo de soldados da Armée, com João e os reis. Os irmãos Encantado estavam competindo entre si para ver quem conseguia derrubar mais inimigos:

– São dezesseis para Chandler, catorze para Chance e vinte para mim – enumerou Chase.

João jogou-se no chão e passou uma rasteira em um soldado.

– Boa tentativa, rapazes! Mas esse foi o meu *quinguagésimo*!

Mamãe Ganso sobrevoou o campo de batalha nas costas de Lester. Já não aguentava mais ficar confinada no palácio e decidira se juntar à luta.

– Muito bem, Lester! É exatamente como a vez em que escapamos por pouco daqueles camicases na Segunda Guerra Mundial!

O ganso gigante estendeu as asas e girou no ar como um caça. Mamãe Ganso tinha nas mãos uma cesta cheia de garrafas vazias de champanhe e as atirava contra os soldados da Grande Armée.

Canhões foram apontados para ela, mas Mamãe Ganso estalou os dedos e transformou as balas de canhão em grandes bolhas de sabão.

A bala de um dos canhões disparados contra Mamãe Ganso se desviou e abriu um rombo na lateral da carruagem onde Rook se encontrava. Se estivesse a alguns centímetros mais para a esquerda, o rapaz teria perdido a vida. Como não perdeu, Rook passou através do buraco, rolou no chão e correu para os bosques, longe da zona de batalha. Tinha tentado avisar Alex, porém ela não quisera ouvir – as fadas não eram páreo para o que viria.

Alex e Conner se achavam a poucos metros dos degraus de entrada do Palácio das Fadas quando a Pequena Bo passou correndo por eles. Estava sendo seguida de perto por Froggy e Chapeuzinho e não mostrava nenhum sinal de que pararia.

– Vossa Alteza! – gritou Froggy.

– Vossa Alteza *Eleita* – corrigiu Chapeuzinho.

– Pequena Bo, por favor, pare de correr! – suplicou Froggy.

Alex e Conner dispararam atrás dos amigos. A Pequena Bo corria a toda velocidade, determinada como nunca.

– O que está acontecendo? – perguntou Alex.

– Não é óbvio? – gritou Chapeuzinho. – A Pequena Bo perdeu os carneiros!

– Isso não é engraçado, Chapeuzinho! – repreendeu Froggy.

– Quando eu digo carneiros, quero dizer *a cabeça*! Ela não para de correr!

A Pequena Bo percorria os jardins freneticamente à procura de alguém ou de algo. Esquadrinhava cada fileira de soldados da Grande Armée e, assim que se dava conta de que esse alguém ou algo não estava na fileira, disparava na direção da fileira seguinte.

– Onde está você? – dizia a si mesma enquanto corria.

Froggy e Chapeuzinho estavam começando a perder as forças e reduziram a velocidade. Já o ritmo da Pequena Bo não diminuiu, e ela se livrou do grupo que a perseguia, afastando-se nos jardins.

– Não adianta – disse Froggy, parando de vez. – Ela não vai escutar a razão.

Chapeuzinho e os gêmeos o alcançaram. Conner relanceou o palácio: um grupo de soldados da Grande Armée conseguira

atravessar os jardins e agora combatia os duetrolls na entrada. Trollbella, sentada nos degraus logo atrás de Gator, incentivava-o enquanto ele lutava com um soldado.

– Vai, Gator, vai! Vai, Gator, vai! – entoava e batia palmas alegremente, como se estivesse em um evento esportivo. – Fure-o com a espada! Fure-o com a espada!

– Oh, não! – exclamou Conner. – Bem que eu tinha um mau pressentimento quanto a isso!

Conner disparou para ajudar o Exército Duetroll, porém não chegou a tempo. Gator, pequeno demais para enfrentar o soldado sozinho, perdeu o equilíbrio, e o soldado o atingiu no estômago com a espada. Gator foi ao chão.

– GATOR! – berrou Trollbella.

– *Nããão!* – gritou Conner, atacando o soldado. No entanto, este era muito mais forte do que Conner, que quase sofreu o mesmo destino do troll.

Alex apontou a varinha para o soldado, e uma rajada vermelho-viva irrompeu da ponta e atingiu-o no peito, mandando-o pelos ares. Os outros soldados da Grande Armée recuaram assustados.

Trollbella deitou a cabeça de Gator no seu colo enquanto ele dava o último alento.

– Não me deixe, Gator – disse Trollbella, com lágrimas escorrendo dos grandes olhos.

– *Trollbella? Antes de partir, eu preciso contar que...*

– Você quer se casar comigo, eu sei! Sim, Gator! Eu também quero me casar com você!

Gator ficou chocado: a rainha troll havia interrompido suas últimas palavras. Aquilo não era o que o pequeno troll pretendia dizer, mas ele morreu antes que conseguisse pronunciar outra palavra. Trollbella o embalou nos braços, e suas lágrimas caíram no rosto do amado.

– Volte, Gator! Por favor, volte!

Alex, Froggy e Chapeuzinho juntaram-se a Conner e aos duetrolls na frente do palácio e observaram silenciosamente a desolada rainha troll.

– Não há guerra sem perdas, eu receio – disse Froggy.

Os gêmeos correram os olhos pelos jardins e notaram que mais e mais soldados da Grande Armée recuavam para os bosques.

Xanthous apareceu ao lado de Alex e Conner, seguido por Tangerina e Skylene.

– A Grande Armée fugiu dos jardins do sul – informou ele.

– Do leste também – disse Tangerina.

– Do norte e do oeste também – falou Skylene.

Xanthous olhou tristemente para o chão.

– Muitos dos nossos homens foram perdidos, mas acho que podemos dizer que esta batalha terminou.

Rosette reapareceu, de volta do Império dos Elfos; também trazia boas notícias:

– Estava uma grande confusão quando chegamos, mas no fim os soldados e os ogros da Grande Armée fugiram para a Floresta dos Anões. A árvore do império foi seriamente danificada, e muitos elfos perderam seu lar, mas a Imperatriz Elfina está em segurança. Violetta e Coral ficaram lá para ajudá-los a organizar as coisas.

– É bom ouvir isso – disse Alex. – Nós aqui estamos mais ou menos na mesma situação.

Os exércitos e os reis e rainhas se reagruparam na frente do palácio. Mamãe Ganso e Lester pousaram perto dos gêmeos. João e Cachinhos Dourados também se juntaram a eles. Todos os homens, mulheres, trolls, duendes e fadas pareciam exaustos – ainda assim, era possível perceber um sentimento de orgulho entre eles: juntos, haviam vencido a Grande Armée.

Conner abriu caminho na multidão e dirigiu-se ao centro dos jardins.

– Conner, aonde você vai? – perguntou Alex.

– Acabar com isso.

Ele andou até ficar exatamente entre os exércitos da Assembleia dos Felizes para Sempre e o general e seus homens. Havia somente umas duas dúzias de soldados da Grande Armée ao lado do general, cada um mais exausto que o outro; eles se apoiavam nas carruagens, nas estacas e nos companheiros. Estavam totalmente sem balas de canhão, e a maior parte perdera a espada.

O General Marquis era o único que parecia ter alguma vida sobrando. Ele ostentava o porte orgulhoso e rancoroso de sempre –

como se pensasse que ainda existia uma chance de a Grande Armée vencer.

– A guerra acabou! – Conner gritou para o general e seus homens. – É hora de se render, general, antes que mais uma vida seja perdida.

Um sorriso ameaçador apareceu no rosto do General Marquis.

– A Grande Armée nunca se rende!

Conner jogou a espada no chão para reforçar a sua posição.

– A Grande Armée se foi. Você e seus homens ficaram aprisionados no portal por duzentos anos! Não existe mais nenhum Império Francês! Napoleão está morto! Vocês não têm mais pelo que lutar.

Os soldados da Grande Armée cochicharam entre si – seria verdade? Eles realmente tinham perdido a noção do tempo no portal?

O general manteve sua expressão inabalável e riu de Conner.

– Seu menininho estúpido, patético e ignorante! Você acha que pode insultar minha inteligência com essas mentiras? Eu não viajei tanto para ser derrotado! Esta guerra apenas começou!

De repente, uma pulsação trovejante fez vibrar o solo, como se um enorme coração batesse sob ele. Conner olhou para baixo e viu a espada tremendo. O tremor crescia a cada batida, e até o Palácio das Fadas começou a sacudir. O reino parecia estar sendo atingido por terremotos.

No horizonte, fumaça encheu o céu acima da copa das árvores. Um ruído estridente, horrível, cortou o ar. Todos no palácio cobriram os ouvidos para se proteger daquele som apavorante.

– Oh, não – disse Alex, o rosto pálido.

– *Não pode ser* – sussurrou debilmente Mamãe Ganso.

A Assembleia dos Felizes para Sempre assistiu horrorizada quando a silhueta de uma criatura colossal surgiu sobre as árvores. Os boatos sobre o ovo eram verdadeiros: um dragão se erguera na Terra de Histórias.



CAPÍTULO 29

O dragão desperta

O dragão emergiu das árvores e pousou no limite do jardim. Era quase tão alto quanto o Palácio das Fadas. Escamas vermelhas cobriam seu corpo, e uma língua bifurcada deslizava para dentro e para fora da sua boca, entre os dentes afiados. Ele tinha dois chifres, e espinhos pontiagudos cobriam-lhe a cabeça e continuavam pelas costas, onde cresciam duas enormes asas. A longa cauda se movia em violentas chicotadas, e as narinas gigantescas expeliam fumaça como canos de descarga de um motor a vapor.

Alex e Conner não poderiam ter imaginado uma criatura tão grande. Nenhum dinossauro ou monstro sobre o qual já tivessem lido se comparava à besta que vinha na sua direção.

O dragão arqueou as costas e rugiu para a Assembleia dos Felizes para Sempre – tão alto que muitas janelas do palácio se estilhaçaram. Todas as fadas que se achavam nos jardins correram ou voaram para as árvores distantes, para não serem pisoteadas pela criatura. O General Marquis riu histericamente das fadas apavoradas que fugiam do seu lar.

Conner pegou a espada no chão e se juntou a Alex e aos homens e mulheres, na frente do palácio.

– Mamãe Ganso, o que faremos? – perguntou ele.

Todos se voltaram para ela.

– Por que está todo mundo olhando pra mim? Eu nunca matei um dragão antes!

– Você e a vovó não caçaram dragões durante a Era dos Dragões? – perguntou Alex, tentando não entrar em pânico.

– Eu só lutei com os menores. Era a sua avó quem sabia como matá-los.

Conner esfregou a cabeça.

– Ok, todo mundo pensando! Deve haver um jeito de matar essa coisa!

Do outro lado dos jardins, o General Marquis podia sentir a ansiedade deles. Percebendo quão impotentes o seu novo bichinho de estimação os fazia se sentir, deixou-os sofrer um pouco mais antes de dar a ordem de atacar.

O Homem Mascarado apareceu dentre as árvores, logo abaixo do dragão; nunca parecera tão feliz. Ele olhou para o dragão como se olhasse para a materialização do trabalho de toda uma vida. De fato, tinha esperado a vida inteira para possuir um dragão de verdade, e aquele era maior e melhor do que imaginara.

Infelizmente para o General Marquis, o Homem Mascarado tinha mais controle sobre o dragão do que o militar se dava conta.

– Já chega de esperar! – bradou o general. – Mande o dragão atacar o Palácio das Fadas! Eu quero este lugar em chamas!

O Homem Mascarado virou a cabeça bruscamente para o general e disse:

– Não.

Marquis girou o corpo inteiro para encará-lo. Nunca alguém o desafiara tão abertamente.

– O que você disse?

– Eu disse *não*, Jacques.

Ele caminhou até o general, e o dragão permaneceu exatamente onde estava. Havia algo de diferente no Homem Mascarado: não parecia tão frágil ou estranho como de costume. A posse do dragão o fizera assumir uma postura mais calma e mais confiante – não precisava mais agradar ninguém.

– Eu já ouvi muitas ordens suas e já aguentei o suficiente! – vociferou para o general.

– Você trabalha para mim!

O Homem Mascarado caiu na gargalhada.

– Agora vem a parte em que eu lhe conto a verdade, general. Desde o minuto em que vi você e os seus homens na prisão, *é você quem trabalha para mim*. Esperei um longo tempo até que alguém como você cruzasse o meu caminho: alguém tão sedento de poder quanto eu, mas que estivesse cego pela própria determinação e pudesse ser facilmente manipulado. Durante todo esse tempo, você *pensou* que eu estava trabalhando para você, quando, na verdade, você estava me dando exatamente o que eu queria. Obrigado pelos seus serviços, General Marquis, mas você não tem mais valor para a minha causa.

O Homem Mascarado era a única pessoa que já o enganara. Pela primeira vez, o general da Grande Armée aparentou estar *com medo*.

– Não fiquem aí parados! Agarrem esse homem! – ordenou o general, porém os soldados permaneceram imóveis; naquele momento, o homem que controlava o dragão era o único que eles não queriam contradizer.

– Sábia escolha – disse o Homem Mascarado aos soldados. – Adeus, general.

Ele abriu as mãos, e os soldados descobriram que o homem havia guardado as cascas do ovo do dragão, as quais segurava firmemente. O Homem Mascarado então ergueu as mãos voltadas para Marquis, e o dragão virou a cabeça bruscamente para o general. A criatura deu dois passos na direção dele, que tentou correr.

– *NÃÃÃÃÃÃO!* – urrou o General Marquis.

O dragão inspirou profundamente e exalou um longo e poderoso jato de fogo. As labaredas atingiram o general, que desapareceu nas chamas selvagens. Quando o dragão parou, a terra sob o militar estava preta, e o General Marquis já não existia.

– O que acabou de acontecer? – gritou Conner.

– O Homem Mascarado está com a casca do ovo do dragão! – exclamou Mamãe Ganso. – Quando um dragão nasce e desenvolve a visão, entende que o primeiro ser que vê com a casca do ovo é sua mãe. Isso significa que quem detém os pedaços da casca se torna o mestre do dragão! O Homem Mascarado está controlando o dragão!

– Ah, que ótimo! – exclamou Conner. – Mais boas notícias!

O Homem Mascarado ergueu os pedaços da casca na direção do Palácio das Fadas.

– Mate-os! – instruiu, e o dragão deu um passo à frente.

Subitamente, a Pequena Bo emergiu dos jardins e colocou-se entre o dragão e o palácio.

– *Espere!* – gritou ela. – *Você não precisa fazer isso!*

O Homem Mascarado baixou as mãos, e o dragão se deteve.

Após tê-lo procurado por horas entre os soldados da Grande Armée, a Pequena Bo finalmente encontrara o Homem Mascarado. Ela caminhou lentamente para ele; lágrimas escorriam pelo seu rosto.

– Eu sei que a sua vida foi difícil e injusta e que você foi abandonado pelo seu próprio sangue, mas eu também sei que existe um homem amoroso e compassivo em algum lugar embaixo dessa máscara. Foi por esse homem que eu me apaixonei! Esta é a sua oportunidade de mostrar ao resto do mundo que você não é o lunático manipulador e vingativo que todos pensam. Por mim, mostre a eles o homem que eu amo! Para que haja alguma esperança de ficarmos juntos! Não arruíne o mundo apenas porque ele o arruinou!

Os outros seguraram a respiração; o coração de todos batia tão forte que parecia querer sair do peito. As palavras dela tinham significado alguma coisa para ele? O Homem Mascarado a amava o suficiente para deter o monstro? Se o rosto do Homem Mascarado não estivesse coberto, todos teriam visto uma expressão muito conflitante enquanto ele pensava nas palavras da Pequena Bo.

Mas tudo o que ele fez foi erguer as cascas do ovo na direção do palácio.

– *Mate-os. TODOS!*

A pele já pálida de Pequena Bo ficou ainda mais sem cor. As lágrimas pararam de rolar pelas suas faces, e ela deixou de respirar. Em estado de torpor, fitou o Homem Mascarado e agarrou o lado esquerdo do peito. A despeito do seu apelo comovido, o homem que amava mais do que qualquer coisa no mundo não se importava se ela vivia ou morria. Sem mais ninguém por quem viver, a Pequena Bo desabou no chão, inerte.

Sir Lampton e Xanthous correram para ela e a carregaram até a entrada do palácio. Deitaram-na nos degraus, e Alex e Conner se ajoelharam ao seu lado. Conner tomou o seu pulso.

– Ela está morta – arquejou ele.

As mulheres cobriram a boca, e os homens tiraram o chapéu. Até Chapeuzinho ficou perturbada ao ouvir aquilo; ela enterrou o rosto no ombro de Froggy.

Alex puxou a correntinha da Pequena Bo para fora do vestido. A jovem fada inspecionou a pequenina pedra em forma de coração e notou que uma rachadura havia surgido nela. A Pequena Bo Peep morreria de coração partido.

O dragão continuava avançando lentamente para o Palácio das Fadas, transformando em cinzas parte do jardim com a sua respiração flamejante.

Alex não aguentava mais ficar parada como uma presa à espera do abate. Sua avó era a única pessoa viva que sabia como derrotar um dragão – e, enquanto estivesse viva, havia uma chance de obter a resposta. Rezando para que a avó lhe desse uma solução antes que tudo estivesse perdido, Alex subiu correndo os degraus da entrada e entrou no Palácio das Fadas.

– Alex, aonde você...? – começou Conner, mas foi distraído antes que pudesse terminar.

– Olhem! – gritou Cachinhos Dourados.

Uma manada de unicórnios surgiu da floresta e cercou o dragão, impedindo-o de chegar ao palácio. A manada era liderada por Rook, que cavalgava Cornelius. O rapaz havia retornado na hora exata.

O dragão se agitou com o obstáculo inesperado.

– Destrua os unicórnios e vá para o palácio! – ordenou o Homem Mascarado.

Os unicórnios cravaram seus chifres nos pés do dragão, que urrou de dor. Com as patas dianteiras, o dragão levantou os unicórnios e os atirou na floresta. Em seguida, chutou Cornelius, que voou para os jardins, com Rook sobre o seu lombo. O dragão, cada vez mais impaciente, torrou os unicórnios remanescentes com uma baforada.

Os unicórnios não fizeram mais do que atrasá-lo – mas isso foi suficiente para que Alex ganhasse algum tempo. Dentro do palácio,

ela correu até o quarto da Fada Madrinha e se ajoelhou ao lado da cabeceira da avó. Muito embora o mundo dos contos de fadas estivesse no meio da sua maior crise, a Fada Madrinha dormia tranquilamente, como se não tivesse nenhuma preocupação.

– Vovó, eu preciso que você acorde! Tem um dragão lá fora, e eu não sei como detê-lo!

Os rugidos do dragão sacudiram o cômodo, e Alex enterrou o rosto no colchão até o barulho passar.

– Vovó, eu sei que você pensa que estou preparada para ser a Fada Madrinha, mas não estou! Derrotar um dragão é só uma das muitas coisas que eu ainda preciso que você me ensine! Se resta alguma magia em você, preciso que acorde! Nós precisamos de você mais do que nunca!

Alex esperou escutar um som que não o do caos do lado de fora, porém não ouviu nada. Ela enxugou as lágrimas no colchão e ergueu os olhos para a avó – *mas a avó desaparecera!*

– Vovó? – Alex olhou em volta atônita. – Vovó?

Olhou para a mesa de cabeceira e notou que a varinha de condão da avó também não estava lá. A Fada Madrinha deixara o quarto sem fazer ruído algum.



Depois de ter cuidado dos unicórnios, o dragão se apressou rumo ao palácio. Suas asas se estenderam conforme ele avançava para a investida.

– O que vamos fazer agora? – João perguntou aos homens e mulheres à sua volta.

Conner foi o único a responder:

– *Rezar.*

Mamãe Ganso tomou um gole gigante de sua garrafa térmica e caminhou na direção do dragão.

– Eu vou distraí-lo. O resto de vocês, corra para a floresta!

– Não! Você vai ser esmagada! – implorou Conner.

Mamãe Ganso se virou para encará-lo.

– Está tudo bem, C-Dog – disse com um olhar triste. – Isso só está acontecendo por minha causa. É hora de eu assumir um pouco de responsabilidade.

Antes que ela pudesse dar mais um passo, o dragão rugiu tão violentamente que todos caíram de joelhos. Enquanto eles ajudavam uns aos outros a se levantar, ouviram uma familiar voz de mulher, doce e suave:

– Afaste-se, Mamãe Ganso. Matar dragões nunca foi a sua praia.

Todos se voltaram para o topo dos degraus do Palácio das Fadas e mal acreditaram nos próprios olhos.

– Vovó? – arfou Conner.

Era a Fada Madrinha, que vestia nada além da sua camisola.

– Desculpem a minha aparência; acordei agora mesmo e não tive tempo de me vestir para a ocasião.

O dragão parou de repente ao vê-la. A Fada Madrinha era a única coisa que o intimidava ligeiramente – era como se esse medo estivesse gravado no seu DNA. Ele rugiu para ela, derrubando todos novamente, menos a Fada Madrinha.

Descalça e com a varinha de prontidão, ela desceu os degraus e caminhou pelos jardins na direção da besta gigantesca. Alex correu para fora do palácio e juntou-se a Conner na escada. Ela ficou sem fôlego e caiu sentada quando presenciou o que os outros testemunhavam.

A cena era inacreditável – sua pequenina avó andando na direção de um imenso dragão cuspidor de fogo como se estivesse indo ao supermercado.

– Vovó! Espere! Você não pode fazer isso! – gritou Conner.

– Vovó, você está doente! Por favor, volte! – Alex também gritou.

A avó olhou para os netos com um brilho no olhar.

– Não se preocupem, crianças, eu ainda tenho um pouco de magia dentro de mim e não poderia pensar em um jeito melhor de usá-la. Isso vai ser divertido.

Homens e mulheres, soldados e fadas, reis e rainhas, trolls e duendes observavam incrédulos enquanto a velha senhora se aproximava cada vez mais do dragão. A criatura gigante deu um grito estridente e soprou um jato flamejante na direção da Fada

Madrinha, que o bloqueou com a varinha – o fogo se espalhou em todas as direções, menos na do palácio.

– Você escolheu o quintal errado para aprontar a sua confusão – falou a Fada Madrinha.

– Não fique aí sentado. *Acabe com ela!* – ordenou o Homem Mascarado, do outro lado dos jardins.

O dragão soprou as suas mais poderosas rajadas de hálito flamejante contra a velha senhora, porém ela bloqueou todas. Os gêmeos se agarraram um ao outro, aterrorizados com a possibilidade de ver a avó ser ferida; a Fada Madrinha, por sua vez, ria diante das tentativas do dragão de machucá-la.

– O segredo para matar um dragão é sempre ter em mente que você é muito mais inteligente e poderoso do que ele! – gritou a Fada Madrinha para os homens e mulheres atrás dela. – Ele pode parecer assustador, mas não passa de um grande réptil alado com um hálito horrível.

Uma longa cauda prateada saiu da ponta da sua varinha. Ela agitou a varinha alegremente, como se estivesse regendo uma orquestra, e a cauda de prata cortou o ar tal qual um chicote gigante. A cauda ficava mais longa a cada instante, e o dragão pulava para trás e para a frente tentando evitá-la. Finalmente, ficou tão comprida que o dragão se enroscou nela ao tentar voar para longe.

A Fada Madrinha tinha o dragão exatamente onde queria. Ela estalou a varinha como um chicote novamente, e a cauda que prendia a besta brilhou com uma intensidade cada vez maior. Os outros cobriram os olhos para se proteger da luz cegante.

O dragão explodiu em tufo de cinzas.

– *NÃÃÃÃÃO!* – o Homem Mascarado deu um berro que reverberou através do reino inteiro. Ele voltou-se para os soldados da Grande Armée com uma expressão enfurecida, muito mais assustadora do que a de qualquer general. – Não fiquem aí parados me olhando de boca aberta, seus idiotas! Precisamos sair deste reino imediatamente!

Nenhum dos soldados questionou a liderança do Homem Mascarado; todos rapidamente o seguiram floresta adentro, antes que as fadas fossem atrás deles.

Satisfeita, a Fada Madrinha respirou fundo e fechou os olhos. Seus joelhos cederam, e ela tombou lentamente, pousando de costas com suavidade.

– VOVÓ! – gritaram os gêmeos em uníssono. Eles correram até ela e apoiaram sua cabeça no colo.

– Vovó, você está bem? – perguntou Conner.

– Você está ferida?

A avó sorriu calorosamente para eles.

– Eu sabia que sairia de cena com um estrondo – ela falou debilmente. – Sabia que havia uma razão por que ainda não tinha falecido e fico muito contente por vocês terem visto sua velha avó em ação antes de partir.

– Vovó, foi a coisa mais legal que eu vi na minha vida! – revelou Conner.

– Você é incrível, vovó! – disse Alex. – Por favor, não nos deixe.

– Deixá-los? Quem disse alguma coisa sobre deixá-los?

– Você não está morrendo? – perguntou Conner. – Não é por isso que você não saía da cama?

A Fada Madrinha pôs as mãos no rosto dos netos.

– Sim, crianças, eu estou morrendo. Mas o que as outras fadas não explicaram é que uma fada nunca *morre* de verdade. Quando o tempo de uma fada acaba, a alma dela, ou dele, simplesmente *retorna para a mágica*. Ela se transforma na própria substância que ajuda as fadas a fazerem do mundo um lugar melhor. Mesmo depois que eu me for, ainda estarei com vocês dois. Toda vez que vocês agitarem uma varinha, ou lançarem um feitiço, ou usarem um encantamento, eu estarei assistindo de longe, com um orgulho grande o bastante para iluminar o céu.

Lágrimas caíram dos olhos dos gêmeos e rolaram pelo seu rosto. A voz da avó se tornava mais suave pouco a pouco. Eles não sabiam se aquilo era verdade ou se ela só estava tentando fazê-los se sentirem melhor. Tinham certeza, no entanto, que não demoraria para ela partir.

– Nós amamos tanto você, vovó – disse Alex. – Eu não sei o que teria sido da nossa vida sem você.

– Chata, sem dúvida – brincou Conner. – Você foi a avó mais mágica que duas crianças poderiam pedir, *literalmente*! Esse título,

ninguém tira de você.

O sorriso característico da avó e as rugas que ele formava nos seus olhos surgiram pela última vez. Era o mesmo sorriso do pai dos gêmeos – e era o sorriso favorito deles no mundo inteiro.

– Eu amo vocês, crianças. Cuidem um do outro. E lembrem-se: eu sempre estarei a apenas um pensamento de distância.

Os olhos da Fada Madrinha se fecharam. Seu corpo deixou de pesar nas mãos dos irmãos e em seguida se transformou em centenas de luzes faiscantes, que flutuaram em direção ao céu estrelado.

Alex e Conner nunca tinham visto nada parecido. Mesmo na sua partida, a avó dera um jeito de encantá-los – talvez ela tivesse retornado à magia, afinal. Os dois se abraçaram e choraram sob o sol que se erguia. A Fada Madrinha se fora, mas o Reino das Fadas sobrevivera para ver um novo dia.



CAPÍTULO 30

Retornando à mágica

Na noite seguinte, uma linda cerimônia foi realizada no que restara dos jardins das fadas, para celebrar as vidas perdidas durante a guerra. Todas as fadas do Reino das Fadas e muitos cidadãos dos reinos vizinhos compareceram.

Tributos especiais foram prestados a Gator, à Rainha Pequena Bo Peep e à Fada Madrinha. Placas com os nomes da Pequena Bo e de Gator foram colocadas nos jardins, e uma estátua gigante da Fada Madrinha foi erigida na entrada do Palácio das Fadas. Conner ficou feliz ao ver que se tratava de uma representação exata da avó – nem mais alta nem mais musculosa do que ela, diferentemente do memorial que imaginara para si mesmo.

A cerimônia fez os gêmeos se lembrarem do funeral do pai, mas dessa vez, felizmente, a atenção não estava toda voltada para eles. Ambos compartilharam a perda com o mundo dos contos de fadas e lamentaram com todos os que conheciam. O impacto incrível da avó na Terra de Histórias podia ser percebido nos olhos de todas as pessoas presentes na cerimônia. A gratidão irradiava do rosto delas, tanto quanto a tristeza.

Aonde quer que Alex fosse, as pessoas se curvavam diante dela e a tratavam por Fada Madrinha. Alex precisaria de algum tempo para

se acostumar com isso.

Ela pediu aos reis e às rainhas que ficassem no palácio até o dia seguinte à cerimônia, para que pudesse realizar sua primeira reunião oficial da Assembleia dos Felizes para Sempre na posição de Fada Madrinha. A guerra terminara, porém havia muitas batalhas pela frente – particulares e públicas.

Bree e Emmerich perguntaram a Conner e Alex se podiam ficar para a cerimônia, no entanto concordaram com os gêmeos que voltariam para casa assim que ela terminasse. Eles não queriam que os seus pais se preocupassem mais do que já deviam estar preocupados.

– Não quero nem ver o castigo que vou receber – brincou Bree. – Pena que os meus pais não acreditariam na verdade; talvez eles pegassem mais leve comigo.

– O que você vai contar a eles? – perguntou Conner.

Bree encolheu os ombros.

– Que eu me apaixonei por um palhaço e o segui pela Europa. Nós sabemos que pode acontecer.

– Vocêalaria para a minha mãe e o meu padrasto onde eu estou? Eles provavelmente já sabem... Alex e eu não somos exatamente inexperientes quando se trata de desaparecer do nada.

– Claro. Talvez eles possam falar com os meus pais e suavizar um pouco o meu castigo. Tipo, podiam confirmar a péssima influência que você é ou coisa assim.

Um sorriso divertido surgiu no rosto de Emmerich.

– Eu aposto que todas as crianças de Füssen estão muito preocupadas comigo. Vou contar que fui raptado por agentes secretos... o que não está muito longe da verdade.

– O que você vai contar aos seus pais? – perguntou Bree.

– Somos só minha mãe e eu. Nunca conheci o meu pai. Mas, quando a minha mãe era menina, o meu avô costumava contar sobre as coisas estranhas que tinha visto no Castelo de Neuschwanstein. Acho que ela nem ficaria muito surpresa se eu contasse a verdade. Mas não importa, eu vou ter de lavar a louça por meses mesmo assim. Mas valeu a pena! Apesar de quase ter morrido algumas vezes, eu nunca me diverti tanto!

– Concordo – disse Bree. – Esta foi certamente a aventura da minha vida.

Naquela noite, Conner, Bree e Emmerich seguiram Mamãe Ganso até uma das torres mais altas do Palácio das Fadas. A sala circular estava muito empoeirada, e teias de aranha se estendiam entre as paredes. Claramente, ninguém subia lá havia muito tempo. Um arco vazio era a única coisa na torre.

– Este é um dos portais originais que usávamos para viajar ao Outromundo durante o auge dos contos de fadas – contou Mamãe Ganso. – Bons tempos aqueles!

Conner passou os braços em volta de Bree e Emmerich.

– Vocês sabem, agora que viram o mundo dos contos de fadas, que é responsabilidade dos dois nos ajudar a manter os contos de fadas vivos no Outromundo – disse ele.

Ambos ficaram empolgados com a missão. Essa responsabilidade fez com que sentissem como se estivessem levando um pedaço da Terra de Histórias de volta com eles.

– Eu acho que estou à altura do desafio – disse Bree.

– Eu também! – disse Emmerich.

Mamãe Ganso caminhou até uma parede e puxou uma alavanca, e uma cortina azulada e transparente apareceu no vão do arco. Era resplandecente do outro lado, e Conner reconheceu a zona de luz entre os dois mundos.

– Parece que o velho portal voltou à ativa – falou Mamãe Ganso.

– Aonde ele leva? – perguntou Emmerich.

– A algum lugar nos Países Baixos – disse Mamãe Ganso, mas então reconsiderou: – Ou será que era em Nevada? Ora, perguntem a alguém quando chegarem lá. Vamos logo com isso. Eu não estou ficando mais jovem, apesar das poções que bebo.

Conner abraçou os amigos; era uma despedida alegre e triste ao mesmo tempo.

– Muito obrigado por me ajudarem a chegar aqui. Prometo visitá-los assim que as coisas voltarem ao normal.

– Vou sentir saudades, Herr Bailey – disse Emmerich. O menino não queria partir.

– Cuide-se, companheiro.

Emmerich foi o primeiro a atravessar a cortina e desaparecer no Outromundo. Bree demorou-se no vão do arco. Dizer *adeus* não parecia bom o bastante.

– Vejo você por aí – foi tudo o que ela conseguiu dizer.

– Sim, definitivamente – disse Conner, olhando em volta conforme corava.

Bree o beijou na bochecha e deu um passo na direção do portal. Conner, sentindo-se um pouco ousado, já que não a veria tão cedo, decidiu despachá-la com um segredo:

– Ei, Bree. Antes de você ir, tem uma coisa que eu queria contar.

– O quê?

A cara de Conner se contorceu inteira quando ele admitiu:

– Depois de muita reflexão, cheguei à conclusão de que eu posso, talvez, ter uma queda por você.

Bree deu risada.

– Eu sei que você tem. E a propósito: *eu também tenho uma queda por você*. – Ela piscou para ele e atravessou o portal antes que qualquer um dos dois pudesse dizer mais uma palavra.

A boca de Conner se escancarou; seu coração parecia que pularia para fora do peito. Estava feliz e confuso. Se eles gostavam um do outro, *o que aconteceria a seguir?* Era um mistério eletrizante porém causador de sofrimento, e Conner não sabia o que fazer.

Mamãe Ganso virou a alavanca e o fitou com uma expressão séria no olhar.

– C-Dog, eu preciso falar com você.

– Eu sei – disse Conner, envergonhado. – Eu não sei como falar com meninas... Mas, em minha defesa, Bree é a primeira menina que eu entendo!

Ela o encarou de um jeito peculiar.

– Amor de adolescente não tem nada a ver com o que vou dizer. É sobre o portal no Castelo de Neuschwanstein pelo qual vocês três viajaram. Tem um detalhe minúsculo que esqueci de mencionar quando contei sobre ele.

– Qual? – perguntou Conner, imaginando a que ela estaria se referindo. – Nós ficamos presos nele por alguns dias, mas, depois que o portal se abriu totalmente, chegamos bem tranquilamente.

– Esse é o problema. Isso não deveria ter acontecido. Eu instruí os Irmãos Grimm a levarem a Grande Armée para o portal da Bavária porque eu o havia enfeitiçado. Eu o encantei para que somente alguém com sangue mágico conseguisse atravessá-lo sem problemas. Qualquer mortal que viajasse pelo portal ficaria preso por duzentos anos; foi assim que aprisionamos a Grande Armée. Você viajou para cá sem nenhum inconveniente, tudo certo. Agora, Bree e Emmerich, como mortais, ainda deveriam estar lá dentro...

Os olhos de Conner piscaram rapidamente enquanto tentava entender o que Mamãe Ganso estava falando.

– Você está me dizendo que Bree e Emmerich têm mágica no sangue?

– É a única explicação. Embora eu não saiba como isso é possível.

Conner pensou por um momento, e, com todas as informações que havia adquirido durante a viagem, uma resposta lhe veio.

– Espere, a estátua do leão contou que você misturou um pouco do seu sangue com o de Wilhelm Grimm para que ele tocasse a flauta de Pã e acessasse o portal...

– É verdade.

– Então, é possível que Bree e Emmerich sejam descendentes de Wilhelm Grimm?

Mamãe Ganso fez que sim com a cabeça enquanto pensava sobre o assunto.

– Tudo é possível.

Era alucinante. Embora a mágica sempre funcionasse de maneira misteriosa, era espantoso que Conner tivesse cruzado o caminho das duas pessoas que, entre os bilhões do Outromundo, possuíam mágica no sangue. Bree e Emmerich provavelmente eram destinados desde o nascimento a encontrar a Terra de Histórias, exatamente como Alex e Conner.

– Mas, caso eles não sejam descendentes de Wilhelm Grimm, eu me pergunto de que outro modo a mágica se tornou parte do seu DNA – disse Mamãe Ganso. – Mais alguém deve ter viajado entre as dimensões sem ter sido detectado no passado... Mas *quem*?



Alex caminhava sozinha pelos salões do Palácio das Fadas. Fora um dia muito longo e triste, e ela queria desesperadamente encontrar um lugar onde pudesse ficar inteiramente só. No entanto, deparou-se com uma companhia indesejada quando alguém saiu de repente de trás de uma coluna e a assustou.

– Olá, Alex – disse Rook.

Era a última pessoa que ela queria ver.

– O que você está fazendo aqui?

– Eu entrei escondido no palácio. – Rook ajeitou o braço direito, que estava em uma tipoia. Tinha sofrido uma lesão ao enfrentar o dragão.

– Eu soube sobre você e os unicórnios. Como está Cornelius?

– Ele está ótimo. Lascou o chifre na queda, mas nem dá para notar.

– Foi muito corajoso da sua parte. Eu estou agradecida. Há uma bruxa chamada Hagetta na Floresta dos Anões. Leve o seu pai até ela. Diga-lhe que eu o mandei, e ela curará as feridas de vocês dois. Mas eu não posso fazer mais do que isso. Eu estava falando sério nos jardins: não quero ver você nunca mais.

Alex continuou andando, e Rook mancou atrás dela. Aparentemente, ele também torcera o tornozelo na queda, contudo Alex não confiava nele sequer para acreditar que os ferimentos eram genuínos.

– Eu sei que traí a sua confiança, mas fiz isso para salvar o meu pai e os outros aldeãos – disse Rook. – Você precisa entender que eu não tive escolha.

Alex se virou rapidamente para ele.

– Eu sei que um dia vou entender. Mas sempre há uma escolha, e, como Fada Madrinha, eu *sempre* terei de fazer as escolhas mais difíceis: quem ajudar e quem não ajudar, quem salvar e quem não salvar, que reino proteger e que reino não proteger. Essas são decisões terríveis que eu tenho de tomar, e este é um fardo que não espero que você carregue comigo. Não o culpo por fazer escolhas

que eu não faria. Não posso compartilhar essa responsabilidade com você, e essa responsabilidade é *a minha vida*.

– Então, é isso – falou Rook com tristeza. – Depois das nossas maravilhosas conversas e caminhadas, acontece um solavanco na estrada e damos o assunto por encerrado?

– Não é um solavanco, é uma bifurcação. Nós nunca seremos capazes de ficar no mesmo caminho. Não seria justo para nenhum de nós. Eu sinto muito.

Ela passou a andar mais rápido, para que Rook não pudesse alcançá-la. O rapaz ainda a chamou, mas ela não olhou para trás.

– Um dia, eu vou fazer você mudar de opinião, Alex! Isso é uma promessa!

Alex empurrou duas pesadas portas e entrou no Salão dos Sonhos. Ela sabia que ali encontraria privacidade. Sentou-se no chão invisível e observou as esferas brilhantes que representavam as esperanças e os sonhos das pessoas. Infelizmente, o salão sem fim não estava tão cheio quanto estivera quando a avó o apresentara. Muitas pessoas haviam perdido as esperanças nos últimos dias; suas esperanças e seus sonhos haviam sido vítimas da guerra.

Alguém bateu na porta.

– Eu disse que não quero vê-lo nunca mais! – gritou Alex.

Conner enfiou a cabeça para dentro e falou:

– Céus, desculpe!

– Não, espere, Conner! Perdão! Pensei que fosse outra pessoa. Conner tinha ido atrás da irmã para contar-lhe sobre Bree e Emmerich, mas ficou tão cativado pelo Salão dos Sonhos que esqueceu completamente o que tinha a dizer. Ele fechou as portas e se sentou ao lado de Alex.

– O que é este lugar?

– Chama-se Salão dos Sonhos. Ele guarda os sonhos e as esperanças de todas as pessoas e criaturas do mundo.

– Demais! É como um grande banco de dados de fadas.

– Costumava ser muito mais cheio, mas acho que a guerra fez uma porção de gente parar de acreditar. E é meu dever restaurar essa crença, agora que a vovó se foi.

– É o *nosso* dever, você quer dizer. Eu não vou a lugar nenhum. Alex o encarou, confusa.

– O que você quer dizer com isso? E o Outromundo?

– Ele vai continuar lá, esperando por mim. Mas, neste momento, o meu dever é ficar com você. Eu sei que você está preocupada com essa história de ser a Fada Madrinha, então vou ficar até você se sentir confortável para encarar as coisas sozinha. Além disso, eu não quero voltar para casa até que mamãe e Bob esqueçam quanto dinheiro eu saquei com o cartão de crédito.

Alex sorriu. Era a coisa mais meiga que o irmão podia fazer por ela.

– Você está falando sério? – Ela não fingiu nem por um segundo que não estava contente e aliviada por ouvir aquilo.

– Muito sério. Nós somos praticamente imbatíveis quando estamos juntos. E ainda temos muito trabalho para fazer aqui.

– Está certo. Mas com uma condição.

Conner teve medo de perguntar.

– Qual?

– Você tem que ser o *meu* aprendiz. Toda Fada Madrinha precisa de um.

Conner gemeu.

– Ora, Alex, qual é? Não vamos nos deixar levar pelo entusiasmo.

– Apenas pense nisso, Conner. Eu posso lhe ensinar a fazer feitiços, encantamentos, conceder desejos! E, se alguma coisa acontecer comigo, a Terra de Histórias passará às suas mãos, como deve ser.

Ele revirou os olhos e fez uma careta, como se fosse a pior ideia do mundo, mas disse:

– Está bem. Mas eu não aceito ser chamado de *a próxima Fada Madrinha*.

– Você pode escolher o título que quiser. – Alex estava tão empolgada com a ideia que não se importava com a forma como ele queria ser chamado.

Conner pensou por um momento.

– Eu quero ser chamado de *o Cara-Fada Principal*.

Alex sorriu e concordou.

– Eu posso viver com isso – disse ela. – *Conner Bailey, o Cara-Fada Principal...* Até que soa bem.



CAPÍTULO 31

O despertar

No dia seguinte, a Assembleia dos Felizes para Sempre inteira se reuniu no salão principal do Palácio das Fadas. As sete fadas se postavam nobremente atrás de seus pódios. Mamãe Ganso sentou-se na sua cadeira, de frente para Alex, e os reis e rainhas ficaram diante delas. João, Cachinhos Dourados e Trollbella também foram solicitados a comparecer à reunião, embora nenhum deles soubesse por quê; imaginaram que Alex tinha algo escondido na manga.

A cadeira da Fada Madrinha foi deixada no salão a pedido de Alex – não estava pronta para vê-la removida. Toda vez que olhava para o imponente móvel, imaginava a avó sentada e sorrindo para ela. Isso inspirava e mantinha Alex motivada para continuar o trabalho dela.

– Parece que estamos todos aqui – falou Mamãe Ganso depois de uma rápida contagem de cabeças. – Devemos prosseguir com a reunião?

– Ainda não – disse Alex. – Estamos aguardando a chegada de uma pessoa.

Ninguém além dela sabia quem. O restante do salão seguiu seu olhar quando Alex encarou o céu. A curiosidade de todos aumentava a cada momento. Dois cisnes gigantes apareceram e pousaram no

salão. A Imperatriz Elfina viajava em um deles, enquanto dois soldados elfos a escoltavam no outro.

Os membros da assembleia trocaram olhares de espanto, como se estivessem diante de um fantasma – a maioria nunca a vira em pessoa. Os soldados elfos desmontaram do cisne e ajudaram a imperatriz a fazer o mesmo. Era a primeira vez em centenas de anos que elfos tocavam o solo das fadas.

– Muito obrigada por comparecer à nossa reunião, imperatriz – disse Alex, fazendo uma reverência cordial.

– Fiquei muito surpresa com o convite, já que não cumpri a minha parte do nosso acordo – disse a imperatriz.

– Eu estou contente com o fato de Vossa Majestade e seus elfos estarem a salvo, acredite.

A imperatriz e seus soldados se destacavam entre os presentes. Ela era a pessoa mais alta no salão e encarava os outros monarcas com uma expressão dura. Os elfos não estavam ali para fazer amigos.

– Eu simplesmente adorei os seus ramos! – disse Branca de Neve numa tentativa de quebrar o gelo.

A Imperatriz Elfina a encarou como se o elogio tivesse sido um horrível insulto.

– Esta é a sagrada coroa usada por todos os governantes do Império dos Elfos desde a Era dos Dragões – declarou, como se fosse óbvio.

– Bem, é encantadora – acrescentou Cinderela.

Agora que todos haviam chegado, Alex deu início à reunião da assembleia:

– Eu os convoquei para fazer um comunicado. Decidi que o meu primeiro ato como Fada Madrinha será abolir a Assembleia dos Felizes para Sempre.

O salão imediatamente irrompeu em protestos. A Imperatriz Elfina foi a única que não se surpreendeu com a notícia; de fato, achou divertida a reação dos demais. Era a primeira vez em muito, muito tempo que os elfos ficavam por dentro do assunto antes dos humanos.

– Você perdeu o juízo? – perguntou Tangerina.

– Acho que você precisa de umas férias, garota – disse Mamãe Ganso.

Xanthous tentou argumentar com ela:

– Alex, nós apoiamos você em todas as decisões, mas esta nós não podemos apoiar.

– Acalmem-se e escutem-me – disse Alex. – A minha avó formou a Assembleia dos Felizes para Sempre para unir o mundo, mas, como a Grande Armée bem provou, o mundo está longe de estar unido. A guerra não foi a última ameaça com que nos defrontamos. Temos de estar preparados para qualquer coisa que o futuro possa trazer, e isso não será possível enquanto alguns de nós forem deixados de fora das conversações. Então, hoje, eu estou fundando a Assembleia dos Felizes para Sempre a Partir de Agora, e gostaria que os duetrolls e os elfos se unissem a nós.

O salão ficou completamente silencioso; ninguém a contestou. Os homens e mulheres observaram a Rainha dos Duetrolls e a Imperatriz dos Elfos, para ver como ambas reagiriam à oferta.

– Você deseja que os *duetrolls* se juntem a vocês? – perguntou Trollbella, chocada.

– Sim – disse Alex. – O seu povo tem um histórico horrível, mas você, Trollbella, fez um trabalho maravilhoso em restaurar a sua dignidade. Os trolls e os duendes nunca nos respeitarão se nós não os respeitarmos. No decorrer desta guerra, eu aprendi lições muito valiosas com duas mestras improváveis: uma era uma prisioneira, a outra, uma bruxa. Elas me ensinaram que cada criatura é um indivíduo, e nós não podemos punir uma raça inteira pelos erros cometidos por uma pessoa. Por mais fácil que seja rotular grandes grupos com a reputação de seus ancestrais, isso não é certo. Assim como perdoamos os trolls e duendes, espero que os elfos perdoem os humanos e as fadas pelo tratamento que receberam no passado.

– Nosso acordo não foi baseado em *perdão* – disse a Imperatriz Elfina. – Mas foi um gesto muito generoso da parte das fadas nos ajudar durante o ataque da Grande Armée, e nós somos gratos. Se esta nova assembleia beneficiará futuras gerações de elfos, então participaremos de bom grado.

Um sorriso iluminou o rosto de Alex. As demais fadas ficaram perplexas por ela ter convencido a Imperatriz dos Elfos.

– Então estamos todos de acordo? – Alex perguntou ao salão. Ela olhou nos olhos de cada governante e de cada fada, e cada um concordou com um gesto de cabeça.

– Acredito que estamos – anunciou Emerelda. – O dia de hoje marca o nascimento da Assembleia dos Felizes para Sempre a Partir de Agora.

O salão explodiu em aplausos. Nem mesmo a imperatriz resistiu a bater palmas. Já Trollbella ficou tão empolgada com a união que deu uma estrela. Alex havia assegurado um futuro promissor para o mundo dos contos de fadas.

João pigarreou.

– Desculpem-me, mas nós ainda estamos nos perguntando por que fomos chamados.

– Isto me leva ao segundo item da ordem do dia – disse Alex. – A maioria dos criminosos que a Grande Armée recrutou fugiu da batalha, o que significa que há mais criminosos à solta do que nunca. Além deles, há os soldados da Grande Armée que escaparam. Precisamos trabalhar juntos para capturá-los e colocá-los atrás das grades. Com a permissão da assembleia, eu gostaria de pedir a João e Cachinhos Dourados que formem uma equipe para localizar e capturar esses criminosos.

João e Cachinhos Dourados se entreolharam.

– Nós? – perguntou João.

– *Mas nós somos criminosos!* – retrucou Cachinhos.

– O que faz de vocês os candidatos perfeitos – afirmou Alex. – Vocês pensam como criminosos: sabem onde eles se esconderão e com quem farão alianças.

– Precisamos pensar a respeito – João falou pelos dois. – Recentemente, estivemos conversando sobre fincar raízes...

Aquilo era novidade para Cachinhos Dourados.

– Quando tivemos essa conversa?

– Bem, eu simplesmente imaginei, já que... – Ele ergueu as sobrancelhas sugestivamente para que ela soubesse que estava pensando no filho ainda não nascido.

Cachinhos sorriu para João e segurou sua mão.

– Um passarinho não deixa de ter asas quando constrói um ninho. – Ela voltou-se para Alex. – *Estamos dentro.* João e eu

queremos que este mundo seja um lugar melhor tanto quanto vocês. Além disso, assim poderemos viver a nossa vida como sempre vivemos, a não ser pelo fato de que estaremos agindo pelo bem maior, e não apenas por nós mesmos.

– Eu concordo – disse João. O futuro subitamente passara a interessar a ambos, agora que trariam uma criança ao mundo. – Nós aceitamos a oferta.

– Eu recomendo que vocês localizem o Homem Mascarado antes de qualquer outro – disse Mamãe Ganso. – Não existe limite para a crueldade e a ganância dele, tentou roubar a Fada Madrinha. Aposto que, neste exato momento, já está planejando o seu próximo ato contra as fadas.

– Mamãe Ganso, o que o Homem Mascarado tentou roubar dela? – perguntou Alex. – A vovó certamente não tinha um ovo de dragão em seu poder.

Mamãe Ganso sacudiu a cabeça.

– Não sei, mas algo importante o bastante para que fosse colocado atrás das grades pelo resto da vida.

– Vamos formar uma equipe imediatamente e localizá-lo – disse Cachinhos Dourados.

Infelizmente, o Homem Mascarado estava muito mais perto do que eles todos se davam conta.

Sem mais nada para discutir, Alex encerrou a primeira reunião da Assembleia dos Felizes para Sempre a Partir de Agora. Ela agitou a varinha, e outros cisnes enormes apareceram para levar os reis e rainhas de volta a seus lares.

Completamente exausta após a reunião, Alex precisava desesperadamente de um tempo para descansar e aliviar a tensão. Em vez de retornar aos seus aposentos, decidiu ir para o velho quarto da avó. Logo aquele quarto se tornaria seu, e Alex queria passar algum tempo nele antes que sofresse mudanças.

A porta estava entreaberta quando Alex chegou.

– Que estranho – disse consigo mesma.

Ela esperava que as suas coisas ainda não tivessem sido levadas para lá.

Alex entrou, e o cheiro da avó a acolheu na porta. Ficou feliz ao constatar que todos os pertences da avó continuavam ali. Olhou

para aqueles objetos; queria examiná-los junto com o irmão. O que será que eles descobririam sobre a avó naqueles livros de encantamentos, ou no armário de poções?

Quando os olhos de Alex caíram sobre o armário de poções, ela se alarmou. Todas as gavetas se achavam abertas: tinham sido vasculhadas. Garrafas de vidro quebradas cobriam o chão próximo ao armário – alguém o revirara apressadamente. A porta do armário ainda oscilava – *o invasor ainda estava lá*.

Alex ergueu a varinha e andou cautelosamente pelo aposento.

– Quem está aqui?

Ela esquadrinhou o quarto, que parecia vazio. Entretanto, o instinto de Alex lhe dizia que ela não estava sozinha.

Procurou em cada canto e não encontrou ninguém. Ela só não havia olhado atrás da mesa da avó, sobre a plataforma ao fundo. Seu coração batia mais depressa à medida que se aproximava.

– Apareça! Este é um lugar particular, e você não tem o direito de estar aqui!

De repente, uma figura alta e ameaçadora pulou de trás da mesa. Antes que Alex identificasse o Homem Mascarado, ele rugiu para ela e empurrou a mesa na sua direção. A mesa tombou pelos degraus da plataforma e arrebentou-se no chão – Alex se desviara por pouco. O homem correu para a porta, porém a fada apontou a varinha e a fechou com uma batida.

– Parado! Não se mova, ou vou mandá-lo pelos ares!

De costas para ela, o Homem Mascarado ergueu os braços. Alex notou um pequeno frasco azul em uma das mãos dele.

– Então você é a nova Fada Madrinha. É um prazer finalmente encontrá-la.

– O que você roubou?

– Eu não *roubei* nada.

– O que é isso na sua mão?

– Algo que me é *devido* há muito tempo.

– Vire-se!

O Homem Mascarado voltou-se lentamente para encará-la. Havia algo extremamente familiar nos olhos azul-pálidos atrás da máscara – Alex podia jurar que já tinha visto aqueles olhos antes.

– Tire esse disfarce ridículo! – ela ordenou, e segurou a varinha com mais firmeza.

– Você não quer que eu faça isso – disse o Homem Mascarado em um tom brincalhão.

– *Agora!*

Relutantemente, o Homem Mascarado puxou o saco que cobria a sua cabeça e expôs o rosto pela primeira vez em mais de uma década. Alex perdeu o fôlego e deixou cair a varinha. Ela estava certa: eles já tinham se encontrado antes.



No grande balcão, Conner, Froggy e Chapeuzinho observavam o pôr do sol. Lá embaixo, nos jardins, as fadas limpavam e restauravam os danos que o seu lar havia sofrido durante a batalha.

– Mais da metade dos jardins foi destruída, e eles ainda são lindos – disse Chapeuzinho, sonhadora. – Eu adoraria plantar um jardim sob o balcão do meu quarto no castelo... – De repente, ela ficou muito triste e interrompeu-se antes de terminar o pensamento. – Oh, que tolice a minha, eu me esqueço que sou uma sem-teto agora.

– Você já pensou no que quer fazer, agora que não é mais rainha? – perguntou Conner.

– Além de ser uma reclusa, como a Rainha da Neve, enquanto espero que alguém restaure o meu trono? Não, receio que não. Embora eu tenha ouvido dizer que a Rainha Bela Adormecida está procurando uma babá.

Froggy passou o braço em volta dela.

– Venha comigo para o Reino Encantado – disse ele. – Não posso lhe oferecer um reino, mas estou certo de que posso fazer arranjos para que você tenha um jardim particular todinho para você.

Chapeuzinho suspirou com a ideia.

– Acho que isso vai ter de servir. Poderia ser muito pior: eu prefiro ser uma rainha despejada a ser uma rainha morta. Pobre Pequena Bo Peep, eu quase me sinto culpada por ter dito todas aquelas coisas horríveis sobre ela.

Uma carruagem atravessou os jardins em direção ao palácio. Eles não deram muita atenção até que ela se aproximou o bastante para que vissem o seu ocupante.

– É o terceiro Porquinho! – disse Conner, apontando para a carruagem.

– O que aquele nanico obcecado por tijolos está fazendo aqui? – perguntou Chapeuzinho.

– Vamos descobrir – disse Froggy. Ele, Chapeuzinho e Conner atravessaram o Palácio das Fadas e encontraram o terceiro Porquinho nos degraus da frente.

– Olá, Vossa Majestade – disse o terceiro Porquinho, curvando-se graciosamente. – É bom revê-los todos.

– Vá direto ao assunto, Porquinho: o que você está fazendo aqui? – indagou Chapeuzinho, os braços cruzados. Ultimamente, ele tinha sido o portador de más notícias, e ela não estava exatamente ansiosa por descobrir o motivo da sua visita.

– A República Bo Peep ainda está enlutada pela trágica morte da rainha, mas uma nova eleição foi realizada ontem, e eu vim para lhe informar o resultado.

Chapeuzinho não poderia estar menos interessada.

– Eu me pergunto que tipo de babuíno o povo escolheu para substituir a Pequena Bo. Eles merecem quem quer que seja o idiota que colocaram no trono... – De repente, ela parou de falar e seus olhos ficaram tão arregalados que cobriram metade do seu rosto. – Espere aí: você acabou de se dirigir a mim como *Vossa Majestade*?

Froggy e Conner trocaram um sorriso animado. As mãos de Chapeuzinho começaram a tremer, e ela deu alguns pulinhos. Todos os seus sonhos tinham se realizado? Seu povo havia lhe devolvido o trono?

– Chapeuzinho foi reeleita rainha? – perguntou Conner.

– *Sim, sou eu o babuíno? Sou eu a idiota que eles merecem?*

– Não, madame – disse o terceiro Porquinho. – Eu estava me dirigindo ao Príncipe Charlie.

A pele de Froggy assumiu um tom verde-pálido.

– Eu? Eu fui eleito?

– *Ele?* – disse Chapeuzinho, tão chocada quanto Froggy.

– Sim, senhor. Parabéns, você foi eleito rei. A Pequena Bo não tinha nomeado um sucessor e não havia tempo para que alguém se candidatasse de modo apropriado, então os cidadãos receberam cédulas em branco para preencher. O seu nome foi o mais citado.

Conner deu uma gargalhada gostosa e bateu nas costas do amigo.

– Parabéns, Rei Froggy!

Froggy ficou sem fala. Suas pupilas quase desapareceram nos grandes olhos brilhantes. Ele se virou e dirigiu um olhar culpado a Chapeuzinho.

– Minha querida, eu sinto tanto. Sinto como se tivesse roubado alguma coisa de você.

– Você está *brincando*? É uma notícia fantástica! Você sabe o que isso significa?

– Que você vai planejar secretamente a minha morte a partir de agora?

Chapeuzinho riu deleitada.

– Não, Charlie! Isso significa que eu vou ser rainha de novo! *Depois que nós nos casarmos, é claro.*

Froggy sacudiu a cabeça, absolutamente certo de que tinha escutado mal.

– Pode repetir?

– Vocês ficaram noivos e não nos contaram? – perguntou Conner.

– Não que eu saiba – disse Froggy, lançando um olhar horivelmente confuso para Chapeuzinho. – Isso foi uma proposta, meu amor?

– Se isso fizer de mim uma rainha de novo, foi! – Chapeuzinho falou e jogou os braços em volta dele. – Oh, Charlie, o nosso casamento será lindo! Será realizado logo depois da sua coroação, nos novos jardins que você plantará para mim! Não é engraçado como a vida funciona às vezes?

Froggy olhou para Conner com uma expressão assustada – sua vida acabara de tomar um rumo muito inesperado e assustador.

A celebração subitamente se interrompeu quando um tiro de canhão foi disparado na distância. Todos mergulharam no chão bem a tempo de escapar da bala, que deixou os degraus da entrada do palácio em pedacinhos. Quando a poeira assentou, Conner se levantou e olhou na direção do limite dos jardins. Umas poucas

dúzias de soldados da Grande Armée, lideradas pelo Coronel Rembert, atacavam o Palácio das Fadas.

– Estamos sendo atacados de novo! – gritou Conner.

– *De novo?* – guinchou Chapeuzinho.

Xanthous e Skylene emergiram do palácio e desceram os degraus destruídos.

– O que está acontecendo? – perguntou Xanthous.

– Os soldados da Grande Armée voltaram! – respondeu Conner.

– Quantos são? – perguntou Skylene.

– Não muitos. Umas duas dúzias, talvez.

As fadas se viraram para o outro lado dos jardins quando outra bala de canhão foi disparada. Xanthous lançou uma rajada flamejante, e a bala de canhão se destruiu no ar.

– Skylene e eu cuidaremos disso – Xanthous disse a Conner. – Diga a todos do palácio para não entrarem em pânico.

As duas fadas correram através dos jardins. Conner ajudou Froggy, Chapeuzinho e o terceiro Porquinho a se levantarem.

– Esse contingente de soldados não parece ser suficiente para um ataque para valer – disse Froggy.

– Eu sei. É mais *uma distração*. – O coração de Conner caiu na boca do estômago. – Oh, não, é exatamente isso! O Homem Mascarado está de volta! Preciso encontrar a Alex!

Conner escalou os degraus arruinados e disparou para dentro do palácio. Sentiu-se como um peixe nadando contra a corrente, já que todas as fadas saíam para ver o motivo da confusão. Ele correu escada acima, porém não encontrou a irmã nos aposentos dela. Tentou o quarto da avó.

A primeira coisa que Conner notou foi a mesa em pedaços, no chão, e os cacos de vidro sob o armário de poções. Alex estava sentada nos degraus da plataforma no fundo do quarto. Seu rosto estava fantasmagoricamente branco e ela arquejava, o olhar perdido no nada. Sua varinha se encontrava no chão, a um metro e pouco de distância. Algo estava muito errado.

– Alex, você está bem? – perguntou Conner, correndo para ela. – Que diabo aconteceu aqui?

Ela tremia e não o olhou nos olhos.

– *O Ho-o-homem Ma-ma-mascarado esteve aqui.*

– Ele machucou você?

Alex balançou a cabeça.

– *E-e-ele roubou uma poção. E-e-eu o peguei e o fiz tirar a ma-ma-máscara!*

– E o que aconteceu?

– *E-e-eu vi o rosto dele!* – gritou Alex. Lágrimas se derramaram dos seus olhos.

– E o que mais? Alex, você está me assustando! Me conte o que você viu!

Ela voltou-se para o irmão e o olhou bem nos olhos. Conner nunca a vira petrificada.

– *Conner* – Alex arquejou. – *O Homem Mascarado... é o papai!*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Rob Weisbach, Alla Plotkin, Rachel Karten, Glenn Rigberg, Derek Kroeger, Lorrie Bartlett, Meredith Wechter, Joanne Wiles, Meredith Fine e Heather Manzutto, o meu segundo cérebro. Obrigado a Alvina Ling, Melanie Chang, Bethany Strout, Megan Tingley, Andrew Smith e a todos na Little, Brown.

A meus pais, minha irmã, vovó, Will, Ash, Pam, Jamie, Jen, Melissa, Babs, Dot e Bridgette, Romy, Roberto, Char, Whoopi, Brian e aos demais amigos e familiares que, sem perceber, forneceram material para este livro.

A Jerry Maybrook, por passar horas incontáveis comigo gravando audiolivros e por assar o melhor pão caseiro que já comi!

Às pessoas do cemitério St. Matthäus-Kirchhof e do Castelo de Neuschwanstein. E a todos os leitores que me enviaram trabalhos de arte de seus personagens favoritos e comentários sobre o livro – nada me faz sorrir mais!

- 1 Primeiras palavras de um famoso discurso conhecido como “Discurso de Gettysburg”, pronunciado em 19 de novembro de 1863 pelo presidente americano Abraham Lincoln: “Oitenta e sete anos atrás...”. [N. T.]